

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

LUAMA TALITA ALVES CRISPIM CIRILO

“NÃO RECOMENDADO À SOCIEDADE”: narrativas de algumas
sapatonas residentes em São Luís/MA.

São Luís

2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

LUAMA TALITA ALVES CRISPIM CIRILO

“NÃO RECOMENDADO À SOCIEDADE”: narrativas de sapatonas
residentes em São Luís/MA.

Trabalho de Dissertação apresentado ao
Curso de Pós-Graduação em Ciências
Sociais, da Universidade Federal do
Maranhão como requisito para obtenção do
Título de Mestre.

Orientadora: Sandra Maria Sousa
Nascimento.

Coorientadora: Juciana de Oliveira
Sampaio.

São Luís

2019

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Alves Crispim Cirilo, Luama Talita.

Não recomendado à sociedade : narrativas de algumas sapatonas residentes em São Luís/MA / Luama Talita Alves Crispim Cirilo. - 2019.

188 f.

Coorientador(a): Juciana de Oliveira Sampaio.

Orientador(a): Sandra Maria Sousa Nascimento.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais/cch, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2019.

1. Gênero. 2. Interseccionalidades. 3. Pós-estruturalismo. 4. Sapatonalidades. I. de Oliveira Sampaio, Juciana. II. Sousa Nascimento, Sandra Maria. III. Título.

LUAMA TALITA ALVES CRISPIM CIRILO

“NÃO RECOMENDADO À SOCIEDADE”: narrativas de sapatonas residentes em
São Luís/MA.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal do Maranhão, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Orientadora: Prof^a Dr^a Sandra Maria Nascimento Sousa

Coorientadora: Prof^a Dr^a Juciana de Oliveira Sampaio.

Defendida em 29/09/2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Sandra Maria Nascimento Sousa (Orientadora)
Universidade Federal do Maranhão

Prof^a. Dr^a. Juciana de Oliveira Sampaio (Coorientadora)
Instituto Federal do Maranhão

Prof^a. Dr^a. Camila Alves Machado Sampaio
Universidade Federal do Maranhão

Alysson Andrade Perez
Prof. Dr. Universidade Ceuma

À Marielle Franco e às lágrimas
silenciadas de Mônica Benício.

Agradecimentos

Como de praxe, agradeço, inicialmente, a minha parceira e genitora, dona Maria de Lourdes, que ao contrário do que aconselha Sérgio Sampaio, sempre espera por mim e vive adequando os seus valores para me amar sem limites.

Em seguida, gostaria de demonstrar minha gratidão à matriarca do Grupo de Gênero, Memória e Identidades (Geni), minha amiga e orientadora, Sandra Sousa, que com seu sol em peixes e fofura implícita neste fato, nos desmonta e nos acolhe ao mesmo tempo, aprimorando todas as pesquisas que chegam aos seus olhos de desconstrução, assim, não há exagero ao afirmar que o presente trabalho é igualmente dela. Como também é de Juciana Sampaio, coorientadora da pesquisa, que com sua leitura sempre atenta, suas perguntas desconcertantes e disponibilidade, me direcionou nos momentos de pânico e angústia.

Há muitas coautoras nesta pesquisa e sou grata a todas elas pela disponibilidade, carinho e empenho. Especificamente, à Aimée, que com sua amizade me ajudou a dar o pontapé inicial da pesquisa e findou por mudar todo o foco do trabalho; à Mirela, que me trouxe reflexões profundas sobre a bissexualidade, me levando a buscar respostas para isso; à Virginia, que impôs, com suas perspectivas, uma expansão dos meus entendimentos sobre a construção da subjetividade e de violência; à Bárbara, por expandir os meus conceitos, permitindo que eu inserisse outras sujeitas na pesquisa; à Glória, por partilhar comigo as suas perspectivas e resistências; à Maria, pelo olhar simples, que reforça a resistência como algo intrínseco às nossas vidas; à Bia, pelos sorrisos e pela liberdade, que me envolveu; à Fernanda, pelas quebras de rótulos; à Rosi, por me inspirar a continuar, porque ela sempre continua; e, à Flora, pelos seus olhos esperançosos.

No mestrado e na vida atravessamos processos que são duros, tempos brutos que parecem inacabáveis, mas passam e nos tornam mais fortes. Há muitas estratégias para vencê-los e a minha é me cercar de amigos que tornem a vida mais leve, mais vivível e prazerosa. A estas pessoas, sou eternamente grata, mesmo que nos afastemos, como o tempo costuma fazer, mas os nossos laços não de prevalecer.

Sou uma pessoa de sorte e desde o início da vida, sou acompanhada por irmãs maravilhosas, que são meu primeiro cercado: Luanda, a companheira, sempre esteve comigo, desde o ventre, é minha fortaleza e me acompanhou em todas as etapas da seleção do mestrado. Sáríde com o seu jeito estranho de demonstrar o seu amor, já nos esperava. Júlia, a explosiva, é a minha parceira de todas as horas: das farras, dos amores e das dores

de cotovelo. Mel, a mais novinha, tem sempre uma doce palavra para levantar a gente. A painho, pelo suporte nesta reta final e a Pedro que me faz refletir sobre os afetos nestes tempos de vigília militante.

Antes de entrar no mestrado, contei com o apoio de amigos com mais experiência na pesquisa que eu e assim, declaro minha gratidão à Tuanny Soeiro, que acreditou no meu potencial de pesquisadora quando nem eu o conhecia. Victor Hugo Raposo foi o segundo a investir em mim e revisar a primeira versão do meu projeto da forma detalhada como ele sabe fazer. Amanda Costa deu a última lida e me acompanha ainda hoje com indicações, conversas e contribuições teóricas valiosíssimas sobre o trabalho. A todos agradeço o apoio e de certa forma, lhes dedico este trabalho.

Após entrar no mestrado, devo agradecer a colegas e professores que contribuíram com a minha formação enquanto mestra e como pessoa. Ao professor Benevides, pela amizade e por me incentivar a ser sempre melhor; à professora Martina, pela amizade, pelas aulas encantadoras e as perguntas inquietantes. Ao professor Horácio, pelo respeito de sempre e pelas bibliografias que recupera o nosso amor pós-colonialista. Diante da banca, agradeço, ainda, a professora Camila Sampaio por sua leitura cuidadosa e seus diálogos com o que foi escrito, este trabalho tende a melhorar com tais contribuições, que também se enriquece com o olhar plural e generoso de Alysson Perez, mais um dos meus avaliadores.

Dos colegas de turma, agradeço a amizade, o apoio e os momentos étlicos, que nos aproximaram com conversas sobre variados assuntos e tornaram a experiência do mestrado acolhedora, em especial, à Ceição, Gabie, José, Geysa e Osmilde.

Dos colegas de Geni e do Maldita Geni, agradeço a acolhida, os sorrisos, os aprendizados e todas as contribuições de leituras, que nos fazem dissecar os textos difíceis do sábado de manhã com sorrisos, em especial, à Rarielle, Marília, Thiago, Tânia e Mayana.

Agradeço, ainda, aos amigos que estão sempre comigo e enchem minha vida de sorrisos e por vezes, fugiram comigo da pressão do dia a dia, eu não suportaria a vida sem a amizade e o carinho de vocês: Arácea (a feijoada, o espaço, o carinho), Bruno, Maycko, Elise, Camilinha, Day, Antonio, Jade, Bia, Yaf, Marcella, Gardênia, Galeno, Dr^a Júlia, Iago, Amandinha, Sara, Gerusa, Pedro, Luana e Brenda ou Jeff, principalmente, nas “quintas improdutivas”.

Bem como, as minhas amigas da Ascom/Sedihpop, Luana, Analu, Rainara, Thaise e Thaisia e ao meu amigo Felipe, que no momento em que eu estava com autoestima profissional abalada, me receberam com cuidado e ensinamentos, fazendo com que eu

enxergasse novamente as minhas capacidades. Agradeço a Tássia a confiança que dá continuidade a este processo e às novas colegas, Mariana, Monalisa e Laila.

Um agradecimento especial à Daianne, que chegou como uma avalanche de inspiração, sorrisos e suspiros.

Agradeço, ainda, a Chico Gonçalves, meu chefe, professor e amigo, pelas nossas conversas, que me fazem refletir sobre o valor da vida e dos nossos laços afetivos no decorrer dela.

Por fim, agradeço aos governos do Partido dos Trabalhadores, dos presidentes Lula e Dilma, que na presidência, com todas as suas falhas, reconhecíveis, foram às gestões que mais investiram em educação pública no nível superior com expansão de vagas, políticas de acesso e incentivo de permanência, que transformou a vida de muitos jovens pobres e pretos, inclusive, a minha e da minha família.

“Não é pressa, é saudade!”
(Frase de para-choque de caminhão qualquer)

RESUMO

O presente estudo possui o objetivo de produzir conhecimento sobre sapatonalidades a partir das experiências de vida de algumas sapatonas residentes de São Luís/MA, buscando compreender a produção do gênero, das práticas sexuais, das relações afetivas, dos processos de abjeção e das resistências que as constituem. Especificamente, desejo compreender estas experiências designadas como dissidentes, considerando as intersecções de classe social, cor de pele, geração, dentre outros marcadores sociais que se apresentem. Minha atenção crítica se remete, ainda, às possibilidades de reprodução e questionamentos que estas vivências proporcionam na estrutura discursiva da legitimidade do gênero ou nos padrões de masculinidade e feminilidade hegemônicos, estabelecidos pela heteronormatividade. E, ao passo que faço isto, pretendo apresentar as experiências destas mulheres de forma plural contestando as representações políticas e sociais que as apresentam como homogêneas. Deste modo, constituo uma análise interpretativa dos enunciados produzidos pelas participantes, me apoiando em concepções pós-estruturalistas sobre gênero, estudos que o concebem como categoria fluída, flexível e performativa.

Palavras-Chave: Sapatonalidades. Gênero. Interseccionalidades. Pós-estruturalismo.

RÉSUMÉ

La présente recherche vise à produire des connaissances sur les sapatonalités à travers des expériences de vie de certaines lesbiennes résidentes de São Luís/MA, cherchant à comprendre la production de genre, les pratiques sexuelles, les relations affectives, les processus d'abjection et les résistances, qui les constituent. Surtout, je souhaite comprendre ces expériences qualifiées de dissidentes, en considérant les intersections de classe sociale, couleur de peau, génération, entre autres marqueurs sociaux que si présentent. Mon attention critique se réfère également aux possibilités de reproduction et des questionnements que ces expériences dissidentes offrent dans la structure légitime du genre ou dans les modèles hégémoniques de masculinités et de féminité établis par l'hétéronormativité. Parallèlement, j'entends présenter les expériences de ces femmes de manière pluriel, en remettant en question les représentations politiques et sociales que les présentent comme homogènes. De cette manière, je propose une analyse interprétative des énoncés des participants à travers de las conceptions post-structuralistes du genre, études qui le conçoivent comme une catégorie fluide, flexible et performative.

Mots-clés : sapatonalités. Genre. Intersections. Post-structuralisme.

Sumário

1-	PRELIMINARES: um pacto sobre o que virá a seguir.....	13
2-	CONQUISTA: discussões sobre gênero e sapatonalidades	30
2.1-	Estudos sobre sapatonas.....	38
	Notas sobre como as sapatonalidades foram tratadas no contexto brasileiro.....	42
	Um sapato é só um sapato?: perspectivas das sapatonalidades pelas participantes do estudo.....	47
	“É o que eu sou!”	53
	“Puro Sangue”	56
	“Meu deus, essa menina é sapatão que nem eu! ”	61
	“Sou uma pessoa muito familiarizada com o termo sapatão, muito tranquila, gosto muito, GO SAPATÃO, 100%!”	66
	“[...] quando você está com uma mulher na rua, sendo bi ou sendo sapatão, você vai passar pelas mesmas coisas, entendeu?”	70
	“Ser sapatão é mais resistir mesmo... Porque gostar de alguém, ter desejo sexual por alguém, amar alguém, ter um relacionamento com alguém, isso é de qualquer ser humano”	73
	“Eu sou SA-PA-TÃO!”	75
	“É que nem uma pessoa não fumante, não vai fumar um cigarro na vida e deixar de ser não fumante, ela só fumou um cigarro”	78
	“Hoje eu quero incomodar. Por isso, que eu digo: ‘Eu sou sapatão!’”	79
	“Porque tu ser mulher e ter um relacionamento com uma mulher, é uma coisa totalmente feminina, entendeu?”	82
2.2-	A VIDA E A NORMA: aproximações e dissidências.	84
3-	SOBRE AMORES E OUTRAS TRANSAÇÕES	93
3.1-	O amor é discutível?.....	93
3.2-	Sobre trepadas e uso dos prazeres	111
3.3-	Entre camas e romances	146
4-	RESISTÊNCIA, RESILIÊNCIA E RESSIGNIFICAÇÕES	149
4.1-	“Erguer-nos enquanto subimos”	175
5-	E O QUE DIZER QUANDO ACABA? ACABOU?	177
	REFERÊNCIAS	180

1- PRELIMINARES: um pacto sobre o que virá a seguir.

Pervertida, mal amada, menina malvada, muito cuidado!
Má influência, péssima aparência, menina indecente,
sapata! A placa de censura no meu rosto diz: Não
recomendado à sociedade. A tarja de conforto no meu
corpo diz: Não recomendado à sociedade. Não olhe nos
seus olhos. Não creia no seu coração. Não beba do seu
copo! Não tenha compaixão! Diga não à aberração.

Caio Prado¹

Sem querer parecer que estou abusando, gostaria de começar propondo um pacto tântrico entre nós, uma experiência textual, que requer um envolvimento, uma confiança e um pouquinho de paciência. A minha proposição decorre do fato de que por vezes, vou precisar de um pouco de tempo para apresentar alguns elementos fundamentais da análise, porque há uma lógica no meu jeito de fazer. Mas, caso esteja com pressa de gozar, não confie o bastante em mim ou esteja sem tempo, no final desta introdução trago um resumo de onde você pode encontrar práticas sexuais, definições abertas, relações amorosas, familiares, de amizade, profissionais, violência ou algo sobre o campo.

Caso queira me acompanhar, eu garanto que não vai se arrepender, vai demorar um pouco, mas quem sabe que demorar e esperar um pouco é bom vai ver que valeu a pena. Gostaria de pontuar, ainda inicialmente, que este foi um trabalho prazeroso para a autora por trás destas páginas e desejo que a leitura seja igualmente prazerosa para quem se disponibilizar a lê-lo, aquela velha e boa ideia de satisfação mútua. Prazeroso, para mim, pelos conteúdos abordados nas conversas com as sujeitas de pesquisa, especialmente, no que diz respeito às narrativas sobre práticas sexuais. Falar sobre práticas sexuais é muito excitante e talvez por isso, histórica e moralmente fomos proibidas de falar de nossas experiências sexuais, enquanto uma prática prazerosa.² Afinal, como bem, aprendemos em todas as instituições que nos recebem/rodeiam/formam - a escola, a família, o trabalho, a igreja, a medicina, o direito,

¹ A primeira estrofe da música é originalmente no masculino: “Pervertido, mal amado, menino! Malvado, muito cuidado! Má influência, péssima aparência, menino indecente, viado!”. Caio Prado é um cantor e compositor brasileiro formado pela escola de música Villa Lobos do Rio de Janeiro.

² Enfatizo a proibição de falar de sexo como uma forma de ter prazer, porque não tenho a intenção de reafirmar a tese da “repressão sexual”, que o filósofo Michel Foucault contesta em “A História da Sexualidade I: a vontade de saber”, quando ele demonstra que a partir do Século XVII houve um investimento sobre o sexo e nesta perspectiva (que me associo) é defendido que o sexo, na verdade, passa a ser intensamente controlado e produzido pelas instituições do direito, da medicina, da psicologia, da religião, dentre outras, por meio da confissão. Então, é necessário que se fale sobre o sexo, mas não como uma forma de obter prazer, principalmente, entre as mulheres.

dentre outras - a sexualidade e as possibilidades de amar das mulheres estão relacionadas aos prazeres e vontades dos homens.

Então, este trabalho, evidencia vivências de mulheres que desestabilizam o sistema normativo e por isso, são silenciadas e invisibilizadas. O trecho da música de Caio Prado, intitulada “Não recomendado a sociedade”, que tomei a liberdade de adaptar e escolhi para iniciar este texto e compõe também o título principal do trabalho, traz um primeiro alerta: as narrativas expostas aqui certamente não são o que se espera da mulher universal, modelo que a história ocidental tem imprimido aos corpos das fêmeas, que nesta concepção são naturalmente heterossexuais, portadoras de vaginas, frágeis, brancas, submissas, femininas, dentre outras, características de “ser mulher”.

A lesbofobia³ - uma série de experiências violadoras que parecem ser intrínsecas a estas vivências, que se manifesta de diversas maneiras no cotidiano das sapatonalidades – é uma das minhas motivações para escrever sobre estas experiências, que são marginalizadas porque aparentemente não reproduzem o comportamento estabelecido pelo sistema heteronormativo que construiu e estabeleceu um modelo de sujeito e de relações legítimas. Devo pontuar que utilizo o termo sapatonalidades para me referir a uma série de experiências de algumas sapatonas, faço aqui uma adaptação ao lesbianidade, já que opto por utilizar a categoria sapatão. Opção que faço, como uma forma de estender as possibilidades das sujeitas implicadas nesta pesquisa, que o termo “lésbica” não contempla, como por exemplo, a experiência de mulheres com diversas orientações sexuais⁴ e que defendo que a categoria sapatão como pretendo ressignificá-la neste trabalho, possui. Prefiro a ressignificação do termo sapatão, porque o termo é menos usual na academia do que o “lésbica”. Outra escolha é a utilização do termo sapatonalidades no plural, a exemplo de Larissa Pelúcio (2009) em seus “Gozos Ilegítimos” com o termo travestilidades, para demarcar a heterogeneidade dessas experiências.

Cientes disso, não seria exagero afirmar que o primeiro passo desse trabalho foi tomar distância desse universalismo e naturalidade da categoria “mulher”, a exemplo de tradições feministas que surgem no final da década de 1980 e se fortalecem a partir de 1990, que se convencionou chamar de Estudos *Queer*, iniciados por Tereza de Lauretis e

³ Terminologia adaptada de homofobia para dar visibilidade à violência específica que vitimiza as lésbicas, aqui uso o termo sapatão e um pouco mais para frente explicarei melhor porquê.

⁴ Quando me refiro à orientação sexual, estou me referindo às categorias utilizadas pelas sujeitas para definir suas práticas sexuais, seus desejos e em consequência, pessoas com quem se relacionam afetiva e sexualmente. Orientação sexual é um termo bastante difundido pelos grupos de militância e pelos meios de comunicação para expressar as mesmas práticas utilizadas no presente estudo.

consolidado com outras estudiosas, como Judith Butler (veremos isso detalhadamente no primeiro capítulo). Me proponho durante as páginas que se seguem a um exercício *Queer*, conforme descreve Guacira Louro (2013):

[...] queer significa colocar-se contra a normatização – venha ela de onde vier. Seu alvo mais imediato de oposição é, certamente, a heteronormatividade compulsória da sociedade, mas não escaparia a sua crítica a normatização e a estabilidade proposta pela política de identidade do movimento homossexual dominante. Queer representa claramente a diferença que não quer ser assimilada ou tolerada, e, portanto, sua forma de ação é muito mais transgressiva e perturbadora (LOURO, 2013, p. 39).

O termo *Queer* era utilizado como forma de xingamento contra homossexuais nos Estados Unidos e foi ressignificado pelos estudos e positivado. A ideia de que a sexualidade dissidente não pode ser considerada uma ofensa, me conduz a fazer o mesmo com os termos que servem/serviram para discriminar, ofender, magoar e deslegitimar as experiências de mulheres não heterossexuais: “Saboeira”, “but”, “sapatão”, “tcheurys”, “machuda”, “gilete”, “cola velcro”, “caminhoneira”, dentre outros.

E assim, adoto o termo sapatão como categorias das sujeitas desta pesquisa, no entanto, quando trago as narrativas, utilizo o termo que as sujeitas preferem e usam. À primeira vista, pode parecer estranho utilizar o termo sapatão no presente texto pelo peso da carga pejorativa que herdou durante anos. No entanto, a história do termo me leva a ter simpatia por ele. Júlio Simões e Regina Facchini (2009) ao recuperar a história do movimento político brasileiro de Lésbicas, Gays, Travestis e Transexuais (LGBT), possibilitam também o conhecimento sobre práticas de socialização deste grupo em períodos conservadores e de repressão, como no período ditatorial (1964 – 1985), no qual as sapatonalidades eram perseguidas e tidas como perversão sexual, levando tais sujeitos à extrema marginalidade e vulnerabilidade.

No livro “Na trilha do arco-íris”, os autores afirmam que os bares e festas “privês” eram alternativas mais viáveis para a socialização destas mulheres. No relato de uma de suas entrevistadas, Simões e Facchini (2009) lembram que uma marca distintiva entre elas era o uso do sapato mocassim: “pelos pés, uma reconhecia a outra” (SIMÕES e FACCHINI, 2009, p. 68). Devido também ao uso de sapatos masculinos e grandes, algumas mulheres que se relacionavam com outras mulheres foram taxadas como “sapatão” e o termo se popularizou ainda mais ao longo da década de 1970, com a música “Maria Sapatão” do Chacrinha⁵.

⁵ Maria Sapatão é uma famosa Marchinha de Carnaval de autoria de João Roberto Kelly e coautoria de Chacrinha, que se popularizou no programa deste último. Chacrinha era um apresentador de rádio e televisão que possuía um dos programas de maior audiência entre 1950 e 1980.

Ao ser associado às vivências de mulheres que se relacionam afetiva e sexualmente com mulheres, o termo foi se construindo de forma pejorativa durante décadas. No entanto, se era pelos pés que nos reconhecíamos ou se o sapato grande virou uma marca de mulheres que se relacionavam com outras mulheres, que se sentiam bem em usá-los e se afirmarem em um período que podíamos ainda menos existir, interpreto o termo sapatão como luta e resistência e por isso, o utilizo aqui de forma positiva.

Antes de passar adiante, justifico os motivos de não usar o termo lésbica, além dos demais colocados ao longo do trabalho. E lembro aqui o artigo “Ativismo e academia: que dizemos quando falamos a partir de e sobre lesbianismo” de Andrea Lacombe (2015), quando a autora questiona o que dizemos quando usamos o termo lésbica? Que fronteiras estão implícitas? Certamente, como veremos, fronteiras que as sujeitas deste estudo extrapolam. Como, a academia já construiu alguns entendimentos em torno deste termo, que já são perspectivas sólidas, como o fato de se relacionar, apenas a mulheres homossexuais, me distancio do termo para não limitar as experiências que me foram colocadas a partir do termo sapatão. Apesar desse distanciamento, uso referências que discutem lesbianidade, porque foi a partir deste conceito, que os estudos em torno das experiências de sapatonas se desenvolveram.

Há um “nós” nos meus relatos, trata-se de uma menção às características e experiências que fazem com que sejamos lidas como sapatonas. Assim, inspirada pelo “olhar opositivo” de bell hooks (2017), alio os meus olhares aos olhares das sujeitas de pesquisa na tentativa de consolidar um olhar nosso, sobre nossas experiências e negando o olhar que nos vê pela ótica do outro, que geralmente, classifica nosso amor como amizade, nossas práticas sexuais como insuficientes ou fetiches ou associa a nossa existência a traumas. Deste modo, como hooks (2017), trago o nosso olhar e o narrar como um ponto de resistência, visto que a fala, o olhar e o afeto, se muito nos foi dado, está restrito às paredes de nossas casas, afinal, “as crianças não podem ver! Como vou explicar para elas?”, “Maneirem, infelizmente, tem gente que se incomoda”, “Vocês não precisam fazer isso aqui – casal mais velho que a gente” ou “A gente já tolera isso a noite, não temos porque aceitar que isso ocorra de dia”.⁶

Outra categoria que nos aproxima é a localização geográfica, no nordeste brasileiro, atravessado pelo estereótipo de ainda mais “atrasados” do que as populações dos centros tidos como principais produtores econômicos, epistêmicos e culturais do país, o eixo sul e sudeste.

⁶ Frases que experienciei em algumas situações, nas quais estava trocando afeto público.

Durante o ano de produção da dissertação, embarquei em algumas histórias de amores, práticas sexuais e lutas. Tive acesso a estas narrativas de maneira muito privilegiada e generosa. Foram aprendizados acadêmicos e pessoais que não podem ser objetivamente listados. Inclusive, opto por me distanciar da necessidade de objetividade e afirmo os encontros subjetivos desta produção científica.

Assumo a subjetividade como uma escolha política, convencida da importância dos alertas de Donna Haraway (1995) no artigo “Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial” quanto à necessidade de localizar os saberes; e assim, cabe-me ponderar algumas questões. A proposta da autora e que adoto, é de uma visão mais móvel, parcial e franca dos nossos posicionamentos políticos e teóricos, uma afirmação de onde estamos e onde não estamos. Ela critica a objetividade não corporificada, que fala de todos os lugares e, portanto, de lugar algum, o que implica em falta de distanciamento e responsabilidade. Alerta ainda para o fato de que o conhecimento é mediado, que “[...] são sistemas de percepção ativos, construindo traduções e modos específicos de ver, isto é, modos de vida” (HARAWAY, 1995, p. 22).

Haraway (1995) reivindica um posicionamento, no qual a visão dos subjugados seja privilegiada como forma de crítica, de decodificação, de desconstrução e de interpretação. Tendo consciência sempre de que estas perspectivas não são inocentes, mas, são preferidas “[...] porque parecem prometer explicações mais adequadas, firmes, objetivas, transformadoras do mundo” (HARAWAY, 1995, p. 23). Assim, advoga por um conhecimento potente para a construção de um mundo menos vinculado aos eixos de dominação e mais transformador, crítico e sob o crivo de um controle mais rigoroso.

Lembro igualmente das constatações feitas por Gómez e Grosfoguel (2007) sobre os processos de inferiorização ou subalternização dos conhecimentos produzidos do lado oposto aos gerado pelas “elites científicas y filosóficas de Europa”⁷, único conhecimento tido como verdadeiro, “[...] ya que era capaz de hacer abstracción de sus condicionamientos espacio-temporales”⁸ (GÓMEZ; GROSGOQUEL, 2007, p. 20) e por isso, reconhecem:

[...] lanecessidad de una corpo-política del conocimientos inpretensión de neutralidad y objetividad. Todo conocimiento posible se encuentran incorporado, encarnado em sujetos atravesados por contradicciones sociales, vinculados a luchas concretas, enraizados em puentes específicos de observación (punto 1, punto 2, punto n...). La idea eurocentrada del ‘punto

⁷ O texto não possui tradução para o português, por isso, no corpo do presente projeto é mencionado na língua original. Na nota de rodapé nº 09 trago uma tradução de minha autoria do trecho mencionado abaixo, a presente expressão traduzo da seguinte forma: “elites científicas e filosóficas da Europa”.

⁸ “[...] já que era capaz de fazer uma abstração dos seus condicionamento espaço-temporais.”

ceros' obedece a uma estratégia de cuallas ciencias sociales han formado parte⁹ (GÓMEZ; GROSFOGUEL, 2007, p. 21).

Estas perspectivas estão intimamente ligadas com minhas opções metodológicas e o referencial teórico adotados ao longo do texto. Opto por categorias que acredito contestarem outras que reproduzem deslegitimidades, hierarquias e violências, que estão amparadas em modelos hegemônicos de sociedade, que determina o que é humano e classifica quais vidas são vivíveis e quais não são, conforme nos provoca Butler (2015). Tais posturas me localizam politicamente em tradições que defendem um posicionamento crítico e reflexivo em relação a estas categorias e experiências impostas como fixas e definitivas. Desta forma, este trabalho aproxima-se de autores/autoras pós-estruturalistas que promovem a visão de um conhecimento menos fixo, objetivo e definitivo, que percebem o gênero como uma categoria socialmente construída e por isso, defendem que a vejamos de forma mais fluída e performativa.

Deste modo, apesar de *vintage*, como ouvi outro dia de um colega, devo voltar um pouco às reflexões de Clifford Geertz (1978) para embasar a metodologia adotada e ao mesmo tempo, problematizá-la. O retomo, principalmente, com o intuito de evidenciar que me dispus ao trabalho antropológico em seus termos, através do qual, me debrucei em interpretações das interpretações de sujeitas sobre si e sobre suas histórias para entender como elas significam suas relações.

Em “Uma descrição densa: Por uma teoria interpretativa da cultura”, Geertz (1978) fala da pluralidade de definições sobre a cultura e acaba por assumir as diretrizes pelas quais trilhou Max Weber, afirmando que o ser humano é um animal envolto por teias de significados e assim, entende a cultura “[...] como sendo essas teias e as suas análises, portanto, não (são) uma ciência experimental em busca de leis, mas uma ciência interpretativa, à procura de significados.” (GEERTZ, 1978, p. 15).

Com esta afirmativa, o autor, se distancia da necessidade de objetividade científica e propõe uma descrição densa para compreender o sentido de certos comportamentos que possuem diversas possibilidades de interpretações e exemplifica como o simples ato de uma piscadela pode ter tantas interpretações diferentes, podendo ser um tique, uma imitação ou um ensaio. E assim, o trabalho etnográfico é interpretar a piscadela e não a descrever. Em sua concepção, a etnografia tem priorizado mais a descrição que essa

⁹ “A necessidade de uma corpo-política do conhecimento sem a pretensão de neutralidade e objetividade. Todo conhecimento possível se encontra incorporado, encarnado em sujeitos atravessados por contradições sociais, vinculados a lutas concretas, colocados em pontos específicos de observação (ponto 1, ponto 2, ponto n...). A ideia eurocentrada do ‘ponto zero’ obedece a uma estratégia da qual as ciencias sociales vem fazendo parte.”

interpretação de significados, quando na verdade, a pesquisa etnográfica deve analisar estruturas de significação, não decifrar códigos, mas agir como um crítico literário, determinando a base social e sua importância:

A etnografia é uma descrição densa. O que o etnógrafo enfrenta, de fato é uma multiplicidade de estruturas conceituais, complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e implícitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar. (GEERTZ, 1978, p. 20)

Para Geertz (1978), os comportamentos são analisados com base nos termos de conduta adotados socialmente. Apesar disso, ele pondera que não podemos produzir um discurso social bruto, visto que, o que escrevemos resultam de interpretações de informantes sobre a realidade social, trata-se de interpretações de segunda, terceira ou quarta mão. Desta forma, me dispus à execução qualitativa através de uma análise interpretativa dos enunciados produzidos pelas participantes para compreender como estas experiências consideradas dissidentes¹⁰ são produzidas em discursos heteronormativos, considerando, nesta análise, perceber os efeitos derivados das intersecções de outros marcadores sociais, como: classe, geração, regionalidade, raça, dentre outros; refletir sobre a produção da heteronormatividade dentro destas relações e; apresentar de forma plural as experiências destas mulheres que são comumente representadas política e socialmente de forma homogênea.

Para operacionalizar a metodologia, me utilizo de conversas com algumas sujeitas sapatonas residentes em São Luís/MA¹¹ sobre suas experiências de vida. Assim, as conversas iniciais possuem a pretensão de gerar dados sobre as sujeitas e suas experiências. Diante das primeiras conversas realizadas, atestei a necessidade da gravação em áudio. O nome das entrevistadas e das pessoas envolvidas nas histórias é preservado com nomes fictícios. Após o desenrolar da minha primeira conversa, optei por fechar um número de dez participantes para a pesquisa, através das quais pretendi alcançar uma pluralidade de experiências, deixando entrever efeitos nítidos de diversos marcadores sociais de diferenças que as atravessam, tais como: origem social, condições

¹⁰ Quando me refiro a experiências dissidentes, estou falando de práticas e comportamentos que destoam das “regras” da heterossexualidade que prevê uma coerência e continuidade entre sexo-gênero-sexualidade, na qual, a fêmea é necessariamente uma mulher heterossexual e monogâmica.

¹¹ São Luís é a capital do Estado do Maranhão, o 15º município mais populoso do Brasil e o 4º do Nordeste. A cidade tem um forte setor industrial com diversas empresas e corporações de diversas áreas que investiram na posição privilegiada da cidade, como o Porto do Itaqui que é o segundo mais profundo do mundo e os de maiores atividades do país. No entanto, apesar dos números positivos do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) a cidade é marcada pela violência e desigualdade.

socioeconômicas/classe social¹², nível educacional, raça, religiosidade, profissão, dentre outros.

Retornando a operacionalização da metodologia, neste trabalho tomo como referência diversos estudos, focando centralmente em suas estratégias técnicas e instrumentais, tais como a produção “Mulheres em movimento: memória da participação das mulheres nos movimentos pelas transformações das relações de gênero nos anos de 1970 e 1980” de Sandra Nascimento Sousa (2007) que utiliza recortes amplos de histórias de vida como história oral com o propósito de alcançar as experiências de 26 sujeitas, residentes nas cidades de São Paulo e de São Luís, que se constituíram como agentes ativas de transformação nas relações de gênero, nas décadas de 1970-1980, executando um exercício de interpretação, reflexão e questionamento das suas narrativas, atenta àquilo que se constituiria como quebra de paradigmas e, ou de reiteração de discursos normativos constituintes das relações de gênero.

Joan Scott (1999) em seu texto “Experiência” defende que métodos como a história oral têm construído uma crise no âmbito da história normativa ou ortodoxa a partir do momento que multiplica as “estórias” e os sujeitos e pluraliza as perspectivas e pontos de vistas. Histórias que não são nem totalmente verdadeiras e nem completas. As narrativas têm desmentido as construções hegemônicas dos mundos sociais e a ferramenta legítima dessa desconstrução tem sido a experiência. Scott (1999) propõe uma experiência problematizada, crítica e afirma que:

Não são os indivíduos que tem experiência, mas os sujeitos é que são construídos através da experiência. A experiência, de acordo com essa definição, torna-se, não a origem da nossa explicação, não a evidência autorizada (porque vista ou sentida) que fundamenta o conhecimento, mas sim aquilo que buscamos explicar, aquilo sobre o qual se produz conhecimento. Pensar a experiência dessa forma é historicizá-la, assim como as identidades que a produz. (SCOTT, 1999, p.05)

Para Scott (1999), os sujeitos são agenciados através de situações e posição que lhes são conferidas. Ela defende que a experiência constrói os indivíduos e que por ser uma construção discursiva, não pode existir para além dos significados sociais estabelecidos. Desta maneira, propõe um enfoque da experiência que trate todas as

¹² Durante a dissertação, me referi a classe social como elementos econômicos mesmo, pois foi uma estratégia de diferenciar as sujeitas, visto que nos outros elementos que podem ser considerados no recorte de classe como escolaridade e elementos culturais, as sujeitas são bem próximas. Talvez o mais adequado tivesse sido considerar as discussões de classe formuladas por Jessé de Souza(2015) em a Tolice da Inteligência Brasileira quando percebe algumas transformações de classe após as políticas do Governo Lula, que teria criado uma nova classe: os batalhadores, de origem econômica e cultural básica, mas que a partir do acesso à educação superior, principalmente, passam a ter acesso a outros capitais, conforme defendido por Bourdieu (2006) : cultural, econômico, social e intelectual. No entanto, me debrucei em outros detalhes.

categorias de análise como contextuais, contestáveis e contingentes. Conforme Scott (1999), a “experiência é ao mesmo tempo, já uma interpretação e algo que precisa de interpretação.”. (SCOTT, 1999, p. 20), a experiência é sempre política e os historiadores devem se preocupar mais com a análise do conhecimento que chegou através da experiência do que com a reprodução dos resultados aos quais chegou por meio da experiência. Por ser política, a experiência aborta a neutralidade do historiador e requer o desprendimento de categorias naturalizadas, em busca da contestação de uma história fundamentalista e rumo a mudança das estruturas hegemônicas. Concluindo em seguida que:

Experiência é, nessa abordagem, não a origem de nossa explicação, mas aquilo que queremos explicar. Esse tipo de abordagem não desvaloriza a política ao negar a existência de sujeitos; ao invés, interroga os processos pelos quais sujeitos são criados, e, ao fazê-lo, reconfigura a história e o papel do/a historiador/a, e abre novos caminhos para se pensar a mudança. (SCOTT, 1999, p. 20)

Brah (2006) cita Joan Scott para afirmar que a experiência como uma interpretação a ser interpretada. Com esta recuperação, Brah (2006) reafirma o entendimento de Scott de que a experiência é quem constitui o sujeito e não o sujeito que constitui determinada experiência e observa que “[...] ‘a experiência’ é um processo de significação que é condição mesma para a constituição daquilo a que chamamos de realidade.” (BRAH, 2006, p. 360). A autora percebe a experiência como um lugar de contestação e destaca que a realidade é interpretada pelos sujeitos conforme o modo como este sujeito foi construído, que perpassa por seu repertório de composição de discursos políticos e culturais aos quais teve acesso. Em seguida, conclui:

‘Histórias’ coletivas são também, é claro, culturalmente construídas no processo de atribuir significado ao cotidiano das relações sociais. Mas, enquanto as biografias pessoais e histórias de grupo são mutuamente imanentes, elas são relacionalmente irredutíveis. O mesmo contexto pode produzir várias ‘histórias’ coletivas diferentes, diferenciando e ligando biografias através de especificidades contingentes. Por sua vez, a articulação das práticas culturais dos sujeitos assim constituídos marca ‘histórias’ coletivas contingentes com novos significados variáveis. (BRAH, 2006, p. 362)

Além disso, Brah (2006) afirma que o slogan feminista o “pessoal é político” tem reconceituado a experiência, concordando com Scott quanto à dimensão política da experiência. Brah (2006) também traz a diferença como categoria importante de suas análises, como veremos logo mais.

Inicialmente, esta dissertação não seria sobre narrativas ou histórias de vida, seriam análises de discursos produzidos pelo cinema brasileiro sobre sapatonalidades.

Depois, um trabalho de recepção sobre os discursos produzidos pelo cinema brasileiro sobre sapatonalidades e assim, comecei a conversar com algumas dessas sujeitas sobre o cinema e as representações de sapatão no cinema brasileiro. As conversas transbordaram os meus problemas anteriores e por questões emocionais e políticas, eu não tive coragem de recortar as sujeitas para manter um diálogo com o cinema.

Assim, tive que abortar a ideia inicial e os abortos nunca são fáceis, mexem com o nosso corpo, com a nossa cabeça, com as nossas relações e com as nossas correntes técnico-metodológicas (e ainda assim, não querem legalizar a nossa possibilidade de escolha para que o aborto seja, minimamente, ao menos seguro). Assumir trabalhar com as sujeitas envolvidas desde os primeiros encontros, com suas narrativas, histórias de vida e/ou relatos de experiências como estratégias de constituição de uma Dissertação não foi um processo fácil, precisei buscar referências de como me comportar, do que falar e do que priorizar. De entender o que se constitui como processo de interpretação. Deste modo, e ainda que timidamente, gostaria de pontuar algumas questões. Por vezes, irei recorrer ao texto que tem minimizado algumas das minhas angústias enquanto pesquisadora iniciante no campo que lida com pessoas, que é o texto “Métodos de história de vida e de narrativas” de Scherto Gill e Inor Goodson (2015), que destacam que:

[...] a vida e as narrativas estão inextricavelmente relacionadas e que a vida humana se interpreta nas narrativas e por meio delas. Isto é, de um ponto de vista hermenêutico, a vida humana é percebida como um processo de interpretação de narrativa (RICOEUR, 1992). A vida humana é cheia de significado, mas o significado é implícito e só fica explícito em nossas narrativas ou histórias. (GILL; GOODSON, 2015, 216)

Conforme os autores, as narrativas são inerentes ao humano, lhes garante coerência e continuidade, podendo mudar e adaptar nossas histórias: “[...] são consideradas essenciais à condição humana porque o nosso senso de propósito e sentido, nossa individualidade, nossos valores e aspirações baseiam-se nelas.” (GILL; GOODSON, 2015, 216). As narrativas possuem três características: a temporalidade, o sentido e os encontros sociais. Eles destacam ainda que as narrativas são formas úteis de explicar as ações humanas e de entender os seus contextos. Para os autores, as narrativas e história de vida são oportunidades de questionar a pesquisa social e incluir a subjetividade humana ao processo de pesquisa. Lembram, ainda, que este tipo de método pode contribuir com a promoção da voz dos participantes, o que implica num distanciamento da “colonização acadêmica”.

Mas, as decisões e seus impactos trazem questionamentos: como falar com o meu diário de campo? O que ele está dizendo que pode ser útil para mim, para as sujeitas de pesquisa e para outros sujeitos afetados pela rede de abjeção produzida pela dissidência

da heteronormatividade? O que precisa ser dito? O que evidenciar? Por que é importante falar destas sujeitas para além das minhas crenças e esperanças?

Então, o primeiro passo que dei foi convidar as sujeitas da pesquisa. Foram convites feitos de várias formas, algumas se ofereceram quando eu falava do que se tratava a pesquisa. Outras eu convidava, enquanto, em algum momento de bebedeira compartilhava minhas aflições com as amigas. Assim, inicialmente, todas as sujeitas da pesquisa eram minhas amigas, mas com o tempo, me sentindo à vontade com as conversas e em meio a algumas desistências, passei a conversar com outras sujeitas desconhecidas, que me trouxeram vivências muito fortes e me desafiaram, enquanto pesquisadora. Após cinco conversas realizadas passei a conversar com mulheres que não eram do meu círculo social, o que me fez experimentar três momentos distintos de pesquisa de campo, o primeiro no qual eu era bem íntima das sujeitas, conhecendo e por vezes, compondo suas histórias; um segundo momento, no qual conhecia pouco as sujeitas de forma menos íntima e; um terceiro momento, no qual a entrevista foi o nosso primeiro contato.

Em todas as ocasiões, deixei as sujeitas livres para escolher os locais e as horas de realização das conversas, fugimos para as praias, bares no centro da cidade e as conversas renderam ao som do mar, dos reggaes, de pagodes dos anos de 1990 e por músicas que se eternizaram nos anos de 1960, 70 e 80. Em algumas ocasiões, as conversas aconteceram na casa das sujeitas. As duas últimas entrevistas foram conversas menos intimistas, foram realizadas com as duas sujeitas que eu não conhecia, então, como elas optaram, o encontro ocorreu na Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Com certeza, preenchamos estes lugares por mais amores, safadezas e resistência.

As conversas consolidaram um diário de campo, que utilizo como ferramenta para sistematizar as histórias, nele destaco posicionamentos e impressões que tive das conversas, além de reproduzir falas integrais das sujeitas da pesquisa para interpretá-las posteriormente conforme os meus objetivos. Procuo as respostas no meu diário de campo e o contato com ele me fez refletir primeiro sobre invisibilidade destas experiências em algum âmbito/período da vida, um silêncio imposto por uma proibição de existir ou para a família, ou para os amigos, ou no trabalho ou para desconhecidos. O que me faz pensar sobre se e como é possível existir na rede de invisibilidade? Ele me fala sobre amores e práticas sexuais de uma forma que me leva a reflexões sobre os efeitos dessa existência: essas vivências se moldam a essa lógica em algum aspecto? Elas a contestam? Elas a resignificam? Quais influências ela exerce sobre essas sujeitas e suas maneiras de se relacionarem afetivamente ou no uso dos seus prazeres? Algumas conversas me

demonstram ainda como as instituições, como o casamento, a maternidade, o regime escolar, o direito, influenciam nestas experiências.

Foram conversas, inicialmente, muito abertas nas quais tivemos liberdade para falar sobre práticas sexuais em todas as relações afetivas relatadas, nas quais as práticas sexuais apareceram ligadas ao desejo, sentimento, gozo, vergonha, bebida e culpa. Considero importante evidenciar as práticas sexuais, especialmente, por tudo que se representa em relação ao prazer/desejo de mulheres e entre mulheres, como a ideia de insuficiência pela falta da presença masculina, por exemplo. Além desse valor político, foi um momento rico pessoalmente, porque me trouxe muitos aprendizados de posições e técnicas de prazer.

Sinto que vou me aproximando das sujeitas à medida que conheço os seus relatos de amores, passando a ser confidente principal de decisões afetivas, o que tem me despertado muita curiosidade nessa relação de pesquisadora e amiga. Ao passo que poder falar desses amores trazem inúmeras reflexões sobre as maneiras das sujeitas de amar, que às vezes reproduzem um dos vieses da concepção de amor romântico: o verdadeiro e eterno. Em outros momentos, percebo nitidamente, o rompimento desse modelo que é também heterossexista ao impor um modelo legítimo de relações amorosas: o monogâmico.

Em algumas circunstâncias, as narrativas me causaram incômodos, porque evidenciaram alguns posicionamentos negativos em relação representação sobre à bissexualidade, que aparece nos seus enunciados como indecisão, como forma de afirmação de uma heterossexualidade e de um certo modo, colocando a pessoa que se afirma como bissexual mais propícia à traição. Esses discursos, vem acompanhados de afirmações de um modelo de família legítima, com a possibilidade de “filhos de verdade” (biológicos). Mas, também surpreendentemente, tenho ouvido narrativas sobre as bissexuais, as percebendo como igualmente sapatão. Tenho percebido, inclusive, que algumas bissexuais, se definem como sapatonas e assim, decidi ouvir pessoas que se autorreferem como sapatonas bi e pansexual¹³.

Outras conversas me deixaram devastada, nas quais, assim como as sujeitas, busquei fugir da conversa por um momento e não partilhar das dores narradas. Estratégia que se desfez na transcrição, quando foi inevitável não ter meu coração partido, não

¹³ Aqui é preciso demarcar as diferenças defendidas entre bissexuais e pansexuais, este último se referindo a pessoas que se relacionam com pessoas independente do gênero, admitindo-se que há mais variações de gênero do que o estabelecido como legítimo pelo sistema heteronormativo: o binarismo de homens e mulheres. Enquanto, as experiências bissexuais, estão relacionadas ao sistema binário, no qual, estas pessoas defenderiam que se relacionam com homens e mulheres.

chorar e não ser tomada por um sentimento de ódio deste mundo injusto e inseguro com todas nós. Sentir isso, me deu um novo gás em um momento da pesquisa, que a gente se pergunta porque continuar com nossos projetos e lutar contra todas essas violações, quando até um vizinho pode se sentir dono dos nossos corpos e violá-los para satisfazer os seus ódios e crenças.

Gill e Goodson (2015) destacam que as narrativas e histórias de vida são constituídos de processos recíprocos de compreensão, que me leva a entender este método como um processo de construção coletiva de conhecimento. Chamam atenção para a reflexividade do pesquisador, implicadas neste processo e que se reflete em aprendizados sobre nós próprios e o mundo que nos rodeiam. Após a observação dos autores, não pude deixar de olhar para mim, enquanto componente deste campo e pensar no quanto tenho aprendido sobre mim mesma, sobre os outros e sobre o mundo.

As narrativas com as quais tive contato, me colocaram exercícios posteriores, que são egoicamente solitários e empáticos de reflexões sobre estas vivências e da minha própria em minhas relações afetivas, nas minhas práticas sexuais, no meu trabalho, com os meus amigos, com minha família. Às vezes, fico devastada, me sentindo impotente com a exposição de algumas dores e violências sofridas, que a minha presença faz com que as sujeitas relembrem e chorem. Mas graças à Sula Miranda¹⁴, as narrativas têm me feito mais sorrir e por mais difícil que sejam as vivências com as quais tive contato, trazem a certeza que a felicidade está fora do armário.¹⁵

Tenho compartilhado meu diário com as sujeitas. A ideia é que elas possam editar algumas narrativas. No entanto, tenho pactuado que as supressões sejam apenas relacionadas a elementos textuais, que possam identificá-las. Tomei tal decisão como forma de não violar as relações das mesmas e uma forma de buscar que a história escrita fosse fidedigna ao que me foi relatado. Os retornos têm sido muito atenciosos e por vezes, carinhosos. Não localizo os bairros exatos das sujeitas, porque elas preferiram assim, ao localizar os bairros o anonimato fica comprometido.

Diante das questões levantadas, o meu objetivo geral é produzir conhecimento sobre sapatonalidades a partir das experiências de vida de algumas sapatonas residentes em São Luís, buscando compreender a produção do gênero, práticas sexuais, afetividade, processos de abjeção e resistências que as constituem. Especificamente, desejo

¹⁴ Cantora brasileira que ficou conhecida como rainha dos caminhoneiros e por consequência, da caminhoneiras, termo usado também para as sapatonas.

¹⁵ A expressão popular “dentro ou fora do armário” está relacionada às pessoas dissidentes de gênero que escondem sua sexualidade. Sempre importante deixar dito, que cada pessoa tem seu tempo de sair ou não do armário, conforme seus desejos e suas vivências.

compreender estas experiências designadas como dissidentes, considerando as intersecções de classe social, raça, regionalidade, geração, dentre outros marcadores sociais que se apresentem. Minha atenção crítica se remete, ainda, às possibilidades de reprodução e questionamentos que estas vivências ditas dissidentes proporcionam na estrutura legítima de gênero ou nos padrões de masculinidade e feminilidade hegemônicos, estabelecidos pela heteronormatividade. E ao passo que vou fazendo isso, pretendo apresentar as experiências destas mulheres de forma plural contestando as representações políticas e sociais que as apresentam como homogêneas.

Ao apresentar meus objetivos, uma categoria parece merecer uma localização específica: a interseccionalidade. E assim, me dou a liberdade de fazer mais um parêntese para defendê-la como categoria de análise que parece substancial para o presente trabalho, visto que na empreitada de compreender as experiências consideradas dissidentes, me proponho a percebê-las no contexto de seus marcadores sociais.

Adriana Piscitelli (2008) em seu artigo “Interseccionalidade, categorias de articulação e experiência de migrantes brasileiras” lembra que a interseccionalidade pode ser significada de várias formas, ela a trata como “[...] categorias que aludem à multiplicidade de diferenciações que, articulando-se ao gênero, permeiam o social.” (PISCITELLI, 2008, p. 263). A autora, destaca que as pautas do feminismo crítico dos anos de 1980, coincidiram com as reivindicações de mulheres fora do padrão (negras e lésbicas), chamando atenção para as diferenças e desestabilizando a identidade do “ser mulher” como categoria universal, que possui as mesmas características e demandas de luta. Neste sentido, Piscitelli (2008) destaca o importante papel dos estudos de mulheres negras que contestavam esta representação. Além disso, ela ressalta os atuais posicionamentos de autoras latinas, que incluem recortes de religião e nacionalidade, na crítica que travam ao colonialismo.

Piscitelli (2008) parece responder à pergunta: para que servem as interseccionalidades e as trata como “[...] ferramentas analíticas para apreender a articulação de múltiplas diferenças e desigualdades” (PISCITELLI, 2008, p. 266). Diante das observações da autora, reconheço as diferenças e as desigualdades, que delas decorrem, assim, assumo as interseccionalidades como ferramenta analítica para compreendê-las e para realizar um movimento reflexivo sobre como elas impactam nas histórias das sujeitas deste estudo.

Brah (2006) também em suas análises sobre diferença analisa a raça como um marcador irremediável da diferença social e que este marcador, necessariamente deve estar associado a outras diferenças como gênero e classe. A exemplo das análises de raça,

a autora afirma que as experiências de gênero também não podem ser analisadas descoladas do contexto de desigualdade nacional e internacional, pois para ela, o gênero é construído de forma diferente de acordo com a nossa localização no sistema de poder global. E afirma que “[...] nossa inserção nessas relações globais de poder se realiza através de uma miríade de processos econômicos, políticos e ideológicos.” (BRAH, 2006, p. 341).

Destaca que o signo “mulher” é construído de diversas formas. Dentro de configurações específicas das relações de gênero, existem diferenças de condições sociais que resultam em trajetórias, perspectivas e circunstâncias materiais e históricas diversas que constituem os sujeitos. Ressalta que o feminismo tem se mobilizado para transformar as relações sociais de poder imbricadas no gênero, mas crítica o fato de que o feminismo ocidental pouco tem emergido na questão da racialização do gênero, que é um processo singular que possui circunstâncias econômicas, políticas e culturais específicas, produzindo e reproduzindo formas e situações diferentes. A autora salienta que:

[...] tanto os negros quanto os brancos experimentam seu gênero, classe e sexualidade através da ‘raça’. A racialização de subjetividade branca não é muitas vezes manifestamente clara para os grupos brancos, porque ‘branco’ é um significante de dominância, mas isso não torna o processo de racialização menos significativo. (BRAH, 2006, p. 345)

Brah (2006) defende que a diferença seja tratada de uma maneira mais clara e a trata como uma categoria analítica, que pode ser conceituada de quatro maneiras pela experiência, relação social, subjetividade e identidade.

Além disso, adoto as interseccionalidades como postura política ao me deparar com as críticas de Larissa Pelúcio (2012) ao universalismo, no artigo denominado “Subalterno quem cara pálida? ”, quando a autora reflete sobre as produções de gênero em contextos pós-coloniais e coloca a necessidade de evidenciar as interseccionalidades, de contextualizar homofobia e o patriarcado para evitar homogeneizar as opressões. Não considerar o contexto das diferenças resulta “[...] na representação do discurso ocidentalista, racista, colonialista da ciência canônica” (PELÚCIO, 2012, p. 404). Falando desta ciência, a autora lembra das desigualdades e violências epistêmicas que contribuem com a multiplicação de desigualdades.

Neste debate, ao lermos “Mulheres, cultura e política” de Angêla Davis (2017), percebemos que o feminismo negro se apresenta como pioneiro em pautar as diferenças e demonstrar a pluralidade das demandas no processo de lutar pelos direitos das mulheres, pois nem todas somos iguais e possuímos necessidades diferentes. Davis (2017) lembra que as feministas brancas que lutavam pela igualdade de direito, em especial, a

possibilidade de votar e acesso ao mercado de trabalho, criticavam o não envolvimento das mulheres negras. Mas, não percebiam que estas mulheres sempre trabalharam e preenchiam majoritariamente o quadro da pobreza, possuíam demandas que o feminismo branco de classe média não conseguia alcançar, como a garantia do sustento para a sobrevivência de suas famílias.

Lembro de Davis para não esquecermos de pensar nas interseccionalidades e do aprendizado com o feminismo negro de que é preciso “erguer-nos enquanto subimos” (DAVIS, 2017, p. 17), que interpreto como uma diretriz para militância: ou lutamos por um mundo mais justo para todas nós ou ele não será justo para ninguém. Expor os ensinamentos da autora é uma ponte para declarar o comprometimento em pensar o gênero em suas intersecções e deste modo, afirmar que durante minhas análises e conversas, tentei recorrer a ótica das diferenças para entender suas implicações nas vivências que passei a conhecer.

Assim, declaro ainda que procurei perceber o gênero em suas intersecções de classe e raça, apesar de estar ciente dos perigos que estão implícitos nesta decisão política (entre eles, recair em essencialismos), pois a exemplo de Pelúcio (2012) acredito que “[...] ainda que a política da diferença entre mulheres tenha suas ‘ciladas’, esta reflexão só se colocará mais tarde, uma vez que em primeiro momento pensar e pautar as diferenças foi estratégico politicamente e profícuo teoricamente” (PELÚCIO, 2012, p. 406)

Sem mais delongas, devo falar das páginas que se seguem. O primeiro capítulo trará alguns estudos sobre gênero, recuperando concepções de Michel Foucault (1988, 2017) sobre sexualidade como dispositivo de poder, trazendo as reflexões de Judith Butler (2015, 2016) sobre gênero com o objetivo de localizar o meu referencial teórico. Nesta parte do trabalho, serão expostos também estudos sobre lesbianidade, como os trabalhos de Monique Wittig (1980) e Adrienne Rich (2010), produções que constituíram conhecimento sobre sujeitas que possuem experiências semelhantes as sujeitas destas pesquisas, assim, trarei também entendimentos das próprias sujeitas sobre como elas se percebem, sem limitá-las a um conceito. O capítulo apresentará as sujeitas, como as conheci e seus entendimentos sobre o que entendem por “ser sapatão”.

No segundo capítulo, irei trazer as narrativas das sujeitas destacando algumas falas sobre os relacionamentos amorosos e como as práticas sexuais se desenvolvem para estas sujeitas, analisando suas perspectivas sobre o amor e as interdições e regras que regem as práticas sexuais, que recorrentemente, aparecem como correlacionadas em seus enunciados. O capítulo levanta algumas questões sobre a reprodução de concepções de gênero nas vivências sexuais das sujeitas, fala sobre posições sexuais, locais onde as

transas acontecem, em quais relacionamentos, frequência e o uso de brinquedinhos eróticos.

No terceiro capítulo trago reflexões sobre outras relações, como os relacionamentos familiares, profissionais e de amizade, como eles se desenvolvem e são significadas pelas sujeitas. Além disso, há um tópico neste capítulo que se apresentou como imprescindível para pautar as vivências das sapatonas, que trata sobre violência que acaba perpassando por muitos relatos. Encerrarei as discussões, de uma forma avaliativa e levantando questões futuras.

2- CONQUISTA: discussões sobre gênero e sapatonalidades

Neste capítulo, irei trazer, inicialmente, algumas concepções as quais me aproximo ao entender a categoria gênero, que me acompanham ao longo do trabalho, especialmente, as reflexões de Judith Butler e Michel Foucault, destacando às vezes o contexto e as heranças de outros autores, como quando recupero as contribuições de Teresa de Lauretis e a linha histórica traçada por Tamsin Spargo. Ao longo do capítulo são expostos também entendimentos de como a heteronormatividade se consolida como o discurso da sexualidade em nossa sociedade, assim, recupero os trabalhos de Paul B. Preciado e Adrienne Rich, destacando ainda trabalhos que contribuíram para que tivéssemos condições de refletir sobre a lesbianidade, como a de Jules Falquet e Monique Wittig. Além de estudos brasileiros, que recuperam como a “lésbica” foi tratada socialmente e pela academia no Brasil, perspectivas que influenciaram a maneira como as lésbicas foram construídas no imaginário popular.

Por fim, o capítulo apresenta as sujeitas, como as conheci e seus entendimentos sobre os termos e o que é “ser sapatão”, tópico que é seguido por uma observação minha sobre tais perspectivas, analisando o que as sujeitas rompem ou reafirmam da estrutura normativa.

Assim, começando por Michel Foucault (2010), em a “História da Sexualidade I: a vontade de saber”, o autor faz um esforço para demonstrar quando o sexo passou a ser um discurso controlado e regulado por instituições, como por exemplo: a medicina, o direito, a psicologia, a religião, dentre outras. Foucault (2010) analisa o sexo como dispositivo de poder que foi investido de saber ao longo dos séculos, investimento que se pautou numa economia de verdade a fim de torná-la produtiva e encaixá-la como elemento útil a dinâmica da sociedade capitalista.

Conforme Foucault (2010), o século XVII inaugura uma economia restritiva do sexo que determina onde e em quais relações sociais é permitido falar de sexo e onde ele é proibido e totalmente silenciado, estabelecendo novas regras de decência, filtrando as palavras e controlando sua livre circulação. Para o autor, a partir do século XVII, “a sexualidade é cuidadosamente encerrada” (Foucault, 2010, p. 09) e volta-se apenas para a sua função reprodutora. Assim, criando uma rede de legitimidade sob o casal procriador, que se torna a norma:

Ao que se sobra só resta encobrir-se, o decoro das atitudes esconde os corpos, a decência das palavras limpa os discursos. E se o estéril insiste, e se mostra demasiadamente, vira anormal: receberá o status e deverá pegar as sanções. (...) (O que não é regulado) é ao mesmo tempo expulso, negado e reduzido ao

silêncio. Não somente não existe, como não deve existir e à menor manifestação fá-lo-ão desaparecer – sejam atos ou palavras. (FOUCAULT, 2010, p.09)

Foucault (2017) destaca o discurso da Igreja Católica como um dos produtores de legitimidade sobre o casal monogâmico/heterossexual, no qual a ética sexual está vinculada à fidelidade e procriação, mas mesmo nestes casos, o sexo não deixa de ser impuro. O autor ressalta a moral cristã como um mecanismo das técnicas do si, que opera sob “[...] seu corpo, em sua alma, em seus pensamentos, em suas condutas, de modo a produzir neles uma transformação, uma modificação, e a atingir um certo estado de perfeição, de felicidade, de pureza, de poder sobrenatural” (Foucault, 2017, p. 94)

Nos escritos que Foucault (2017) analisa em “Ética, Sexualidade e Política”, ele evidencia como as técnicas do si operam sobre as práticas sexuais nos moldes do projeto cristão. O ato sexual não seria um pecado em si e o modo como o sexo deveria ser tratado e controlado internamente pelos cristãos, varia da punição à revolta de Adão contra Deus. Ao ter sua desobediência punida por Deus, o primeiro homem do mundo perde os movimentos voluntários da sua genitália, que o obedecia como qualquer outro membro. A ereção passa a causar constrangimentos por não responder nas horas desejadas e se manifestar nos momentos inconvenientes. Então, a partir deste momento o homem deve exercer um autocontrole sexual e combater a ereção peniana (símbolo de revolta) para evitar a fúria de Deus.

O que quero ressaltar das observações de Foucault (2017) é como a lógica das técnicas do si funcionam investindo sob o corpo masculino e conseqüentemente, apagam a sexualidade da mulher, que como o objeto de desejo e de pecado deve ser afastada dos pensamentos noturnos do homem casto, puro e temente a Deus. Por não possuir ereção, a sexualidade da mulher torna-se relacional ao sexo do homem, servindo apenas como um corpo de procriação e sem desejos sexuais próprios. A reprodução é a função central da existência feminina e o desejo de exercê-la deve ser inculcada nos indivíduos do gênero feminino como fator natural do seu ser e constituinte de sua subjetividade.

A sexualidade é, cuidadosamente, classificada, hierarquizada e legitimada tendo em vista os interesses da sociedade capitalista de reprodução, mas o poder é mais difuso que os preceitos capitalistas. Criam-se modelos ideais de heterossexuais, transexuais, bissexual, homossexuais dentro de relações esperadas e esta caracterização discursiva constitui a sexualidade como exclusivamente anátomo-orgânica, natural, como uma essência, como podemos constatar no trecho foucaultiano:

O homossexual do século XIX torna-se uma personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida; também é uma morfologia, com uma anatomia indiscreta e, uma fisiologia misteriosa. Nada daquilo que ele é, no final das contas, escapa à sua sexualidade. (FOUCAULT, 1988, p. 50).

Michel Foucault foi apropriado por inúmeros estudos *Queer*. Percebendo isso, Tamsin Spargo (2017) desenvolveu um estudo sobre o filósofo e a corrente de pesquisa, no qual, ela expõe reflexões de Foucault que contribuíram para o desenvolvimento Dos estudos *Queer*, que desde o final dos anos de 1980, se destacam na academia e nos movimentos sociais, pregando o radicalismo e subvertendo a linguagem, assim como, destaca Jacques Derrida, desestabilizando a noção de sujeito e identidade, apoiado nos modelos psicanalíticos de Jacques Lacan e se apoderando do discurso, saber e poder de Foucault.

A autora destaca algumas perspectivas de Foucault que foram exploradas pelos estudiosos *Queer* em suas empreitadas de se colocarem contra toda e qualquer normatividade. Dentre estas concepções, Spargo (2017) ressalta: a contestação da sexualidade como uma categoria natural, que seria na verdade construída e produto de processos históricos, sociais e culturais; a sustentação de que o sexo é produzido por discursos institucionais, que funcionam como “tecnologias do sexo” e sustenta uma política de saber/poder e; a concepção de Foucault sobre o surgimento do conceito de homossexuais como catalizador dos estudos *queer*, no qual, o surgimento desse sujeito ocorreu dentro do discurso, ligado ao contexto dos anos de 1970, “criando” um sujeito anormal e definido por sua sexualidade “perversa”.

Spargo (2017) faz uma historiografia também do *queer* como identidade reivindicada por movimentos que surgiram pós-epidemia da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) nos Estados Unidos, no início da década de 1980. Os movimentos gays e lésbico anteriores, pareciam ter conquistado certa aceitação, que a autora identifica como uma adequação à heteronormatividade para conseguir direitos, modelagem que já exclui muitos sujeitos e práticas. Com a AIDS, esta aceitação torna-se intolerância, o que leva os movimentos gays e lésbicos ao radicalismo. As estratégias de assimilação são substituídas por protestos contra as políticas públicas e contra os efeitos do poder e saber das instituições. É neste contexto, que Spargo (2017) localiza a aparição do termo *queer* no sentido que tem hoje, tanto na cultura popular quanto na academia:

[...] algumas pessoas que achavam a identidade ‘gay’ e ‘lésbica’ inadequadas ou restritivas encontraram no ‘queer’ uma posição com a qual se identificar. Na cultura popular, ‘queer’ significava mais sexy, mais transgressor, uma manifestação intencional de diferença que não deseja ser assimilada, nem

tolerada. Essa diferença tinha a intenção de perturbar o status quo, de questionar por que partimos do princípio de que Bart Simpson é hetero. (SPARGO, 2017, p. 32)

Nas perspectivas acadêmicas, Spargo (2017) traz a autora Judith Butler como o amadurecimento da ideia de Foucault, no momento em que esta se propõe a investigar a naturalização e a normatividade do gênero. Genericamente, Spargo (2017) destaca algumas contribuições de Butler para os estudos *queer*: a descentralização da mulher como sujeito normativo de gênero e, as suas análises sobre gênero como uma categoria produzida discursivamente e um efeito performativo.

A partir da década de 1980, as teóricas feministas passam a centrar esforços na crítica às universalizações do sujeito do feminismo e a problematizar a diferença sexual como diretriz de análise, visto que esta limita a análise e reproduz a ideologia do patriarcado ocidental. Neste sentido, Teresa de Lauretis (1989) propõe uma nova epistemologia para os estudos de gênero, que permita perceber o sujeito social e as relações de subjetividade, considerando a interseção de raça e classe, na constituição de sujeitos múltiplos.

Lauretis (1989), apoiada em Foucault, relaciona o gênero à “tecnologia sexual” e o defende como “representação e autorepresentação de tecnologias sociais”, utilizando-se das palavras de Foucault, a autora afirma que o gênero, assim como o sexo, é “[...] o conjunto de efeitos produzidos em corpos, comportamentos e relações sociais” (TERESA, 1989, p. 208) que se exerce por uma complexa tecnologia política. Outra herança que a autora utiliza de Foucault é a concepção do poder como categoria produtiva do gênero.

Em “Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade”, Butler (2015) traz a heterossexualidade idealizada e compulsória como produtoras de inteligibilidade social, que define os sujeitos através de uma falsa estabilidade voltada à reprodução, construindo uma coerência entre sexo/gênero e desejo. A heterossexualidade como ideal regulador, se legitima como a sexualidade natural do humano, suprimindo todas as “descontinuidades”, as experiências consideradas dissidentes. Butler (2015) defende o gênero como uma categoria fabricada, uma fantasia instituída e inscrita sobre corpos por efeitos de verdade.

Em sua leitura que faz de Simone Beauvoir, Butler (2015) expõe os corpos marcados por gênero como um estilo corporal, um ato “[...] que tanto é intencional quanto ‘performativo’, onde o ‘performativo’ sugere uma construção dramática e persistente do sentido. ” (BUTLER, 2015, p. 240). O não desempenho da performance de maneira

correta implica em punições, a autora destaca que o gênero humaniza os indivíduos dentro da cultura. Butler (2015) investe em movimentos que negam alguma verdade ou essência sobre os entendimentos de gênero.

Se os atributos e atos do gênero, as várias maneiras como o corpo mostra ou produz sua significação cultural, são performativos, então não há identidade preexistente pela qual um ato ou atributo possa ser medido; não haveria atos de gênero verdadeiros ou falsos, reais ou distorcidos, e a postulação de uma identidade verdadeira se revelaria uma ficção reguladora (BUTLER, 2015, p. 244).

Conforme a autora, o gênero é um ato que requer repetição, uma performance de reencenação de um conjunto de significados estabelecidos socialmente, que é também legitimado por esta performance. Butler (2015) defende que se trata de uma ação pública e sua publicidade possui a consequência de assegurá-lo na estrutura binária, que não é produto do sujeito, mas fundador e consolidador dele. O trecho abaixo talvez resuma uma ideia geral do que a autora entende por gênero e performatividade:

O gênero não deve ser construído como uma identidade estável ou um *locus* de ação do qual decorrem vários atos; em vez disso, o gênero é uma identidade tenuamente construída no tempo, instituído num espaço externo por meio de uma repetição estilizada de atos. O efeito do gênero se produz pela estilização do corpo e deve ser entendido, conseqüentemente, como a forma corriqueira pela qual os gestos, movimentos e estilos corporais de vários tipos constituem a ilusão de um eu permanente marcado pelo gênero. Essa formulação tira a concepção do gênero solo de um modelo substancial de identidade, deslocando-a para um outro que requer concebê-lo como uma temporalidade social constituída. Significativamente, se o gênero é instituído mediante atos internamente descontínuos, então, a aparência de substância é precisamente isso, uma identidade construída, uma realização performativa em que a plateia social mundana, incluindo os próprios atores, passam a acreditar, exercendo-a sob a forma de uma crença. (BUTLER, 2015, p. 244).

Butler (2015) recupera a genealogia de Foucault que investe na desnaturalização das categorias de identidade que são “[...] na verdade, efeitos de instituições, práticas e discursos, cujos pontos de origens são múltiplos e difusos. ” (BUTLER, 2015, p. 10). Neste sentido, um dos primeiros movimentos que a autora realiza é a contestação da representação do sujeito do feminismo, pois a seu ver, a representação é uma função normativa da linguagem, que estabelece verdades sobre a categoria mulher, definições amparadas nos discursos da natureza, que estão intimamente ligados às estruturas de poder, estabelecendo um sujeito fixo e universal. E assim, defende:

Se alguém ‘é’ uma mulher, isso certamente não é tudo que ela esse alguém é; [...] o gênero nem sempre se constituiu de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente construídas. Resulta que se tornou impossível separar a noção

de ‘gênero’ das interseções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida. (BUTLER, 2015, p. 21)

Butler (2015) entende a representação como inadequada e excludente por ser globalizante e desconsiderar as interseções. Mas, ela acredita que a tarefa política a se realizar não é acabar com as representações, até porque, ela entende que esta tarefa é impossível, pois o poder contemporâneo se sustenta em estruturas jurídicas da linguagem e não haveria posição fora desse campo. Para a autora, essa tarefa seria a formulação de uma crítica às categorias de identidade dentro destas estruturas jurídicas contemporâneas, que produz o que alega representar. Deste modo, “[...] a ideia de ‘representação’ só venha a realmente fazer sentido para o feminismo quando o sujeito ‘mulher’ não for presumido em parte alguma. ” (BUTLER, 2015, p. 25).

A autora começa a empreender esforços para que possamos perceber o gênero como uma categoria flutuante e culturalmente construída e não decorrente do sexo biológico, que também seria uma construção cultural e não uma “natureza sexuada”, que se apresenta como pré-discursivo, na qual a cultura atua. Em “Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo”, Butler (2016) expõe o sexo como construto ideal que é “[...] forçosamente materializado através do tempo. Ele não é um fato ou condição estética de um corpo, mas um processo pelo qual as normas regulatórias materializam o ‘sexo’ e produzem essa materialização através de uma reiteração forçada destas normas.” (BUTLER, 2016, p. 154). Tanto o sexo quanto o gênero são construções que ocorrem:

[...] não apenas no tempo, mas é, ela própria, um processo temporal que atua através da reiteração de normas: o sexo é produzido e, ao mesmo tempo, desestabilizado no curso dessa reiteração. Como um efeito sedimentado de uma prática reiterativa ou ritual, o sexo adquire seu efeito naturalizado e, contudo, é também, em virtude dessas reiterações, que fossos e fissuras são abertos, fossos e fissuras que podem ser vistos como as instabilidades constitutivas dessas construções, como aquilo que escapa ou excede a norma, como aquilo que não pode ser totalmente definido ou fixado pelo trabalho repetitivo daquela norma. (BUTLER, 2016, p. 164)

A autora critica a distinção entre natureza e cultura, na qual a primeira perde toda a sua historicidade, passando a ter valor a partir do momento que é socializada, por meio da cultura. Para ela, esta relação implica na distinção discursiva entre sexo e gênero, onde o primeiro seria o natural e o segundo sua leitura social, quando são a mesma coisa, ambos produtos de discurso social.

‘Admitir’ que a inegabilidade do ‘sexo’ ou sua ‘materialidade’ significa sempre admitir alguma versão do ‘sexo’ alguma formação de ‘materialidade’. [...] afirmar que o discurso é formativo não significa afirmar que ele origina causa ou exaustivamente compõe aquilo que ele admite; em vez disso, significa afirmar que não existe nenhuma referência a um corpo que não seja, ao mesmo

tempo, uma formação adicional daquele corpo. [...] a afirmação constativa é, sempre, em algum grau, performativa. (BUTLER, 2016, p. 154)

Butler (2016) lembra que a materialização do corpo nunca é completa, porque os corpos não se conformam às normas regulatórias, que operam de forma performativa. A performatividade deve ser compreendida como “[...] a prática reiterativa e citacional pela qual o discurso produz os efeitos que ele nomeia” (BUTLER, 2016, p. 154). É através da performatividade que os corpos são materializados dentro do imperativo heterossexual. Deste modo, a materialização reforça o poder hegemônico, constituindo a fixidez dos corpos e sendo repensada como efeito do poder, que também a produz.

A partir destes entendimentos, a autora classifica o sexo como uma norma que torna alguém viável e o qualifica para a inteligibilidade cultural. A heterossexualidade institucional é exposta como reguladora de normas de inteligibilidade, que fixa a noção de gênero “inteligível” através do estabelecimento da existência de uma coerência e continuidade natural entre sexo/gênero/ desejo, ou seja, a ideia de que todo macho será homem e desejará uma mulher ou, ao contrário, que toda fêmea será uma mulher e desejará um homem. Todas as práticas que escapem ou subvertam esta lógica, estão fadadas a terem sua existência negada, não serão inteligíveis, nem compreensíveis.

A noção de que pode haver uma ‘verdade’ do sexo, como Foucault a denomina ironicamente, é produzida precisamente pelas práticas reguladoras que geram identidades coerentes por via de uma matriz de normas de gênero coerentes. A heterossexualização do desejo requer e institui a produção de oposições discriminadas e assimétricas entre ‘feminino’ e ‘masculino’, em que estes são compreendidos como atributos expressivos de ‘macho’ e ‘fêmea’. A matriz cultural por meio da qual a identidade de gênero se torna inteligível exige que certos tipos de ‘identidades’ não possam ‘existir’ – isto é, aqueles que o gênero não decorre do sexo e aqueles em que as práticas do desejo não decorrem nem do ‘sexo’ nem do ‘gênero’. (BUTLER, 2015, p. 44)

Conforme Butler (2015), a heterossexualidade é responsável por legitimar determinadas identidades e por produzir os abjetos, que ocupam as áreas “inóspitas”, “inabitáveis”, os não sujeitos que reivindicam o direito à vida e à autonomia. Em seu “Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual”, Paul B. Preciado¹⁶ (2014) também contesta a natureza como ordem legítima de definição, classificação e hierarquização dos corpos. A autora se propõe a desconstruir a naturalização das práticas sexuais e do sistema de gênero. A exemplo de Butler, Preciado (2014) executa “[...] uma análise crítica da diferença de gênero e sexo, produto do contrato social heterocentrado,

¹⁶ Aqui utilizo o atual nome de Preciado

cujas performatividades normativas foram inscritas nos corpos como verdades biológicas” (PRECIADO, 2014, p. 21)

Preciado (2014) se coloca contra as oposições binárias impostas pelo sistema heteronormativo: homem/mulher, masculino/feminino e heterossexual/homossexual. A autora destaca o sistema heterossocial como responsável também por determinar as zonas erógenas, por dividir as práticas sexuais, privilegiando o pênis como o detentor do impulso sexual. O sistema heterossocial promove uma heterodivisão dos papéis de gênero, onde se fixam as assimetrias de poder entre o masculino e o feminino, forjando uma diferença sexual que não permite a simetria.

A natureza humana é um efeito de tecnologia social que reproduz nos corpos, nos espaços e nos discursos a equação natureza = a heterossexualidade. O sistema heterossexual é um dispositivo social de produção de feminilidade e masculinidade que opera por divisão e fragmentação do corpo: recorta órgãos e gera zona de alta intensidade sensitiva e motriz (visual, tátil, olfativa) que depois identifica como centros naturais e anatômicos da diferença sexual. (PRECIADO, 2014, p. 25)

A autora parece descrever a fixação da heterossexualidade como um movimento performativo, como defendido por Butler, contestando os discursos de que se trata de um imperativo da natureza e ao contrário necessitando de uma reinscrição ou reinstrução “[...] através de operações constantes de repetição e recitação dos códigos (masculinos e femininos) socialmente investidos como naturais.” (PRECIADO, 2014, p. 26). Apesar de evidenciar o gênero como performativo, Preciado (2014) destaca que ele não é simplesmente performativo, um efeito de práticas discursivas, mas antes de tudo “[...] prostético, ou seja, não se dá se não na materialidade dos corpos. É puramente construído e ao mesmo tempo, inteiramente orgânico.” (PRECIADO, 2014, p. 29)

Para Preciado (2014), a tecnologia social heteronormativa é um “[...] conjunto de instituições tanto linguísticas como médicas ou domésticas que produzem constantemente corpos-homens e corpos-mulheres.” (PRECIADO, 2014, p. 28) e parece apontar uma maneira de resistir a ela, que se daria a partir do momento que sacudíssemos as tecnologias da escritura, suas instituições, modificando as posições de enunciado. E assim, recorre a Butler para demonstrar a força performativas das falas de sujeitos abjetos, que viram do avesso a linguagem hegemônica, como a inversão dos insultos em autodenominação, como faz o movimento *queer*, no qual:

[...] sapatona passa de um insulto pronunciado pelos sujeitos heterossexuais para marcar as lésbicas como ‘abjetas’, para se transformar posteriormente, em autodeterminação contestadora e produtiva de ‘corpos abjetos’ que, pela

primeira vez, tomam a palavra e reclamam sua própria identidade. (PRECIADO, 2014, p. 28)

As resistências ao sistema implicam em punições, dentre elas o silenciamento, que ocorre no cotidiano da sapatonalidade. Nos tópicos a seguir apresento algumas concepções sobre sapatonalidades que são utilizadas como referências e posteriormente, trago alguns entendimentos das sujeitas escutadas.

2.1- Estudos sobre sapatonas

Diante de todas as observações do tópico anterior, cabe reiterar que a presente discussão não pretende uma definição do que é ser sapatão, o objetivo dele é apresentar alguns estudos e concepções em torno das sapatonalidades, mesclando com os entendimentos das sujeitas de pesquisa sobre essa categoria. A cientista política Jules Falquet (2015) empenhou esforços para sintetizar e circular algumas teorias e lutas de lésbicas de diferentes partes do mundo.

Falquet (2015) faz uma análise interseccional das produções, considerando quais sujeitos as produzem e de onde eles falam. Ela define lésbicas como mulheres que se envolvem/relacionam sexual ou afetivamente com outras mulheres. A autora opta por usar o termo lésbica ao invés de homossexualidade feminina, pois acredita que ele demarca significados diferentes em relação a homossexualidade masculina, tendo um maior alcance político e concretizando uma ruptura epistemológica. Falquet (2015) usa a perspectiva da antropóloga Nicole Claude Mathieu para afirmar que “[...] cada sociedade constrói e interpreta essas práticas sexuais e amorosas entre mulheres de forma diferente, e sua visibilidade e legitimidade variam enormemente segundo a concepção que cada sociedade tem do que é ser uma mulher ou um homem.” (FALQUET, 2015, p. 03)

Na breve historiografia que a autora traz, o “tribadismo” é considerado o termo pioneiro ao referir-se as experiências lésbicas e teria surgido no século XVIII. Falquet (2015) lembra que no século XIX, estas sujeitas foram patologizadas pela medicina e psicanálise freudiana que percebia a lesbianidade como uma “imaturidade” no desenvolvimento psicosssexual das mulheres. Ela defende que é difícil denominar o que é ser uma mulher na complexidade dos arranjos culturais e estende a dificuldade à definição da homossexualidade ou heterossexualidade, mas que é evidente que na maioria das culturas a heterossexualidade funciona como norma obrigatória, reservando as relações sexuais e amorosas entre mulheres aos locais de condenação e invisibilidade.

Ela destaca alguns conflitos da militância lésbica e do feminismo, afirma que o movimento lésbico teria surgido na década de 1960 e se associado a segunda onda do feminismo, mas que atritos ocasionados pelo falocentrismo do movimento feminista, teria afastado as mulheres lésbicas, que não sentiam suas demandas acolhidas e apoiadas. A autora destaca três grandes correntes dos movimentos lésbicos, que conciliavam as pautas feministas e as discussões sobre lesbianidade: lesbianismo feminista, lesbianismo radical e lesbianismo separatista.

Falquet (2015) destaca Monique Wittig e Adrienne Rich como duas autoras pioneiras que trataram sobre lesbianidade sob perspectivas diferentes, estas concepções serão apresentadas adiante. Além destes estudos, a autora destaca perspectivas que pluralizam as sujeitas lésbicas considerando recortes de classe, raça e masculinidades. O texto é finalizado lembrando que a miséria e exploração das mulheres tem se agravado em todo o mundo, especialmente nos países mais pobres, recorte que a autora faz por estar dentro da perspectiva materialista. Destaca também as violências específicas dirigidas às lésbicas, que vem sendo perseguidas, reprimidas, castigadas e assassinadas.

Em “Heterossexualidade compulsória e existência lésbica”, Adrienne Rich (2010) evidencia as submissões que as instituições direcionam as mulheres e a suas consequências, dentre elas, a feminilização da pobreza. Rich (2010) expõe também violências específicas direcionadas as lésbicas dentro e fora do feminismo, como a rejeição, perseguição, demissões, o enclausuramento do armário, o apagamento e a interseção da violência. A autora alerta para o apagamento das experiências lésbicas no pensamento feminista, postura que classifica como antifeminista e recorre a um *continuum* lésbico que:

[...] possa incluir um conjunto – ao longo da vida de cada mulher e através da história – de experiências de identificação da mulher, não simplesmente o fato de que uma mulher tivesse desejado uma experiência sexual genital com outra mulher. Se nós ampliamos isso a fim de abarcar muito mais formas de intensidade primária entre mulheres, inclusive o compartilhamento de uma vida interior mais rica, um vínculo contra a tirania masculina, o dar e o receber de prática e político. (RICH, 2010, p. 36)

Rich (2010) apresenta duas perspectivas comuns nas ciências sociais e na literatura sobre mulheres, conforme estas representações existem duas orientações naturais/inatas dirigidas das mulheres que as direcionam para os homens e continuidade de sua prole; quanto as lésbicas, estas estariam apenas apresentando suas amarguras diante dos homens. A autora problematiza o apagamento das experiências lésbicas e critica o não reconhecimento da existência lésbica pelas feministas, acredita que todas as

mulheres devem se colocar contra a heterossexualidade compulsória; ou seja, contra a ideia de que homens e mulheres são predispostos naturalmente a heterossexualidade. Rich (2010) trata a heterossexualidade compulsória como uma mentira que desmobiliza toda tentativa de organização entre mulheres, as aprisionando:

Essa mentira coloca um sem-números de mulheres aprisionadas psicologicamente, tentando ajustar nossa mente, o espírito e a sexualidade dentro de um roteiro prescrito, uma vez que elas não podem olhar para além do que é aceitável. Ela absorve a energia de tais mulheres e drena até mesmo a energia das lésbicas ‘no armário’ – a energia exaurida em uma vida dupla. A lésbica que está presa ‘no armário’, a ideia que está aprisionada por ideias prescritivas do que é ‘normal’ compartilha as dores das alternativas não alcançadas, das conexões rompidas, do acesso à sua autodefinição de modo livre e poderosamente assumido. (RICH, 2010, p. 36)

A autora parece colocar a heterossexualidade compulsória como o principal meio de opressão das mulheres, pois “... assegura o direito masculino de acesso físico, econômico e emocional a elas. Um dos muitos meios de reforço é, obviamente, deixar invisível a possibilidade lésbica...” (RICH, 2010, p. 34). Ela defende que a heterossexualidade concebe lugares/personalidades sociais a homens e mulheres, que estão expostas e submetidas a escravidão sexual, que atinge a todas as mulheres de alguma forma. A partir disso, começa a contestar a sexualidade como categoria natural e a defende como algo que é ensinado a homens e mulheres.

[...] uma das formas de falsa consciência que serve à heterossexualidade compulsória é a manutenção da relação mãe-filho entre mulheres e homens, inclusive a partir da demanda de que as mulheres provenham conforto materno, cuidado, sem julgamentos, e compaixão com seus molestadores, estupradores e espancadores, assim como os homens que passivamente as vampirizam. (RICH, 2010, p. 34).

A autora coloca a existência lésbica como a forma de contestar a heterossexualidade compulsória e se nega a colocá-la como equivalente à homossexualidade masculina, pois isso é o mesmo que apagá-la mais uma vez e destituí-la de sua história e existência política. Rich (2010) defende a existência lésbica como um modo de romper com esse modo compulsório de vida, um ataque ao masculino através do acesso as mulheres, um ato de resistência. Conforme a autora, é devido a esta potencialidade de derrubar a heterossexualidade compulsória que a existência lésbica deve ser apagada e todas os seus registros destruídos, a ela cabe a invisibilidade, o ódio, a violência, a culpa, a autonegação e a dor.

O *continuum* lésbico é colocado como meio de saída desse mundo heterossexualizado que é consequentemente masculinista ao conceber ao homem os lugares de privilégio e exploração do corpo/trabalho da mulher. Rich (2010) avalia que a

experiência do *continuum* lésbico vem conquistando êxito no movimento de mulheres negras na África e nos Estados Unidos. Ele se apresenta como saída até para se pensar o erotismo de forma diferente, “em termos femininos”, como defende a autora, descobriríamos que:

[...] ele (o erotismo) não é confinado a qualquer parte do corpo ou apenas ao corpo em si mesmo; como uma energia não apenas difusa, mas a ser, tal como Audre Lorde chegou a descrever, onipresente no ‘compartilhamento de alegria, seja física, seja emocional, seja psíquica’ e na repartição de trabalho; que o erótico é como alegria que se fortalece e que ‘nos faz com menos vontade de aceitar a ausência de poder ou, então, aqueles outros estados adquiridos do ser, que não são nativos para mim, tal como a resignação, o desespero, a depressão e a autonegação’. (RICH, 2010, p. 37).

O artigo “O pensamento hétero” de Monique Wittig (1980) apresenta outra concepção pioneira sobre a lesbianidade. A autora inicia suas discussões atacando a linguagem/discurso como importante elemento da política, na qual está em jogo a disputa de poder. O ciclo de produção discursiva - no qual os discursos se encaixam, se reforçam e originam outros discursos - é atacado pela autora por sua rigidez e naturalização. Wittig (1980) expõe esse caráter estático do discurso como meio de assegurar opressões fazendo com que o oprimido esqueça a causa material da sua opressão, está baseada assim, numa a-historicidade: “[...] esses discursos produzem uma leitura científica da realidade social na qual os seres humanos são dados como invariantes, não tocados pela história e não trabalhados por conflitos de classe, com psiques idênticas porque geneticamente programadas.” (WITTIG, 1980, p. 01)

A autora fala de um contrato psicanalítico, no qual a pessoa oprimida é obrigada a comportar-se conforme pressuposto socialmente, quando a pessoa foge a este padrão ocorre um rompimento do contrato, demonstrando que ele não foi feito com consentimento, que se trata de acordo forçado. Wittig (1980) começa assim a atacar o pressuposto da heterossexualidade, que trata como uma relação social obrigatória. Em sua concepção, são os discursos heteronormativos que mais oprimem as mulheres, as lésbicas e os homens homossexuais:

Estes discursos de heterossexualidade oprimem-nos no sentido em que nos impede de falar a menos que falemos nos termos deles. [...] Esses discursos negam toda a possibilidade de criar nossas próprias categorias. Mas, a sua ação mais feroz é a implacável tirania que exercem sobre os nossos seres físicos e mentais. (WITTIG, 1980, p. 01)

Wittig (1980) fala que discursos hegemônicos como os publicitários, pornográficos, cinematográficos, midiáticos (em geral) e científicos produzem

significados sobre a dominação das mulheres. Destaca o discurso pornográfico como uma estratégia de violência contra as mulheres, pois exerce poder sobre estas sujeitas e se configuram como um crime contra a humanidade feminina, pois humilha e promove o medo.

Fundamental destacar que a autora faz distinção entre lésbicas e mulheres, pois “ser mulher” é uma categoria que a experiência lésbica transtorna. Visto que “ser mulher” carrega marcas específicas, consequência da história e da cultura. Assim a lésbica não seria uma mulher, pois quando a mulher não cumpre o seu papel histórico, cultural e social, ela quebra o contrato heterossexual, único sistema econômico e de pensamento em que a “mulher” existe em todos os seus significados. A ideia central do texto de Wittig (1980) é que o “pensamento hetero” ordena as relações humanas, não considerando nada que não se encaixe no que está posto, ele:

[...] desenvolve uma interpretação totalizante da história, da realidade social, da cultura, da linguagem e simultaneamente de todos os fenômenos subjetivos. [Ele] universaliza a sua produção de conceitos em leis gerais que reclamam de ser aplicáveis a todas as sociedades, a todas as épocas, a todos os indivíduos. Assim, fala-se de conceitos como a troca de mulheres, a diferença dos sexos, a ordem simbólica, o inconsciente, o desejo o *jouissance*, a cultura, a história, dando um significado absoluto a estes conceitos, quando são apenas categorias fundadas sobre a heterossexualidade, ou sobre um pensamento que a heterossexualidade, ou sobre um pensamento que produz a diferença entre os sexos como um dogma político e filosófico. (WITTIG, 1980, p. 01)

O discurso defendido por Wittig (1980), de distanciar as lésbicas do “ser mulher” é uma estratégia de transformação de conceitos chaves, pois ao usarmos os termos da matriz heterossexual estamos contribuindo para a sua manutenção. Assim, a proposta da autora é transformar primeiramente a linguagem e disputar o poder no campo político.

Por fim, gostaria de destacar as contribuições das autoras aqui trabalhadas nos atuais estudos sobre gênero, como por exemplo, a apropriação da categoria da “heterossexualidade compulsória”, bastante difundida entre os estudiosos *queer*, como uma herança de Rich. Aliás, muitas problematizações pós-estruturalistas do gênero partiram do pensamento lésbico, constituídos por Rich e Wittig, que são pioneiras no entendimento da heterossexualidade enquanto instituição política.

Notas sobre como as sapatonalidades foram tratadas no contexto brasileiro

No artigo “A homossexualidade feminina na história do Brasil: do esforço de construção de um objeto histórico ao desdobramento na construção da cidadania”, a autora Cláudia de Oliveira (2017) empenha esforços para construir uma história sobre a

lesbianidade¹⁷ no Brasil. Destaca que a principal dificuldade é a invisibilidade acadêmica sobre o tema ao longo da história. De acordo com seus levantamentos existem muitas produções sobre mulheres, mas os trabalhos quase nunca privilegiam esta categoria como um recorte. Entre os séculos XVI e XVIII, a autora afirma que o silêncio é total, não há documentos sobre tais práticas. Então, volta-se para os discursos da Igreja e da medicina do período colonial, conseguindo recuperar a história das sapatonas desde o século XIX.

Oliveira (2017) aponta Luiz Mott¹⁸ e Ronaldo Vainfas¹⁹ como pesquisadores importantes sobre a temática e durante o seu artigo, faz várias referências aos autores. Recuperando por exemplo como o Santo Ofício²⁰ tratava as mulheres nefandas, acusadas do crime de sodomia. Conforme a autora, o Santo Ofício registrou a prática de sodomia entre 29 mulheres dos 130 casos identificados entre 1591/1595. A autora destaca que não era simples para a Igreja acusar as mulheres de sodomias, porque a prática previa penetração do canal anal e ejaculação, só possível através do pênis. Assim, a sodomia era classificada como própria (perfeita), quando praticada por homens e imprópria (imperfeita), quando praticada por mulheres. Por ser imperfeita a prática era considerada e tratada como menos grave. O que Oliveira (2017) quer destacar com isso, é que os casos de relações homossexuais femininas²¹ não eram ignorados pelas leis portuguesas.

A autora recupera também como as práticas homoeróticas femininas eram percebidas. Neste percurso histórico, percebe que estas relações eram vistas como brincadeiras pueris, forma de manter a honra da virgindade, evitar os riscos à castidade e como uma maneira de driblar a autoridade dos pais. Estes modos de ver eram comuns nas análises de prática sexuais entre moças. Quando se tratava de mulheres adultas e/ou viúva, as práticas eram tratadas como decepção com relação aos homens. Oliveira (2017) interpreta esses modos de ver as práticas como uma forma de negação do desejo, conforme se pode atestar:

A documentação histórica e a narrativa do historiador parecem resistir à ideia de que as relações entre mulheres davam-se pela simples motivação de que elas sentiam desejos entre si. É muito frequente observar que, tanto nas narrativas de época como nas da posteridade, há tentativas de encontrar outros fatores, que não seja a do desejo homoerótico como motivador para explicar as experiências lésbicas. (OLIVEIRA, 2017, p. 05)

¹⁷ Termo utilizado pela autora.

¹⁸ Luiz Roberto de Barros Mott é um antropólogo, historiador e pesquisador, e um dos mais conhecidos ativistas brasileiros em favor dos direitos civis LGBT.

¹⁹ Ronaldo Vainfas (Rio de Janeiro, 1956) é um historiador e professor brasileiro.

²⁰ O Santo Ofício é a maneira simplificada de referir-se à Suprema Sagrada Congregação do Santo Ofício, como passou a ser chamada a Inquisição - Tribunal da Igreja Católica Romana para combater as heresias.

²¹ Uso esta categoria, porque é a utilizada pela autora.

Apesar dessa leitura que faz dos entendimentos dos historiadores e dos documentos históricos sobre as sapatonalidades, a autora reconhece que os registros confirmam a existência de “convívio íntimo” entre mulheres no Brasil Colônia. O que, inclusive, faz Oliveira (2017) poder afirmar que existiam convívios que extrapolaram hierarquias socioeconômicas e barreiras raciais, nas quais mulheres brancas casadas se envolvessem com negras (escravas ou alforriadas), mulheres brancas pobres e índias. As mulheres brancas são referências, porque eram os principais alvos da inquisição. A autora destaca diretamente:

Em decorrência de essas mulheres terem caído nas mãos da igreja, proporcionando a abertura dos processos inquisitoriais, a historiografia brasileira conseguiu oferecer visibilidade às práticas de homossexualidade feminina, ainda que de forma fragmentária e com poucas informações. A ironia de suas histórias é que se os processos não tivessem sido abertos, provavelmente, suas relações ficariam restritas ao universo do cotidiano e das relações de cunho privado e suas existências seriam muito mais difíceis de serem historicizadas. (OLIVEIRA, 2017, p. 07)

No século XIX e XX, a autora recupera discursos do direito e da medicina, que em sua concepção, substituíram os discursos da Igreja Católica como referência e “[...] ditavam normas de condutas e comportamentos a serem seguidos pelas mulheres.” (Oliveira, 2017, p. 08). Assim, Oliveira (2017) destaca as teses de doutoramento de médicos, criminologistas e antropólogos brasileiros e europeus sobre a sexualidade e comportamentos femininos, que a seu ver, reiteraram os papéis da mulher de forma secundária.

Nos levantamentos da autora, a homossexualidade²² era considerada uma degeneração sexual e as pessoas que a tivessem e cometessem um crime, deveriam ter isso levado em conta e em caso de condenação. A pena deveria ser paga no hospício, eram considerados loucos e doentes, que deveriam ser tratados e curados por uma homossexualidade, que teria origem em problemas fisiológicos relacionados ao sistema endócrino. No caso das mulheres, a homossexualidade seria decorrente de enfermidades ou lesões genitais ou promovidas pela menstruação, que também era tida como a responsável de desequilíbrios físicos, intelectuais e mentais ou ainda pela histeria.

Alguns estudos também mapearam comportamentos dessas sujeitas, classificando-os como: masculismo, erotismo, safismo, tribadismo, ninfomania, clitorismo e lesbianismo. Nestes estudos, a educação é apontada como um instrumento de controle para evitar a homossexualidade. Professores e cientistas, deveriam atuar

²² Termo usado pela autora.

juntos contra essas práticas tidas como perigosas e/ou de alto risco. Por isso, inaceitáveis. Assim, Oliveira (2017) destaca que:

Embora as teses médicas brasileiras, publicadas durante meados do século XIX e início do XX, tivessem objetivos pretensamente científicos, racionais e supostamente neutros, observamos que elas estavam permeadas por julgamentos de valor e condenação moral e subjetiva. Muitos médicos não apenas descreviam as práticas sexuais vivenciadas entre mulheres, mas as nomeavam de maneira tendenciosa e pejorativa, quando, por exemplo, afirmavam que mulheres masculinizadas agiam como monstros ou bestas feras. O suposto tratamento dado para os casos de lesbianidade também carregava sentido moralizador quando os médicos apontavam serem duas as formas mais eficazes para combater comportamentos desviantes e degenerativos femininos: a educação e o casamento. (OLIVEIRA, 2017, p. 10)

Oliveira (2017) recupera um trabalho do início do século XX do historiador, Alcidesio de Oliveira Júnior, que analisou o caso de uma mulher negra solteira, que se vestia e se comportava como homem, E.R. A autora recupera as características de E.R no trabalho:

E.R. costumava beber com mulheres e gostava de contar suas proezas de valentias. Como consequência de atritos frequentes com a família, motivados pela não aceitação da vida que levava, ela resolveu fugir de casa. Como profissão, era cozinheira, mas não nutria interesse por esta atividade. O que desejava mesmo era alistar-se no serviço militar, o que não ocorreu. Ao contrário de muitas mulheres negras da sociedade brasileira, era alfabetizada. Teve grande número de amantes, entretanto, com muitas, utilizava da força física para manter-lhes relações sexuais. Nesse sentido, abordava e violentava mulheres em locais distintos: nos bondes, ônibus, festas ou em parque público. Com outras mulheres, no entanto, mantinha relações consensuais, para além da questão sexual, inclusive sustentando-as financeiramente, apesar da sua modesta profissão. E.R foi diagnosticada pelos médicos Antônio Carlos Pacheco e Silva e Olyntho de Mattos que expuseram seu caso na Sociedade de Medicina Legal e Criminologia de São Paulo. (OLIVEIRA, 2017, p. 11)

A autora destaca que foi E.R quem por conta própria procurou os médicos, porque não houve nenhuma denúncia contra ela, mas ela temia que alguma das suas vítimas a denunciasse e também queria “cura para os seus males”. Assim, E.R se submeteu a todas as investigações médicas e exames clínicos, mas nada foi atestado e apesar disso, ela foi considerada débil mental mitigada e foi tratada como doente, uma “endocrinopata criminosa” por ter seduzido e desvirginado moças. Oliveira (2017) faz algumas considerações que estão no próprio trabalho, como o fato de E.R não se considerar doente por ser homossexual, ela não queria torna-se mais feminina, apenas tinha medo de ser presa e tinha muita convicção de si e dos seus desejos.

Oliveira (2017) prossegue suas análises e observa que nas décadas de 1940 e 50 houve uma mudança no tratamento da lesbianidade pelos médicos brasileiros e retoma os

estudos da psiquiatra Iracy Ribeiro, que no período lançou sua tese levantando a pergunta de se a homossexualidade feminina poderia ou não ser considerada uma doença mental e a colocando como uma possibilidade humana. A autora destaca que apesar disso, a autora não descartava a possibilidade de patologia de alguns casos, que poderia implicar na deformação de toda a individualidade. No entanto, Oliveira (2017) não deixa de considerar que a medicina começava a dar um outro olhar a estas experiências.

Conforme a autora, nos anos de 1960, encerra-se a patologização e a problematização fica mais profunda devido ao surgimento de movimentos político-culturais mais revolucionários e contraculturais, problematizando os machismos, racismos e outras formas de opressão.

No Brasil, conforme Simões e Facchini (2009), o movimento LGBT começa a ganhar formas nos anos 70, o grupo Somos, de São Paulo, é considerado a primeira organização em prol dos direitos da população LGBT, era composto por homens e mulheres dissidentes de gênero. Aliado ao Somos²³, o Lâmpião de Esquina²⁴ começou a pautar no espaço social e político demandas referentes à população LGBT. Os autores afirmam que dentre as publicações do Lâmpião de Esquina, apenas duas matérias foram publicadas sobre lésbicas em colaboração com participantes do grupo Somos, que tratavam de vivências e sociabilidades. O Lâmpião teve dificuldades de estabelecer mulheres em sua linha editorial.

Conforme os levantamentos de Simões e Facchini (2009) houve uma cisão no movimento na década de 1980, na qual, as lésbicas perceberam a necessidade de romper com o movimento homossexual da época para ter suas especificidades mais visibilizadas. O anúncio do rompimento e da criação do Grupo de Ação Lésbico-Feminista foi feito no Lâmpião e recuperado pelos autores²⁵:

Não cabíamos no Somos enquanto mulheres... Temos que nos organizar separadamente para atender às nossas especificidades, o que não era absolutamente o caso das bichas... Isso não significa, porém, que estamos fora do movimento ou que sejamos apenas um grupo feminista... Trouxemos para o movimento homossexual o cunho revolucionário do movimento feminista... Queremos frisar que continuamos a ser um grupo lésbico e que o feminismo apenas nos acrescentou novas frentes de luta... Enquanto estivemos ilhadas em um grupo masculino, nossas atenções foram repartidas em função do inimigo

²³ Fundado em 1979, o Grupo Somos de São Paulo é considerado o primeiro grupo de militância LGBT do país.

²⁴ O Lâmpião de Esquina foi um jornal alternativo que pautava temas relacionados à gênero, destacando locais de sociabilidade, vivências, discussão entre termos, história, dentre outros. O Lâmpião lançou o número zero em abril de 1978 e se tornou um importante instrumento de mobilização política até a sua última edição em junho de 1981.

²⁵ Há de se observar que a citação que vem a seguir faz parte do campo dos autores e não uma análise dos autores.

comum: o machismo. Com nossa autonomia, concomitante ao crescimento do grupo, as diferenças entre nós se acirraram, já que passamos a nos preocupar com uma série de diferenças que antes não tínhamos nem condições de aprofundar. Então, se por um lado a autonomia nos deu maior liberdade de atuação e profundidade, por outro, também, aumentou a responsabilidade de nos reconhecermos e de convivermos com uma série de divergências nunca afloradas, por falta, inclusive, de um espaço específico. (SIMÕES; FACCHINI, 2009, p. 103)

O grupo de lésbicas se aliou ao grupo feminista SOS-Mulher, mas alguns tensionamentos levaram também a cisão. Os autores justificam a cisão em decorrência da separação de um casal de mulheres que estavam a frente dos movimentos e pelo fato das lésbicas sentirem sua pauta secundarizada dentro da pauta feminista. A epidemia da Aids nos anos de 1980, intensificou a militância no país em relação aos direitos da população LGBT com conquistas significativas nas áreas da saúde, como a elaboração do Plano Nacional de Saúde na era Fernando Collor de Melo (1991-1992). No ano de 1996, começa a acontecer encontros específicos de lésbicas, o I Seminário Nacional de Lésbicas (SENALE), que aproximou lideranças e levou a multiplicação de grupos especificamente de lésbicas.

Nas décadas de 2000, começam a se multiplicar os debates em torno das sapatonalidades tanto na produção cultural quanto nos estudos sobre gênero, que passam a estudar os movimentos e história das lésbicas, as representações dessas mulheres, suas narrativas de amor e violência, problematizando o uso de termos e da produção dessa subjetividade. Além disso, multiplica-se as conquistas referentes à cidadania LGBT, como por exemplo, às conquistas decorrentes da possibilidade de união estável em 2003.

Um sapato é só um sapato?: perspectivas das sapatonalidades pelas participantes do estudo

A pergunta do tópico parece que requer uma resposta óbvia em dois extremos. O primeiro, porque um sapato é só um sapato mesmo, o que mais seria? É “naturalmente”, feito para calçar os pés. O segundo, porque um sapato nunca é só um sapato se levarmos em consideração as suas especificidades e isso para além do que o mercado nos faz acreditar, mas porque cada sapato realmente é único, uns mais confortáveis, outros para parecer elegantes ou mais próximo do que é tido como feminino ou mais rico, outros para correr, outros para mudar a diferença de tamanho entre as pernas, uns para rejuvenescer, ou mostrar o gosto musical, o amor por esportes, entre outras funcionalidades de identificação, os sapatos são muito plurais.

A presente discussão traz entendimentos das sujeitas de pesquisa sobre os termos para se referir as sapatonalidades e sobre suas compreensões do que é “ser ou estar

sapatão”. Apesar de não pretender trazer um conceito, apresento este material como uma forma de alargar os entendimentos sobre sapatonalidades e mostrá-los em sua pluralidade. Os entendimentos apareceram nas narrativas de formas espontâneas e/ou provocadas por mim, quando o assunto não foi mencionando.

Os termos que se referem as sapatonalidades não são consensuais em relação as sujeitas de pesquisa que compõem este estudo e associo a questão a recortes geracionais e de classe de cada uma. Não há uma definição exata e consensual entre elas do que é ser/estar uma sapatona, alguns outros tensionamentos, como a relação e representações com a bissexualidade, foram transversais à reflexão sobre ser/estar sapatona, dentre estas, reflexões sobre a bissexualidade.

Em relação a esta demanda de responder ou afirmar o que é ser sapatão, a bissexualidade aparece como ponto central. Nas narrativas assumindo três formas diferentes. Em uma, aproximam-se esta experiência das sapatonalidades, com afirmações de que as bissexuais são também sapatonas. Em outras, as distanciam, com a negação destas experiências para afirmação de uma sapatonalidade verdadeira e; como uma fase pela qual algumas sapatonas passariam para enfim serem definidas ou se auto identificarem como sapatonas. Esta última perspectiva, me faz lembrar dos estudos de Butler (2010) e pensar a sexualidade não como um “ser”, mas como um “estar”, não fixo e fluído. A bissexualidade aparece nas narrativas ainda ligadas a alguns estereótipos, tais como, a ideia de que as mulheres desta orientação sexual são mais propensas a infidelidade ou são confusas ou só querem ficar com mulheres para se divertirem²⁶.

O certo é que estas questões que surgiram no campo, me levaram a conhecer e me perguntar sobre as sujeitas que compõem esta pesquisa e desestabilizar um conceito que para mim também estava essencializado: a ideia de que toda sapatão é homossexual. Então, busquei ouvir também sujeitas que se definiam como bissexuais ou pansexuais²⁷ que se definiam como sapatão ou defendiam que todas são sapatonas, com este perfil, como Glória e Flora.

Antes de partir para as conversas, gostaria de expor algumas notas sobre São Luís para além dos dados facilmente encontradas na internet. Guardo comigo uma visão de alguém que não nasceu em São Luís, mas que ao longo dos anos aprendeu a amar muitos pedacinhos dessa cidade. Me considero daqui, apesar de não ter bebido Baré de

²⁶ Quando o termo diversão foi utilizado, foi de forma negativa, como se as relações entre mulheres não tivessem a pretensão de uma troca maior do que a sexual ou pudessem requerer um envolvimento afetivo, dentro das expectativas de uma relação monogâmica, como muitas esperam.

²⁷ A entrevistada se define desta maneira porque acredita que se envolve com pessoas para além do gênero.

Casco²⁸ na infância ou de não entender desde sempre a expressão: “Hummm... dá um galeto com Coca-Cola para ela, então” ou nunca ter usado a expressão “zilado”²⁹. A cultura de São Luís é uma das coisas mais encantadoras que já conheci na vida, a música de César Nascimento, Ilha Magnética³⁰, que afirma que “se um dia eu for embora para bem longe deste chão, eu jamais te esquecerei São Luís do Maranhão” é um sentimento por mim compartilhado.

Em São Luís experimentei, a maior parte da minha vida, que coincidiu com o período de descoberta de amores e orientação sexual. Tenho uma visão romantizada da cidade, que não gostaria de perder. Foi na Ilha do Amor³¹, que como a maioria das sujeitas aqui presentes, experimentei os melhores, os piores e os mais inesquecíveis amores da minha vida. Além da cidade do amor e das lendas que secularmente são contadas sobre São Luís, como a da serpente que quando encontrar o rabo vai engolir a capital ou as histórias sobre as crueldades de Ana Jansen³², São Luís tem uma energia sexual muito forte, a impressão que eu tenho é que tudo na cidade termina em transas, seja rivalidade, ciúmes ou crushs³³ históricos. O rebuceteio³⁴ é uma coisa gigantesca na cidade, se brincar todo mundo já se pegou e hoje são melhores amigas. Mas, a confidencialidade das identidades não me permitem a elaboração de um mapa com todas estas histórias, fica para quando “a serpente acordar e nunca mais a cidade dormir”³⁵.

Em todas as ocasiões, deixei as sujeitas livres para escolher as horas e os locais de realização das conversas, fugimos para as praias, bares no centro da cidade e as conversas renderam ao som do mar, dos reggae, de pagodes dos anos de 1990 e por último de músicas que se eternizaram nos anos de 1980. As duas últimas entrevistas foram conversas menos intimistas, foram realizadas também com duas sujeitas que eu não

²⁸ Refrigerante de casco no sabor guaraná, que foi comercializado em muitos estados na década de 1990, mas que, atualmente, é vendido apenas em algumas cidades do Amazonas.

²⁹ Expressões que ouço de amigos ludovicenses, um Galeto com Coca-Cola é utilizado quando alguém quer insinuar que você gosta muito de alguém, zilado é rápido. Não conheço a origem das expressões.

³⁰ César Nascimento é um cantor e compositor maranhense, que tem músicas no estilo reggae relacionadas ao cotidiano ludovicense, Ilha Magnética e Maguinha do Sá Viana estão entre os seus maiores sucessos, que são tocados em muitos bares da ilha, exaltando o amor e admiração pela cidade.

³¹ Ilha do amor é um dos nomes pelos quais São Luís é conhecida, sendo chamada também de Athenas Brasileira, Ilha Rebelde, em decorrência de fatos históricos e comparações.

³² Ana Joaquina Jansen Pereira (1797- 11 de abril de 1869) foi uma empresária e política brasileira, que se tornou uma personagem controversa na história do Maranhão por sua crueldade com seus escravos e tornou-se lenda, sendo um espírito sem paz que anda atordoada em sua carruagem a vagar pelas ruas da Cidade.

³³ Crushs é a forma atual de se referir às pessoas que desejamos e às vezes, nem sabem da nossa existência.

³⁴ Rebuceteio é uma gíria entre as sapatonas que significa uma teia de relações nas quais todos os pontos acabam se envolvendo afetiva ou sexualmente.

³⁵ Música de Zeca Baleiro que é interpretada por muitos artistas locais e que lembram a lenda da serpente que irá destruir a cidade quando estiver grande o suficiente.

conhecia, então, como elas optaram, o encontro ocorreu na UFMA. Com certeza, preenchemos estes lugares por mais amores e safadezas.

Vivo esta cidade muito intensamente e sei o significado de sentarmos no Bar do Léo³⁶, no Shopping Rio Anil³⁷, em bares na Praia³⁸, no Bar do Jorge³⁹ ou no Bar do Fla⁴⁰ para compartilhar histórias de vida consideradas dissidentes. Em muitos desses lugares, foram publicizadas histórias de expulsão por trocas de carícias entre pessoas do mesmo gênero. O Bar do Fla foi retirado da lista de lugares da militância para beber, porque abertamente, declarou apoio a Bolsonaro nas eleições de 2018⁴¹.

O Bar do Jorge que fica ao lado do Fla, virou símbolo de resistência, os dois bares ficam na Rede Ferroviária Federal (REFFSA)⁴², onde há uma intensa militância pela resistência da produção cultural. O Bar do Léo tem a fama de ser o bar histórico da esquerda e tem sido evitado por alguns frequentadores em decorrência de um relato de homofobia no bar. O Big Joe⁴³ é um lugar um pouco mais elitizado, porque fica na Lagoa, parece reunir majoritariamente jovens que curtem rock. Os demais bares citados, com exceção do Léo, que reúne uma elite dita intelectual (quando utilizei o termo para o Big Joe, me referia a uma distinção mais econômica), são mais populares e diversos em relação ao público, são mais baratos e localizados em locais mais boêmios da cidade, como a Reffsa e também possuem o hábito de fechar tarde e transmitir jogos de futebol.

Foram nesses contextos que eu e as sujeitas da pesquisa nos reunimos para falar de amores, prazeres e outras vivências. Inicialmente, as sujeitas da pesquisa eram compostas apenas por amigas minhas, no entanto, após cinco conversas realizadas, passei a conversar com mulheres que não eram do meu círculo social, o que me fez experimentar

³⁶ O Bar do Léo fica no mercado público do bairro Vinhais, que fica próximo ao centro geográfico da cidade. O Bar tem um estilo vintage, decorado com instrumentos velhos, como discos de vinis, carruagens. As mesas são de costura, há também CDS e várias máquinas antigas.

³⁷ O Shopping Rio Anil está localizado na Avenida São Luís Rei de França, é um dos shoppings mais populares da cidade, por ser um dos mais baratos, concentrando lojas como Riachuelo e CeA.

³⁸ Os bares são localizados na litorânea e na Ponta da Areia, praia que possuem acesso mais fácil.

³⁹ O Bar do Jorge leva o nome do proprietário, que é um homem muito cordial e aceita sugestões da programação do bar. O Bar fica localizado atrás da Reffsa, que possui um grande fluxo de ensaios, shows e atos políticos.

⁴⁰ O Bar do Fla recebe este nome por reunir torcedores do Flamengo, sendo os garçons e proprietário declaradamente flamenguista. Quase toda a programação do bar é dedicado à exibição de jogos. O bar está localizado também na Reffsa.

⁴¹ Em 2018, muitos clientes abandonaram o bar, que se posicionou a favor do candidato Jair Bolsonaro hasteando a bandeira e colocando músicas do candidato, que em seus discursos criminalizam e deslegitimam os fazedores de cultura e LGBTs.

⁴² Prédio que abrigou a antiga Rede Ferroviária Federal S/A, no local ficava a Estação Ferroviária João Lisboa foi inaugurada em 1929 e era um dos principais pontos de partidas de pessoas que queriam deixar a capital para o interior. O local concentra muitas festas e é o local onde mora e ensaiam muitos artistas da ilha.

⁴³ O Big Joe é um bar e tabacaria que fica localizado na Lagoa e que possui produtos um pouco mais caros, possui geralmente um público jovem que está ligado ao cenário de rock local.

três momentos distintos de pesquisa de campo. O primeiro, no qual eu era bem Íntima das sujeitas, conhecendo e por vezes, compondo suas histórias; um segundo momento, no qual conhecia pouco as sujeitas de forma menos íntima e; um terceiro momento, no qual a entrevista foi o nosso primeiro contato.

É importante ressaltar que há um contexto e um ponto de vista de onde percebo a cidade, a minha São Luís, tem um contexto específico de alguém que cursou a UFMA e frequenta locais de cultura popular na cidade. Sei que existem muitas outras cidades, das quais ainda não tive acesso e sei que algumas pessoas também nunca experimentaram a São Luís dos meus olhos.

Aimée, Mirela, Bárbara, Virgínia e Glória, eu já conhecia antes. Aimée e Mirela são amigas de longas datas e tivemos total liberdade de conversar e elaborar suas histórias. Talvez por isso, tenha começado por elas, como se com elas eu tivesse liberdade de errar. Conversamos muito e nestas conversas, me senti mais próximas delas, cada uma advogando por seu ponto de vista e me convencendo sobre ele. Eu fui ouvinte dos dois pontos de vistas da mesma história e ao final, me tornei confidente dos amores passados e atuais das duas.

De Virgínia, que conhecia há pouco tempo, eu conhecia menos dos seus amores, sabia apenas dos atuais, nossas conversas eram sempre assim, de abrir o coração sem medos. Eu queria usar Virgínia para saber se eu estava no caminho certo de pesquisa e o que Virgínia fez foi me tirar do chão, me deixou falando sozinha por dias com sua vida e com sua trajetória. É impressionante como não conhecemos tão bem as pessoas como achamos. Acho que essa conversa foi a que mais mexeu comigo, fiquei me questionando sobre meu modo de ver a vida, os amores e os prazeres.

Com Bárbara, eu também tinha más intenções, eu queria saber o que ela sente, o que ela pensa e entender muitos porquês. Como pesquisadora, ganhei na loteria. Bárbara trouxe muitos elementos diferentes para que eu pudesse pensar as sapatonalidades e outras relações. Foi através das concepções de Bárbara, que decidi entrevistar Glória e resignificar a bissexualidade no meu trabalho.

Com Glória, tive a impressão que ela estava me mostrando a sua vida para entendê-la e entender os seus processos. Por vezes, ela se debruçou nas análises de sua composição enquanto sujeita para entender o processo pelo qual tinha passado no último ano, nas quais ela lutava para as relações amorosas não mais lhe acorrentarem a uma vida que ela não deseja mais ter. Apesar de nos conhecermos, Glória teve vergonha em alguns momentos de falar enquanto o gravador estava ligado.

Bia, Maria e Fernanda fazem parte das meninas que eu não conhecia muito bem. Bia conheci por colegas de trabalho e ao final, aceitou conversar comigo. Em meses de convivência, eu nunca tinha percebido o tamanho do coração de Bia, como tínhamos uma relação de ficar falando sobre transas, não tivemos muito entraves, foi uma noite muito agradável. Já com Maria, falar de práticas sexuais foi inicialmente, desconfortável para ela. Conversamos mais sobre isso com o gravador desligado. Mas, com um pouco de esforço a conversa fluiu bem e hoje em dia, temos um maior contato. Lembro que quando marquei a conversa com Maria fiquei um pouco desconcertada, por a pesquisa se realizar em sua casa. No entanto, ela me deixou muito à vontade. Já com Fernanda, a conversa fluiu muito bem, como se sempre tivéssemos nos conhecido, como se já nos conhecêssemos há anos e ela estivesse me atualizando dos acontecimentos da sua vida. Sem travas ou amarras, bebemos e falamos de tudo.

Por fim, Rosi e Flora foram presentes do destino. Eu tinha mais três entrevistadas previstas, que deram problema na hora de marcar, então, optei por buscar meninas desconhecidas e foi assim, que cheguei em Rosi e Flora, que foram outras duas boas experiências. Apesar de que considero, que com elas algumas coisas passaram mais despercebidas na hora da conversa, porque era a primeira vez que conhecia suas histórias.

Destaco que tenho compartilhado meu diário com as sujeitas, a ideia era que elas pudessem editar algumas narrativas. Assim, o que for suprimido deve tornar-se dados de análise, no entanto, tenho pactuado que as supressões sejam apenas relacionadas a elementos textuais, que possam identificá-las. Tomei tal decisão como forma de não violar as relações das mesmas e uma forma de buscar que a história escrita foi fidedigna ao que me foi relatado.

Desta maneira se compuseram o grupo de sujeitas que compartilhou de suas vidas comigo. Abaixo trago informações gerais delas, algumas categorias parecem trazer uma unidade da experiência, mas graças ao eterno presidente Lula⁴⁴, apesar de todas as entrevistadas terem acesso ao Ensino Superior, elas possuem origens sociais diferentes e trajetórias dentro e fora da academia, plurais, inclusive, em relação aos cursos.

⁴⁴ Durante o Governo do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2010) foram tomadas medidas de expansão do Ensino Superior e democratização do acesso com medidas como o Programa Universidade para todos, o Sisu, o Prouni e a aprovação de cotas raciais e sociais.

NOME	Idade	Escolaridade	Est. Civi	Raça	Classe	Profissão	Local e n° de conversas
Aimée	49	Ens. Sup. Completo	Solteira	Parda	Média	Advogada	Bares na praia e lanchonete (05)
Mirela	35	Ens. Sup. Completo	Namorado	Parda	Baixa	Professora	Bar na Praia (01)
Virgínia	35	Ens. Sup. Completo	Solteira	Negra	Baixa	Estudante	Bar do Jorge (01)
Bárbara	24	Ens. Sup. Completo	Namorado	Negra	Média Baixa	Advogada	Shopping Rio Anil e Bar do Léo (02)
Glória	28	Ens. Sup. Incompleto	Solteira	Branca	Baixa	Estudante	Bar do Jorge e casa da entrevista (02)
Bia	24	Ens. Sup. Completo	Solteira	Branca	Média	Advogada	Big Joe da Lagoa (01)
Maria	33	Ens. Sup. Completo	União estável	Não Branca	Média	Produtora Cultural	Casa da entrevistada (01)
Fenanda	20	Ens. Sup. Incompleto	Solteira	Branca	Média	Gestora de RH	Bar do Jorge (01)
Rosi	28	Ens. Sup. Completo	Casada	Negra	Baixa	Ed. Física	UFMA (01)
Flora	24	Ens. Sup. Incompleto	Casada	Branca	Baixa	Recepcionista	UFMA (01)

A seguir serão apresentadas as sujeitas das pesquisas, suas particularidades e concepções sobre sapatonalidades. Esta parte está dividida em tópicos com falas marcantes das sujeitas.

“É o que eu sou!”

O dia inicial da pesquisa aconteceu meio sem planejamento, em um sábado de manhã, 27 de dezembro de 2017, quando saí com Aimée⁴⁵ para ela pagar hipoteca de sua casa. Eu já havia a convidado para participar da pesquisa, ela aceitou e ficou muito empolgada, me cobrando repetidas vezes que iniciássemos as conversas. Foi com Aimée que os rumos da pesquisa mudaram e eu optei pelas narrativas. Depois que iniciamos foram aproximadamente mais cinco conversas e mais uns três relatos pelo WhatsApp⁴⁶.

Conheci Aimée há uns seis anos atrás quando namorava uma amiga que conheci pouco antes dela e desde então estamos cada vez mais próximas, construímos uma amizade. A pesquisa tem sido também um outro meio de aproximação, porque percebo que me tornei uma pessoa com quem ela se sente à vontade para falar de si e de suas decisões afetivas. Ela é uma apaixonada por cinema, inclusive, escolheu o nome Aimée em homenagem ao filme “Aimée e o Jugar”⁴⁷, que marcou a história da primeira mulher que considera ter amado. Em cartas trocadas, era assim que se chamavam.

⁴⁵ Optei por utilizar nomes fictícios para preservar a identidade das entrevistadas.

⁴⁶ WhatsApp é um aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz para smartphones. Além de mensagens de texto, os usuários podem enviar imagens, vídeos e documentos em PDF, além de fazer ligações grátis por meio de uma conexão com a internet.

⁴⁷ Trata-se de um drama alemão, dirigido por Max Farbebock e narra a história de amor de uma judia com a esposa de um soldado alemão em plena Segunda Guerra Mundial.

Quando falei do projeto para Aimée, ela ficou muito empolgada por ser apaixonada por “cinema e literatura gay”, foco inicial da dissertação. Antes de declararmos o início das conversas que contariam para análise do meu trabalho, ela sempre puxava o assunto e eu pedia calma até que a proposta estivesse consolidada. No dia que decidimos começar, Aimée tinha falado muito de sua relação com a família e com o seu casamento.

A escutei com atenção e não gravei o que ela disse, apenas escrevi quando cheguei em casa, achava que assim ficaríamos mais à vontade. Entre uma atividade e outra que realizamos neste dia, paramos para tomar um caldo, que Aimée adora, pelo centro da cidade. Ela conhece muito bem a cidade, principalmente, o centro, onde trabalha atualmente como servidora pública comissionada e onde trabalhou durante 16 anos como bancária de um banco privado. As outras conversas ocorreram algumas semanas depois, sempre na praia, enquanto caminhávamos ou bebíamos algumas cervejas. Em todas as ocasiões, estávamos acompanhadas de alguma das minhas irmãs, das quais ela também é amiga. Na segunda conversa, Aimée perguntou sobre mim e minha família, acho que ela queria estabelecer mais uma relação de troca comigo, na qual eu também pudesse falar das minhas experiências, dos meus sentimentos, uma estratégia de se igualar a mim. A partir da terceira comecei a gravar as conversas com Aimée.

Aimée é formalmente casada com um homem há aproximadamente 25 anos, mas atualmente, ela considera que os dois vivem como amigos, relação que Aimée deseja romper para, enfim, “viver como ela é e o conforme o que ela quer”. Aimée tem 49 anos, é mãe e cuida da sua mãe, suas relações familiares e a condição de instabilidade financeira ainda a aprisionam ao casamento. Aimée é formada em direito e estuda história, se autodeclara parda e de classe média, média, por ocupar um cargo comissionado. Aimée gosta de ir ao cinema, de viajar e de ir a festas. Ela é espírita e geminiana.

Aimée é a mais velha das entrevistadas, em sua juventude conviveu com o período em que o termo sapatão era usado apenas de forma pejorativa, prefere utilizar o termo gay, porque acha mais “bonito”. Nas suas narrativas sobre suas relações amorosas, um ponto em comum é que ela sempre conheceu suas namoradas por intermédio de amigos, que é uma marca da socialização destes grupos nos anos de 1980 e 1990, período no qual Aimée viveu suas primeiras relações homossexuais. Uma outra marca das relações de Aimée é a não manifestação de afeto público: ausência de toques, beijos e não anda de mãos dadas. As demonstrações de carinho nas relações de Aimée são apenas em locais que considera seguro, que são, geralmente, perto dos seus amigos que são “gays” também.

Analisando a sua trajetória, Aimée não descreve suas experiências sexuais como vivências fixas e definitivas. Uma das suas primeiras afirmações, durante as nossas conversas que seguiram uma lógica cronológica, na qual, Aimée inicia relatando como conheceu o seu atual esposo. Ela afirma que já o amou e que gostava das transas entre eles e assim, afirma que já foi heterossexual, depois “bi” e que atualmente é “gay”. Nas suas falas, repetidas vezes, Aimée lembra que o amor pelo esposo existiu e que quando do casamento, não se tratava de dois amigos que se casaram, mas que ao longo do tempo se tornaram “amigos que decidiram manter um casamento”.

Neste primeiro momento, a orientação sexual de Aimée aparece relacionada aos seus sentimentos: ela primeiro se envolveu afetivamente com homens, depois com uma mulher, mas não deixa o homem e depois passou se relacionar apenas com uma mulher. Isso que inicialmente parece definir a orientação sexual para Aimée. No entanto, não é só isso, ela continua e chega ao relato da primeira vez que ficou e se interessou por uma mulher, antes disso, ela se percebia como heterossexual. E apesar de ter apontado como marco de sua bissexualidade ou encerramento de sua heterossexualidade, o fato de ter ficado com uma mulher, Aimée recorda episódios anteriores que a fazem refletir hoje se não eram as primeiras manifestações da sua bi/homossexualidade. O primeiro relato é uma recordação de quando ela tinha 12 anos de idade e admirava o corpo de uma colega, mas Aimée não sabe definir se esta admiração era um desejo sexual ou um desejo de ter um corpo igual ao da colega.

No segundo exemplo, Aimée lembra de algumas inquietações provocadas pelo livro “Eu sou uma Lésbica” de Cassandra Rios e recorda que o livro lhe trouxe muitas inquietações e rendeu algumas masturbações, quando imaginava as histórias contadas. O último exemplo que Aimée pontua é a curiosidade provocada pelo contato com alguns amigos “gays”, que lhes contavam suas “aventuras”. Aqui a sapatonalidade aparece relacionada ao desejo e às práticas sexuais.

Posteriormente, perguntei diretamente a Aimée, o que era esse “ser gay”, como ela prefere chamar, e ela não soube trazer uma definição, porque acredita que não diz respeito apenas ao fato de ficar com mulheres, mas acabou tratando como uma evidência: “é o que eu sou!”. Em outros momentos da entrevista, Aimée também parece essencializar o que é ser gay para ela. Ao relatar a primeira história que viveu com uma mulher, ela lembra que a conheceu através de um amigo que também é gay e a estava testando, porque “ele me viu, antes que eu me visse.”. Em outro relato, ela lembra que sua sogra, que também era lésbica, aconselhou seu filho a deixá-la, pois ela sabia que Aimée era lésbica

antes mesmo de tudo acontecer e um dia inevitavelmente, Aimée se envolveria com uma mulher.

Na narrativa de Aimée o signo apareceu como um definidor de personalidade. Explica que, por ser leonina, a esposa da sua namorada é definida como uma leonina, poderosa, meticulosa, sangue frio com um instinto de crueldade e de vingança muito aflorado.

“Puro Sangue”

Conheci Mirela há uns sete anos, ela era amiga de uns colegas meus do curso de Comunicação Social. Íamos a algumas festas da Universidade ou encontros como futebol, piscina, reggae, praias. Ela sempre foi parceira para resolver problemas também, sempre esteve muito disponível. Hoje em dia não saímos com frequência por conta da minha dinâmica de vida e da dela também: ela trabalha como professora de filosofia em uma escola do ensino médio no bairro em que mora (bairro periférico); estuda direito a noite numa faculdade particular e é a principal responsável de um sobrinho, assumindo o papel de maternagem.

Quando conheci Mirela, ela namorava com Helena, mais velha que ela e casada. Algumas vezes, elas se separavam e a gente saía para paquerar, então, éramos confidentes de alguns segredos. Hoje em dia, ela namora com Márcia, que é mais nova que ela e com quem não tenho contato. No dia 30 de maio de 2018, Mirela me chamou para termos nossa conversa da pesquisa. Acredito que a decisão de me procurar para conversarmos surgiu de três movimentos: o primeiro, porque ela quer se reaproximar de mim, pela amizade e porque Helena está próxima da minha família; a segunda, porque sabe que Helena se disponibilizou a participar da pesquisa e quer contar sua versão da história e; a terceira, porque ela é curiosa mesmo e talvez quisesse saber como funciona.

Foi assim, que no dia 01 de junho de 2018, tivemos nossa primeira conversa na praia embalada Reggae e regada a água de coco. Ela seguiu uma lógica de falar dos seus relacionamentos, partindo de sua “descoberta” até o relacionamento atual. A conversa foi feita em um bar na Ponta d’Areia⁴⁸, próxima a casa dela e onde ela se sente à vontade de falar, porque conhece o ambiente e acha a comida gostosa. Chegamos por volta das 11 horas, ela foi me pegar na parada de ônibus próxima a sua casa e seguimos juntas para a

⁴⁸A Ponta d’Areia é uma praia localizada na cidade de São Luís, no estado do Maranhão no Brasil. A praia tem cerca de 2,5 Km de extensão entre o ponto arenoso *Tia Maria* e a Baía de São Marcos. É banhada pela Baía de São Marcos no interior do Golfão Maranhense no Oceano Atlântico. Está a uma distância de 4 km do centro urbano de São Luís. A praia está localizada muito próxima a Lagoa da Jansen e as duas fazem parte do Parque Estadual da Lagoa da Jansen por causa da ecologia da região

praia. Antes, passamos na lotérica para ela pagar a consulta com a terapeuta⁴⁹, que começou a frequentar após o término com Helena. Elas dividem a mesma terapeuta. No caminho, Mirela me contou algumas coisas da terapia, como por exemplo, que desde o começo ela fez questão de falar da relação com Helena, porque era uma das coisas que ela queria poder falar, da sua orientação sexual e dos relacionamentos amorosos.

Mirela tem 35 anos. No dia da pesquisa ela se declarou negra pelo fato dos seus ascendentes serem majoritariamente negros, mas depois conversando com Helena sobre a pesquisa, que discorda que ela seja negra, afirmou ser parda. Mirela é canceriana, espírita e de classe média baixa. Mirela gosta de estar com a família, de ir à praia e tomar sorvete.

Mirela contou sua história de forma cronológica e trata sua própria relação entre orientação sexual/desejo e práticas sexuais como um processo de “descoberta”, que ela começa a perceber com o desinteresse pelos meninos e sensações provocadas no contato com as meninas. Beijava os meninos, mas os relacionamentos com eles duravam no máximo dois meses e essa validade dos relacionamentos com homens lhe despertou a curiosidade sobre si. Curiosidade que se intensificou após um episódio com uma colega de turma que ocorreu quando ela tinha 16 anos, quando a menina apoiou os seus seios nos seus joelhos. Mirela relata ter sentido algo que jamais sentiu anteriormente com nenhum menino, que interpreta hoje como um tesão. Afirma que nunca desejou nenhum menino, que os achava bonito, mas nunca chegou a ter desejo por homens e antes do que sentiu pela amiga da escola, tinha uma relação parecida com as suas colegas de escola, as achava bonitas, as admirava, mas era só isso.

Mirela descreve a sensação como muito boa e o define como um tesão, a partir do qual, Mirela se perguntou por que ela estava sentindo isso? Se estava começando a gostar de meninas? Os movimentos de Mirela eram de tentar entender o que estava acontecendo, pois não se permitia viver nada sem entender antes. Mirela lembra que tentava disfarçar todo o desconforto deste período, mas que as colegas de turma não deixaram de perceber e associá-las ao casal de mulheres que tinha na novela “Mulheres Apaixonadas”⁵⁰ que passava na Rede Globo:

E aí, teve uma hora que ela me pediu para que eu ajeitasse o sutiã dela, né? Aí no momento que eu a toquei, eu senti a mesma sensação de novo, né? Aí eu pensei, (suspiro) e aiii... Mas, eu tentei disfarçar, fiz tudo muito rápido, aí uma das amigas comentou assim: humm... vocês estão parecendo fulana e fulana, as personagens da novela, né? (Narrativa de Mirela)

⁴⁹ Eu não entendo se a terapia é acompanhamento psicológico ou qual método segue.

⁵⁰ Novela da Rede Globo de Televisão que foi escrita por Manoel Carlos e foi ao ar em 2003.

Seguindo os seus relatos, Mirela faz questão de reiterar que apesar do desejo, não permitiu que nada ocorresse entre ela e a colega. Ao passo que vai se “descobrimdo” e se permitindo, Mirela vai revelando um traço comum da socialização com pessoas não heterossexuais, na qual os sites de relacionamentos vão sendo caminhos para conhecer pessoas e viver estes desejos:

Não contei para ninguém, fui acessando essas sensações que eu tinha e sentimentos que eu fui desenvolvendo. Ai sim... Quando eu olhava alguma menina numa rede social, ficava pensando: meu deus, que menina linda. Ai que foi começando o desejo mesmo. Então, conheci uma menina, que não sei com cheguei até ela, mas foi do tempo do “Flogão” dela, né? E eu ficava: meu deus, que menina linda. E fui desejando ela, mas não sabia nem onde ela morava. Só sabia que ela estudava no Marista. (Narrativa de Mirela)

Mirela prossegue e dá ênfase a que esse seu processo de descoberta e auto entendimento durou uns dois anos. Da época que ela narra, ela destaca, que já tinha entrado na Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e começou a se permitir, a acessar canais para conhecer pessoas, cita o bate-papo da UOL⁵¹, no qual conheceu uma moça e decidiram se encontrar, esta mulher foi sua primeira namorada.

Nas conversas que relata sobre este período com os seus amigos, Mirela trata o mundo gay como um outro mundo, que é descoberto, que para acessá-lo é necessária uma entrada, que está associada às práticas sexuais. É na sua primeira experiência sexual que o amigo de Mirela fica se sentindo culpado de tê-la influenciado a “entrar nesta vida e tals”. Nos relatos de Mirela em relação à vivência da sua orientação sexual, ela lembra que por aproximadamente 10 anos, ela não expressou seus desejos, suas intenções, não demonstrava carinho em público e não declarava nada que se referisse a isto para a família. Inicialmente, porque sentia vergonha, mas depois porque as suas companheiras também não se expunham. Exposição que parece proibida para preservar relações profissionais, condições financeiras e para manter *status* sociais.

A narrativa de Mirela é a única em que aparece uma sujeita sapatão que é “verdadeira”, concepção que percebo em sua afirmativa de que ela é gay “puro sangue”, que está associada à sua ausência de desejo por homens, por nunca ter transado com homens, por até já tê-los beijado, mas por atualmente não se sentir atraída de forma alguma, os achando apenas bonitos. Para sustentar a ideia de “puro sangue”, Mirela narra a única situação que avalia como a “mais íntima” que teve com homens. A situação

⁵¹ O bate-papo da UOL é um canal de relacionamentos que nasceu em 1996 e que permitia que pessoas de várias localidades se conhecessem. Por alguns anos, o canal uniu alguns casais que se conheciam pelo meio.

ocorreu depois de um Sarau⁵² na UFMA, com um rapaz romântico e legal, que pediu para ficar com ela e ela topou (associa ao fato de estar embriagada), resultando em muitos beijos, muitos “amassos” e sarros:

Porém, uma das coisas que me fazem dizer que sou puro sangue, nesse sentido, é que na hora que ele pediu ‘algo mais’, não rolou! E um fenômeno interessantíssimo desse momento: é que o álcool E-VA-PO-ROU... (risos) e ainda bem que ele foi bem compreensivo, entendeu... Porque eu estava na casa dele, bem longe! E ele já estava nu e eu também estava nua, mas eu disse não ia rolar, porque não. E o álcool evaporou e eu queria ir embora, mas acabei dormindo lá mesmo. Porque tava longe, tava tarde! E com medo, eu tava me sentindo com medo de ter engravidado só de ter ficado com ele. (Narrativa de Mirela)

Para afirmar-se “puro sangue”, e “gay”, ela acaba por se distanciar de experiências bissexuais e deslegitimá-las. E ao passo que faz isso, expõe também a ideia de uma família legítima, reproduzindo o ideal heteronormativo de família composta por filhos de verdade, os biológicos. Como podemos ver nas suas afirmações abaixo sobre o que é ser lésbica (na passagem ela usa, este termo) e o que move o seu preconceito com a bissexualidade, que ela reconhece possuir por medo de ser traída e trocada por homens, o que a traria sofrimentos:

[...] um sofrimento muito grande também e como eu tenho aversão a sofrimento. Eu particularmente, se eu sei, eu não encaro! Eu não me sinto disposta para passar por esse sofrimento ou frustração. Ao mesmo tempo, eu não consigo entender. Assumo a minha ignorância quanto a bissexualidade. Porque como eu disse aqui, eu ficava com rapazes e era bom, mas chegou na transa não rola. E assim, para mim, o que caracteriza, por exemplo, eu ser uma lésbica é eu ficar, transar, fazer tudo com uma mulher, coisa que eu não consigo com um homem. Então, o bissexual, eu fico pensando: será que ele consegue fazer todas essas etapas: ficar, namorar, beijar, transar em todos os níveis com a mesma intensidade com os dois? Eu me pergunto isso. Até já cheguei a verbalizar com algumas pessoas, para uma pessoa, que acho que é uma indecisão. Extremamente preconceituoso, eu sei, mas para mim é isso! O que eu percebo hoje, pelas poucas pessoas que tive contato que se identificam como bissexual. A exemplo, tenho até um amigo que é bissexual, porém o campo que ele atua mais, pelos depoimentos dele ou pelo que percebo é que ele fica mais com homem, ele se relaciona mais com homem... Enfim, mas a exemplo dele, e agora não tou mais generalizando. Eu percebo que ele transa com mulher inclusive, transa, filma e expõe para mostrar para os outros que ele também é capaz de comer uma mulher. Ou seja, ele é homem, ele é hetero. Ele tinha dificuldade de se reconhecer como um gay, né? E talvez isso seja uma prova para ele mesmo que ele é capaz. (Narrativa de Mirela)

Aqui a sapatonalidade é definida pelo desejo, pelas práticas sexuais e pela afetividade, Mirela usa isso para questionar a bissexualidade e a possibilidade de sentir e de ter prazer com ambos os sexos. Ao utilizar o exemplo do amigo, ela expõe a

⁵² Festas comuns na Universidade com a exibição de performances artísticas e com bebida gratuita.

bissexualidade como uma indecisão ou como uma forma de não se reconhecer como homossexual. Na explicação de sua perspectiva sobre as bissexuais, afirma a bissexualidade como mais propensa à traição.

Em seguida, a esta resposta, eu perguntei a Mirela sobre esse medo e sofrimento de possivelmente ser trocada por homem, se ela não acreditava na possibilidade de ser trocada por outra mulher e se ela acreditava que ser trocada por homem doeria mais que ser trocada por outra mulher. Mirela afirmou que sabe que a traição pode ocorrer em “todos os segmentos”, porém relata que no caso, se sua companheira se apaixonasse por um homem, seria mais intenso pela possibilidade da construção de uma família com filhos biológicos: “parece que o romance fica mais caracterizado assim, entende? Para mim, tem um peso.”.

No mesmo dia, Mirela me contou a sua história com Helena, que é casada com um homem e tem filho, assim, perguntei a ela se ela não se incomodava com o fato de as experiências de Helena presumirem uma bissexualidade, conforme ela havia definido. Ela riu e respondeu: “Engraçado, eu nunca a vi assim! Interessante que nunca a percebi dessa forma. Eu nunca a vi como Bi, pode ser que ela até tenha sido em algum momento, mas quando ela estava comigo, eu não a via assim (risos). É uma loucura, é uma loucura!”. Mirela ressalta que não acreditava que Helena pudesse trocá-la por um homem e que não a via como uma bissexual. Nesta passagem, Mirela deixa subentendido que a orientação sexual não é fixa ou definitiva, quando cogita a possibilidade de Helena já ter sido bissexual, mas hoje ou no período de sua relação, não ser mais.

Por fim, em alguns relatos de Mirela, a sapatonalidade aparece como algo que pode ser percebido, quando a sua vizinha que também é “gay”, afirma que não sabia que Mirela gostava de mulheres. E que pode ser expresso no modo de vestir, que fica implícito quando ela relata que muitas pessoas tem a impressão de que a sua atual namorada é bissexual ou heterossexual. Ela acredita que as pessoas acham isso, muito por um preconceito que as pessoas têm, que está associado ao modo de vestir de Márcia que é um estilo que ela define como “piriguete”, mas que no entanto, a namorada é tão “gay” que tem repulsa e ojeriza a homem, a negação do homem como objeto de desejo é utilizada por Mirela como uma forma de afirmar a sapatonalidade verdadeira.

Apesar de resumir a sapatonalidade como uma mulher que se relaciona afetiva e sexualmente com uma mulher, em suas narrativas, esta categoria aparece associada a outros fatores, como a roupa. Em relação aos termos, Mirela utiliza o “gay”, por achá-lo mais moderninho.

“Meu deus, essa menina é sapatão que nem eu!”

Conheci Virgínia (em homenagem a Woolf⁵³) há mais ou menos um ano e meio, foi uma identificação imediata, pois temos muitas coisas em comum além das sapatonalidades. Quando a convidei, ela era uma das poucas sujeitas de pesquisa que compreendia e conhecia bem o meu projeto. Eu a admiro e respeito muito o seu trabalho, quando a convidei, era uma forma de aprender a forma enquanto conversava, mas na verdade, ela acabou impactando no meu conteúdo. Uma forma diferente de relações e de vivências que ainda não tinha tido contato.

Marcamos e remarcamos umas três vezes os nossos encontros, ela disse que me desafiaria e que não iríamos para a praia no dia da pesquisa, que ela ia me levar para beber um chop na rodoviária, pois ela se sentia muito à vontade neste ambiente. No entanto, ela acabou optando por um lugar menos pessoal, pelo que seria relatado. Então, no dia 21 de julho de 2018, fomos parar no lugar onde partilhamos de muitas conversas sobre as dores e delícias da vida, o Bar do Fla, que fica na Reffsa, centro de São Luís/MA. Assim, a trilha por trás desse áudio foi a narração de um jogo do Paris Saint-Germain⁵⁴ e pagodes dos anos de 1990.

Virgínia é uma mulher negra de 37 anos, que cresceu e mora em um bairro da periferia de São Luís/MA. Virgínia começou de um modo diferente das interlocutoras anteriores, pontuando situações que marcaram sua vida e que se tornaram referência de quem ela é e busca ser. Virgínia é taurina e não possui religião. Virgínia corre para manter a forma, gosta de beber em botecos, assistir jogo e olhar “mulheres bonitas passando”.

Virgínia começou seus relatos falado de uma perspectiva que lhe parece muito cara, por diversas vezes a repete durante as suas narrativas, a falta de referências aos seus pensamentos, desejos e sentimentos, que se deparou enquanto sapatão: “O que eu sabia era que tinha gente que gostava de pessoas do mesmo sexo, isso eu sabia.”. Afirma que os processos de construção da mulher lésbica foi um movimento de “sorte”, de “curiosidade”, porque as lésbicas crescem sem referência de espaços de construção dessa subjetividade, destaca que na sua adolescência não tinha espaços de discussão sobre a homossexualidade em nenhum dos espaços que participava: igreja católica, família, bairro e escola. A única referência que encontrava era em livros, novelas e livros, no mais

⁵³ Virgínia Woolf (25 de janeiro de 1882 — Lewes, Sussex, 28 de março de 1941), foi uma escritora, ensaísta e editora britânica, conhecida como uma das mais proeminentes figuras do modernismo.

⁵⁴O Paris Saint-Germain Football Club, também conhecido como Paris Saint-Germain ou pela sua sigla "PSG", é um clube de futebol profissional da França, com sede em Paris.

os “apelidos” e as “brincadeiras” que chama de “sapatão”, “saboeira” “ah, vão fazer sabão” e que a partir deles, se percebe que existe algo diferente, que as pessoas zoam, criticam, julgam e recriminam: “Mas, aí tu vai percebendo que existe, que não é uma coisa da tua cabeça.”

Virgínia associa a sapatonalidade ao modo de se comportar de uma forma dita mais masculinizada: o modo de vestir, de andar, de cortar o cabelo. São estes traços que ela atribui às pessoas como ela: “Meu deus, essa menina é sapatão que nem eu! ”. Esta identificação foi lhe dando a certeza de que tinha outras pessoas iguais a ela e isso foi muito importante para que ela pudesse se permitir viver a sapatonalidade. Ao descrever as roupas que identificou estas sujeitas, Virgínia faz um recorte geracional talvez para comprovar o porquê dessa identificação ser tão importante:

Nunca gostei de usar vestido, nem saia! Sempre gostei de camisa, bermudão e calça jeans. Roupa decotada? Gente, sempre achei horrível. Eu me sentia a estranha! Nunca gostei. Mas, tudo comedido, né? Era sempre uma negociação com a sociedade, nada também chocante. Como algumas sapatão, que eu achava massa! Porque quando eu era adolescente era uma coisa, aí as adolescentes de quando eu tinha 26 anos, já era outra. Mas, assim, percebi que as sapatão de hoje não tem mais isso, usam o short tactel da pena, saca? Eu olhava assim e pensava ‘éguas.. essa menina é sapatão para poxa!’. Coisa que na minha adolescência não era assim, eu não via. Mas, com os meus 26 anos eu já via e agora eu vejo muito mais. Hoje eu já vejo essas meninhas de 17 anos dando em cima da gente que tem idade de ser a mãe delas, né? Aí, a gente fala assim ‘tu tá doida, menina? Saí daqui que tu é de menor!’ Entendeu? (Narrativa de Virgínia)

Virgínia segue pontuando que são gerações muito diferentes que talvez sejam marcadas por um contexto histórico. E compara suas experiências com lésbicas da sua faixa etária, que eram mais fechadas e se pergunta, quais as condições que ela tinha de existir assim e destaca que hoje é diferente.

Em relação à construção de sua subjetividade, Virgínia recorda que quando era criança, gostava de andar sem camisa e à medida que o seu corpo foi mudando, ela teve que parar de ter esta prática de “viver como os meninos”, que era como ela se sentia bem e achava bonito. Relata que gosta muito das coisas ditas masculinas, que ela gosta dos sapatos e das roupas masculinas, acha que estas coisas são sempre mais bonitas para os homens. Afirma que consegue comprar as blusas “p” da seção, mas que adoraria encontrar sapatos do seu tamanho, mas não encontra. “Então, tem muito essa coisa, sabe? De me sentir bem com uma roupa, com um cabelo, de me sentar num lugar e me achar e me sentir bem comigo mesma, sabe? É quase um orgasmo e eu busco muito essa relação.”.

Virgínia afirma que até os seus 08 anos, ela acreditava que podia viver como um homem, depois percebeu que não. E descreve este rompimento como muito desgastante,

mas necessário. Virgínia demarca que apesar de gostar de coisas ditas de homem, ela não queria ser um homem, porque afirma que tem muito orgulho dos processos que a constituíram, do caminho percorrido para ser quem ela é hoje. Lembra também os perigos de sua existência enquanto essa mulher que gosta de estar em espaços tidos como masculinos:

Hoje, eu gosto muito de coisas ditas masculinas: sapato, roupa, jeito, ficar daquele jeito ali, ó (apontou para um senhor que estava bebendo sozinho uma cerveja). Sair e tomar uma cerveja sozinha na rodoviária, assistindo um jogo, eu adoro muito isso. E claro que eu tenho totalmente noção de que eu sou uma mulher e tem toda uma insegurança e violência em relação a isso, claro que eu não vou chegar em qualquer lugar e dizer: ‘vou tomar uma cerveja aqui’. Não! Claro que não! Eu tou na rodoviária, porque eu conheço o dono do bar, moro lá perto, sabe? Um lugar familiar, então, eu faço isso, porque eu me sinto segura. Não é algo que eu vou fazer em qualquer lugar, porque eu sei que meu corpo e a minha condição é mais vulnerável nesta sociedade: machista, violenta e violenta contra a mulher! Agora, se você me perguntasse se eu queria ser um homem? Eu diria que não! Hoje, eu diria que não! Eu não ia querer ser um homem, porque o que eu vivi, o que eu experimentei, o que eu amadureci, o que eu ultrapassei nessa minha condição é impagável, assim... O que eu me tornei assim, viver, assim, ser gente ‘rompendo, rasgando, ferindo, sangrando, amando, florindo’. Essa minha condição ela me traz muito isso. Se eu fosse um homem, talvez eu fosse um ser que não desenvolvesse nem 2%, entendeu? (Narrativa de Virgínia)

Virgínia fala de “homem trans” e diz que não entende muito estes termos, mas que ela não queria ter barba e não ter seios, que ela gosta muito:

[...] desta Virgínia assim, como tu tá vendo: sapatãozinha e está lindo: corpo, roupa, jeito! Eu ainda queria encontrar uma loja de sapato melhor, mas ainda não achei. Tu não sabe o quanto eu já andei atrás de sapatos. Eu acho muito massa, às vezes, eu olho a Thamy e penso: ‘Olha, massa! Ela (ele) tá barbudo.’. Mas, eu me curto muito como mulher/sapatão. Tipo, usar um ‘Kep’ para trás, um calção assim –aponta para o seu calção folgado –, usando uma pochete, aí as pessoas olham e falam assim: ‘não sei o que, é sapatão!’ E quando eu olho as meninas assim, eu acho massa também: ‘olha, sapatão’. (Narrativa de Virgínia)

Virgínia também defende o termo sapatão e o usa recorrentemente, porque o associa a uma vivência de classe e de performance de masculinidade com a qual ela também se identifica. No entanto, apesar de ser simpática ao termo, Virgínia demarca espaços de seu uso, preferindo usar em situações mais sérias o termo “lésbica”. Conforme afirma:

Cara, eu não conheço muito desses termos, conheço sapatão que é o que a gente usa, que é como chamam a gente desde criança, né? E eu gosto, mas eu não gostava, eu passei a gostar depois que me contaram a história, porque antes eu achava pejorativo, eu achava feio. Elas me falaram que sapatão é um termo raiz, né? Tipo, de periferia, que está relacionado à mulher que tem um jeito de se vestir, ela não quer usar maquiagem e mesmo assim, ela é uma mulher, mas é uma sapatão. E eu comecei a aderir, porque eu sou de periferia também e

acho que é um termo raiz mesmo, como saboeira! Mas, acho que às vezes, quando estou numa discussão de Universidade, em discussões mais sérias, aí eu falo lésbica, porque parece um termo mais intelectual, acadêmico, como se fosse um conceito: lésbica é uma mulher que gosta de outra mulher.

Virgínia demarca que não são apenas os seus relacionamentos amorosos e práticas sexuais que determinam sua subjetividade, pois há várias outras coisas que a compõem como sujeita. Assim, Virgínia parece afrouxar as amarras das concepções e definições de gênero.

[...] é isso, eu não acho que eu sou só uma mulher que gosta de outra mulher. Não é só isso! Eu gosto de um monte de outras coisas, eu gosto de jogar bola, eu gosto de futebol, eu gosto de calção, eu gosto de chinelo de dedo, eu gosto de ficar olhando mulher bonita passar. Eu gosto de um monte de coisa, não é só isso que me realiza. Existem outras coisas que me realizam como essa pessoa que eu sou, entendeu? ”. (Narrativa de Virgínia)

Nas suas narrativas, Virgínia fala como foi a sua busca por experiência, que está muito relacionada com a sua curiosidade de se entender e buscar respostas sobre os seus sentimentos. Dentro deste contexto, a sua classe e meio social possuem uma centralidade, pois Virgínia percebe que este fato implica em falta de informações que poderiam ter esclarecido questões para ela. Neste sentido, entrar na Universidade foi um divisor de águas em sua existência, mas a própria vontade de entrar na Universidade foi decorrente do contato com pessoas que possuíam um capital econômico e social mais elevado que o seu e são educadas para o ensino superior, enquanto, ela e as pessoas do seu bairro, pensam em cumprir o Ensino Médio e entrar no mercado de trabalho: “não é falta de interesse da galera do meu bairro em não querer entrar numa Universidade, era uma cultura de que aquele espaço, ele não era para a gente”.

Antes de expandir seus horizontes de referências, Virgínia vivia amores platônicos por meninas e chegou a namorar com um menino, mas não sentia nada. Diferente do que sentia em relação às meninas, ainda que platonicamente, Virgínia destaca que o namoro com o rapaz foi importante porque lhe deu a certeza de que não ia conseguir a vida conforme ela tinha planejado:

Ensaiai uns lances com os garotos e viver minhas paixões platônicas com as meninas, porque foram milhões, sabe? Até eu conseguir viver paixões reais. Desde a quinta série, mentira. Desde a quarta série, quando eu morava em Barreirinhas/MA. Já tinha uma menina na sala que eu achava ela linda e adorava fazer umas coisinhas para ela, desenhava para ela, comprava um suquinho para mim e um suquinho para ela. Entendeu? E isso, me dava muito prazer, ficar fazendo agradozinhos, mimosinhos. Aquilo para mim era... Eu ia para casa me sentindo o máximo do máximo, maravilhosa. Então, foram muitas paixões assim, platônicas. (Narrativa de Virgínia)

Virgínia não fala muito de relações com homens, mas destaca que não sentia desejo, nem tesão por eles e apesar disso, um dia ainda teve vontade de experimentar ter relações sexuais com um homem por curiosidade, para ver como era. Durante a adolescência também ficou com homens pela dinâmica das relações com suas amigas. Virgínia não destaca estas relações como forma de se afirmar lésbica ou como algo que diminui a sua sapatonalidade, trata como experiências que a constituíram.

Para Virgínia, o corpo, que em sua narrativa dão impressão do locus da sexualidade pode ser moldados em relação ao que pensamos, acreditamos e queremos. Ela afirma que com o rapaz que namorou, as relações sexuais não ocorreram, porque tratavam-se de dois “jovens cristãozinhos” e a crença se adequou ao corpo: “os pensamentos cristãos fluem no corpo e o tesão não flui”. Um outro exemplo, neste sentido, é em relação à vivência da homossexualidade:

[...] eu acredito que tem pessoas homossexuais que optam por não viver sua homossexualidade e elas conseguem, porque algumas ideias fazem com que o corpo não reaja. Decide ter filhos e mulher, mas sabe que é homossexual, só que decidiu não praticá-la, não experiencia-lá. E eu sabia que eu poderia viver assim, mas eu não queria, que não quis! Porque para mim, não dava. Eu sempre fui muito curiosa para vida! E eu não queria uma existência medíocre, não queria ser uma pessoa medíocre. (Narrativa de Virgínia)

Como mencionei antes, Virgínia destaca a entrada na Universidade como um ponto crucial para viver sua sapatonalidade, pois foi onde encontrou referências de mulheres que viviam com outras mulheres, que vestiam roupas como ela e que lhes deram a certeza de que outras pessoas como ela, existiam. Assim, Virgínia começa a falar de alguns espaços de socialização, nos quais ela se permitiu viver seus desejos e pensamentos. Virgínia começou a conhecer bares, calouradas, ponches e encontros estudantis, onde conheceu muitas pessoas e se soltava, beijava quem viesse, sem discussão se eram mulheres lésbicas, bissexuais ou heterossexuais, eram só mulheres e todas se beijavam.

Em relação à bissexualidade, Virgínia falou pouco, mas pontua que não gosta de ficar com mulheres bissexuais, porque ela tem a impressão de que meninas bissexuais, querem apenas curtir/se divertir com as sapatonas, quando desejam relacionamento sérios, sempre procuram os homens: “e eu não quero ser passa tempo de ninguém! ”.

Até porque, ela ficava com meninos também, né? Aí eu pensei ‘isso não vai dar certo’, aí eu nem tentei. Eu desisti logo! Aliás, sempre que tem mulher que gosta de meninos, eu nunca tento! Eu sempre acho que é passa tempo para elas e eu não quero ser passatempo de ninguém! Eu penso assim! É uma coisa que tem em mim ainda hoje, não sei daqui há alguns anos, porque muita coisa eu já mudei e talvez, eu possa mudar isso, mas por enquanto é isso.

Apesar da afirmativa, que está inclusa em um contexto em que Virgínia está falando das suas relações mais fixas, Virginia afirma que nunca passou por uma situação em que esteve ou foi tratada desta forma.

“Sou uma pessoa muito familiarizada com o termo sapatão, muito tranquila, gosto muito, GO SAPATÃO, 100%!”

Conheci Bárbara em 2015, por meio da militância LGBT da cidade. Por conhecer um pouco suas perspectivas, achei interessante, incluí-la entre as sujeitas e ela aceitou. A primeira conversa aconteceu em um shopping, no dia 22 de julho de 2018. A segunda conversa, aconteceu pouco depois no Bar do Léo, onde é proibido trocas de afetos, imaginem falar de práticas sexuais entre mulheres. Bárbara tem 23 anos, é advogada, negra, nascida e criada em um bairro da periferia de São Luís/MA. Do signo de Aquário e sem religião. Bárbara gosta de ir a festas, “charlar” na praia e curtir a família, que cresce todo mês em decorrência do seu amor pelos gatos.

Quanto às suas narrativas sobre sua sapatonalidade, Bárbara lembra que na pré-adolescência, todos os seus amigos namoravam, mas ela não, porque ela achava que não fazia sentido, pois eram crianças namorando e ela não tinha vontade de ficar com ninguém: nas festas os amigos beijavam e ela bebia. Bárbara recorda que ela e seus amigos iam com frequência às festas, dentre suas amigas, uma tinha uma amiga lésbica, que estava em todas as festas e de repente: “oh, meninas ficando! Aí outro dia, várias meninas ficando e outro dia Bárbara ficando com as meninas.”. Depois dessa ocasião, ela passou a ficar diversas vezes com pessoas do mesmo sexo, especialmente, com uma por quem se apaixonou e que foi a primeira “menina”⁵⁵ com quem ficou.

Bárbara destaca que não se perguntou se gostava só de ficar com mulheres ou algo do tipo, só sabia que estava ficando com as meninas porque achava legal. Estas perguntas surgiram, quando ela foi deixando de ficar com “todo mundo” e passou a ficar só com Vitória. Aqui a orientação sexual parece relacionada a afetividade, é o afeto que traz o questionamento e não o fato de ter beijado mulheres. Em outra passagem, Bárbara lembra que começou a se perguntar se era lésbica e afirma que nesse tempo, ela era muito sapatão, define: “jovem skatista e gótica. Eu só andava de all star e calças muito largas, porque eu me achava muito gorda. Só usava coisas muito largas, porque eu não gostava de nada me marcando. ”, aqui aparece como relacionada ao jeito de se vestir e se comportar.

⁵⁵ Aqui falo menina, porque eram adolescentes ainda quando desta experiência e é como Bárbara se refere à amada.

Por conta da dinâmica da conversa, fomos fazendo recortes dos assuntos e perguntei diretamente o que era ser sapatão para Bárbara e como ela via os termos, sua resposta, pontuou o termo de forma positiva para ela, mas reconheceu que existem tensionamentos por conta do peso da sua história como um elemento para discriminar e humilhar mulheres que se relacionavam com mulheres. Bárbara destacou também porque não gostava do termo “gay” e homossexual para as experiências de mulheres:

Eu acredito e advogo, que... Sou uma pessoa muito familiarizada com o termo sapatão, muito tranquila, gosto muito, GO SAPATÃO, 100%! E eu acredito muito que foi um termo atribuído por outras pessoas, eu imagino que foi atribuído, tipo: ‘mulheres que se relacionam com mulheres: sapatão’. E tipo acho que foi atribuído, eu imagino, de forma ofensiva, vexatória e ele foi um pouco ressignificado. Porque tenho amigas que não gostam e que nunca vão se dizer que são sapatão ou tipo podem até se chamar numa brincadeira, entre amigas: ‘ei, sapatão’. Mas, elas não se reconhecem dessa maneira e não acham o termo nenhum pouco agradável. Assim, como tenho amigos gays que acham o termo viado bem ruim e que... Eu tenho até amigos gays que não gostam de “homossexual”, porque preferem “gay” que é americano. Inclusive, amigas lésbicas que preferem o gay também. Eu prefiro... Depende, eu costumo me declarar como sapatão. Mas, uma classificação formal seria lésbica, eu não gosto de gay, também não gosto de homossexual! Não que eu ache termos ruins, mas eu acho ruim para mulheres, porque eu acho que apaga a gente: quando eu ouço gay ou homossexual, eu não lembro de mulheres e acho que ninguém lembra. E justamente, por não lembrar mulher eu não gosto! Sapatão eu acho ótimo e lésbica também eu acho ótimo, não tenho nenhum problema. (Narrativa de Bárbara)

Os seus primeiros contatos com o termo sapatão, a fez percebê-lo de forma positiva, porque a primeira sapatona que ela conheceu era “pegadora” e chamava todo mundo de sapatão. Então, para ela, se ser sapatão era como a amiga, que era muito legal, ser sapatão era legal. Esse processo de aproximação com o termo fez com que ela se acostumassem e se familiarizassem com ele, ao ponto de preferi-lo ao termo lésbica, exceto, em locais formais, prefere usar o termo lésbica.

Devido a sua interpretação sobre o uso e propagação do termo em sua origem, Bárbara defende que mulheres bissexuais são sapatão também. Inclusive, ela não entende porque existe essa diferenciação, ou seja, tanto os homens homossexuais e os bissexuais são todos taxados como gays. Para Bárbara, em relação aos homens, seja ele hetero, homo ou bissexual, a divisão é mais quanto a performace, ou seja, se ele corresponde aquilo que se espera de um homem, macho, heterossexual. Bárbara retorna ao que disse no começo da definição que elaborou e reafirma que acredita que o termo foi atribuído por outra pessoa a uma mulher que ficava com outras mulheres e assim, não há como saber se tratava-se de uma mulher lésbica ou bissexual, porque o entendimento pode ser aplicado às duas vivências.

Bárbara contesta que ser sapatão tenha a ver apenas com ficar com mulheres também e imagina que o termo pode ter sido associado a mulheres mais masculinizadas. Como argumento para essa afirmativa, Bárbara lembra que ela foi chamada de sapatão quando ela sequer havia beijado alguém, quando a mãe de uma colega de turma quis mudar a filha de classe, porque não queria que ela estudasse com uma sapatona. Bárbara lembra que nesta primeira “acusação”, ela ainda nem tinha ficado com homens, mas que se tivesse seguido a sua vida, como se espera que uma mulher siga: se relacionando com homens ou mesmo não ficando com ninguém, ela já seria sapatão pelo jeito que se vestia ou no segundo caso, por não estar ficando com ninguém.

Bárbara reitera que não possui problemas com bissexuais, mas que conhece umas sapatonas que tem e que conhece um casal, inclusive, com posturas que a irritam, como o comportamento de achar que existe um homem e uma mulher na relação, no qual a menina que tem a postura mais masculina defende que ela é sapatão e sua namorada não, porque “[...] ela é o cara, enfim, não sei como funciona na cabeça dela, mas ela já falou diversas vezes. Quase tive um pé de briga sinistro com ela. É sério, quase voltei a brigar na rua por causa disso. Tô brincando! Mas, fiquei muito bolada, porque inclusive, na explicação dela, eu não era sapatão.”.

Bárbara se reafirma como uma mulher lésbica e reitera que não possui problemas com o termo sapatão, mas lembra que qualquer palavra, dependendo do modo que é dita pode machucar, conforme as intenções de quem fala, assim como o termo preto, exemplificou. Quanto ao “ser sapatão”, ela afirma que qualquer mulher que fique com mulheres ou que sinta atração por outras mulheres, pode ser sapatão.

Há apenas uma ocasião que o termo sapatão a incomodou, não pelo termo, mas pela forma e situação que ele foi dito. No final de um de seus relacionamentos, a sua companheira lhe disse que uma coisa que ela precisava entender que era: “ ‘tu é sapatão e eu não sou!’”. Bárbara afirma que a frase doeu, porque a ex companheira falou de forma muito agressiva e muito ruim, ela acha que nem sabe se tinha a concepção de que a ex poderia estar afirmando sua bissexualidade, mas acredita que não, porque não era um termo usual entre elas. E Bárbara também não se preocupou com isso, porque na cabeça dela, Vitória só ficava com Inácio e com ela, porque gostava dos dois. Mas, a afirmativa da ex a incomodou, porque esta foi a resposta para todas as demandas que Bárbara tinha apresentado para decidir o que as duas fariam do futuro. No entanto, a afirmativa da ex foi interpretada por Bárbara da seguinte forma:

[...] eu não posso acolher tuas demandas, teus planos, porque eu não sou como você. Essa foi a resposta dela para tudo que eu falei. Ela podia ter falado só: ‘Eu não quero, vou ficar com a Ellen’ e eu ia sofrer do mesmo jeito. Mas, quando ela falou que não era sapatão e que eu era, tipo: ‘tu é sapatão, eu não sou sapatão’. Não teve essa conversa sobre o que foi a gente, sabe? Sobre o que fomos, sobre ‘o que tu acha que estava acontecendo aqui, gata?’. Não teve essa conversa, mas, na época, eu recebi como um: ‘Tu não significa!’ . Foi a minha compreensão, tipo: ‘Eu não sou o que tu é e inclusive, isso é aqui não foi...’. É tanto que, e Catarina e José são boas pessoas para falar sobre isso, por muito tempo depois disso, os anos que se seguiram, eu fiquei tentando entender se eu tinha tido alguma coisa com Vitória mesmo ou se eu tinha viajado, ou se eu tinha beijado ela heteramente muitas vezes, me esfregado com ela heteramente muitas vezes ou se nunca tinha acontecido nada e eu tinha pirado, sabe? Eu ficava me perguntando se eu tinha inventado tudo aquilo, eu perguntava se eu tinha inventado, eu fiquei muito nervosa procurando respostas e eu externalizava para as pessoas, os meus amigos, no caso. (Narrativa de Bárbara)

Ainda sobre esses “problemas de gênero”, Bárbara recorda uma conversa que teve com homens trans, na qual, alguns homens trans estavam discutindo como eles eram antes da transição e era muito comum a fala “eu era bem sapatão”, em referência a uma postura masculinizada. Nesta discussão, o posicionamento de um homem trans, causou muita polêmica, que foi a afirmativa de que antes ele era igualzinho, só não estava tomando hormônio e ainda não tinha pensado em fazer cirurgia de redesignação de sexo, que por ele não ter barba e nem pensar em ter barba também, ele percebia que as pessoas iam continuar o percebendo como sapatão e ele não tinha problemas com isso, era só mais um engano das pessoas. Mas, para outros participantes da conversa, essa concepção e a possibilidade de uma lésbica querer ficar com eles, achando que era uma mulher, já seria ofensivo. Já o rapaz que não se importava com essa classificação, reiterou que entende que as pessoas o vejam assim porque ele corresponde ao que a sociedade heterossexual compreende por sapatão. No entanto, ele concorda com o fato de que não namoraria uma mulher que não o reconhecesse como homem.

Por fim, outra observação, é que Bárbara fala de relacionamentos que teve com homem e são períodos em que ela estava se sentindo sozinha, estes relacionamentos, por vezes, fizeram com que ela questionasse sua homossexualidade e cogitasse uma bissexualidade. No entanto, suas práticas sexuais a levam a concluir que ela não é “bi” e demarca que:

[...] não tenho vontade, habilidade, demanda e compatibilidade física para transar com homens. Eu acho que tenho problemas com homens, não funciona. Beijo homens, porque eu adoro beijos e eu só tenho preconceito com quem beija mal. Mas, também, gosto de homens que beijam respeitosamente, não pode me sarrar! Não acho que beijar homens me faz menos lésbica, nunca achei isso. (Narrativas de Bárbara)

“[...] quando você está com uma mulher na rua, sendo bi ou sendo sapatão, você vai passar pelas mesmas coisas, entendeu?”

Conheci Glória em 2017, através de uma amiga, com quem ela estava no Bar do Fla. Glória era recém-chegada em São Luís, onde veio cursar Universidade Pública. Devido a nossa amiga em comum, passamos a sair e conversar sobre feminismo e política, os assuntos eróticos também estavam entre as pautas dos bares, numa destas conversas, ela defendeu que bissexuais também são sapatão e depois de ter ouvido Bárbara, julguei que seria interessante conversar com Glória, que de pronto aceitou participar da pesquisa. Quando eu a conheci, ela era casada com um homem e o esposo sempre a acompanhava, algumas vezes, a relação dos dois era assunto, visto que presenciei algumas situações de quando a relação era aberta e quando era fechada.

Atualmente, Glória está solteira, é uma mulher branca, tem 28 anos, é estudante e de classe baixa. Seu principal companheiro é um gatinho (felino) que ela trata como filho. Desde que a conheço, ela fala muito sobre feminismo, então, sua fala é muito perpassada pelo assunto. As duas conversas ocorreram regadas a cerveja, uma aconteceu no Bar do Fla, no dia 04 de setembro e surpreendentemente, a trilha sonora era de muita Música Popular Brasileira atual. A segunda conversa, quase uma semana depois na casa dela, sem trilha.

Glória é canceriana, na sua narrativa o signo apareceu para justificar o que ela gosta de fazer com seus companheiros: ir à praia, cozinhar e ficar em casa. Não possui religião, não que não tenha fé, mas acredita que todas as religiões são caminhos para alcançá-la, ela só optou por não escolher nenhum destes caminhos. Glória gosta de coisas variadas: cozinhar, assistir netflix, ir às festas, passear e banhar no mar.

Eu reconheço, que falhei um pouco nesta conversa, pois ao orientar a fala de Glória, solicitei que ela me explicasse porque o entendimento da bissexualidade como sapatonalidade, o que acabou condicionando muito sua fala em torno do assunto, quando eu poderia ter feito como ocorreram com as outras participantes da pesquisa e ouvido primeiro suas histórias e experiências. No entanto, avalio que a conversa foi proveitosa apesar do meu deslize e da timidez de Glória frente ao gravador.

Ao defender porque acredita que bissexuais são sapatão também, Glória reflete sobre a sua própria bissexualidade, que a coloca entre dois mundo diferentes, onde ela consegue experimentar a vivência heterossexual e a homossexual, então, em alguns

pontos, o que ela vivência como mulher bissexual é parecido com as experiências da mulher sapatão⁵⁶ e exemplifica:

[...] quando você está com uma mulher na rua, sendo bi ou sendo sapatão, você vai passar pelas mesmas coisas, entendeu? Eu não falo só por mim, mas por algumas amigas, que são bissexual e resolveram casar com uma mulher. É a vida delas é igualzinho a vida de uma sapatão. É a mesma coisa, elas passam pelas mesmas coisas. Mas, elas se definem bissexuais, porque ainda sentem atração física e sexual por homens. Eventualmente, ainda ficam com homens, se e quando elas quiserem, mas vivem uma vida e sofrem os preconceitos da perspectiva de se elas fossem sapatão. É as duas coisas, vivem os dois papéis, não deixa de ser um e nem o outro. (Narrativas de Glória)

A defesa de Glória liga às experiências da bissexualidade às opressões sofridas por conta da dissidência de gênero. Aparentemente, nesta primeira aproximação entre as experiências, o que se sobressai são às vivências comuns de violência, que implicam o envolvimento com pessoas do mesmo sexo. Ela destaca que apesar de admitir que as bissexuais, podem passar pelas mesmas experiências das mulheres homossexuais, é importante politicamente, ter o “B” na sigla LGBT, para demarcar a existência e as particularidades das vivências que estão implícitas em ser os dois, heterossexual e homossexual. Nas suas falas, Glória relaciona alguns aspectos sobre ser heterossexual, homossexual e bissexual, relacionando ao desejo, à afetividade e à leitura social. Para Glória, a experiência bissexual não direciona um aspecto aos prazeres e outro a afetividade, não dá para medir ou definir o que sente por homens ou pelas mulheres, afirmando que pode ser tudo de forma igual: o desejo, o prazer, a afetividade.

Glória acredita que algumas sapatonas não nasceram sapatonas, descobriram ao longo do tempo, mas enquanto isso não ocorre, podem viver como heterossexuais, mas com o tempo descobrem também desejos e sentimento por mulheres e passa a viver anos com uma mulher e talvez se separando depois e redescobrimdo o desejo por homens e se perguntando: “Então, eu sou bi?”. Ela afirma que os relacionamentos se dão sem mudar o “ser bissexual”, mas também reflete sobre a possibilidade desse ser, ser também uma etapa, mas não conclui nada em relação a isso. Apesar de aproximar as experiências, Glória demarca algumas vivências, que ao seu ver são específicas da experiência da mulher bissexual, como os preconceitos pelos quais é vista pelas mulheres homossexuais e da fetichização que envolve as relações heterossexuais:

E aí, enquanto, bissexual, ela (Glória está se referindo a um exemplo de uma amiga que afirma ter sido bissexual) vivenciou tudo que era ser sapatão: o preconceito que ela vai viver na rua é o mesmo, o preconceito que ela viveu

⁵⁶ Essa diferenciação entre mulher bissexual e mulher sapatão é ela quem faz, são os termos que ela usa.

em casa é o mesmo e ainda tem um outro ônus, que é as particularidades de cada um dos lados. Enquanto mulher bissexual para um homem heterossexual, tem o fetiche! Esse olhar que em algum momento, ele aparece. Ou imediatamente, aparece. A primeira coisa, que o homem heterossexual pensa quando você diz que é heterossexual é num ménage. E do lado das sapatão, quando você é bi, aí as sapatão pensam ‘porra! Só me fodo com bi’ (risos), entendeu? Mas, vamos falar mais bonitinho! Mas, é foda. É como eu estava te falando: é ação e reação. Não é só preconceito! Ao passo que a sapatão repele a bi, porque pensa ‘que com sapatão, a bi só quer curtir, mas com boy quer coisa séria. Ou que só leva a sério namoro com homem. Ou não fico com mulher que beija homem, saí macho!’, tem muita coisa assim, tem! Mas, é também porque muita coisa acontece. Eu acho que tem mesmo, muita mulher e muito homem que agem assim, porque não é à toa que tem muito essa reação das sapatão. Não é só preconceito, tem alguma coisa ali que acontece, mas que com o tempo se resolve. (Narrativas de Glória)

Uma demarcação fundamental da diferença entre às experiências das sapatão e das bissexuais apontadas por Glória é, inclusive, os preconceitos que algumas sapatonas alimentam pelas bissexuais e que está presente em outras narrativas neste trabalho. Glória fala também de outras experiências que constituíram sua subjetividade. Remonta a infância para recordar as descobertas do seu corpo e dos prazeres. Narrativas que destaca a falta de malícia das primas e amigas que se tocavam e acabam descobrindo o corpo:

Ah, deixa eu ver! Ah, fiquei sabendo que era um negócio assim. Aí botava a mãozinha e tantantan e nannannan e panpanpan! E aí descobre aquele negócio que épa! É bom, mas muito de descoberta e sem malícia: é criança descobrindo o próprio corpo e a própria sexualidade. É aquela fase dos 05 ou 06 anos, que eu acho que é bem por ali, né? Às vezes um pouco antes, às vezes um pouco depois, uns 07 anos. (Narrativas de Glória)

Além dessas experiências, Glória volta a adolescência para lembrar de outras vivências com 12 ou 13 anos mais maliciosas que as da infância, quando beijou a sua melhor amiga. O desejo é um aspecto que não é falando ainda nesse momento e questionado também em experiências de quando Glória era mais madura, pois nestes contextos afirma que questões como o fetiche perpassaram pela experiência ao ponto dela se questionar se havia desejo ou se ela estava na situação para agradar o homem envolvido. Em suas reflexões sobre o beijo com a amiga e a não repetição da situação, Glória levanta algumas questões sobre a influência de pensamentos conservadores nas vivências sexuais:

A gente dormia na mesma cama, ela na minha e eu na dela, por muitos anos, mas não aconteceu mais nada. E eu não sei se eu não teria deixar rolar, se tivesse rolado, saca? Porque eu acho que teria, mas ela não! Ela era muito conservadora, família muito conservadora, religiosa e tal. Ela é minha irmã, na real, mas naquele processo que a gente tava, de descoberta e tal. Na adolescência e eu não sei se eu não teria deixado rolar... Mas, enfim, continua sendo minha irmã, até hoje! Mas, nosso caminho distinguiu muito, muito. E possivelmente, não era o que ela queria ou ela não se descobriu, porque ela é totalmente religiosa, evangélica, fundamentalista. Então, talvez ela nem tenha... Talvez ela tenha, porque a gente se beijou, mas talvez, ela nem tenha

se descoberto, porque essa construção social da heteronormatividade e principalmente, da religião, embutida nisso, que é uma merda para a mulher, uma combinação perigosa, que a mulher se fecha, se fecha para tudo o corpo dela, para o prazer dela, para todo o processo de descoberta dela. Ela fica como uma máquina reprodutora, sei lá! Não sei se essa é a palavra certa! Ela fica lá naquilo, saca? Na servidão, não sei, é uma parada meio estranha. E ela era uma garota super forte, empoderada e aí entra nessa religião e... ela se fechou! E parou processos de descoberta anteriores, deixou de fazer coisas que ela fazia. E talvez ela fosse bi e não se descobriu, porque se fechou nisso! Ou talvez não também... Talvez não fosse o caminho dela, porque se fosse, mesmo ela estando dentro disso, talvez alguma coisa ela sentisse. (Narrativas de Glória)

A fala de Glória é carregada de análises do contexto conservador, no qual nasceu e teve suas experiências sexuais inicialmente. Ela volta às questões que ela teve que enfrentar a vida toda para poder manifestar sua sexualidade. Como o fato de romper com relações de exploração das mulheres, que são criadas para ser mulher de alguém, fazer sexo por obrigação, mesmo que ele não seja bom, viver em um relacionamento monogâmico, onde a traição é permitida para o homem, mas não para a mulher; ser mãe e “doninha de casa: lavar, passar e cozinhar”.

Lembra que nesse contexto conservador não existe “bi” nos entendimentos sociais, o que existe são sapatão, termo que é utilizado para todas as experiências de mulheres que se relacionam com mulheres e que remete à safadeza, pouca vergonha e adjetivos esdrúxulos carregados de religião e conservadorismo. Glória também localiza entonação das palavras como algo que pode ferir. Glória afirma que para viver sua orientação sexual, ela teve que romper com esses entendimentos, com essa educação e noção de vida que lhe foi colocada nas suas primeiras relações. Um ponto fundamental para isso, foi conhecer pessoas e modelos diferentes do que tinha como referência legítima, além de viver e experimentar coisas que mexeram com seus conceitos de amor, por exemplo, como relações não monogâmicas.

“Ser sapatão é mais resistir mesmo... Porque gostar de alguém, ter desejo sexual por alguém, amar alguém, ter um relacionamento com alguém, isso é de qualquer ser humano”

Quando conheci Maria e a convidei para compor a pesquisa, eu pouco a conhecia. Acho que tinha trabalhado com ela em uma das suas ações que desenvolve no âmbito da cultura. O convite ocorreu em um momento de bebedeira, a encontrei e disse: “Ei, eu vou falar de cinema e de sapatão no Maranhão, me disseram que essa pesquisa não pode acontecer sem tua participação!” ou algo do tipo. O tempo passou e o cinema saiu do objeto da minha pesquisa, Maria que já tinha aceitado participar da proposta anterior, me cobrou a entrevista e eu disse: “Vamos marcar, mas não tem mais cinema.”.

Durante a conversa, eu senti um enorme encantamento. Eu passaria horas escutando Maria, porque eu tenho impressão que ela tem um olhar diferente sobre todas as coisas do mundo com simplicidade, acho que atrás dos olhos dela tem uma poesia, que envolve e convence a gente. Marcamos primeiro em um dia que a conversa não pode acontecer, acho que questão de agenda não lembro ao certo, lembro apenas que eu não estava muito à vontade de ir à casa de Maria, porque não nos conhecíamos bem e achei que estaria invadindo o seu espaço. Mas, ela insistiu que fosse lá, porque gosta muito de sua casa. No dia seguinte marcamos à tardinha no seu apartamento, fui para lá depois do trabalho. Quando cheguei estava tocando uma vitrola com um disco de Bethânia⁵⁷. A casa de Maria é muito agradável e confortável, parece o cenário de uma novela: quadros, moveis antigos, rede, uma varanda que deixa bastante ventilada, mas também tinha o ventilador da casa.

Maria mora com um cachorro, um gato e com a sua companheira que estava viajando. Maria tem 33 anos, se considera não branca reconhecendo a mestiçagem que compõe a sua raça. Ela é graduada e classe média baixa, signo de touro, que em sua narrativa apareceu como justificativa para a existência de ciúme. Maria me ofereceu uma cerveja, mas não me acompanhou, porque ia dirigir mais tarde. Ia a um noivado. Conversamos muito sobre a pesquisa e depois nos lamentamos sobre a situação política do Brasil.

A entrevista aconteceu no dia 22 de outubro, estávamos dividindo nossas aflições e reforçando nossas esperanças de que Fernando Haddad⁵⁸ viraria o quadro difícil das eleições. Maria falou das dores que as eleições estavam causando, dos rachas familiares e das preocupações com o futuro, pois o contexto estava elegendo um candidato que vai contra a vida de pessoas LGBT e ter familiares apoiando esse tipo de conduta, era um modo de dizer que não se importa com as nossas vidas.

Maria escolheu esse nome de forma rápida e prática, como se fosse o primeiro que tivesse aparecido. Começou falando que antes de ter ficado com uma mulher, ela nunca havia se perguntado o que ela era “eu só era uma pessoa que sentia, né?”, afirma que teve algumas curiosidades sexuais, mas que isso é algo comum na adolescência e então, inicialmente seguiu o padrão das amigas de escola ficando com meninos e que neste

⁵⁷Maria Bethânia Viana Telles Velloso é uma cantora e compositora brasileira, vinculada aos grandes movimentos musicais da década de 60, 70 e 80.

⁵⁸Fernando Haddad é um acadêmico, advogado e político brasileiro, filiado ao Partido dos Trabalhadores. Foi ministro da Educação de 2005 a 2012, nos governos Lula e Dilma Rousseff, e prefeito da cidade de São Paulo de 2013 a 2016. Foi candidato à presidência em 2018 pelo Partido dos Trabalhadores.

período ainda não tinha surgido interesse por meninas⁵⁹ ou mulheres, mas recorda uma ocasião quando tinha uns cinco anos quando abraçava uma prima sua só de calcinha e as duas sabiam que havia algo de errado, porque quando viam que chegava um adulto, elas se largavam. Maria acredita que ali já se manifestava algo para ela, não para prima que hoje é hetero e casada, mas para ela sim. Outra situação narrada e mais próxima da sua descoberta de si foi na adolescência, quando o olhar de uma menina a inquietou.

No entanto, durante a sua trajetória, as auto perguntas sobre a sua orientação sexual não foram questões que lhe preocuparam, ela não teve dramas pessoais de aceitação ou algo do tipo, apenas sentiu, experimentou e viveu. Tanto é que estas autoafirmações não estão muito presentes na sua fala e ao final da nossa conversa, eu quis saber o que ela pensava dos termos e o que era ser sapatão para ela ao que ela respondeu de forma objetiva, afirmando que acha o termo sapatona pejorativo, mas talvez pela forma como foi dita. No entanto, ela não tem problemas com nenhum outro termo, como: daike, sapatão, lésbica. Daike é sapa macho, tomboy, sapatão, caminhoneira. Quando à pergunta sobre o que é ser sapatão, Maria pensou e respondeu que:

Agora ser sapatão... É ser livre para amar quem a gente que quiser, para seguir os nossos desejos... Não! Isso não é ser sapatão! É ser gente, né? Acho que talvez ser sapatão é mais resistir mesmo! É de andar a vontade, de querer ser quem se é sem, sem vergonha! Sem ter vergonha de ser o que é! Sem ter vergonha de se lutar pelo que é. De se colocar mesmo na sociedade, como se é! Porque podia ser mais simples, ser mais de boa. – então, o que te faz sapatão é a resistência? – Sim, eu acho que sim! Porque gostar de alguém, ter desejo sexual por alguém, amar alguém, ter um relacionamento com alguém, isso é de qualquer ser humano, seja heterossexual, bissexual, homossexual, assexuado. E não ter desejo por alguém também não faz menos humano. Então, eu acho que ser sapatão assim, de não ter vergonha do que é. É isso! (Narrativas de Maria)

Na fala de Maria, apesar universalizar o amor aos humanos, a sua definição de orientação sexual perpassa por afetos e desejos, através dos quais ela reconhece que está implícita uma resistência para vivê-los e por isso, a categoria de liberdade também se concretiza como fundamental na sua perspectiva. A liberdade de amar é necessária para o ser humano, mas não a ter garantida é que impõe a necessidade de resistir para ser o que se é. Esse é parece uma essência, essencialmente, humano, que tem amores e desejos, mas que nem todo humano tem, como ela afirma no final.

“Eu sou SA-PA-TÃO!”

⁵⁹ Utilizo meninas aqui, porque foi o termo usado pela sujeita. Neste caso, para ela parece ter além de uma diferença de idade, uma perspectiva de amadurecimento.

Conheci Bia no meio de 2018 por intermédio de duas amigas de trabalho, que levei para a vida. Passamos a compor o mesmo grupo de amigos institucionalizado via WhatsApp denominado “Chupo” e pouco tempo depois ela começou a trabalhar conosco na área de Direitos Humanos. Bia sempre foi para mim uma pessoa intrigante ou admirável não sei ao certo. Quando tive contato com ela das primeiras vezes fiquei impressionada com o seu jeito expansivo e sem filtros. E olha que não sou de me chocar muito com as pessoas. Este choque foi positivo!

Com o tempo começamos a interagir mais e uma aproximação sapatônica ocorreu ao ponto de eu me sentir a vontade de convidá-la para compor as sujeitas desse estudo. Ela logo aceitou e marcamos de conversar. Acho que em umas duas ocasiões, a conversa não aconteceu, mas no dia 24 de outubro de 2018, saímos do trabalho para conversar. Estávamos meio sem rumo de onde a conversa ocorreria, íamos pedir primeiro uma pizza na casa dela, mas depois de andar um pouco pela cidade, ficamos no Big Joe, onde conversamos, lanchamos e bebemos. Eu pedi uma cerveja e Bia uma cachaça, ela não é de beber cerveja, prefere um São Braz a uma Heineken. Assim, a conversa transcorreu muito à vontade com funk, reggae e um pop rock ao fundo. As falas de Bia pareciam muito sintonizadas com as músicas, seus relatos dão uma ideia de uma trilha sonora ao fundo.

Eu não costumo ver nada demais nas pessoas, aquilo que as pessoas chamam de brilho especial ou alma ou coração. Mas, em Bia eu tenho a impressão de ver um coração enorme que não cabe na mulher miúda que ela é, 1,60 no máximo. Bia brilha e contagia todos a sua volta. Acredito que é muito do ambiente que ela foi criada que é dos berços da cultura ludovicense e de sua casa também, Bia lutou para ser quem era e conquistou seu espaço, podendo ser do jeito que ela é. Eu perguntei a Bia qual era sua classe social, sua raça, sua idade e signo, ela respondeu que é da raça vagabunda, da pior classe possível, que tem idade de viado e o seu signo é librianja. Assim, tomo a liberdade de classificá-la. Acredito que Bia pelos aspectos sociais que analisei é branca, de classe média média, tem 24 anos e é libriana.

A nossa conversa ocorreu depois do primeiro turno das eleições e durante a conversa este assunto apareceu como uma angústia. Antes de entrar na conversa, gostaria de falar um pouco do aniversário do pai de Bia, que é pouco anterior a nossa conversa. Bia mora num bairro onde a cultura popular é bem forte. É um bairro pobre e tem uma característica marcante de bairros populares, onde todo mundo parece se conhecer e compartilhar uma identidade com o local. O aniversário do pai de Bia ocorreu lá e eu

estava entre os convidados. Após a feijoada e os barris de chop continuamos bebendo em um bar, que anotou a nossa conta.

Neste curto percurso da festa ao bar e no próprio bar, percebi o respeito das pessoas em relação a Bia e sua família. As pessoas brincavam, a cumprimentavam e não se importavam quando em uma ou outra esquina ela agarrava sua acompanhante. Era um clima de muita liberdade e era a mesma Bia em todos os espaços, irreverente. Talvez eu não esteja conseguindo um adjetivo para definir Bia, mas diria que ela tem uma variação entre livre, feliz e sem vergonha (este último sem carga pejorativa) ou tudo isso ao mesmo tempo.

Bia começa afirmando que sempre foi sapatão, lembra que desde criança já manifestava algo neste sentido, reforça com o fato de que aos sete anos, ela já se esfregava com uma prima e que ali já existia um desejo, pelo menos, de sua parte. Para Bia ser sapatão é:

Gostar só de mulheres, gostar de mulheres na maioria das vezes, ou gostar só de mulheres, exclusivamente. Assim, de vez em quando eu fico com homem, mas é aquela coisa mais rara do mundo. Geralmente, é carnaval na minha vida. Geralmente, é carnaval! Ou uma festa, como aquela que beijei Antônio ou outra que eu beijei um viado. Cara, não faz diferença nenhuma na minha vida, pow! E tenho amigas minhas que são bi e eu chamo de sapatão, tipo Luciana. Ela, realmente, se relaciona com homens. Eu chamo ela de sapatão, porque ela fica com mulheres, eu não sei explicar. É um termo que eu não sei explicar, mas gosta de mulher. Sapatão, Sapatão, Sapatão fica só com mulheres, mas ficou com mulher, é sapatão. Já chupou mulher é sapatão. (Narrativas de Bia)

Bia segue listando as bissexuais que chama de sapatão para deixar evidente que, na concepção de Bia, as mulheres bissexuais também são sapatão, porque se relacionam com mulheres. Na passagem acima, Bia afirma isso diretamente. Quanto ao termo sapatão, Bia o interpreta positiva ou negativamente, dependendo de que o pronuncia, entre LGBTs, ela acha de boa. Até diz que toda vez que liga para Luciana, que em sua concepção é bissexual, fala: “Ê, sapatãao e ela diz: fala, ‘sapatão’”. Diz que sua mãe lhe chamar assim, também é de boa e às vezes, ela chama. Quando ela entende que o uso é sem preconceito, ela acha “de boa”, mas teve uma vez que ela estava na feirinha com Luciana e Luciana ouviu um “Bando de sapatão” vindo de um hetero e ficou chateada e Bia também não gosta quando é dito assim, pois o hetero chamar desta forma, a incomoda.

Recorda que já perguntaram para ela porque entre viado e sapatão pode usar os termos e os heteros não podem. Ela respondeu que é porque é no meio LGBT, que é permitido, entre os LGBT, pois há respeito e os heteros podem usá-los para desrespeitar: “A gente se trata dessa forma. Tanto que eu sou mais acostumada a me chamarem de

sapatão e de dizer: ‘Eu sou sapatão, porra!’ do que de lésbica (ao falar esse termo, Bia adota um tom de nojo/deboche). Eu sou SA-PA-TÃO!’ (Narrativa de Bia).

“É que nem uma pessoa não fumante, não vai fumar um cigarro na vida e deixar de ser não fumante, ela só fumou um cigarro”

Eu não conhecia Fernanda. Recordo de tê-la visto antes do nosso primeiro contato, apenas uma vez, na feira de desenhistas de São Luís. A segunda vez que a vi foi na Fonte do Ribeirão, no dia 23 de novembro, quando ela foi falar com minhas irmãs mais novas do que eu. Elas se afastaram um pouco e ficaram conversando. Duas das minhas entrevistadas estavam com complicações para marcar conversas, uma delas era amiga dessas minhas irmãs. Em algum momento da conversa delas, as minhas irmãs mencionaram sobre a minha pesquisa e Fernanda se disponibilizou a participar das conversas e assim, fomos rerepresentadas e trocamos telefone. A impressão que eu tive de Fernanda é que ela é muito de bem com a vida, sempre muito sorridente.

Marcamos de nos encontrar no Bar do Jorge, onde paramos de frequentar nas últimas eleições, porque os donos e garçons do bar apoiaram abertamente Bolsonaro. Entrei em contato com Fernanda pelo WhatsApp e marcamos de nos encontrar no dia 28 depois das 18 horas, que é o horário que ela sai do trabalho. Cheguei um pouco antes, porque consegui sair mais cedo do meu trabalho, depois que uma pauta que eu cobriria caiu. Quando ficou sabendo da minha antecipação, Fernanda também deu um jeito de chegar mais cedo. Ela vinha do trabalho e trabalha perto da Reffsa em um escritório de contabilidade.

Fernanda localiza as suas primeiras experiências com mulheres na infância, quando beijava a vizinha que passava as tardes na sua casa. Afirma que aos 12 anos teve sua primeira experiência mais sexual com a colega de escola que namorava.

Fernanda disse que não tem problemas com termos, mas que não gosta de estereotipar as pessoas. Fernanda não gosta de, por exemplo, estar numa festa e ficar com um cara qualquer ou com um cara que ela gosta e ouvir: “Tu não é sapatão? Meu Deus, nunca te imaginei ficando com um cara”, exemplificou. Reitera que não gosta disso, mas leva na brincadeira para não “pilhar”, mas realmente não gosta disso, porque em nenhum momento ela falou que ficava só com mulheres. Afirma que o que faz uma mulher ser sapatão, não é apenas ficar com mulher. Lembra que não consegue manter laços afetivos com homens, apesar de recentemente, isso ter acontecido. Fernanda pontua isso, mas não acredita que gostar e/ou transar com homens faça alguém menos sapatão e enfrenta a necessidade de usar rótulos, no entanto, o usa e justifica o posicionamento:

Eu não gosto de estereotipar ninguém. Porque quando tu vai lá e cria uma bolha naquela pessoa, que tu diz que aquela pessoa é aquilo em si. Quando tu vê ela fazendo qualquer coisa, que não está no âmbito daquilo que tu idealizou ela, para ti vai ser estranho. Então, quando eu olho uma amiga minha, que é sapatão e que ela ficou com um homem ou com um viado, para mim é normal. Eu trato aquilo na maior naturalidade. Porque? Porque ela sentiu vontade, porque ela quis, porque, enfim, aconteceu, mas ela não deixou de ser... De ter os sentidos dela, de gostar de mulher, de outras coisas. (Narrativas de Fernanda)

Para resumir sua perspectiva quanto a não estereotipar as pessoas, Fernanda ri e faz uma comparação simples: “Se minha amiga disse que é sapatão, ela é sapatão não vai deixar de ser sapatão por isso, saca? É que nem uma pessoa não fumante, não vai fumar um cigarro na vida e deixar de ser não fumante, ela só fumou um cigarro”.

Inicialmente, tive a impressão de que Fernanda associava a sua sapatonalidade à afetividade, independente de ficar com homens, ela não gostava deles, não conseguia manter laços afetivos com homens e nem construir uma relação progressiva, diferente do que ocorre com as mulheres. Conforme relato abaixo:

Depois eu entendi, que não é que eu não goste de homem em si, é porque eu não consigo manter um laço afetivo com homens. Eu não consigo, eu só consigo ficar com ele ali naquele momento, não consigo manter uma conversa, porque para mim, não vai ser legal. Assim, porque todas as experiências que eu tive com homens e eu não consigo manter esse contato físico muito grande. Assim, de eu gosto de ficar ali, mas não é algo progressivo, é regressivo. E aí foi quando eu disse: ‘não! Eu gosto de mulher!’, porque é mulher que eu me apaixono, que eu quero ter um relacionamento, gosto de namorar, tenho uma relação progressiva. Então, é disso que eu gosto. Mas, nunca me isentei de ficar com caras se eu sentir que seja bom. Já fiquei sexualmente com homens e não foram experiências ruins, foram boas, foram boas. E eu não posso mentir para mim mesma e dizer que não foram boas só para pagar de sapatão.”. (Narrativas de Fernanda)

Acredito que realmente a questão da afetividade seja um ponto central do seu entendimento sobre si, mas como recentemente, ocorreu de ter esse envolvimento com um homem e entendeu que isso também não a faz menos sapatão, a sua experiência extrapolou o seu entendimento ou por isso, mesmo ela não goste de rótulos, porque vive muito empiricamente, que gosta de experimentar tudo, independentemente de serem experiências boas ou ruins, como também afirmou durante nossa conversa. Em relação ao gênero, outro ponto importante que Fernanda toca é que em suas primeiras vivências sexuais, ela não tinha demarcada uma distinção entre homens e mulheres: “Na minha cabeça, eu podia gostar de qualquer pessoa, que eu queria gostar.”.

“Hoje eu quero incomodar. Por isso, que eu digo: ‘Eu sou sapatão!’”

Foram chegando às últimas conversas e tive vontade que conversar com pessoas que não conhecia antes da pesquisa. Com isso, culminou algumas desistências e dificuldades de conversar com sujeitas que eu já tinha convidado. Mencionei com uma amiga chamada Luana, que eu estava com dificuldade de encontrar mais gente para finalizar a pesquisa, ainda faltavam mais duas. Imediatamente, ela disparou mensagem em seus grupos de WhatsApp e apareceram cerca de oito meninas para participar da pesquisa. Dentre elas, Manuela foi a primeira a demonstrar interesse e a primeira que Luana me passou o contato.

Quando falei com Manuela, ela me falou que ela e a esposa poderiam participar da pesquisa, falei para ela que eu preferia que fosse apenas uma das duas, porque eu não queria entrevistar casais. Manuela, então, me disse que era melhor entrevistar a sua esposa, Rosi, porque “o lugar de fala dela é melhor”. Me passou o número da companheira e assim, entrei em contato com Rosi. De imediato, eu e Rosi marcamos nossa conversa, fiquei curiosa em saber por que Manuela interpreta o lugar de fala de Rosi como melhor do que o seu, pensei que era por conta da questão racial, porque Rosi é negra e Manuela é branca, mas talvez essa resposta apareça durante a conversa ou só Manuela possa explicar.

Rosi quis se chamar assim, não se importa que usemos esse nome. Conversamos no dia 21 de dezembro de 2018 na UFMA, por volta das 15 horas e 30 minutos. Primeiro sentamos na lanchonete do Paulo Freire e depois no chão de uma área ventilada do prédio. Rosi escolheu o lugar, porque é perto da sua casa. A conversa ocorreu um dia depois de que começaram suas férias, ela é formada em Educação Física e atualmente, cursa Estudos Africanos. Rosi tem 28 anos, é negra, classe baixa, não definiu signo, nem religião.

Ela começa o relato pela lembrança da primeira vez que teve um sentimento por alguém. Recorda que foi pela prima, quando tinha oito anos de idade. A prima do interior veio morar em sua casa, a chamarei de Emanuele. Lembra que era uma casa pequena, onde moravam oito pessoas e chegava mais uma. Rosi destaca que tinha dois irmãos, uma irmã mais velha e um irmão bem mais novo, com os quais não se identificava muito, mas quando a prima chegou ocorreu uma identificação.

Rosi e a prima tiveram uma relação mais intensa na adolescência, desde a infância, essa relação foi marcada por autojulgamentos em decorrência da religião, que Rosi era próxima. Por ser Católica, na época, Rosi julgou que aquilo era errado, porque ela aprendeu que era abominável e ia contra o que Deus queria e Rosi não queria ir para o inferno. Por isso, quando percebeu que estava gostando da prima se afastou dela. No

início, Rosi não considerava que gostava só de mulheres, ela considerava que gostava apenas da sua prima, por que foi por ela que o sentimento surgiu.

Mas, isso também era uma forma de não se identificar com a designação que lhe incomodava. Atualmente, a leitura de Rosi é diferente, ela lembra que o termo sapatão é pesado, que ele ainda choca as pessoas e é por isso, que ela gosta de usá-lo. Lembra que algumas pessoas a apresentam como lésbica, mas ela gosta mesmo é de sapatão para chocar e expõe sua interpretação sobre a palavra:

E como eu disse, eu vim para incomodar. Não vou ficar quietinha não. Já fiquei muito tempo quietinha. Hoje eu quero incomodar. Por isso, que eu digo: ‘Eu sou sapatão!’. Para mim, ser sapatão é mais uma forma de liberdade. Porque até quando eu parei assim no início, eu ficava, eu gosto de meninas, eu gosto de garotas. Ah, eu gosto de mulher. Mas, quando eu disse: ‘Eu sou sapatão, porraaaa!’, ‘Não, cara, eu sou sapatão!’, quando eu parei de ter preconceito com o termo, porque como eu falei, esse termo sempre foi usado como xingamento pelos outros, né? Sempre foi utilizado como um xingamento. Então, eu ficava, isso não é legal mesmo. Mas, depois eu pensei: ‘Sapatão é mulher que gosta de mulher, então, eu sou sapatão mesmo.’, então, para mim, eu prefiro me chamar de sapatão mesmo. Lésbica é só uma forma bonitinha de chamar sapatão. Ah.. Lésbica... Lésbica – em tom de deboche – Ah... eu sou é sapatão mesmo. Tou nem aí não. (Narrativa de Rosi)

Rosi completou dizendo que passou por etapas de achar que era errado ser sapatão e passou por uma fase de dizer que ninguém escolhe ser sapatão, porque ninguém escolhe não poder ter uma família aceita ou ser discriminado ou oprimido, mas ela afirma que não se sente mais assim, que ela adora ser sapatão e se ela pudesse escolher, ela seria sapatão de novo.

Durante a nossa conversa, também surgiu o assunto sobre a bissexualidade e os termos de forma mais ampla, porque Rosi afirmou que a maioria das mulheres que ficou na vida eram heterossexuais e depois descobriam que gostavam de mulheres. Comentei que outras dessas meninas descobriam que eram bissexuais, outras continuaram heterossexuais mesmo e Rosi fala num tom meio debochado: “Aí, meu Deus, eu sou bi, bi, bi...”. Então, perguntei o porquê do tom e ela respondeu:

É porque é muito chato essa questão de rotulação... Porque tem uma amiga minha que ela se identifica como lésbica, né? Mas, ela já se viu apaixonada por homens, mesmo sendo por homens gays, ela tem uma queda. E ela ficava: ‘Ain, não sei se eu sou bi, não sei se eu sou lésbica’ e eu dizia: ‘amiga, tu é uma pessoa! Tu não precisa se encaixar em grupo’. A gente já passa a adolescência toda querendo se encaixar em um grupo, querendo se encaixar, isso é muito chato, né? Isso com o passar do tempo, a gente vai percebendo que não há necessidade disso! Você tem que ser você e ponto. E às vezes, essas rotulações para mim, é muito chato, muito chato mesmo. Porque às vezes, a mulher é lésbica, mas pode se apaixonar por um cara, deixa, sabe? Porque eu já vi grupo de sapatão no WhatsApp, que a menina só elogiava um cara. Só um elogio ao homem. Aí o povo saía matando ‘que porra é essa de sapatão tá elogiando homem?’ (Narrativas de Rosi)

Rosi afirma que a sociedade heteronormativa já nos oprime e que poderíamos deixar de reproduzir as opressões dela, porque há posicionamentos que resultam em mais hierarquização e lembra de toda a carga que implica a bissexualidade, que é fetichizado pelos heteros, pouco mencionados e respeitados pela militância e discriminada pelas lésbicas que não confiam e coloca estas sujeitas como mais propícias à traição. Rosi finda por afirmar que por isso, os rótulos a entristecem, porque cria padrões e tudo relacionado a padrões, ela tenta quebrar em si.

“Porque tu ser mulher e ter um relacionamento com uma mulher, é uma coisa totalmente feminina, entendeu?”

Flora foi um dos contatos que Luana me passou, logo, eu não a conhecia antes da nossa conversa. Luana me falou que Flora estava interessada em falar comigo, mas era pansexual e não lésbica, mas estava casada com uma mulher e não intenciona deixá-la. Fiquei curiosa pela perspectiva e vida dela. Perguntei como Flora desejava ser chamada ao final da pesquisa e ela brincou que eu podia escolher o nome, mas que era para ser um nome bem feminino. Eu respondi a brincadeira e falei Flora e depois da brincadeira, ela não poderia receber outro nome aqui.

Marcamos de nos encontrar no dia 27 de dezembro, depois que ela desse seu plantão como recepcionista em um Hospital. Flora é estudante na UFMA e escolheu este lugar para conversarmos, porque acho que era mais viável para ela depois de uma noite de trabalho. Nos encontramos às 7:30 no Centro de Ciências Sociais (CCSO), não tinha quase ninguém na UFMA, porque o recesso já havia começado. Nos sentamos numa das pracinhas do prédio e começamos a conversar. Desde o início falei com Flora que nossa conversa seria experimental, por conta do recorte da minha pesquisa que inclui sapatão. Assim começamos nossa conversa.

Flora é branca, classe baixa, capricorniana, não declarou religião. Flora afirma que sua sexualidade⁶⁰ aflorou muito cedo tanto por homens quanto por mulheres, mas, que não mantém relações com homens porque, por algumas vivências que teve com homem, ela acredita que aspectos sociais pesam mais do que em relação com mulheres, como o machismo. Flora tem uma visão bastante romantizada da sapatonalidade, que é amparada nos entendimentos de Adrienne Rich, a quem ela inclusive, faz menções diretas quanto a isso. Para ela, ser lésbica é um ponto de resistência e que a relação entre duas mulheres é

⁶⁰ Termo utilizado por ela.

muito diferente de um casal heterossexual ou homossexual feminino, conforme trecho abaixo:

Porque tu ser mulher e ter um relacionamento com uma mulher, é uma coisa totalmente, feminina, entendeu? E isso, é a mesma coisa de tu ser mãe. Eu tou falando isso, embasada em um texto que eu li da Adrienne Rich, que ela fala que a experiência lésbica, ela é profundamente feminina tal como a maternidade, que quando tu fala os pais, tu esconde o quanto é profunda a relação de uma mãe com o seu bebê, sabe? Coisa que um pai nunca vai ter. Então, é a mesma coisa de quando tu fala em lesbianidade, em ser lésbica, para mim, é uma experiência totalmente, feminina. Tanto é que as relações lésbicas, elas são mais intensas, elas são mais sinceras. Não que não exista mulher safada por aí, mas que as relações, elas tendem mais a se deteriorar com o tempo e a tecnologia, com as coisas que a gente vive. Para mim, é uma experiência feminina, no sentido bom da palavra, da sinceridade e talvez eu esteja sendo um pouco ingênua falando isso, porque as relações estão mais deterioradas. Mas, isso é diferente, é um sentimento diferente de tudo, que a gente já viveu e só quem é lésbica, eu acho que pode dizer como é isso. Algo que é relacionado a afetividade e sexualidade, só que mais a afetividade. E eu acho que o sexo vem só para confirmar essa afetividade, por ser muito mais intensa do que uma relação sexual com um homem, entende? (Narrativa de Flora)

Flora afirma que nunca se apaixonaria por um homem, apesar de já ter se apaixonado por um, mas hoje acredita que isso não aconteceria. Para ela, os relacionamentos com homens são puramente sexuais. Diante da trajetória afetiva de Flora, compreendo que essa sua leitura sobre a sapatonalidade está ligada à sua experiência pessoal e atual. Tenho a impressão, que agora ela experimenta um companheirismo, que faz com que ela se sinta essa relação conforme a intensidade que narra. Companheirismo que não esteve presente em sua relação com o homem, que minava sua autoestima e da qual ela saiu sem nada e vilanizada.

Flora afirma que sua irmã é realmente lésbica e que talvez ela deixe sua sexualidade aberta, porque tem a irmã como referência, porque há um termo diferente que se utiliza para definir sexualidade e afetividade entre sexos iguais, opostos e ambos e tu tem que se encaixar neles. Finda por concluir que não gosta dessas limitações, que não tem problema se for encaixada como lésbica e que se realmente fosse, o fato de sentir atração por homens minimizaria o fato de que ela é lésbica, porque ela não acredita que alguém possa ser 100% alguma coisa. Que, ela acredita, que hoje ela está lésbica, mas que amanhã ela pode estar uma outra coisa. Na sua concepção, a definição de ser só uma coisa, limita as pessoas e é prejudicial para própria pessoa que se limita ou é limitada. Flora fala que não tem problemas em ser encaixada como lésbica, mas se incomoda em ser taxada como hétero, o que aconteceu quando ela estava com o cara. Flora interpreta a identificação com a lesbianidade ou o uso dos “rótulos” como necessária para as lutas sociais, que requerem uma identificação como legitimação.

Atualmente, Flora não fica mais com homens, porque seu relacionamento é fechado. Afirma que não que ela não tenha vontade de ficar com homens, porque realmente gosta do sexo com eles, mas que prefere não fazer nada que comprometa sua relação. As falas de Flora são repletas de contradições, no sentido de que ela defende algumas coisas e depois volta atrás, em relação aos homens por exemplo, ela fala que o dildo que ela e sua esposa compraram e usa substitui essa vontade, como se o que gostasse no sexo com homens fosse a penetração. Além disso, Flora percebe que o envolvimento com homens também é mais complicado, porque ela é masculinizada e isso afasta muitos homens.

2.2- A VIDA E A NORMA: aproximações e dissidências.

Como vimos em Foucault (2010), os sujeitos são criados através de discursos institucionalizados, que promovem verdades e por consequência, legitimidade sobre o sexo e os sujeitos que os detém. Tais discursos constituem as experiências dos sujeitos, que como vimos em Scott (1999) são constituintes dos sujeitos. Perceber a experiência dessa forma é legitimá-la como forma de produção de conhecimento. Assim, é a experiência das sujeitas que legitima seus enunciados e formulações.

Gostaria de recuperar também Brah (2006), quando defende que a experiência é um processo de significação que constitui o que chamamos de realidade. Ou seja, a realidade percebida pelo sujeito é sua interpretação, que depende da forma como ele foi construído que ocorre a partir de contexto com discursos políticos e socioculturais. Assim, cada constituição ocorre de forma única, porque os discursos, apesar de hegemônicos, não nos chegam da mesma maneira e tampouco os interpretamos da mesma forma, como podemos perceber nas discordâncias conceituais do que é ser/estar sapatão ou mesmo como utilizamos ou interditamos determinados termos.

Deste modo, abre-se a possibilidade da produção de contradiscursos e ao mesmo tempo, a reprodução de discursos heteronormativos, através dos quais todas as experiências são construídas. Entre as sujeitas, as dissidências conceituais e no uso dos termos são muito comuns devido a suas origens sociais, às maneiras como elas significam suas experiências e socializaram as palavras.

Uma questão geracional e de socialização se aproxima quando comparamos as definições de Aimée em relação às outras sujeitas, menos radicalmente, da perspectiva de Mirela, com a qual, em relação aos termos apresenta uma proximidade. Neste sentido, entendo que, o que faz Mirela e Aimée, preferirem usar o termo “gay” é devido à sua

inserção entre amigos com os quais as duas socializam há muito tempo, majoritariamente, homens gays com quem possuem a liberdade de “ser quem elas são”, adaptando aqui a fala de Aimée para demarcar que o que ela “é”, em seus relatos, entendendo este “ser” como uma essência, ela só pode ser neste meio. Há entre Mirela e Aimée uma aproximação de experiências com os homens gays com os quais relacionam.

Há também aqui, algo que se aproxima do artigo de Andrea Lacombe “De entendidas e sapatonas: socialização lésbicas e masculinidades em um bar do Rio de Janeiro”. O artigo expõe narrativas de sujeitas em relação aos termos preferidos ao se referir a sexualidade. Na primeira fala o termo “entendida” é preferido ao “sapatão”, por entender que um é mais “suave” do que o outro. Defendo que quando Mirela afirma a preferência por “gay” como mais “moderninho” ou Aimée afirme “gay” como mais “bonito”, é uma estratégia de suavizar e de se distanciar de toda a carga pejorativa que o “sapatão” traz, para elas, em decorrência de sua socialização, quando o termo era utilizado apenas para ferir e deslegitimar estas experiências.

O uso dos termos “suaves” é uma estratégia de distanciamento da opressão que cabe às sapatonas de forma generalizada, entendimento que ganha força nas narrativas de Rosi, que acompanhada pela “culpa católica”, que a perseguiu por anos, se negava a usar o termo sapatão, preferia “lésbica” ou “gosto de mulher”, para ela era uma forma de disfarçar a orientação sexual, que ela mesma se negava a aceitar. Por isso, usa o termo sapatão como resistência, como aceitação, como símbolo de sua liberdade, pois é a partir do momento, que ela afirma “Sou sapatão, porra!”, que ela experimenta o alívio de sua “culpa”, para ela não é mais pecado.

O uso dos termos “suaves” se apresenta, ainda, nas narrativas de Bárbara e Virgínia, que adoram o termo sapatão e o preferem a qualquer outro, mas em momentos mais formais se distanciam dele, optando por utilizarem o termo lésbica em ocasiões mais formais, que interpreto como uma forma de reivindicar respeito, porque, apesar da preferência, reconhecem que as palavras, nas formas como são ditas podem ou não machucar e deslegitimar. Deslegitimação e ataques que parecem ser mais comuns quando se trata do termo sapatão, por sua história, experiência diferente do lésbica, higienizado pela academia e outros discursos sociais. Além da forma como é dita, as palavras parecem machucar, dependendo dos seus emissores, Bia se incomoda de ouvir ser chamada de sapatão por alguns heterossexuais, porque na “boca deles”, a palavra parece perder a intencionalidade positiva que tem com seus amigos.

Apesar disso, Bia gosta do termo sapatão e o aplica em relação a si e não vê problemas dos amigos ou outros LGBTs a tratem dessa forma, ela também usa com suas

amigas que ficam com mulheres, ou seja, tanto homossexuais quanto bissexuais. Assim como ela, Bárbara defende o uso do termo para bissexuais e ao fazer suas ponderações Bárbara, me fazem refletir sobre o por que essa diferenciação entre as mulheres, ao passo, que em relação aos homens, elas são homogêneas e acabo supondo, que há uma utilidade na bissexualidade feminina: é um prazer útil ao homem, aos seus fetiches, a “garantia” de sua participação na sexualidade das mulheres.

Para Virginia, o termo sapatão é positivado como uma identificação de classe e raça bem demarcados, a sapatão para ela é negra, masculinizada, pobre e favelada, perspectiva que faz com que ela perceba a importância de se afirmar assim, enquanto estratégia de resistência, de positividade. Resistência é uma palavra que perpassa muito as definições das sujeitas, para Maria é uma definição direta, ser sapatão é resistir. Quando perguntada diretamente, ela não associa ao desejo, as práticas sexuais ou aos sentimentos, mas, a meu ver, aos enfrentamentos diários por conta da dissidência. Glória defende o termo sapatão como resistência contra a estrutura que constroem essas experiências e pelo cotidiano de opressões que implicariam a dissidência. Em suas definições diretas, ela aproxima à experiência de bissexuais à de sapatonas (tendo como referência que o entendimento popular, o termo inclui apenas lésbicas) através das violências sofridas.

Foucault (1988) defende que as verdades estabelecidas pelo discurso de sexualidade criaram modelos de sujeitos de acordo com a sexualidade expressa. Fernanda e Rosi utilizam o termo sapatão de forma frequente e positivada, no entanto, como uma estratégia de driblar as normas, elas contestam o uso de termos, pois em suas concepções, os termos servem para limitar a experiência e servem de instrumento de diversas opressões, inclusive, entre as próprias pessoas dissidentes, que tratam as categorias como fixas. Há a incorporação do discurso acadêmico em algumas narrativas, associo o distanciamento dos termos também à estratégia dos estudos Queer de desmanchar as categorias, como na perspectiva de Fernanda e Rosi; ou na positividade que Virgínia exerce por meio da classe social; ou da liberdade sexual, como em Bárbara, ou da provocação de incômodos, como utiliza ainda Rosi; ou ainda como, autoafirmação e socialização, como estão presentes em Bia.

No caso de Glória, toda a sua fala, sua autoanálise, é perpassada por entendimentos acadêmicos e políticos, quando ela reflete sua construção enquanto mulher dentro de uma estrutura heteronormativa, onde ela localiza que sempre tenta romper para poder viver sem as “obrigações de ser mulher”. Flora, possui particularidades, é pansexual, utiliza o termo sapatão com algumas restrições, prefere o lésbica, muito por sua proximidade acadêmica com o tema, que é geralmente, discutido com esse nome. A

academia pesa também nos entendimentos que Flora produz a partir da interpretação da sua vida, inclusive, a leva a citar Adrienne Rich com o seu *continuum* lésbico para afirmar que a relação entre mulheres tem uma intensidade e envolvimento. Afirma que não gosta dessas limitações, que não tem problema se for encaixada como lésbica e que se realmente fosse, o fato de sentir atração por homens minimizaria o fato de que ela é lésbica.

Tendo como ponto de reflexão a experiência e as teorizações formuladas pelas sujeitas, percebo que os entendimentos sobre sapatonalidades são diversos, apesar de todos estes conceitos ligarem recorrentemente a identificação com o envolvimento afetivo e/ou sexual entre mulheres e não consideram que o envolvimento com homens possa reduzir ou negar a sapatonalidade. Estes entendimentos dão brechas para incluir às bissexuais como sapatão para além da violência como defende Glória, que apesar de defender que bissexuais são sapatão, não se define desta forma. Posicionamento que interpreto como uma cautela, visto que, Glória fala por diversas vezes que está em um processo de descobertas de si, apesar de ter avançado nesse autoconhecimento.

Percebo que quanto mais fixassão as auto-definições, mais há possibilidade de deslegitimação de outras experiências similares, como ocorre com Mirela e Virgínia, que registram em suas narrativas formas de distanciarem-se das experiências bissexuais. No caso de Mirela de forma mais radical, a sujeita assume um conceito de sapatão fixo e amparado no discurso de “verdade”, que promove um afastamento das experiências que incluem homens como menos legítimos. A posição de Mirela revela uma ideia de sapatão como uma experiência única, na qual, para ser de “verdade sapatão” é necessário ter uma relação de indiferença ou de repulsa aos homens. Mirela afirma uma insegurança com a possibilidade de se envolver com mulheres bissexuais, as colocando como mais propícias à traição. No entanto, nas vivências de Mirela não são pontuados casos em que isso tenha acontecido com ela.

O mesmo que ocorre com Virgínia, que também não teve experiências em que foi preterida por parceiras em relações aos homens, mas opta por não ficar com mulheres que ficam com homens porque não gosta e não quer ser tratada como “passa tempo de ninguém”, como acredita que as mulheres bissexuais tratam as sapatonas/lésbicas. Relembrando suas experiências, Glória e Flora, que se autorreferenciam bissexual e pansexual, respectivamente, reconhecem que há um preconceito, que as mulheres que não se relacionam apenas com mulheres recebem das lésbicas pela consolidação de vários entendimentos da natureza, que movem o afastamento de lésbicas, como Virgínia e Mirela. O reconhecimento destes comportamentos, também estão presentes nas narrativas de Fernanda, Bárbara e Rosi.

Diante da constatação de que o entendimento de Mirela e Virgínia sobre a bissexualidade diverge das demais sujeitas, me perguntei, o porquê destas duas sujeitas terem tais perspectivas, visto que nenhuma delas relata ter experimentado o que condenam como bissexuais? Talvez retomando Foucault (1988), quando afirma que a sexualidade foi classificada, categorizada e hierarquizada e a partir disso, criou-se modelos de heterossexuais, bissexuais, homossexuais, posso ensaiar algumas respostas ou trilhar algumas questões nessa direção.

Há classificações e *verdades* sobre bissexuais, como para outras orientações sexuais, que são produzidas por instituições: o cinema, as novelas, as famílias, no nosso próprio meio de amigos e em nossa história vamos ter contato com esses discursos e interpretá-los. Estes discursos, que são produzidos pela heteronormatividade, foram aceitos e incorporados por Virgínia e Mirela, talvez pelo modo como chegou para elas e, ainda, eu poderia imaginar várias justificativas para isso, mas a partir do que colhi junto a elas, não sinto essa liberdade.

No entanto, partindo do que elas dizem, insistiria em dizer que para Mirela, é cômodo assumir tal postura, porque seu conceito de si passa pelas demarcações de uma diferença a esta outra experiência. Ao passo, que também reafirma estruturas pelas quais ela entende o mundo e as relações. O entendimento de Mirela sobre bissexualidade reafirma modelos de relações e de famílias heteronormativas, que para ela seriam mais legítimas por “serem biológicas”, “verdadeiras”. Ao fazer isso, Mirela também reafirma a relação heterossexual como mais legítima, porque são elas quem constituem relações “verdadeiras”, através da possibilidade de construção de famílias “verdadeiras” e nesses assuntos, a verdade é sempre heteronormativa.

Diante das afirmativas de Virgínia, a elaboração de questões parece ser ainda mais complexa, talvez um fio me conduzisse a questionar a concepção de relacionamentos sérios e o papel da diversão em suas experiências. Fico tentada a usar as relações de amizade de Virgínia para afirmar que esta sua concepção é muito difundida entre algumas sapatonas, mas o meu campo não me permite generalizar isso.

Gostaria de observar apenas que para Virgínia, ficar ou desejar homens não deslegitima a homossexualidade. Ela não fala muito de relações com homens, mas destaca que não sentia desejo, nem tesão por eles e apesar disso, um dia ainda teve vontade de experimentar ter relações sexuais com um homem por curiosidade, para ver como era. Durante a adolescência também ficou com homens pela dinâmica das relações com suas amigas. Virgínia não destaca estas relações como forma de se afirmar lésbica ou como algo que diminui a sua sapatonalidade, trata como experiências que a constituíram.

A bissexualidade também surgiu em algumas narrativas como uma fase, como algo temporal, como um estado, em Aimée, Gloria e Flora. Concepção que se alinha com os entendimentos de Butler (2015), que discuti no início do capítulo, quando ela enfrenta concepções universais e fixas da sexualidade. Para Gloria, é um estar no meio, no qual, quando ela está com um homem, ela experimenta, o que é ser uma heterossexual e quando está com uma mulher, experimenta, como é ser “sapatão”, aqui entre aspas para demarcar que o termo é usado não da forma que discuto aqui.

Em relação à sexualidade, esse ser ou estar, as sujeitas formularam definições, Aimée, apesar de ter como marco de sua bissexualidade ou encerramento de sua heterossexualidade, o fato de ter ficado com uma mulher, recorda episódios anteriores que a fazem refletir atualmente se não eram as primeiras manifestações da sua bi ou homossexualidade, relacionando à sapatonalidade ao desejo e às práticas sexuais. Para ela, a sexualidade é uma evidência exposta pela afirmativa sapatonalidade como uma evidência: “é que eu sou!”, “ele me viu, antes que eu me visse” e a mãe dele percebeu antes que tudo acontecesse. São frases proferidas por pessoas que se consideram portadoras “legítimas” das normas, que acreditam perceber essa essência, porque as tem: ela, o amigo gay e a sogra sapatão. Ter condições de viver os seus amores é uma condição para que Aimée possa ser feliz.

Flora também afirma que não acredita que alguém possa ser 100% alguma coisa. Que ela acredita que hoje ela está lésbica, mas que amanhã ela pode estar uma outra coisa. Na sua concepção, a definição de ser só uma coisa, limita as pessoas e é prejudicial para própria pessoa que se limita ou é limitada.

Alguns relatos de Mirela, também dão a impressão de um estar, apesar de ter concepções muito fixas sobre a sexualidade, pois quando avalia se Helena pudesse ser bissexual, ela afirma que nunca a viu assim, afirma que ela pode até ter sido “bissexual”, mas enquanto estava com ela não. Observando ainda suas falas, a sapatonalidade também aparece como algo que pode ser percebido, quando a sua vizinha que também é “gay”, afirma que não sabia que Mirela gostava de mulheres. E que pode ser expresso no modo de vestir, que fica implícito quando ela relata que muitas pessoas tem a impressão de que a sua atual namorada é bissexual ou heterossexual. Ela acredita que as pessoas acham isso, muito por um preconceito que as pessoas têm, que está associado ao modo de vestir de Márcia que é um estilo que ela define como “piriguete”, mas que no entanto, a namorada é tão “gay” que tem repulsa e ojeriza a homem, a negação do homem como objeto de desejo é utilizada por Mirela como uma forma de afirmar a sapatonalidade verdadeira.

Essa concepção da sexualidade relacionada a forma de vestir também aparece em Bárbara como um indicio percebido por alguém que a “acusou” de ser sapatão, que pode ser interpretado como algo que disfarça o seu corpo de mulher, o tornando neutro, como também era o seu desejo na época: não tinha namoradinhos e usava roupas que não marcavam o seu corpo. Virgínia também demarca que não são apenas os seus relacionamentos amorosos e práticas sexuais que determinam sua subjetividade, pois há várias outras coisas que a compõe como sujeita, uma delas é o modo como ela gosta de se vestir e comportar de uma forma dita mais masculinizada ou modo como corta o cabelo ou mesmo como anda.

Apesar do entendimento de Virgínia e da construção histórica do termo sapatão, como Lacombe (2007) defende a partir da equivalência que realiza com o termo *butch*⁶¹, que nos estudos norte-americanos, corresponde às lésbicas masculinas e utiliza a definição de Judith Halberstern para afirmá-lo como termo que se refere a “[...] mulheres que se sentem mais confortáveis com estilos, códigos e identidades genericamente masculinos do que com aqueles femininos.” (LACOMBE, 2007, 212), aqui as sapatonalidades não foram relacionados apenas às experiências de mulheres cujas performances corporais se aproximam mais de mulheres masculinizadas. Há sujeitas em que masculinidade é uma característica, mas não defendo esta característica como comum a todas as sujeitas ou determinante para incluí-las na categoria. Inclusive, acredito que o termo sapatão aqui pluraliza as experiências que podem ser associadas ao termo. Muito mais do que o que se entende por lésbicas ou homossexuais ou bissexuais.

Em Mirela, trata-se de algo a ser dito, confessado, como necessária para as relações sociais. Para ela foi um processo de descoberta, que a afasta de homens e a aproxima das mulheres, que tem como ligação o desejo. O processo de descoberta de Mirela possuía uma referência da qual ela foi associada: “as mulheres da novela”. A Universidade aqui, bem como, nas narrativas de Virgínia, é apresentada como um espaço ou aspecto que permite a experimentação desses desejos que vão surgindo. A narrativa de Mirela é a única em que aparece uma sujeita sapatão que é “verdadeira”, concepção que percebo em sua afirmativa de que ela é gay “puro sangue”, que está associada à sua ausência de desejo por homens, por nunca ter transado com homens, por até já tê-los beijado, mas por atualmente não se sentir atraída de forma alguma, os achando apenas bonitos.

⁶¹ O termo foi apropriado também pelos estudos queer, que subverteu o seu sentido pejorativo e se concretizou como um modo de autoafirmação e ressignificação.

A concepção de referências é muito cara aos entendimentos de Virgínia, que afirma a sapatonalidade como uma descoberta e a falta de referências aos seus pensamentos, desejos e sentimentos como um entrave para entendê-los. Assim, é uma descoberta que vai sendo compreendida através da noção de errado e de culpa, porque o que ela ouviu foram coisas pejorativas. As referências de Virgínia, em suas experiências, estão ligadas diretamente ao acesso à informação, o que traz a reflexão da classe, porque há conteúdos sendo produzidos sobre estas experiências, mas o acesso é restrito às TV fechadas e o acesso à internet. Não há uma educação sexual, que ensine a lidar com a descoberta de uma sexualidade dissidente: nem na escola, nem na igreja e talvez com os amigos, que passam a ser referências de muitos entendimentos que carregamos durante a vida.

A “descoberta” da sexualidade aparece com outros sentidos também, com sentidos de experimentações, como por exemplo, para Maria e Glória. Experimentações que ocorrem primeiro com meninos, talvez porque como lembra Virgínia, nos falta referência para experimentar para além disso. Nossas experiências são gendradas. Mas, também há rupturas, Glória, Maria, Bia e Fernanda, por exemplo, começaram a descoberta do corpo e dos prazeres com brincadeiras infantis. Fernanda afirma que na infância não possuía de forma bem demarcada uma distinção entre homens e mulheres: “Na minha cabeça, eu podia gostar de qualquer pessoa, que eu queria gostar.”.

Devido a estas experiências iniciais, Bia não trata a sexualidade como descoberta, ela afirma que sempre foi sapatão. Bia não soube explicar o que é ser sapatão, mas para ela é ficar com mulheres, assim, as bissexuais também são sapatão, apesar da distinção da fala “Sapatão, Sapatão, Sapatão fica só com mulheres, mas ficou com mulher, é sapatão. Já chupou mulher é sapatão.”. Bia também não acredita que ficar com homens torne alguém menos sapatão, concepção que Fernanda também defende, pois fica com homens, mas isso não faz uma sapatão menos sapatão, parece defender que ser sapatão está relacionado ao gostar de mulheres, localizando na afetividade a distinção do que é ser sapatão. Mas, acredita que gostar de homens não faz de ninguém menos sapatão, outras especificidades que ela destaca é que não consegue construir uma relação fixa e progressiva com homens.

Como mencionada anteriormente, a definição de Flora diverge das demais, ela que se identifica como pansexual, compara as relações com homens e mulheres, afirmando como Adrienne Rich, um *continuum* feminino. A diferenciação se dá por conta de experiências que teve com homens e mulheres e onde não se sentiu cuidada ou não teve intensidade e nem troca. Em suas falas, ela trata homens como objetos sexuais, os quer

apenas para o sexo e se diz satisfeita dessa vontade quando com a esposa decidem comprar um “brinquedinho”⁶². As falas de Flora são contraditórias, um movimento de dizer e desdizer, ela afirma sua sexualidade em comparação à da irmã que se relaciona exclusivamente com mulheres.

⁶² Como são chamados os dildos e outros objetos auxiliares no sexo.

3- SOBRE AMORES E OUTRAS TRANSAÇÕES

O presente capítulo traz narrativas destacando algumas falas sobre os relacionamentos amorosos e como as práticas sexuais se desenvolvem para as sujeitas, analisando suas perspectivas sobre amor, principalmente, como o amor romântico tem impactado nestas experiências, o percebendo como componente de nossos enquadramentos morais legítimos de nossos relacionamentos amorosos e defendendo essa legitimidade como constructo heteronormativo.

Em um segundo momento, trago as narrativas sobre práticas sexuais, levantando algumas questões sobre a reprodução de concepções de gênero nas vivências sexuais das sujeitas, chamando atenção para como descrevem os elementos que compõe tais práticas, como locais, frequência, posições sexuais, uso de objetos sexuais, classificação de tipos de relacionamentos. Faço isso como uma forma de identificar como a estrutura heteronormativa impacta no repertório sexual das sujeitas, ao passo que também, destaco este repertório, que comumente é representado como insuficiente e insatisfatório.

3.1- O amor é discutível?

Que é que eu sei/ Sobre o amor / Só se for A sombra do avião /Que sobrevoou
Sem aeroplanejar / Sem aterrissar / E ainda assim acariciar/ Os cabelos da
melissa.
Arleno Farias⁶³

Este não foi um tópico de fácil construção, pois, especialmente nele, tive que desnaturalizar algumas concepções que trazia comigo. Algumas naturalizações que acompanhavam também os meus interlocutores. Quando eu dizia que ia falar de amor e práticas sexuais, brincadeiras surgiam de forma imediata, relacionadas ao quão excitante deveria ser ou óbvio seria falar sobre amores e práticas sexuais, era realmente delicioso ouvir os relatos, mas com o tempo, percebi “o dom de iludir”⁶⁴ desse campo e além da delícia, provei a dor de entender os relacionamentos teoricamente por meio das práticas, logo eu, uma “poeta erótica”⁶⁵, que pouco sei do amor na prática, tenho que agora entendê-lo na teoria.

Quando adentrei no meu campo, fiquei amedrontada com o que iria ouvir, depois o que ia fazer com isso e em seguida, como não ser leviana com as histórias que me foram

⁶³ Música Sanfoninha do compositor brasileiro Arleno Farias.

⁶⁴ Em referência a música “Dom de iludir” de Caetano Veloso, que afirma que em seus versos que cada um sabe a dor e a delícia de ser quem é.

⁶⁵ Em referência ao poema de Fernando Pessoa, intitulado “Poeta Erótica”.

contadas, como respeitar algo tão importante para as suas vidas: suas histórias de amores. Me vi perdida ante o que eu deveria perguntar além das minhas instruções, aliás quais seriam as minhas instruções? No final, optei por pedir que me fossem relatadas histórias de relacionamentos significativos, pareceu uma boa saída. E foi! Diante dos meus dados, das leituras que adquiri para discutir o que pretendia pensei que seria um bom jeito de começar aqui também. O que são relações significativas para as sujeitas de pesquisa?

A música, a poesia, o teatro, a mitologia, a medicina, a filosofia, a psicologia, a astrologia, a religião, a sociologia, a comunicação, dentre outras ciências, artes ou formas de refletir (e expressar) sobre o mundo, tentaram explicar ou traduzir o amor por meio das suas teorias e métodos: o que vivenciamos nesse íntimo? No nosso coração? Na nossa cabeça? Na nossa alma? Boca? Narinas? Olhos? E orelhas? Não é o meu objetivo, trazer estas respostas, como já disse estou próxima de correntes que não trazem definições, aqui analisarei os efeitos produzidos pela economia afetiva que nos ensinada como legítima nas relações das sujeitas: os preceitos do amor romântico que as instituições que nos formam, nos instigam a perseguir, argumento que devo aprofundar em seguida.

Apesar do interesse interdisciplinar em entendê-lo, os sentimentos são relegados, deslegitimados como objeto de pesquisa, em uma sociedade que valoriza a razão. David Le Breton (2009), em suas “Paixões ordinárias: antropologia das emoções” demonstra a centralidade dos sentimentos na vida cotidiana, porque nossas decisões, pensamentos e interpretações de mundo são influenciadas e condicionadas por elas. Ele defende que o ser humano está constantemente sob influência dos acontecimentos e que eles nos afetam, nos tocam, ou seja, os sentimos de alguma maneira. Assim, para o autor, razão e emoção estão interligados, influenciando-se mutuamente. A razão está impregnada de sentimentos e os sentimentos permeados por representações sociais e significados: “Existe uma inteligibilidade da emoção, uma lógica que a ela se impõe; da mesma forma, uma afetividade no mais rigoroso dos pensamentos, uma emoção que o condiciona.” (LE BRETON, 2009, p. 112)

Por este fato, me utilizo das experiências das sujeitas para refletir sobre a afetividade em nossa sociedade e as coloco como enunciadoras legítimas na interpretação dos seus sentimentos e vivências racionalizadas, que permite com que elas avaliem seus sentimentos, os tipos de relações que as contemplam, quais parceiras procuram, dentre outras nuances a que chamam de amor. Lendo os relatos das sujeitas, percebi que suas relações significativas estão relacionadas a muitos aspectos: formato das relações; aprendizados sobre si, sobre as relações, sobre os outros e sobre práticas sexuais;

sentimentos envolvidos; tratamentos trocados, como a presença de cuidado e respeito; a duração; convivência, entre outras especificidades.

Para Le Breton (2009), afetividade é repleta de valores e moralidade, possui um peso social, como se amassemos através de parâmetros éticos e culturais. Diante desta constatação e de perceber muitas proximidades entre os amores e os parâmetros de relacionamentos das sujeitas, lembrei do argumento de Jurandir Freire Costa (1998), em seu livro “Sem Fraude e sem favor: estudos sobre o amor romântico”, no qual ele identifica o amor romântico, como o léxico que as sociedades ocidentais elaboraram para si, como expressão legítima do amor.

O autor realiza uma “genealogia” do amor tal como conhecemos hoje, com a ideia de que o amor e a felicidade erótica são insubstituíveis: “[...] nada traz o alento de um amor-paixão romântico correspondido. Diante dele tudo empalidece; sem ele, até o que engrandece perde a razão de ser.” (COSTA, 1998, p. 11), associação do amor ao bem comum que é típico do romantismo, mas que também predomina no imaginário popular atual. Esta associação de amor e felicidade, esteve presente nos relatos de Aimée, por exemplo, de forma direta. Para esta sujeita, a realização dos seus amores é imprescindível para sua realização pessoal e como sujeita, sem ele, Aimée avalia que teria suas perspectivas frustradas e viveria como alguém que ela não é.

Costa (1998) discute as dificuldades de se distanciar ou desconstruir a relação que temos entre o amor e a felicidade mesmo sabendo que o amor não é nem natural, nem universal ou espontâneo. Ele defende que o amor romântico surgiu e se estabeleceu como conduta emocional da Europa em seus anseios de autonomia e felicidade, se apresentando como um elemento de bem comum. Este amor não mudou, mas o cenário da sua existência sim, o valor do amor “[...] foi hiperinflacionado e a sua participação no bem comum chegou ao ponto de zero. E, à medida que refluiu aceleradamente para o interior do privado, o romantismo assumia a forma de moeda forte de felicidade junto com o sexo e o consumo”. (Costa, 1998, p. 19)

O autor observa, que após o século XIX, há um marcante abandono da vida pública, os sujeitos se retraem a vida privada e conseqüentemente, passa exaltar as perspectivas amorosas, que passou a constituir sua identidade como “[...] derradeiro abrigo num mundo pobre de ideais de Eu.” (Costa, 1998, p. 20). Os argumentos de Costa (1998), parecem defender que o amor se tornou Deus depois que os deuses morreram.

Por fim, o autor não enfrenta diretamente que o amor não é a felicidade, mas afirma que na história da humanidade, acreditamos que a felicidade pode ser muitas coisas: nossa relação com Deus, com a sanidade e com o amor, talvez falte coragem para

enfrentar essa máxima e afirma que o objetivo de seu trabalho é reinventar a gramática do amor.

Para Costa (1998), o amor ideal rege nossas relações e nossas expectativas de felicidade, nos coloca como os únicos sujeitos responsáveis por alcançá-lo e quando a realização desse ideário não ocorre, nos culpamos pela nossa própria impossibilidade, sem questionar a estrutura que a sustenta e as certezas que as legitima. Defende que apesar de não serem “minorias identitárias”, os excluídos do amor romântico “[...] aprenderam a se considerar ‘infelizes’, ‘azarados’, ‘irrealizados’, ‘neuróticos’, ‘ansiosos’, ‘narcísicos’, ‘frustrados’, ‘medrosos’ e outros estigmas auto aplicados. Estas autodescrições, obviamente, não produzem mal-estar psíquico do preconceito.” (Costa, 1998, p. 35). Talvez, por isso, alguns sujeitos, como Aimée, tenha o amor como o ponto central de sua felicidade e realização pessoal.

O autor afirma que temos muitas dificuldades para encontrar soluções para o amor pela forma como são construídos os sujeitos do amor. Em seguida se propõe a fazer uma genealogia desse sujeito no processo de invenção do amor romântico. Inicia recordando que uma das ideologizações do amor é considerá-lo um valor em si, independentemente da existência de outros interesses. Costa (1998), afirma que apesar da difusão através do amor romântico, essa não é uma invenção sua imediata. Há uma longa história dentro do pensamento ocidental, na qual são idealizados o objeto amado e o sujeito do amor.

Costa (1998) demonstra que o sujeito do amor se constitui por meio do “conhecimento” e da “vontade”. Mostra como o amor esteve ligado ao ato de educar na era clássica. O cavaleiro vassalo cortês, por exemplo, teve de se compor para enfrentar os problemas econômicos do feudalismo. A cultura cavaleiresca foi uma resposta às ameaças de perda de terras. O autor destaca que há um grande vínculo entre o amor e educação com objetivo de sustentar “[...] a vida pública e para preservar os valores culturais é patente.” (Costa, 1998, p. 45)

O autor sugere que a moderna concepção do sujeito amoroso teve origem em três fontes históricas: o amor cortês e a mística cristã; as teorias sobre o sujeito das revoluções econômico-político-culturais entre os séculos XVI e XVII e; as práticas de subjetivação criadas pelo convívio social das sociedades de corte. Momentos históricos que valorizaram, respectivamente, o ciúme, o sofrimento e a coragem de amar a qualquer custo; o prazer e o desejo como protagonistas do amor e; a simplicidade, a moralidade e a honestidade como valores.

Aqui chegamos com muitos elementos que são próprios do amor romântico, apesar da problematização que Costa (1998) promove em torno dele. Ao confrontar tais

concepções, o autor descreve o amor romântico que é tido como sinônimo de felicidade, espontaneidade, universalidade, que justificam ciúmes, posse, desejo e inconsequência para vivê-lo. Acredito que temos muitas heranças do amor romântico, que eu aproximaria como uma economia afetiva que está sustentada na heteronormatividade e na sua economia afetiva e do uso dos prazeres, ao estabelecer que o amor é único e eterno, coloca o casamento e a monogamia como legitimadoras das relações.

Entre o campo e o que Costa (1998) defende como os preceitos do amor romântico, há muitas proximidades, como a necessidade de persegui-lo como única possibilidade efetiva de felicidade, como não o ter redundaria em dor e solidão, justificando ciúmes.

Os preceitos do amor romântico apareceram nas narrativas de uma forma bastante frequente. Quando avaliavam os relacionamentos significativos, as sujeitas exaltavam características de um amor eterno com a possibilidade de viver juntas e construir um futuro comum; duradouro com a partilha de momentos com familiares; que existem dentro de relações em variados formatos: como monogâmicos e não-monogâmicos, nestes últimos com acordos de prioridade; que coincida com um desenvolvimento pessoal; com sentimentos para além de algo carnal, que seria o desejo, distante da pureza do amor, que envolveria outros elementos para além do prazer sexual, de ter e possuir, apesar de ser parte do amor, não sendo tudo dele; relações em que se estabelecem uma confiança.

As perspectivas de amor romântico estão relacionadas diretamente à monogamia, exclusividade, eternidade, ao casamento, à heterossexualidade ideal do sistema heteronormativo, visto que, todas as instituições do amor romântico funcionam e legitimam relações entre os diferentes. Associações que à medida que eu o aproximo das experiências das sujeitas desta pesquisa, leva a reflexão da possibilidade de trazer estes amores como românticos. Mas, como diz a música de Vanessa da Matta (e sim, às vezes, é necessário recorrer aos poetas, Freud): “Eu cresci, ouvindo anedotas, clichês e chacotas. Frustrações. Sobre amasiar, se casar, se entregar seria, fraquejar.”⁶⁶, os discursos do amor romântico, enquanto, amor ocidental legítimo heterossexual, nos chega de forma performativa, como única forma de felicidade e nas relações que não encontram todos os seus elementos, é ao menos utilizada como forma de legitimar relações.

Costa (1998) foge dos extremos admitidos para o amor, para ele: “[...] O amor é uma crença emocional e, como toda crença, pode ser mantida, alternada, dispensada,

⁶⁶ Música “Te amo” de Vanessa da Matta.

trocada, melhorada, piorada ou abolida. O amor foi inventado como o fogo. [...] Nenhum de seus constituintes afetivos, cognitivos ou conotativos é fixo por natureza.” (Costa, 1998, p. 12). E assim, elenca três principais afirmações que sustentam o credo amoroso ou seja que todos “os amantes” deveriam seguir: “1) o amor é um sentimento universal e natural, presente em todas as épocas e culturas; 2) o amor é um sentimento surdo à ‘voz da razão’ e incontrolável pela força da vontade e 3) o amor é a condição *sine qua non* da máxima felicidade a que podemos aspirar”. (Costa, 1998, p. 13)

Para Costa (2009) o amor é um credo e demonstra isso passo a passo dissolvendo as crenças que o sustentam. Ele duvida da sua natureza e universalismo, pois não há evidências na prática amorosa. Na verdade, em sua concepção, somos condicionados a entender o amor conforme experiências passadas, aprendemos o amor através do desenvolvimento da capacidade de identificar semelhanças em situações afastadas pelo tempo e pelo espaço. Conforme o autor, há um modelo de amor que nos é ensinado como o amor verdadeiro, o dos grandes heróis, como Romeu e Julieta, com os quais devem ser identificados os nossos próprios sentimentos para que possamos entender, que alcançamos esse estágio. Essa aproximação com as grandes histórias de amor, pré-seleciona os elementos que podemos legitimar como componentes de um amor legítimo: o de verdade, forte, grandioso e mágico.

As ideias de Costa (1998) são coerentes com a perspectiva de Le Breton (2009), para quem, “[...] nossas sociedades acolhem amigavelmente teorias hormonais, neuronais, átomo-fisiológicas, evolucionistas, psicológicas, sociológicas, etc.” (Le Breton, 2009, p. 150). Em várias outras sociedades, acredita-se que os sentimentos e emoções tem origens em órgãos, como o estômago, o coração, o fígado, etc. Trata-se de uma fisiologia simbólica. O autor dá inúmeros exemplos em relação a estas sociedades e destaca que as representações sociais de nossa sociedade “[...] conferem ao coração uma imagem simbólica que o associa ao amor, à generosidade, ao carinho, etc.” (Le Breton, 2009, p. 151)

As sujeitas da pesquisa não fizeram muito essa associação de sentimentos à órgãos, apenas Mirela destacou sintomas físicos em relação à manifestação de seus sentimentos. Mirela afirmou que em duas ocasiões em que sentiu ciúmes ficou doente, com febre e com dores no estomago. A partir dos sintomas, Mirela interpretou que a relação não seria boa para ela e decidiu arrumar estratégias para amenizar possíveis futuros sofrimentos. Aqui percebo elementos para entender como o amor é tratado como uma doença, um sintoma que pode ser tratado. Como ligado ao órgão, poderíamos cogitar as possibilidades dos sentimentos serem tidos como algo natural, já que relacionado às

verdades biológicas, verdades e conhecimentos valorizados pela nossa sociedade racionalista.

O ciúme apareceu em algumas narrativas de forma diversa, sendo justificado como algo próprio de um signo (touro), em Maria; como uma justificativa para traição, em Mirela; como um indício afeto, quando Aimée sente por seu marido e Lana (uma de suas companheiras) interpreta como um resquício de sentimentos e que não é totalmente negado por Aimée. E por fim, como uma negação, como algo que se tenta distanciar-se, como em Bárbara, quando contesta que tinha tido ciúmes de Vitória (seu primeiro amor, que também se relacionava com um rapaz), pois em sua interpretação não era ciúmes, apenas percebia que a relação concomitante de Vitória, não a fazia bem; ou em Virgínia foi algo que ocorreu e que apenas prejudicou o desenvolvimento de sua primeira relação. E mesmo em Fernanda, que destaca o ciúme como algo que nos é ensinado ao longo da vida, em sua concepção desde criança aprendemos...

A ter ciúmes das coisas que são tuas. Uma pessoa não é minha. E eu não posso chegar para ela e ditar o que ela vai fazer ou não! Ciúmes às vezes a gente sente, mas eu sempre me controlo. Se eu sinto ciúmes, eu sempre tento controlar aquilo, porque é um sentimento ruim, que faz mal para a gente. Eu fiquei de boa com eles, super de boa. E ela ficou muito mal. Eu me senti muito mal também. (Narrativas de Fernanda)

A meu ver, todas as falas mencionadas trazem o ciúme como algo esperado e realmente, é. O ciúme é uma característica do amor romântico, que o autojustifica. É o nosso padrão de amor, como bem lembra Fernanda, que nos ensina que o ciúme faz parte amor e do desejo, que em certa medida deveria requerer a posse do objeto de amor. Afinal, como defende Bauman (2004) em seu “Amor Líquido” - no qual, em minha leitura, ele exalta o amor romântico ao demonstrar, a liquidez das relações no mundo cada vez mais fluído e de relações/valores frágeis - o amor é a dualidade entre a prisão e a liberdade, ambas renegadas. O amor é experiência, você só pode entendê-lo, depois de tê-lo vivido. O amor guarda consigo insegurança e nunca é tão bom quanto aparenta ser, amar é abrir mão do abrigo: “O amor é uma hipoteca baseada num futuro incerto e inescrutável” (BAUMAN, 2004, p. 23), ou seja, incompreensível e impenetrável. O autor faz uma diferenciação ente o amor e o desejo, na qual, o “[...] desejo é vontade de consumir. Absorver, devorar, ingerir e digerir – Aniquilar. [...] é o ímpeto de vingar a afronta e evitar a humilhação” (BAUMAN, 2004, p. 23). Por um lado, o desejo é ânsia de destruição e por outro, o amor:

[...] é a vontade de cuidar, e de preservar o objeto cuidado. Um impulso centrífugo, ao contrário do centrípeto impulso de expandir-se, ir além, alcançar o que ‘está lá fora. Ingerir, absolver e assimilar o sujeito do objeto, e não vice-versa, como no caso do desejo. Amar é contribuir para o mundo. [...] O amor significa um estímulo a proteger, alimentar, abrigar; e também à carícia, ao afago e ao mimo, ou a – ciumenta – guardar, cercar, encarcerar. Amar significa estar a serviço, colocar-se à disposição, guardar a ordem (BAUMAN, 2004, p. 24)

Apesar de autojustificado pela forma de amar ocidental, há experiências que contestam o ciúme e como ele se apresenta como natural, como os esforços das sujeitas que tentam se distanciar dele ou de outras sujeitas que se distanciam desta posse através de arranjos de relacionamentos não-monogâmicos, mas mesmo nestes formatos de relações percebo elementos do amor romântico.

Os relacionamentos não monogâmicos, que não possuem formatos exatos, foram destacados por muitas sujeitas. Este arranjo foi mencionado por mais da metade das sujeitas: Maria, Bárbara, Fernanda, Glória, Flora e Bia, que o significaram de diversas maneiras. O de Flora não durou muito, porque a sua companheira não ficou feliz com esta configuração de relacionamento e ela não quer perder tudo de bom que construíram por isso. Bia foi a única sujeita que falou de relacionamentos não monogâmicos de forma um tanto quanto pejorativa ao afirmar que quando um de seus relacionamentos saíram da exclusividade para algo mais aberto⁶⁷, o seu *mode rapariga*⁶⁸ foi ativado.

Maria, Bárbara, Fernanda e Glória significaram os relacionamentos não monogâmicos como algo positivo, destacando que eles permitem relações menos abusivas, mais livres e que respeitam os desejos que não estão condicionados às relações. As sujeitas parecem tratar os desejos como plurais e mutáveis. Apesar de dispensar a exclusividade, os relacionamentos não monogâmicos que foram relatados, possuem outras características românticas, como os pactos de prioridade, a existência de sentimentos que parecem únicos e os planos de futuro, que dão a impressão de eternos.

Le Breton (2009) esforça-se para demonstrar que as emoções não são naturais, próprias dos humanos que pode ter equivalentes em várias culturas diferentes, que tivessem o mesmo estado de espírito. Para o autor, as emoções são “[...] atitudes provisórias que manifestam a tonalidade afetiva do indivíduo na sua relação com o mundo.” (LE BRETON, 2009, p. 152) O léxico sentimental, para ele, não deve ser traduzido com os mesmos termos, fazê-lo implica na certeza de que algo do sentido será

⁶⁷ Relações em que são permitidos os envoltimentos sexuais ou afetivos com terceiros.

⁶⁸ Acredito que quando usa o termo quer dizer que já não se importava mais com os sentimentos e iria viver como o proposto, já que nas suas concepções os relacionamentos monogâmicos parecem ser os legítimos.

perdido, pois ao contrário do que pensam e defendem os naturalistas, as emoções não são a mesma coisa em todas as culturas, circunstâncias e sociedades: “[...] algumas sociedades referem-se a um vocabulário limitado para dominar sua afetividade enquanto outras se servem de centenas de palavras para fazê-lo.” (Le Breton, 2009, p. 153). Le Breton (2009) atenta para o fato de que usar um léxico próprio é enquadrar o outro em nossas categorias:

As emoções nascem de uma avaliação mais ou menos lúcida de um acontecimento presenciado por um ator provido de sensibilidade própria. Elas são pensamentos em ação dispostas num sistema de sentido e de valores. Enraizadas numa cultura afetiva, elas também se exprimem mediante uma linguagem gestual e de mímica, que pode em princípio, ser reconhecida (a menos que o indivíduo dissimule seu estado afetivo) pelos integrantes de seu meio social. A cultura afetiva oferece os principais esquemas de experiência e de ação sobre os quais o indivíduo tece sua conduta de acordo com sua história pessoal, seu estilo e, notadamente, sua avaliação da situação. A emoção experimentada traduz a significação conferida pelo indivíduo às circunstâncias que nele ressoam. É uma atividade de conhecimento, uma construção social e cultural, a qual se torna um fato pessoal mediante o estilo particular do indivíduo. (LE BRETON, 2009, p. 12)

Le Breton (2009) defende que a cultura rege os corpos, os modela na expressão dos seus sentimentos, ou seja, há um comportamento esperado e reconhecido para quem sente amor, raiva, ciúmes, etc. Não há espontaneidade e nem sensibilidade naturais na interpretação e teatralização dos sentimentos, o simbolismo “[...] enforma seu corpo e lhe possibilita compreender as modalidades corporais dos outros, assim como permite-lhe compartilhar as suas próprias.”. (LE BRETON, 2009, p. 16)

O autor recorre à história da humanidade, para demonstrar que o amor como um mal, uma doença, que prejudica a vida do homem é algo muito antigo e presente em muitas sociedades ocidentais, aparecendo desta maneira, nos estóicos, em Aristóteles, em pensadores/médicos até o século XVIII ou mesmo em Kant. No entanto, distancia essa concepção, reafirmando que a inteligência é impregnada de afetividade e essa afetividade é permeada por lógicas pessoais e sociais:

As emoções que nos acometem e a maneira como elas repercutem sobre nós têm origem em normas coletivas implícitas, ou, no mais das vezes, em orientações de comportamento que cada um exprime de acordo com seu estilo, de acordo com a sua apropriação pessoal da cultura e dos valores circundantes. São formas organizadas da existência, organizadas no meio de um mesmo grupo, porque elas provem de uma simbólica social, embora elas se traduzam de acordo com as circunstâncias e com as singularidades individuais. [...] Sua proveniência não é exclusivamente individual: ela é uma consequência íntima, ocorrida na primeira pessoa, de um aprendizado social, em primeiro lugar, e de uma identificação com outros, em segundo. (LE BRETON, 2009, p. 117)

Le Breton (2009) defende que os sentimentos são baseados em valores conforme a interpretação dos fatos de cada pessoa, do seu referencial moral, do tempo e da memória,

o que implica na maneira como o acontecimento é interpretado. Deste modo, o autor argumenta que:

A emoção não fixa, ela é diluída nas malhas do tempo, as quais a acentuam ou amenizam, alterando seu significado de acordo com as vicissitudes da vida pessoa. A afetividade relaciona-se com o sentido, ela não finca suas raízes apenas na concretude presente de uma situação; ela pode antecipar um acontecimento e misturar-se ao imaginário ou fantasias, os quais igualmente produzem emoções reais. (LE BRETON, 2009, p. 118)

Para Le Breton (2009) a afetividade é um emaranhando de significados sociais, matéria viva dos fatos sociais que orienta os estilos das relações, distribuindo valores e hierarquias que sustenta a afetividade tal como a conhecemos. Elas não possuem realidade, natureza ou fisiologia em si:

Elas se inscrevem sobre uma teia de significados e de atitudes que prescreve aos indivíduos, tanto as formas de descrevê-las quanto as maneiras de exprimi-las fisicamente. As emoções são, portanto, emanações sociais ligadas a circunstâncias, para os e à sensibilidade particular do indivíduo. Elas não são espontâneas, mas ritualmente organizadas. Reconhecidas em si e exibida aos outros, elas mobilizam um vocabulário e discursos: elas provêm da comunicação social. (LE BRETON, 2009, p. 120)

Identifico de forma clara, os valores que direcionam os afetos das sujeitas, quando descrevem o que lhes chama atenção nas mulheres, quais pré-requisitos são buscados nas parceiras para relacionamento mais duradouros. A inteligência ou intelectualidade foi mencionada em quase todas as narrativas, que pode ser uma característica decorrente do fato de todas serem formadas ou já terem passado pela Universidade. A característica esteve presente em Virgínia (inteligentes que usam deboche com ironia e crítica social), Maria, Fernanda, Rosi (inteligentes que falam palavrão) e Aimée, nesta última, com um peso especialmente forte, no qual, ela coloca a intelectualidade como um atributo indispensável para as suas relações. Aimée descreve o atributo como pessoas que saibam falar sobre tudo e não fale errado, atentados à gramática tiram o tesão dela.

Mirela parece contestar a lógica da inteligência academicista - embora eu não identifique que todas as sujeitas se refiram a inteligência à competência ou cultura acadêmica -, ela costuma se apaixonar por mulheres mais velhas, porque procura maturidade. Em suas narrativas, destaca que já sofreu preconceito quando saiu com mulheres com um nível de formação mais baixo que o seu, ela era universitária e a companheira vendedora (Jéssica – uma pessoa com que Mirela ficou por algum tempo, mas que a relação não se desenvolveu), relata que ouvia muitas provocações de amigos, mas que este não é um preconceito seu, Mirela destaca que gostava muito do humor de Jéssica que ela é muito engraçada e dava leveza a sua vida. Por conta disso, Mirela acredita que não investia muito, porque ela também tinha esse preconceito. Mas, Mirela

reitera, que para ela isso não existia e compara esta relação com o atual namoro (com Márcia), no qual sua companheira se sente inferior a ela.

Além disso, com Márcia, que é mais nova, a falta de maturidade e independência lhe incomodam, parece admirar apenas o seu físico e isso a frustra, porque ela acredita que precisa admirar para além disso, pois a admiração do físico não dura muito e agora que estão mais próximas essas questões vêm pesando, porque ela queria que Márcia se comportasse como mulher⁶⁹ e ela não consegue fazer isso – esse comportamento deixa Mirela desconfortável.

Nos tensionamentos das relações de Mirela com Márcia e com Jéssica, a questão da classe social e da academia se colocam como mais um indício da racionalidade dos sentimentos e como prova de que não há espontaneidade, elas estão repletas de valores, conforme defende Costa (1998). O autor percebe que no amor romântico há um falseamento de sensações como incontroláveis e involuntária, irracional, quando na verdade:

[...] a prática amorosa desmente radicalmente idealização. Amamos com sentimentos mas também com razões e julgamentos. A racionalidade está tão presente no ato de amar quanto as mais impetuosas paixões. Amar é deixar-se levar pelo impulso passional incoercível, mas sabendo “quem” ou “o que” pode e deve ser o objeto de amor. A imagem do amor transgressor e livre de amarras é mais um ideário romântico destinada a ocultar a evidência de que os amantes, socialmente falando, são na maioria, sensatos, obedientes, conformistas e conservadores. Sentimo-nos atraídos sexual e afetivamente por certas pessoas, mas raras vezes essa atração contraria os gostos ou preconceitos de classe, “raça”, religião ou posição econômico-social que limitam o rol dos que “merecem ser amados”. Na retórica do romantismo, o amor é fiel apenas à sua própria espontaneidade. A realidade social e psicológica dos sujeitos diz outra coisa. O amor é seletivo como qualquer outra emoção presente em códigos de interação e vinculação interpessoal. (Costa, 1998, p. 17)

O autor defende a ideia de um amor criado, criamos o amor como cozinhamos ou escrevemos, com propósitos e intenções, que “[...] produz hierarquias de desejos e objetos internalizadas no processo de formação da subjetividade.” (Costa, 1998, p. 18)

As características físicas não são colocadas como fundamentais para as relações, como se fosse uma categoria sem importância dentro das relações. Para as sujeitas, a beleza ou atração física só importa em relações imediatas, com um curto prazo de validade. Nas falas de Fernanda e Bia, isso apareceu de forma direta, quando afirmou que não dá para ser hipócrita, que nas noites de paquera, é a primeira coisa que se valoriza,

⁶⁹ Aqui, Mirela se refere à um comportamento de Márcia que ela interpreta como infantil e ela queria que ela se comportasse de forma mais madura ou adulta.

aquelas pessoas “agradáveis aos olhos”, mas se esta pessoa permanecerá é mais uma questão de conversas.

Alguns atributos físicos foram mencionados, apesar de não colocados como primordiais nas relações, principalmente, preferências em relação ao tamanho ou formato de peito e bunda. Através das características físicas destacadas, inicialmente, não percebi a raça como uma questão preferencial, nem entre as sujeitas brancas ou entre as negras ao se relacionarem. No entanto, depois de ler o artigo “Vivendo de amor” de bell hooks (2010) comecei a refletir sobre alguns relatos das sujeitas que se declaram negras na pesquisa: Rosi, Bárbara e Virgínia.

Recuperando o que disse a autora no referido artigo, gostaria de destacar, que ela defende o amor como uma cura, como uma recuperação. Mas, em sua concepção, o amor é negado à muitas mulheres negras, dores que guardam em sua vida privada. A autora recorre à experiência do povo negro para demonstrar o que leva a frustração de muitos negros a se sentirem frustrado enquanto seres amantes.

Aprender a amar é uma forma de encontrar a cura. A idéia de que o amor significa a nossa expansão no sentido de nutrir nosso crescimento espiritual ou o de outra pessoa, me ajuda a crescer por afirmar que o amor é uma ação. Essa definição é importante para os negros porque não enfatiza o aspecto material do nosso bem-estar. Ao mesmo tempo que conhecemos nossas necessidades materiais, também precisamos atender às nossas necessidades emocionais. Gosto muito daquele trecho da bíblia, nos "Provérbios", que diz: "Um jantar de ervas, onde existe amor, é melhor que uma bandeja de prata cheia de ódio". (HOOKS, 2010, p. 11)

Para bell hooks (2010), o amor se expressa através da união de ação e sentimentos, o sistema escravocrata e as divisões raciais das quais decorrem opressões e explorações históricas, impactaram na capacidade de amar das pessoas negras. A autora defende que as pessoas negras foram feridas “até o coração” pelo racismo e que em decorrência dessa ferida, muitas pessoas negras perderam sua capacidade de “dar e receber amor” (HOOKS, 2010, p. 01). Para ela, a supremacia branca, resultou num processo de interiorização do racismo e do sentimento de inferioridade.

Ao analisar como a escravidão impactou na construção da afetividade das pessoas negras, bell hooks (2010) lembra que não demonstrar os sentimentos era uma forma de sobrevivência e de se blindar a “vulnerabilidade de sofrimentos insuportáveis”⁷⁰. A rotatividade de escravos, porque eram tratados como coisas e mercadorias que poderiam ser vendidas a qualquer momento, fazia com que os relacionamentos vistos como transitórios fosse preferível. No pós período escravocrata, a autora observa que a

⁷⁰ Termos em relação aos termos utilizado pela autora

crueldade, brutalidade o controle das emoções foram inseridas nas relações de pessoas negras, porque não estavam preparadas para viverem o amor de outra forma, se não, como a forma que aprenderam no período da escravidão, com os seus ditos senhores:

Tradicionalmente, as famílias do Sul do país ensinavam as crianças ainda pequenas que era importante reprimir as emoções. Normalmente as crianças aprendiam a não chorar quando eram espancadas. Expressar os sentimentos poderia significar uma punição ainda maior. Os pais avisavam: "Não quero ver nem uma lágrima". E se a criança chorava, ameaçavam: "Se não parar, vou te dar mais uma razão para chorar." Como é possível diferenciar esse comportamento daquele do senhor de engenho que espancava seu escravo sem permitir que ele experimentasse qualquer forma de consolo, ou mesmo que tivesse um espaço para expressar sua dor? E se tantas crianças negras aprenderam desde cedo que expressar as emoções é sinal de fraqueza, como poderiam estar abertas para amar? Muitos negros têm passado essa idéia de geração a geração: se nos deixarmos levar e render pelas emoções, estaremos comprometendo nossa sobrevivência. Eles acreditam que o amor diminui nossa capacidade de desenvolver uma personalidade sólida. (HOOKS, 2010, p. 03)

Hooks (2010), através de um diálogo entre uma mãe e filha (ambas negras)⁷¹, afirma que possibilitar condições materiais de sobrevivência é uma forma de mostrar carinho e amor entre as famílias negras. O amor, nestas relações, é algo secundário. E esse entendimento vai passando de geração em geração, construindo e reforçando os discursos e representações da mulher negra “forte”, que consegue reprimir seus sentimentos e garantir à sua família uma segurança material. Mas, defende que o processo de resistência coletiva deve perpassar pelas necessidades emocionais também.

A autora percebe o amor como algo imprescindível para a felicidade e o desenvolvimento das mulheres negras, como condição básica de alcançar uma vida plena para além das necessidades de sobrevivência. Para isso hooks (2010), defende que é preciso entender as necessidades emocionais das mulheres negras e mais uma vez, ela demonstra como as relações familiares guiam as mulheres negras para o controle das emoções, falta-lhes cuidado e colo emocional desde a infância, para aprenderem a ser fortes e autônomas em suas dores contra qualquer opressão. Mas, defende que é preciso romper com estes ensinamentos e centralizar a saúde emocional como algo importante, pois “[...] quando ignoramos nossas reais necessidades, a tendência é nos fragilizarmos, nos tornarmos vulneráveis e emocionalmente instáveis.” (HOOKS, 2010, p. 08)

Outro elemento que hooks (2010) destaca é a necessidade de se amar, visto que há uma autoestima desvalorizada, bombardeada. Para ela, é preciso se afirmar e cultivar o “amor interior” e reconhecer que sua existência interior é importante, reconhecimento

⁷¹ Análise de uma obra literária.

que lhe foi negado diante da sociedade racista. É preciso se olhar e se amar para estar pronta para se entender na relação com os outros: “Quando conhecemos o amor, quando amamos, é possível enxergar o passado com outros olhos; é possível transformar o presente e sonhar o futuro. Esse é o poder do amor. O amor cura.” (HOOKS, 2010, p. 12)

O amor que hooks (2010) coloca como algo a ser perseguido não foge aos preceitos do amor romântico: ele é fundamental para que as mulheres negras encontrem a felicidade, que seria negada também pela solidão que parece intrínseca as experiências destas sujeitas. Acredito que alguns elementos da caracterização afetiva feita pela autora estiveram presente no meu campo. A partir dela, comecei a lembrar das travas colocadas por Virgínia para fugir dos relacionamentos mais profundos, que envolvem responsabilidade e sentimentos. E que hoje ela diz não entender completamente. Recordei, que imediatamente, em alguns períodos da vida de Rosi e Bárbara, elas também passaram por momentos de evitarem algum contato também neste sentido. As três como uma forma de autoproteção.

Os relacionamentos que mais conseguiram se desenvolver com elas, foram aqueles que começaram de uma amizade, devagar, como se fosse preciso estabelecer relações de confiança, antes de qualquer envolvimento mais denso. As sujeitas são mais reservadas em relação à demonstração dos seus afetos. O amor de si, o amor inferior também parece uma construção e/ou tensionamento constantes para as sujeitas, especialmente, para Bárbara e Virgínia, quando em alguns momentos não conseguiram estabelecer uma boa relação com seus corpos, afirmação que para hooks (2010) aparece como fundamental no trato com os outros.

Falando sobre a solidão da mulher negra em artigo da Geledés, Glaide Fraga (2015) também destaca os processos de estigmatização da mulher negra pela cultura, que desvaloriza sua aparência e beleza, nos quais é preciso que sua autoestima seja construída todos os dias, pois todos os enunciados, especialmente os midiáticos, lhes dizem que sua beleza não existe, não é normal ou bela, pois não se enquadram no padrão estabelecido como belo, que se aproximam de características eurocêntricas: brancas e magras. Aponta também a falta de referências de mulheres negras que possuam parceiros, como as avós, mães e tias que criam os filhos sozinhas, por diversos motivos. A autora ressalta o modo de representação da mulher negra como as “mulatas do carnaval”, que as reduzem a bundas, fofas, “boas de cama”, as coloquem como menos indicadas ou possíveis de relacionamento, no máximo as amantes que serviriam para satisfação do desejo, mas nunca para o amor.

Um único tensionamento direto a respeito das relações amorosas entre pessoas negras, ocorreu em uma situação relatada por Bárbara, quando se relacionou com uma mulher negra que estabelece relações exclusivamente com outras mulheres negras. Bárbara não entrou em detalhes, apenas afirmou que sua companheira negra a questionava quanto ao fato das suas relações importantes se darem majoritariamente com mulheres brancas, o que Bárbara julga não ter sido uma escolha preferencial ou intencional, apenas não teve muitas oportunidades com outras mulheres negras.

Percebo que esta cobrança direcionada à Bárbara está ligada a um movimento que tem crescido no Brasil em relação à necessidade de se priorizar entre as pessoas negras da militância ou academia, relações com pessoas negras como uma forma de construir uma segurança afetiva e por consequência, uma promoção da autoestima, que percebem perigos nas relações interracialis, as vendo como lócus de racismos e violência. Outro aspecto que a meu ver pesam nestas decisões de priorizar relações entre pessoas da mesma raça são as possibilidades de solidão da mulher negra, perspectiva que percebe estas sujeitas como potencialmente preteridas em relação às mulheres brancas para relacionamentos afetivos.

Outras experiências afetivas, que foram colocadas e que casam com as concepções de hooks (2010) é em relação ao momento das narrativas de Virgínia, quando ela lembra das preocupações da mãe para manter à família. O papel da mãe de Virgínia era garantir a sobrevivência dos filhos, mas vendo a luta da filha para entrar na Universidade, foi sensível a mais uma demanda, que não foi ensinada a suprir. Através do gesto, Virgínia provou do amor mais uma vez, ainda que não seja no sentido que uso durante este capítulo, mas que hooks (2010) descreve bem e que Breton (2009), me dá a liberdade de usá-lo. Para as sujeitas negras, amor tematiza outros sentidos, aplicações e utilidade.

Os comportamentos tidos como femininos e masculinos foram apontados como posturas priorizadas em alguns relatos. Bárbara, que afirma que não possui um padrão de mulheres que gosta atualmente, não tendo demandas em relação ao corpo da outra, lembra que teve momentos, nos quais ela se via mais como “um menininho”, que ela acreditava gostar de mulheres que se comportavam de forma dita mais feminina. Virgínia tinha uma concepção parecida, na qual, ela iria encontrar uma parceira e iam construir uma família com filhos. Relação na qual haveria um homem que seria Virgínia e a parceira uma mulher.

Estas falas estão amparadas em construções de gênero bastantes sólidas em nossa sociedade heteronormativa, que legitima relações entre os gêneros binários, os únicos inteligíveis para a matriz heterossexual, as únicas relações possíveis. Por se ver como

“meninhos” ou homens, Virgínia e Bárbara esperavam ter relações com mulheres mais próximas aos ideais tidos como femininos. Em Virgínia surgem outros elementos, que legitimam também outras estruturas, como as ideias de família heterossexual, pois é esse o tipo de família que ela desejava construir, era sua referência, a estrutura que tinha como possível e lhe era inteligível. Na qual, ela enquanto o homem, exerceria um comportamento esperado deste gênero em relações heterossexuais: a força, a atividade, o pai, a pessoa que bebe cerveja, assiste futebol, trabalha fora e leva o lixo para ajudar a mulher. Ao longo do tempo e por meio de outras experiências, as duas sujeitas quebram com esse ideal de relações e passam a estabelecer uma outra relação consigo e com as outras.

As concepções e construções de gênero que as guiavam implicavam nos seus afetos e desejos. O que para elas poderiam ser tidos como a consolidação de relações inteligíveis e coerentes, estruturadas em construções de gênero que requerem uma coerência e continuidade, conforme vemos nas observações de Butler (2015), que está no primeiro capítulo, mas posso relembrar. Quando a autora, destaca que o gênero tido como natural acompanha uma lógica na qual o desejo decorre do gênero e esse do sexo biológico, em que o macho é um homem e enquanto tal, deve desejar uma mulher, sendo o oposto ou contrário verdadeiro: a fêmea será uma mulher que desejará um homem.

As sapatonas reproduzem totalmente a lógica e coerência heteronormativa como o esperado, pois não são os machos e nem serão os homens que decorre da lógica, mas ao reproduzir a masculinidade parecem detentoras legítimas do desejo pelas mulheres. Como a família correta⁷² na configuração de casada, com filhos, parece legitimar as suas relações. E de fato, parecem alcançar algum nível de legitimidade distanciando algumas construções que se tem sobre relações não padrão, ou seja, não heterossexuais. Tornam-se inteligíveis, compreensíveis. Mas, também não se livram totalmente de sua condição abjeta.

Bia faz uma afirmação semelhante quando declara que atualmente tem algumas preferências físicas: “Eu gosto mais do que o povo costuma chamar de mulherzinha, se tu olhar Luciana, tu vai dizer: mulherzinha. Olhar Vitória: mulherzinha! A menina que eu tou conversando hoje é uma hétero purinha. Hoje é mais isso.” (Narrativas de Bia). Aqui, a feminilidade aparece de modo diferente, como relacionada à heterossexualidade feminina, como se as mulheres heterossexuais, fossem as legítimas desta feminilidade. Por isso, que Bia defende que se eu visse a mulher com que ela se relacionava, eu

⁷² No sentido de legítima.

interpretaria que elas são heterossexuais, porque elas teriam atributos femininos, como a sujeita relata.

Nas narrativas caracterizam-se as sujeitas desejadas. Existem características e comportamentos que são valorizados em suas interações e que geralmente, destacam elementos que reforçam os tipos de relação desejadas, como aquelas que são mencionadas às perspectivas de futuro, monogamia e eternidade. Aimée namorou nove anos com Lana e destaca elementos que lhe apaixonaram em Lana, como sendo uma pessoa boa, delicada e que lhe fazia sorrir, mas, a partir do momento em que Aimée a percebe como uma traidora de sua confiança na relação, Lana passa a ser vista de outra forma, como uma outra pessoa que não é a que Aimée considera ter amado, agora não há mais sorrisos, há lágrimas.

Fernanda gosta de pessoas que cuidam e gostam de ser cuidadas, para ela se relacionar com alguém, ela precisa saber que a pessoa está buscando alguma coisa, se tem alguma perspectiva. Em suas narrativas afirma que não gosta de olhar para pessoa e ela não estar fazendo nada: não estuda, não trabalha, não faz nada em casa: “Para que que essa pessoa está vivendo?” Além dela, outras sujeitas da pesquisa, como Rosi, Bárbara (gosta de gente que gosta da família), Bia, Mirela e Flora, destacam qualidades de pessoas dentro dos relacionamentos. Demarcam o que esperam de pessoas com quem pretendem ter relações e/ou com as quais estabelecem apenas relações passageiras. Flora não cita nada especificamente, inclusive, nada físico. O que ela parece gostar é do modo como as pessoas a tratam na relação: com respeito, companheirismo e cuidado, por exemplo.

Há um repertório de condutas e sentimentos tidos como apropriados para as relações, onde elas devem ocorrer, com quais sujeitos, dependendo da idade, do status social, da referência do gênero. Um repertório que é preexistente, mas que também está em constante construção, pois cada uma interpreta e adere a determinada forma, embora sempre exista algo de reconhecível por trás: “[...] compreender uma atitude afetiva implica desenrolar inteiramente o fio da ordem moral do coletivo, identificando a maneira como o sujeito que vive a situação define essa última.” (LE BRETON, 2009, p. 127)

Na nossa sociedade, é o amor romântico quem rege este repertório e por consequência, as expectativas quanto a “expressão obrigatória dos sentimentos”, que são regulados, existem regras para o modo como os sujeitos expressam sua raiva, amor, tristeza através de determinados comportamentos orais e gestuais. As emoções também são esperadas conforme o gênero, há um tipo de comportamento esperado para homens e mulheres, em muitas culturas; o nível de parentesco, ou o tempo influenciam na maneira como qualificamos determinados sentimentos, em relação a determinadas situações.

Dentro do que Aimée entende como amor, como para todas as sujeitas que acreditam na monogamia, a traição é uma prova de desamor. Já companheirismo, cuidado, fidelidade e confiança são percebidos como elementos desejáveis, pois estão dentro do repertório afetivo da nossa sociedade que valoriza relações pautadas pelo amor romântico, nas quais a monogamia e a estabilidade são valores centrais a serem esperados do objeto amado.

Le Breton (2009) destaca que a cultura afetiva, ou seja, o sistema de significado emocionais, valores, condutas e expressão das emoções, de uma sociedade é mutável e entendida de acordo com a história dela. Para comprovar isso, o autor recupera a mudança percebida por Norberth Elias com as transformações sociais da idade média, onde as pessoas internalizaram suas violências, seus sentimentos, suas revoltas, num autocontrole obrigatório. Em sua leitura, hoje, os sentimentos, encontram ainda mais privatizados, individualizado, com uma forte necessidade de manter o pudor, de reprimir os impulsos, se controlar, também como uma forma de autoproteção.

Ele enfatiza que os sentimentos são fenômenos sociais para além de algo fisiológico ou psicológico, são originários do sistema simbólico “[...] desmentindo a hipótese da naturalidade da linguagem, da instintividade corporal, da universalidade semântica dos gestos, mímicas ou posturas. Um mesmo movimento ou expressão pode ter significados opostos de acordo com a cultura do local” (LE BRETON, 2009, p. 136), como uma cuspidada, uma lágrima, os significados podem ser plurais diante das culturas, as manifestações corporais dependem de seu simbolismo social. O autor evidencia que as demonstrações fisiológicas não são automáticas, não significam a mesma coisa em todas as culturas, é a educação que lhes concede sentido: nem toda lágrima é magoa e nem todo sorriso é alegria. Há muitos significados e por isso, muitas interpretações para estes gestos. O sorriso, por exemplo:

[...] pode estar presente em qualquer criança desde as primeiras horas de suas existências, como sinal de tranquilidade fisiológica. Após duas semanas, ele começa a se socializar, dando preferência a mãe. A partir do terceiro mês, a comunicação começa a ser tecida: a réplica da criança ao sorriso do outro carrega significado. A criança entra, a partir desse momento, no regime simbólico do seu grupo e o seu rosto será modelado de acordo com os usos sociais do sorriso. (LE BRETON, 2009, p. 140)

O autor descreve as nossas sociedades como caracterizadas pela moderação dos sentimentos, porque as emoções são percebidas como algo nocivo, então, é preciso controlá-la para não se expor ao julgamento, “[...] as emoções contrapõem-se à civilidade,

gerando reprovação ou repressão.” (LE BRETON, 2009, p. 146), tal concepção leva ao vínculo social a necessidade e função de regular os sujeitos para lhes proteger.

3.2- Sobre trepadas e uso dos prazeres

Nunca ninguém gostou de mim, eu falei. Ela falou, eu gosto de você, dona Celie. E aí ela virou e me beijou na boca. Uhm, ela falou, como se tivesse ficado surpresa. Eu beijei ela de volta, falei, uhm, também. A gente beijou e beijou até que a gente não conseguia beijar mais. Aí a gente tocou uma na outra. Eu num sei nada sobre isso, eu falei para Shug. Eu também não sei muita coisa, ela falou. Aí eu senti uma coisa muito macia e molhada no meu peito, senti como a boca de um dos meu nenê. perdido. Um pouco depois, era eu que era também como um nenê perdido.

Carta de Celie a Deus em *A Cor Púrpura*⁷³.

Em uma entrevista intitulada “O Triunfo do Prazer Sexual”, realizada com Foucault (2017) sobre os avanços dos direitos de “gays”, o autor destaca a importância da aquisição de direitos, mas não a define como a etapa final de uma luta, pois não basta inserir as práticas numa lógica maior já existente, é necessário transformar o nosso mundo relacional que foi empobrecido e limitado pelas instituições em prol de uma facilidade administrativa:

Mais do que defender que os indivíduos têm direitos fundamentais e naturais, deveríamos tentar imaginar e criar um novo direito relacional que permitisse que todos os tipos de relações pudessem existir e não fossem impedidas, bloqueadas ou anuladas por instituições empobrecedoras do ponto de vista das relações. (Foucault, 2017, p. 118)

Foucault (2017) deseja a pluralização das relações, o aumento das possibilidades de se relacionar, que pudessem ser, inclusive, mais flexíveis, “[...] intensas, ricas, embora provisórias, mesmo e sobretudo se ocorressem dentro dos laços do casamento” (Foucault, 2017, p. 119). O autor fala de uma expansão da cultura gay para outras relações, cultura que acredita ser inventora de “[...] modalidades de relações, modos de vida, tipos de valores, formas de troca entre indivíduos que sejam realmente novas, que não sejam homogêneas nem se sobreponham às formas culturais gerais.” (Foucault, 2017, p. 119). Aos prazeres, Foucault (2017) defende que “[...] escapem à normatividade da sexualidade e de suas categorias” (Foucault, 2017, p. 120).

Analisando a sociedade contrassexual de Preciado (2014), percebo que há consideráveis elementos do que Foucault (2017) defende. Preciado requer, com sua contrassexualidade, o encerramento da natureza como fundadora dos sujeitos. É uma

⁷³A *Cor Púrpura* (no original, *The Color Purple*) é um romance epistolar da premiada escritora estadunidense Alice Walker, lançado originalmente em 1982. No ano seguinte, foi agraciado com o Prêmio Pulitzer. Entre outros temas, trata de questões de discriminação racial e sexual.

abertura de possibilidades ao corpo e aos arranjos socioculturais, nas quais as possibilidades do humano e de seu prazer são infindavelmente plurais. É uma exploração do corpo e da vida, basta ver as cláusulas do contrato, que em seus 13 artigos defende: o desmantelamento dos códigos de feminilidade e masculinidade, os colocando como disponíveis a corpos falantes; novos nomes poderão ser adquiridos para o apagamento da diferença de gênero, já implícita neles; abolição de sistemas matrimoniais, de transferência de bem e a abolição de privilégios econômicos e sociais derivados da condição masculina e feminina; pensar novas formas de afeto e sensibilidade, universalizando práticas estigmatizantes, com a recontextualização do ânus; as relações devem se dar através de contratos plurais e temporários, onde deve ocorrer experimentações contrassexuais; as práticas sexuais devem ser desvinculadas da reprodução; a contrassexualidade denuncia o controle médico, jurídico e psiquiátrico do gênero; é preciso ver a natureza como uma poderosa “metáfora política” que não pode ser deixada sob controle do Estado e das ciências biológicas, é preciso uma queerização da “natureza”; o tempo é fundamental na prática contrassexual e deve ser respeitado como um trabalho social que é um direito e obrigação de todos; demanda a abolição da família nuclear como célula de produção, reprodução e de consumo; a destituição da casa como o espaço de produção e reprodução heterocentrada: negociação de novos espaços para a prática que fique entre o público e o privado; a produção de uma educação e de um conhecimento que desenvolva as tecnologias de transformação corporal e favoreça o desenvolvimento do prazer e; todo ato de sexualidade deve ser considerado um trabalho potencial.

Para se dedicar aos estudos da contrassexualidade, Preciado (2014) funda a dildotectônica, que é:

[...] é a contraciência que estuda o surgimento, a formação e a utilização do dildo. Ela localiza as deformações que o dildo inflige ao sistema sexo/gênero. Fazer da dildotectônica um ramo prioritário da contrassexualidade supõe considerar o corpo como superfície, terreno de deslocamento e de localização do dildo. Devido às definições médicas e psicológicas que naturalizam o corpo e o sexo (segundo as quais o dildo seria um simples ‘fetiche’), esta empresa resulta, com frequência difícil. (PRECIADO, 2014, p. 48)

Esta contraciência, se propõe as “[...] tecnologias de resistência (que, por extensão, chamaremos de dildos) e os momentos de ruptura da cadeia de produção corpo-prazer-benefício-corpo nas culturas sexuais e *queer*.” (PRECIADO, 2014, p. 48). Preciado (2014) desenha dildos por todo o corpo e descreve diversas práticas onde estas partes do corpo podem ter algum tipo de prazer: o dildo pênis, o dildo cabeça, o dildo

perna. A autora parece pluralizar os locais que são possíveis de prazer. O dildo para ela é um sexo de plástico, como todo sexo.

As perspectivas de Foucault (2017), acima citadas, me fazem refletir sobre essa possibilidade inventiva da cultura gay e aqui, estendo a possibilidade às sapatonas, pois me questiono se há um repertório de prazer nesses grupos que ultrapassem o que as instituições nos permitem/ensinam. Lendo os fundamentos da contrassexualidade e percebendo as práticas sexuais que me foram relatadas, acredito que sim, mas talvez haja muitas reproduções também.

Antes de prosseguir, me dou o direito de um adendo apenas para afirmar que usarei os termos “sexo”, quando mencionada pelas sujeitas e “transas”, quando o texto permitir que sejam utilizadas as minhas palavras para me referir as práticas sexuais. Escolho transas, em razão do argumento de Bárbara, que ao diferenciar masturbação e transas, denomina a masturbação como um sexo consigo e transas quando envolvem outras pessoas, que envolvam trocas.

A masturbação é das práticas sexuais mais inúteis para a nossa economia sexual, pois não tem finalidade reprodutiva e ainda cansa o trabalhador nos usos dos seus prazeres. A prática não foi citada em muitas narrativas (Glória a Deus!), apenas em três, associadas ao prazer, à descoberta do corpo e ao alto apetite sexual. Foi desta forma que apareceu em Aimée, que se masturbava desde criança, imaginando as histórias do livro que lia. Para Glória, a masturbação é efetivamente uma maneira de conhecer o próprio corpo, ocasiões nas quais os toques poderiam proporcionar prazer efetivamente. Foucault (2017) lembra a masturbação como o grande pecado, ao analisar as técnicas do si, nas quais a masturbação foi renegada até ao homem, que puro e casto deveria afastar os seus pensamentos impuros.

Em Bárbara, é uma prática recente, está ligada ao prazer e ao conhecimento do seu corpo como *locus* de prazer. Ela destacou que consegue passar muito tempo sem transar e que é muito tranquila em relação ao sexo, atribui isso ao seu hábito de se masturbar e se conhecer muito: “[...] não tem nada que tu vá tocar neste corpo, que Bárbara já não esteja sabendo” (Narrativas de Bárbara). Ela acha o sexo muito desgastante, porque demanda muito tempo. Afirma que consegue “chegar lá” em um minuto, se quiser e descansar três minutos e ir de novo: “E nisso a gente se diverte bastante! Eu e eu mesma, sozinha!” (Narrativas de Bárbara). Mas, ela acha que as práticas sexuais estão para além do gozo, que são trocas, por isso, ela prefere chamar de transas. Define que o gozo não é necessariamente o objetivo, que deve ser buscado, mas que não

é a finalidade, apesar de poder ser buscado. Então, esse autoconhecimento e independência em relação ao seu prazer faz com que ela acredite que pode ter um relacionamento sem transar, mas para alcançar coisas que ela não pode fazer sozinha “[...] eu não consigo fazer cafuné na minha cabeça, saca?”. E continua: “Eu até digo: de sexo ruim, por sexo ruim, eu me masturbo sozinha! Bem tranquilamente.” (Narrativas de Bárbara).

Apesar de conhecer bem o seu corpo e reiterar que gosta muito de fazer sexo sozinha, que o aproveitamento é muito bom, reconhece que transar com outras pessoas é muito bom também, que ela já aprendeu muito com outras pessoas, como posições e aprendeu também que há posições que não funcionam com uma pessoa, mas funcionam com outra e muito bem, aprendeu coisas que não gosta com umas pessoas mas gosta com outra e complementa:

[...] modos diferentes de gozar e gozar com alguém e gozar com a ajuda de alguém, que é maravilhoso! Só que, efetivamente, eu conheço muito bem o meu corpo e aí... E tipo, nas dimensões afetivas, considerando a grande proximidade entre a dimensão sexual e afetiva. E considerando que sim, a dimensão afetiva pode ser um tempero a mais. Tu pode fazer o sexo melhor, porque tu tem um afeto por aquela pessoa. A experiência de transar com alguém e transar junto com essa pessoa. Ou da pessoa te fazer gozar, ela é muito proveitosa. Mas, eu também tenho históricos maravilhosos em que eu gozei sozinha. Mas tem coisas de corpo que eu não consigo de mim, por exemplo, oral. Gosto de chupar, enfim, tudo. E tipo, não consigo, por motivos físicos. Mas, se eu pudesse, já tinha tirado umas costelas – ri. (Narrativas de Bárbara)

Nestes casos, a sociedade contrassexual de Preciado (2012) comemora o investimento de tempo na descoberta de novos prazeres. Virgínia também seria alguém para fechar o contrato contrassexual. Ela detém um capital sexual flexível e variado, possui uma maior pluralidade relacional extensa, pois investe na experimentação e nas possibilidades. Os relatos dela dão a impressão de forma mais efetiva, de que as transas são sempre uma invenção do momento, dos corpos. Mas, nem sempre se deu desta maneira. Por conta de algumas restrições em relação ao seu corpo e suas referências de relações e práticas sexuais, Virgínia avalia, que neste período, houve muitas reproduções do padrão heterossexual, pois ela vislumbrava ações nas quais houvesse demarcações claras de comportamentos sexuais, com alguém que reproduzisse os comportamentos esperados de homem e de mulher. Em suas expectativas, Virgínia desempenharia um papel mais masculino, mais ativo, enquanto, sua companheira, estaria mais próxima ao feminino. Assim, frustrou-se, as transas não conseguiam contemplá-la, porque os corpos não se encaixavam ao seu imaginário, que por muito tempo saciou e satisfez o seu prazer. Mas, no contato com a outra, como Virgínia defende que se constroem os aprendizados

sobre nós mesmo e a sociedade, não foi o que ocorreu, não havia um homem, conforme relata:

Sexo é uma coisa muito complexa! Eu senti prazer, mas assim, não percebi uma sequência, entendeu? [Eu não entendi e ela prosseguiu] Porque o que eu conhecia de sexo, era entre homens e mulher, o que eu via na TV, em filme pornô, entendeu? Em filme e nas conversas, e aí as pessoas se beijam, tiram as roupas, se tocam, se incentivam, né? Penetram e gozam: ru! Conseguimos, entendeu? Eu achava que ia acontecer isso comigo, tipo sexo, tipo isso, mas não aconteceu! Apesar de eu querer muito que fosse assim, mas não foi, porque não tinha como ser assim. Eram corpos muito diferentes. Então, foi diferente porque eram corpos diferentes e eu estava com uma menina muito diferente de mim mesmo. Eu nem sei como ela conseguiu conviver comigo, mas ela me ensinou muito! Me corrigiu muito! Ela conduzia minha mão e eu ia seguindo, porque eu estava envolvida, com tesão e eu senti muito prazer! Mas, eu sei que tu vai me perguntar se eu gozei e eu não sei se eu gozei, sabe? Mas, gozar... Aquilo que você sente saindo de todos os poros, do cu, da vagina, aquela descarga sexual, eu sinto hoje, mas na primeira vez não. Das outras vezes sim, mas nesse dia não. Mas, das outras vezes foi meio estranho, porque eu já não estava bem, a nossa relação não ia bem, eu era muito ciumenta e a via duas vezes por ano, o que potencializava. (Narrativas de Virgínia)

Esta relação de Virgínia acabou e foi a única relação fixa que ela teve. Ela lembra que findar esta relação foi uma quebra também com toda a estrutura, que ela acreditava ser a relação legítima, eram suas únicas referências. Então, após ela, Virgínia passou por um processo de reinvenção, que perpassou pelo modo como lidava com o seu corpo, pois, ao longo de sua trajetória, ela destaca que teve dificuldade em lidar com o seu corpo e exemplifica que até os 08 anos, ela andava sem camisa e era um dos seus maiores prazeres, ela achava bonito também porque era assim que os meninos andavam e ela queria ser como eles. Lembra que não gostava de usar vestido ou saia, mas que a mãe a obrigava. Destaca que ela achava que seu corpo nunca iria mudar, que ela poderia fazer xixi em pé, mas quando os seus seios começaram a crescer, isso foi muito “insuportável”, “dilacerante”, porque ela entendeu que não poderia mais andar sem blusa. Ela associa esse momento a um primeiro momento de “trancamento” e “autoproteção” de uma subjetividade, que ela não quis resolver, pensar ou não tinha condições para pensar, então, ela bloqueou: “Então, ali dos meus 08 até os meus 18 anos, eu passo a não ter nenhuma relação com meu corpo, a não ser me alimentar, comer, dormir, cagar. ” (Narrativas de Virgínia). Este fato implica diretamente no uso que Virgínia faz dos seus prazeres e desejos durante a vida. Mas, Virgínia afirma que tudo isso era uma coisa muito dela e de sua relação com seu corpo, na qual não encontrava prazer. Como se as coisas batessem no seu corpo, mas não entrassem.

Esta questão com o corpo parece influenciar de certo modo no desempenho sexual. Bárbara, que passou muito tempo sem ter uma boa relação com o seu corpo,

afirma que isso não implicou muito no seu desempenho sexual, porque gosta de estar nua, o seu incômodo era em relação ao seu corpo vestido. No entanto, em outros momentos, destaca que se sentia bem com Vitória quando estava pelada e que depois sentiu muito à vontade também com outras pessoas e isso é um elemento muito importante para ela durante as transas, que ao mesmo tempo, observa que não gosta de pessoas inseguras com o corpo, porque ela já é insegura com o dela. Também por este fato, Bárbara diz evita transar com muitas pessoas, porque não se sente à vontade sempre. Apesar disso, ela considera que já teve uma vasta experiência.

O corpo também apareceu com algumas menções nas narrativas de Flora, quando afirma que se sente muito à vontade em ficar nua perto da esposa, que destaca como uma relação de cuidado e proteção fundamentais em sua vida, para sua autoestima. Em Bia, o corpo não era um empecilho ou uma questão em suas relações, mas durante as suas narrativas, ela observou que depois que emagreceu um pouco, começou a malhar, mudou a alimentação, começou a gostar mais de si, ficou mais segura e começou a ficar com mais mulheres.

Em Virgínia, o descontentamento com o corpo parece um desencontro com as suas expectativas de vida, de diversão e de transas que o seu corpo não poderia atender, pois devia se conformar as possibilidades das vivências das mulheres, sem a liberdade que o corpo masculino possui em nossa sociedade e que ela admirava. Nas demais sujeitas, a questão parece ser mais ligada à estética da magreza feminina, que com o tempo é superada e ressignificada.

Quando Virgínia, quebra algumas ideias que a guiaram na sua vida sem referências e passa ter relações mais fluídas, ela também passa a ter uma outra relação com seu corpo, gostando mais dos seios, uma outra forma de tocar e ser tocada, que era mais livre do que vivenciou antes. Virgínia passa a não ter mais medo de sentir prazer e descobrir o prazer de outras formas, demarca que não foram muitas transas porque ela nunca foi muito pegadora, mas que as que ela se permitiu foram transas muito boas. Relata que esse processo foi de superação de traumas, lembra que tinha traumas com os seios que vinha lá de trás quando eles começaram a crescer, mas que a experiência com estas mulheres que foram respeitadas e cuidadosas com ela, foi mudando esse trato com seu corpo.

Com o tempo, conheceu também o Kama Sutra das sapatonas e começou a testar com as mulheres que conhecia nas festas e avalia essa experimentação como algo muito

positivo, sem medo de sentir prazer e descobrir o prazer de outras formas, Virgínia reitera que não eram muitas transas porque ela nunca foi muito pegadora, mas que as que ela se permitiu foram transas muito boas.

Lembra que ela ainda está aprendendo e descobrindo muito sobre sexo, inclusive, destaca que não se dá bem com “rapidinhas”:

Sempre que tentei dar uma rapidinha foi frustrante para mim! Foi horrível, como se eu precisasse sempre entrar no clima, relaxar. Lembro que uma vez estava conversando com uma amiga sobre isso e ela disse: tinha que ser a tartaruga mesmo! Mas, é tipo isso mesmo, essas coisas apressadas... Mas depois que entra no clima, como diz o povo, entrou no frio vai embora. - Perguntei quanto tempo durava o sexo para Virgínia e ela respondeu: às vezes, demora mais porque tu não quer parar, tu gosta de estar com a pessoa, a pele, o cheiro, a saliva, o cheiro da boca, o cheiro do cu, o cheiro de tudo... De tudo tu gosta! E tu não quer sair! Mas, às vezes, demora menos também, porque tu já consegue relaxar. (Narrativas de Virgínia)

O modo como Virgínia percebe as práticas sexuais influenciam na sua noção de frequência, duração, posição e locais. Por ser muito inventivo, as transas dependem muito do momento, do encontro dos corpos. Virginia recorda que uma vez estava com uma mulher estrangeira amiga de sua irmã e que rolou uma transa bem demorada, porque ela sentiu muito prazer em estar na companhia daquela mulher. Mas, que o prazer também foi por estar consigo, com seu corpo, relata que essa experiência foi algo que ela quis prolongar. Virgínia lembra com carinho dessa experiência e diz que a mulher era muito bonita, que “[...] modesta parte, eu só fico com mulheres lindas, cuidadosas!” (Narrativas de Virgínia).

O tempo é fundamental na prática contrassexual, segundo Preciado (2014) e deveria ser respeitado como um trabalho social que é um direito e obrigação de todos. Como a nossa sociedade capitalista o tempo também é dinheiro, o único sujeito do sistema, a frequência e a duração das transas está muito relacionada as disponibilidades de locais e tempo, bem como, ao modo como as sujeitas percebem as práticas sexuais e as relações nas quais as transas acontecem. Para Glória, Maria e Fernanda, o tempo e a frequência pareceram um dado irrelevantes. Em Aimée, Mirela, Rosi e Bárbara, estavam totalmente relacionadas às oportunidades como disponibilidade de local e tempo, quando havia muito as transas demoram bastantes com pausas, cochiladas, conversas e recomeços, como um ciclo. Rosi considera, inclusive, pausas em que compartilha com a sua companheira leituras e conversas.

Bia não gosta muito de preliminares, com ela, as transas são imediatas e diretas. O oposto, ocorre com Flora, que afirma que ela e sua esposa não possuem muito tempo,

porque a esposa trabalha muito e possui um trabalho braçal muito pesado, mas sempre que há tempo, elas aproveitam muito o momento com trocas de carícias e preliminares. Há sempre um jogo de sedução entre as duas, inclusive, com brincadeiras de que estão acabando de se conhecer.

As posições preferidas das sujeitas variam de acordo com as práticas sexuais estabelecidas nas relações, como o que costumam fazer, o que usam, então, são gostos bem versáteis. No sexo com Mariana, por exemplo, as transas tinham muito sexo oral, assim, a posição preferida de Aimée nesta relação era a que deixava o oral mais prazeroso e confortável, que descreve da seguinte forma: sentar de frente nos seios com as pernas abertas nos ombros, “[...] mas, a gente faz do jeito que dá também, o importante é não perder a foda.” (Narrativas de Aimée). Quando ela começou a transar com Lana foi totalmente diferente, ela transava praticamente só com tribadismo⁷⁴ e Aimée achava muito estranho e foi se adequando, procurando uma postura boa, mas geralmente, não se nega a fazer nada a menos que seja algo que lhe violente. Ela não gosta de coisas que envolvam anus dela, não gosta de escatologia ou violência. Desta forma, a sua posição preferida era o tribadismo com Lana por cima.

Com o tempo, a posição preferida de Mirela mudou, antes ela preferia tribadismo, mas como passou a gostar muito de sexo anal, agora prefere a posição que suas parceiras a pegue de costas sentada com o corpo todo encostado. O sexo oral com penetração ao mesmo tempo foi citado por Glória e Bia. Diretamente Bia descreveu como é que gosta:

A mulher tá me chupando e eu falo: ‘me fode, me fode com força’, hoje eu gosto mais, hoje eu tou mais de boa. E tesourada, tesourada não é todo mundo que encaixa, quem encaixava era Nathalia e Luciana, aí era muito bom, muito bom mesmo. Agora saber chupar e meter o dedo ao mesmo tempo, eu fico apaixonada. Só que assim, é muito difícil achar alguém que me faça gozar só com penetração. Se eu tiver numa posição de quatro ou encostada na parede, alguma posição que não dê para ela me comer e me chupar ao mesmo tempo, eu me toco. Eu toco uma siririca⁷⁵. Eu acho maravilhoso: aí que saudades. (Narrativas de Bia)

O tribadismo foi citado por Bárbara também, mas não como uma forma positiva, ela afirmou que não gosta muito da tesourinha⁷⁶, porque acha cansativo e não muito efetivo nos resultados (em relação ao prazer, creio eu). Bárbara destacou que não gosta de nenhum jeito da tesourinha, que prefere um “mamãe-mamãe”, uma do lado da outra,

⁷⁴ Prática associadas às transas entre mulheres onde há um estímulo sexual entre as genitálias, em posição favorável que possibilite um contato de roçar e/ou esfregar.

⁷⁵ Referente à masturbação feminina.

⁷⁶ Uma espécie de tribadismo, uma posição específica, na qual as pernas se entrelaçam no momento do contato.

se tocando, bem parado. Gosta também do “69”⁷⁷, porque acha que tem um resultado bom e prefere ficar embaixo, porque gosta da sensação da pessoa em cima dela. Ela gosta da pessoa deitada de pernas para cima. Gosta quando as pessoas ficam de quatro, tanto totalmente de quatro ou só com o bumbum empinado. Destaca que gosta de sexo anal e de chupar pessoas inteiras. E por fim, afirma que não tem muitas exigências, mas não gosta de se cansar e afirmou dizendo que não é que ela não goste de estripulias, mas é que nem sempre ela está na “vibe”, é geralmente, o jeito que ela transa.

Com a valorização do sexo anal, Mirela e Bárbara (como outras sujeitas ao longo do texto) contribuem com a sociedade contrassexual, recontextualizando o ânus, como lócus, primordial na busca dos prazeres.

Já Flora afirmou que gosta muito da posição que ela está sentada no colo de Lia e vice-versa com ou sem o brinquedinho⁷⁸. Flora afirma que elas não usam muito o brinquedinho, talvez em 20 % das relações que mantêm. Tanto Flora usa em Lia quanto Lia usa em Flora.

As demais sujeitas não especificaram uma posição, citaram que gostam de experimentar e inovar, é desta forma que a experiência de posições é mencionada, como um mecanismo que inova a transa. Maria afirmou que gosta muito da sedução que leva até a transa. Para Fernanda, há a necessidade de sentir a outra pessoa e guiá-la a fazer o que ela gosta, mas também gosta de novidade e assim, destacou as posições de quatro e em pé. Rosi ressaltou que gosta mais de sexo oral tanto de fazer como de receber, mas com a esposa, está sempre tentando novas posições, caem da cama ou do sofá, mas sempre tentam, não deixam perder o clima, por fim, afirma que isso está muito relacionada a disponibilidade de diálogo com a esposa, coisa que não teve antes.

Fernanda e Rosi afirmam que gostam muito de inventar em suas práticas, estarem disponíveis. Comportamento, que como o de Virgínia, contribui para pensar novas formas de afeto e sensibilidade, como defende Preciado (2014). Fernanda afirma que tanto nas transas quanto na vida está sempre muito disposta a conhecer coisas novas. Ela diz que o ser humano em geral tende muito a se acomodar, a encontrar uma posição perfeita e fica nela pelo resto da vida. Reconhece, que é muito bom, mas também não pode ser só isso. Diz que é diferente quando se transa em um namoro e quando ele é uma mais casual.

⁷⁷ Meia nove é uma posição sexual, na qual as pessoas duas pessoas ficam com a face virada para os órgãos sexuais uma da outra. A posição pode ser feita na horizontal de lado ou uma pessoa em cima da outra, pode também ser feita em pé.

⁷⁸ Em referência aos dildos.

Porque no namoro, passa uma fase de conhecimento, de testar várias posições, lugares, carro, cozinha, sala. E depois começa a privilegiar o conforto, porque já conhece a pessoa, como ela goza mais rápido, como vai ser melhor para si e acaba por priorizar isso.

Já no casual não, porque está conhecendo aquela pessoa naquele momento, não se sabe se existirá outra ocasião. Então, “vale tudo!”. Fernanda fala que é muito desprendida em relação a isso, que não tem problema em fazer certo tipo de posição. Lembra que quando namorava com Andreza, ela tinha namorado com uma pessoa mais velha e ela falava de várias posições que tinha feito. Fernanda afirma que ficava se perguntando se dava mesmo para fazer tudo aquilo e que descobriu que sim, porque depois elas experimentaram e foi muito bom. E depois, acabou reproduzindo com outras mulheres.

Rosi não relatou muito as suas experiências fora dos relacionamentos que teve, se restringiu, apenas a afirmar que com estas pessoas não se envolvia muito e mal deixava-se ser tocada. No casamento, teve mais oportunidade de experimentar, usam brinquedinhos, cremes e fantasias. Aliás, os brinquedinhos ou dildos apareceram em muitos relatos como um mecanismo de incremento da relação.

Antes de introduzir o assunto, porque ele é polêmico, vou passar um lubrificante teórico. Preciado (2014) faz uma recuperação histórica do surgimento dos dildos e encontra na Ásia Menor, no século III, um comércio famoso de olisbos, considerado como “uma imitação do membro viril”: “[...] era utilizado por muitas mulheres para a masturbação como uma maneira de compensar uma sexualidade sem cuidados específicos ao prazer feminino, mas também por mulheres que os gregos denominava de tribadas, em atividades sexuais que excluía a presença dos homens.” (PRECIADO, 2014, p. 197)

O autor lembra de outros nomes para se referir ao instrumento ao longo da história. Na língua francesa, os primeiros termos surgem no dicionário nas décadas de 70/80 de 1500: *godemichi* e *godmicy*, designando objetos destinados à produção de prazer sexual, as palavras derivam da palavra em latim *goder*, que significa gozar ou estar sexualmente excitado. Nos anos de 1930 é usado de forma abreviada *gode* e significa “falo artificial”. O termo dildo surge no inglês no século XVI: “[...] parece derivar do italiano *diletto* que quer dizer ‘prazer ou gozo’”. (PRECIADO, 2014, p. 198)

Preciado (2014) lembra que em português e espanhol não há termos que se equiparem aos citados e entre as lésbicas⁷⁹ é comum evitar os termos que associam a imitação do pênis: “Em vez de ‘consolos’, falaremos aqui de ‘vibradores’. Posto que o presente estudo me permitiu concluir que a maioria dos brinquedos sexuais que se

⁷⁹ Uso o termo do autor.

agrupam sob a denominação de dildo não são e nem pretendem ser uma mera imitação plástica ou silicone de um pinto.” (PRECIADO, 2014, p. 199)

O dildo compõe o vocabulário sexual de algumas sapatonas e ao utilizá-lo, as sujeitas contribuem com a sociedade contrassexual com universalização das práticas estigmatizantes e realizando experimentações. O uso de brinquedinhos ou dildos foi mencionado por oito das dez entrevistadas, das que mencionaram o acessório apenas Virgínia afirmou que nunca usou em suas práticas sexuais, defendendo que não teve uma oportunidade, porque as meninas com quem ela ficou não quiseram e sempre deram muitos prazeres com “[...] dedinhos mágicos, sua língua e o corpo em si. O fato é que nunca me fez falta!” (Narrativas de Virgínia). Virgínia mencionou o acessório, enquanto falava de proteções e precauções na hora do sexo, destacando que a camisinha é a única coisa não corporal que ela usa, pois não gosta de cremes, brinquedinhos, vibradores.

Virgínia parece querer se distanciar da ideia do uso do dildo como uma compensação, algo que supera uma falta, como se usá-lo fosse uma forma de compensar a ausência do pênis. Utilizando Preciado (2014), gostaria de me distanciar desta ideia que talvez tenha feito Virgínia pontuar a autossuficiência dos corpos femininos no momento sexual, negando os usos do dildo e defender que o dildo não é uma substituição do pênis nas relações, o dildo:

[...] não é senão uma prótese, entre outras, que prolonga e aumenta a capacidade já confirmada de sua mão trabalhadora. O dildo é, antes de tudo, uma máquina manual à qual a butch aporta seu impulso motriz. Basta enxertar essa mão experiente no tronco da butch para que se transforme em uma prolongação plástica da pélvis. A butch dos anos cinquenta já é queer porque reconhece sua condição próstética, enquanto o macho ainda continua persuadido de sua superioridade natural. (PRECIADO, 2014, p. 208)

O autor destaca que a prótese não vem compensar uma falta, pois o dildo constitui um lado de intensidade produtiva. Preciado (2014) contesta a metafísica da falta, que sustentam alguns pensamentos teológicos ou psicanalíticos, nos quais sempre falta algo em nós e isso dá sentido e justifica o mundo e suas injustiças: às mulheres falta um pênis, aos homens faltam úteros/seios, aos homens e às mulheres falta o “falo transcendental”, “um megadildo”. Preciado (2014) defende que não nos falta nada, a não ser vontade de produzir o desejo, os corpos e os prazeres.

Nas narrativas, o uso de algum acessório apareceu de forma espontânea durante os relatos das práticas sexuais, as únicas entrevistadas que não falaram sobre algum acessório durante as transas foram Fernanda e Glória. Todas as demais, excetuando Virgínia, mencionaram como algo que já usaram. Nestas relações, os acessórios foram colocados como algo que incrementa a transa, como algo que dá prazer por uma sensação

de poder, como um substituto do pênis e algumas vezes, como um objeto que parece legítimo de penetração.

Sete das nove sujeitas da pesquisa que mencionaram o acessório não o associaram ao pênis por meio do nome, preferindo os termos dildos ou brinquedinhos. Apenas Maria e Aimée fizeram essa associação. Maria, quando estava defendendo que algumas lésbicas, a maioria que ela conhece, tem muito preconceito com transas que não envolve apenas língua e dedo, rechaçando outras ideias: “[...] ‘ah. Saí para lá! Não gosto disso não, não tem para que! ’ Não tem para que, mas pode ter também, saca? ” (Narrativas de Maria). Em sua avaliação, mulheres bissexuais são mais liberais sexualmente, Maria já namorou com duas meninas bissexuais e afirma que elas gostavam de dar uma incrementada com outras coisas e em seguida, exemplifica com o fato de não gostar de “piroca”, mas que em mulher é bom. O que ela não gosta é quando vem acompanhada do “acessório homem”, no entanto, quando a “piroca” é um acessório de mulher rola muito.

Aimée usa o termo dildo para se referir ao acessório, no entanto, quando vai relatar como ocorreu a primeira vez com ele, afirma que “[...] primeiro coloquei o dedo, depois o pênis.” (Narrativas de Aimée). Quando faz o seu relato, destaca que foi com ela que Lana permitiu ser penetrada pelo dildo a primeira vez. As duas penetravam uma a outra algumas vezes, mas não de maneira simultânea e geralmente, Aimée usava mais na postura de ativa⁸⁰ do que Lana. Aimée recorda: “Era muito gostoso, dava uma sensação de poder... penetrar. Eu sentia isso e acho que ela sentia também” (Narrativas de Aimée). Aimée afirma que o que gostava mesmo era ver Lana gozando e ela gozava muito com penetração. Para ela, não era o uso do dildo em si que lhe dava essa sensação de poder, mas a penetração em si lhe dava essa sensação. Elas usavam um pequeno, Aimée afirma que gostava muito da sensação de estar colocando dentro de Lana e saber que ela estava sentindo prazer, tinha que ser com jeito, porque incomodava um pouco com ela. Destaca que acha que ela não gostava da penetração e acha que dificilmente a ex-companheira terá essa disponibilidade novamente.

As palavras de Aimée, me fazem refletir sobre o que significa esse “penetrar” e estar especialmente, dentro Lana com o dildo, como se a penetração com o dedo não tivesse este “poder” ou não fosse a “penetração” de fato.

⁸⁰ Quando uso o termo ativa, passiva ou relativa, estou me referindo a posturas sexuais usuais no campo para se referir a quem penetra (ativa) e quem é penetrada (passiva) e em quais situações (relativa pode ser penetrada e penetrar na mesma transa ou em transas diferentes)

Apesar de não ter associado o acessório ao pênis por meio do uso do nome, Flora fez essa associação quando afirmou que o dildo satisfaz seu desejo por penetração peniana e que desde que ela e a esposa decidiram utilizar o dildo, ela não sente mais vontade de transar com homens, como se o dildo tivesse substituído e satisfeito o desejo por homens. O dildo na relação de Flora e da esposa Lia é destacado como algo positivo, que para Flora, indica um nível de intimidade muito grande, pois foi esta intimidade que permitiu até a conversa para inserir o dildo na relação. Lia nunca tinha transado com homem e por isso, tinha certo preconceito com o dildo. Flora lembra que ela também nunca tinha usado o dildo, mas conversando perceberam o brinquedo era uma possibilidade e tentaram experimentar. Lia usou primeiro em Flora e depois Lia também teve interesse e vontade de experimentar. Flora destaca que gosta muito da posição que ela está sentada no colo de Lia e vice-versa com ou sem o brinquedinho.

As relações nas quais há o uso do dildo são, geralmente, as que são mais fixas e duradoras, como se houvesse uma necessidade de confiança para falar sobre o assunto e depois inseri-lo nas práticas, apenas em Bárbara este dado parece não se concretizar, pois ela não liga a prática a uma relação específica, afirmando que em situações esporádicas, utiliza o dildo na posição ativa com e sem a cinta, mas ela gosta muito da cinta. Há uma negociação no uso do dildo e parece que na presença dele há, de forma mais demarcada, a consolidação de posturas mais ativas ou passivas. Bárbara gosta de usar o dildo como ativa, com cinta e sem cinta, mas destaca que gosta muito da cinta, como afirma que muitas mulheres com quem se relacionou não gostam de dildo, ela usa de maneira esporádica.

Flora afirma que gosta muito da posição que ela está sentada no colo de Lia e vice-versa com ou sem o brinquedinho, apesar de demarcar que elas não usam muito, talvez apenas em 20 % das relações que mantêm. Tanto Flora usa em Lia quanto Lia usa em Flora. Flora afirma que gosta muito de ser ativa, mas com a atual namorada, ela é até mais passiva. Mas, geralmente, a relação é muito mútua e inclusive, elas compraram um brinquedinho através do qual as duas são penetradas ao mesmo tempo e que ele é muito bom. Ela acredita que quando existe uma parceria entre o casal, uma conversa, a relação sexual tende a ficar cada vez melhor.

Destaca que a companheira (Lia) nunca tinha transado com homem e por isso, tinha certo preconceito com o dildo. Flora lembra que ela também nunca tinha usado o dildo, mas conversando perceberam o brinquedo como uma possibilidade. Flora chamou a companheira para tentarem com a proposta de que Lia poderia usar primeiro nela e depois viam se ela também tinha vontade e gostava, que foi o que acabou ocorrendo.

Lia e Flora vão ao sex shop juntas para escolher os brinquedinhos, mas Flora lembra que já foi algumas vezes sozinha e que Lia nunca vai só, porque não gosta de dirigir, elas compram outras coisas além do dildo, como óleos, mas Flora não gosta muito, porque já teve alergia uma vez. Eventualmente, elas gostam de ir ao motel, fingem que estão se conhecendo e fazem algo diferente, brincadeiras de como se estivessem no início da relação. A frequência das transas varia muito, não tem uma constância, no começo era quase todo dia, agora é menos frequente, transam uma semana ou não transam na semana ou transam mais vezes. Não tem uma frequência fixa. Principalmente, porque o trabalho de Lia é muito pesado e ela chega muito cansada em casa.

O dildo parece o acessório mais utilizado entre as sujeitas da pesquisa, com exceção de Rosi, as demais sujeitas não destacaram o uso de mais nenhum acessório, apresentando, inclusive, uma aversão a óleos ou sabonetes. Fantasias e o uso de lingerie também não foram destacadas como um diferencial para o prazer ou jogo sexual. Em Flora, por exemplo, o uso é evitado por conta de alergia. Rosi associa o uso dos acessórios a incrementar as transas, não deixar entrar na monotonia/rotina e uma busca por sempre provar coisas novas, o que fez com que elas investissem na superação de alguns “tabus”, como em relação aos “brinquedinhos” sexuais e partes do corpo. Atualmente, usam fantasias e dildos, Rosi penetra Manuela mais do que é penetrada, seja com ou sem o dildo.

Bárbara também destacou que não gosta de lingerie, acha besteira, não se importa se a pessoa ou se ela está ou não com lingerie, apesar de achar bonito e comprar umas vezes para si, veste para admirar seu corpo. Ressalta que recentemente ficou com uma mulher que, inclusive, não usa calcinha e não usa calcinha com vestido e ela acha que é uma das coisas mais legais, que ela já teve contato pela praticidade. Ela gosta de lingerie, mas não é um diferencial, lembra que nunca usou óleos e saborizantes, não é a sua “vibe”, ela disse que o sexo dela é bem assim: corpos pelados dispostos.

Os dildos são recorrentemente mencionados como instrumentos para incrementar as transas. É a associação que Bia faz quando descreve seu sexo com Vanessa, afirmando que as transas eram tão boas, que “tinha até o dildo”. Associação semelhante que também faz Mirela em relação ao sexo com Helena, que define as transas como muito boas e por serem tão boas, elas foram inserindo os dildos, recorda que foi penetrada pelo “brinquedinho”. Era Helena quem comprava, sempre dizendo que era para uma amiga, porque ainda tinha alguns bloqueios em relação a isso. Mirela fala que Helena “usou primeiro brinquedo” nela e que doeu um pouco, mas que a rotina sexual delas já tinha

permitido um maior rompimento, o que fez o brinquedo entrar sem problemas. Mirela disse que gozava muito com o brinquedo e muito rápido também.

Brinca que certa vez Helena chegou com um brinquedo enorme, que elas chamavam de Chicão, mas nunca permitiu ser penetrada por ele, porque ele era muito grande. E por isso, Chicão virou decorativo, nunca utilizado. Quis saber se elas não usaram o brinquedinho que tinha dois lados, ela falou que elas nunca usaram assim e que queriam usar os dois em Mirela fazendo um sexo vaginal e anal ao mesmo tempo, mas não conseguiram cumprir antes do término. Enquanto ativa, mencionou apenas que comprou um brinquedinho para usar com Márcia, mas não conseguiu colocá-lo bem da primeira vez que usaram porque era a primeira vez de Márcia.

Falando nisso, a virgindade apareceu em quatro narrativas com três significados diferentes. O primeiro, apareceu em Mirela com relação a Márcia. Mirela a desvirginou, relata que foi surpreendente, que não esperava que ela fosse virgem. Disse que foi um pouco assustador, porque sangrou e ela recordava, que a dela não tinha sangrado. Lembra que, na ocasião, Márcia falou estava esperando alguém especial, com quem ela quisesse viver o resto da vida para perder a virgindade. Por tê-la desvirginado, Mirela relata que se sente mais responsável por ela e em todas as discussões, recorda que Márcia joga em sua cara ela tirou sua virgindade. Ao relatar isso, Mirela compara com relações heterossexuais, porque Márcia afirma que Mirela só queria tirar sua virgindade e depois sacaneá-la. Mirela lembra que sempre rebate, que não quis tirar a virgindade dela e nem faz questão de tirar a virgindade de ninguém, que não tem essas vaidades.

A segunda, é com Bárbara, que não era penetrada em sua primeira relação sexual com mulheres, porque nunca havia sido penetrada antes. A primeira vez que isso ocorreu foi numa relação heterossexual. A terceira também foi mencionada por Bárbara, em uma situação que ela demarca como dramática em relação a vida sexual. Quando uma das suas namoradas era virgem, apesar de saber fazer muitas coisas. Bárbara ficou meio resistente para penetrá-la e não queria fazer isso de maneira alguma, fugia, não a penetrando das primeiras vezes que transaram: “[...] o drama do hímen. Eu ficava em pânico, porque ia sangrar e eu não queria, eu também não gostava de penetração, então, a gente transava sem isso.” (Narrativas de Bárbara). Até que Lúcia fez um protesto para que a penetração acontecesse e Bárbara pediu que ela resolvesse com outra pessoa, mas ela afirmava que queria que fosse ela. Então, Bárbara foi pesquisar na internet, viu que não tinha nada de muito diferente e as duas conseguiram transar com penetração. Bárbara lembra que foi muito bom, não sangrou, foi maravilhoso e tranquilo. E Bárbara afirma que passou a cumprir “um papel que era muito seu”, que entendi que é esta postura mais ativa.

Glória relata que perdeu a virgindade com um homem aos 15 ou 16 anos um namorado que ela tinha. Lembra que namorava há um ano e que depois que transaram, descobriu que o namorado tinha um outro relacionamento sério de seis anos. Durante o ano de namoro que antecedeu a transa, Glória não sabia da existência da outra pessoa, recorda que as redes sociais não eram muito fortes, que o companheiro não tinha Orkut, então, não existia uma exposição de nenhuma de suas relações. Ele sustentava relações com outra mulher, em outro bairro da cidade. Glória tinha 15 anos e o parceiro uns 24, afirma que “perdeu a virgindade com este imbecil”. Relata que depois da primeira vez aconteceram apenas mais duas vezes e que acha que era apenas o que ele queria, desvirginá-la e depois que conseguiu, ficou se comportando como um “idiota”, tendo, inclusive, ficado com a outra pessoa na sua frente.

Nas quatro situações, parece haver algum tabu em relação a desvirginar ou ser desvirginado. A virgindade parece um valor para Márcia e Mirela. Para elas, o ato de desvirginar é a demonstração de amor e por isso, moeda de troca que implica uma responsabilidade, usada como uma chantagem. Mirela vê Márcia como uma pessoa pura em decorrência disso. São valores heterocentros e românticos, no qual, Márcia se percebe como uma mulher que “se entregou” a alguém que ela queria que ficasse com ela para sempre e fosse a única pessoa que a tivesse tocado na vida, assim, se sentiu lesada por alguém que em sua concepção, só queria a sua virgindade, o que Mirela nega, mas afirma que se sente responsável por ela por isso. Além, de acreditar que sua entrega seria para o amor de sua vida, o eterno e único. Em Glória, a avaliação é mais direta, a sua virgindade era tudo que o homem queria, porque depois que a desvirginou não se importou mais com os seus sentimentos e com a relação dos dois.

Em Bárbara, a penetração era interdita porque ela não havia sido penetrada antes, ao contrário da sua companheira, que já havia tido relações com homens e com mulheres. O que me levou a perguntar sem conclusão, se isso não ocorreu, porque elas tinham o homem como o sujeito legítimo da penetração, que poderia “desvirginá-la”. Bárbara não parece relacionar, nem neste período, as transas a penetração, até porque mesmo sem ela, considera que perdeu a virgindade com Vitória com quem se relacionou por volta dos 14 anos. Já na segunda experiência de Bárbara, um pouco mais velha, ela evita ao máximo a penetração, como se tivesse com medo de machucá-la, mas também não parece ter um valor para ela, visto que ela, inclusive, sugere que a companheira procure uma outra pessoa para cumprir a missão.

Bárbara não gosta de penetração, classifica como inócua, porque não é algo que lhe dá prazer. Mas, também aprendeu a fazer “bons usos” dela. Recorda que não gostou

da penetração quando ocorreu em 2010, quando foi penetrada por um homem, mas um dia Lúcia, sua atual namorada, foi “lhe comer” e ela pensou, que a penetração não a leva em um lugar que ela não chegue sem a penetração, mas que permitiu que Lúcia a penetrasse. Descreve a penetração com Lúcia como algo que foi bom e elas passaram a fazer mais vezes, com essa experiência, ela também aprendeu algo sobre si:

Era tranquilo, não me machucava! Era muito tranquilo! Era muito natural para mim, acontecia e eu achava bom! Bom assim, nem se comparava a situação de 2010, quando eu tinha achado muito ruim. Então, fiquei bem de boa. Só que era uma coisa bem pontual, que acontecia e que não era uma demanda minha. Mas, eu tenho um probleminha, que não é um probleminha, mas frustra um pouco as pessoas, que eu gozo muito rápido. Normalmente, eu gozo muitas vezes e quando acaba eu quero dormir: demandas! Ri. E uma coisa que eu descobri sobre penetração, é que, em regra, ela atrasa o meu gozo. É como se ela me levasse para longe, atrasasse o meu gozo e eu conseguisse durar mais. Então, eu passei a fazer bons usos da penetração nesse aspecto. E isso é uma coisa que eu aprendi sobre o meu corpo e as vezes, eu tou lá com a pessoa e tá muito bom, eu não quero gozar naquele momento, porque eu quero continuar, então, eu falo para a pessoa: me come! Aí a pessoa começa a me comer e eu volto e continuo. Coisas que descobri sobre meu corpo. Diferente de outras meninas, que penetrou gozou, como se fosse só isso que estava faltando. (Narrativa de Bárbara)

Ela prossegue relatando que possui muitas outras coisas que ela gosta nas suas práticas sexuais e que são mais efetivas para ela, para quem a transa é muito aproveitar as possibilidades do seu corpo e do corpo do outro sem acessórios:

Eu gosto muito de muitas coisas, eu gosto muito de sabor de gente. Acho que é por isso, que gosto de chupar pessoas. É tipo, gosto de chupar tudo, pescoço, braço, lugares que as pessoas não imaginariam quando a gente fala de chupar. Mas, eu também gosto muito das coisas com gosto delas. Tipo, eu gosto muito de cu e de buceta, acho o gosto muito normal, gosto de suor. Eu não gosto muito de pessoas perfumadas, quando estou transando. Eu gosto muito de corpo. Corpo é bom. (Narrativas de Bárbara)

Descrevendo suas preferências sexuais afirma que “[...] eu gosto de fazer um sexo mais parado! Eu sou muito preguiçosa, a lua em touro pesa! Eu sou muito preguiçosa, gosto de sexo mais parado, mais tranquilo. Mas, também já tive sexos muito agitados que foram maravilhosos também.” (Narrativas de Bárbara). Mas, teve vezes, que a transa ocorreu de forma mais “dramática”, tirou a roupa, jogou para lado e afirma que também foi legal, mas geralmente não é assim que acontece, prefere mais tranquilo, mais parado, mais curtido e com mais efetividade e repetição: foi, gozou, parou e volta, acaba durando muito, quando tem mais tempo: transou-dormiu-acordou.

Ela ressalta que a transa não precisa ser estética, ter pirueta ou algo cinematográfico ou para ser assistido, é mais para o contato, para troca e que está lá para curtir o corpo, a pessoa, os abraços, com pausas para conversas, devagar, com tudo no

seu tempo. Bárbara lembra que prefere transar com pessoas que ela já conhece, porque considera que o sexo nessas condições é melhor. Lembra que transou com pessoas assim de forma imediata, mas não era um sexo bom, apesar de ao longo do tempo ter ficado. “Então, eu prefiro evitar. Eu até digo: de sexo ruim, por sexo ruim, eu me masturbo sozinha! Bem tranquilamente.” (Narrativas de Bárbara).

A penetração apareceu de outras formas na pesquisa também, como por exemplo, uma demarcação das posturas sexuais de atividade/ passividade ou o que vá para além dessa polaridade. Peter Fry (1982) em seus estudos “Da Hierarquia à Igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil. ”, identifica entre os gays de Belém como operavam as categorias de identidade sexual conforme o comportamento sexual daquela época. Em sua pesquisa o autor, observou no seu campo, mas estendeu a todo Brasil, em especial a cidades do Norte e do Nordeste (mais interioranas), que há um padrão sexual em que os homens mais masculinos exercem um papel posições ativas e esta atividade pode, inclusive, lhes garantir a heterossexualidade. Costuma-se ter o estabelecimento de uma relação em que haja um que exerce o papel masculino e outro o feminino. O autor afirma que as relações nesses moldes são uma analogia as relações entre “homens” e “mulheres”, altamente segregado e hierarquizado: “[...] o ato de ser penetrado adquire, nessa área cultural, através dos conceitos de “atividade” e “passividade”, o sentido de dominação e submissão” (FRY, 1982, p. 90)

O autor defende que o “homem” não perde seu status fazer sexo com outro homem desde que assuma uma postura ativa. O autor afirma que:

[...] as relações sexuais verdadeiramente desviantes de acordo com esse sistema de classificação são as que ocorrem entre pessoas que desempenham o mesmo papel de gênero, isto é, entre uma “bicha” e outra ou entre um “homem” e outro. Estas relações são consideradas desviantes porque quebram a regra fundamental do sistema que exige que as relações sexuais-afetivas “corretas” sejam entre papéis de gênero ordenados hierarquicamente. (FRY, 1982, p. 90)

Este comportamento, é atribuído às classes mais baixas, ao analisar o termo “entendido”, Fry defende que o termo refere-se às classes médias e possui uma maior liberdade em relação aos papéis de gênero e os comportamentos sexuais. Conforme o autor, o termo surge na década de 1960 e são designadas pela orientação sexual, o que implica uma maior liberdade em se colocar como ativo ou passivo. O homem ganha outro significado do que no primeiro sistema de classificação, pois independente de exercer uma atividade com outro macho, o homem será considerado entendido.

No primeiro exemplo visto pelo autor, o primeiro grupo, demarcava bem os papéis gênero e os comportamentos sexuais: o ato sexual dramatiza a diferença e a hierarquia. No segundo, o valor é a similaridade e a igualdade. Ele lembra que em sistemas onde há essa divisão de comportamentos sexuais bem demarcadas, há também uma demarcação de papéis de gênero desempenhadas para além das relações afetivas sexuais, nas quais os homens ativos, desempenham papéis na vida de homens heterossexuais.

O autor lembra que tal mudança nos comportamentos sexuais e perspectivas de organização dos sujeitos, é a marca da transformação social que se desenvolve nesse período, que também reconfigura o local da “mulher” na sociedade. Antes disso, constitui uma construção social do termo entendido. Para isso, retoma o papel que os médicos e juristas tiveram na construção da sexualidade masculina.

Fry (1982) parece acreditar que a tendência é que os sistemas hierárquicos sejam substituídos por sistemas mais igualitários, visto que, estes possuem apoio na ciência e psicologia e também nas classes mais poderosas. Os sistemas hierárquicos são comumente associados ao machismo, por isso, o autor distancia os movimentos sociais destes sistemas demarcados, quando os movimentos, reivindicariam a dissolução dessas posturas.

O sistema hierárquico é atacado como uma espécie de relacionamento heterossexual, que deve ser resignificados, quebrado, onde não haja um dominador e um dominado. Uma mudança nos padrões sexuais e nos planos de prazer. O autor critica também essas posturas, afirmando que por mais libertárias que sejam, elas guardam muitos conservadorismos, com o amparo nas categorias médicas e jurídicas.

Me parece que estas categorias e sistemas foram bastantes assumidas tanto entre os gays quanto entre as sapatonas. No imaginário popular, há muito a ideia de que a sapatona masculinizada é a ativa da relação. Isso não é lá muito contrassexual, pois uma das principais cláusulas do contrato, é o desmantelamento dos códigos de feminilidade e masculinidade, os colocando como disponíveis a corpos falantes. No campo, esta associação entre as performances de gênero e os comportamentos sexuais, apareceram de forma direta nas falas de Rosi, Flora, Bia, Virginia e Fernanda.

Ao falar de suas experiências, Rosi relata que quando não estava em relacionamentos fixos, preferia ser ativa com suas companheiras, o que causava espanto nelas, que esperavam que ela fosse passiva, por ser mais “afeminada”, ou seja, ter trejeitos e vestir-se como o que entendemos ser próprios de mulher. Já Flora, o que ocorre é o contrário, as mulheres com as quais ela se envolvia, inicialmente, assumiam uma postura mais passiva, quase não a tocando. Um exemplo disso, está na sua primeira relação, que

Flora afirma que não lembra exatamente como foi, mas lembra que a parceira era muito passiva e como era sua primeira relação, ela não sabia como ficar com uma mulher, apenas foi guiada e depois seguindo o padrão que foi estabelecido:

Eu não sei assim como te explicar, eu não sabia assim, como era aquela troca de afeto por igual, sabe? Mas, eu sempre fui muito mais ativa com ela, não que não tivesse sido passiva ou que não tivesse rolado as duas ao mesmo tempo, mas eu era muito mais ativa com ela. Era bom e tal, mas faltava alguma coisa, porque eu sou muito passiva, entendeu? Eu não sabia também o que era, porque eu era muito nova e eu achava que era o meu papel como a mulher masculina da relação, entendeu? Olha para ti ver como era minha cabeça e como eu achava que eram as coisas nesse sentido. E ela sempre foi o mulherão e a eu a menina que comia ela, saca? O homem. Não que hoje exista isso, mas como funcionava a minha cabeça de adolescente sim, esses papéis impostos. (Narrativas de Flora)

As relações de Flora mudaram com o tempo, mas com Lívia, ela era muito ativa, a companheira não fazia nada, nem a chupava, se isso aconteceu foram poucas vezes e mais para o final da relação. Ela era a “ativona” da relação, mas ainda assim, sentia prazer, mas não como hoje em dia:

Porque a minha relação com minha namorada é mais vai e volta, às vezes ao mesmo tempo, saca? Então tá melhor para mim, sabe? E as minhas relações sempre foram assim, sabe? Eu acho que por eu ser mais masculina, então, eu acho que as meninas com quem eu ficava também pensavam assim. Eu acho que a gente no relacionamento lésbico, fica trazendo esses padrões heteronormativos para dentro das nossas relações, entende? Esse o que é ser masculino, o que é ser feminino. (Narrativas de Flora)

Flora observa que quando transava com homens a relação era o extremo oposto, onde ela assumia uma postura mais passiva e ela avalia que isso também não era o suficiente. Não era o suficiente nenhuma das duas posturas unicamente. Ela afirma que quando estava com o homem sentia muita vontade de ficar com mulher, que ela tentava ser fiel, mas era muito difícil. Flora destaca que com a namorada, gostava muito de penetração e penetração e oral juntos, gostava também do tribadismo, principalmente, porque acha que era a coisa mais mútua que as duas faziam: “Mas, de resto era muito eu: eu comia ela, eu chupava ela.” (Narrativas de Flora).

Essa expectativa em relação aos comportamentos sexuais de acordo com as performances de gênero exercidas também esteve presente nas narrativas de Fernanda, que lembra que muitas mulheres chegam nela, esperando que ela seja ativa e crítica essas concepções:

Antes eu era bem mais menininho assim. Aí a gente volta de novo a história do estereótipo: das meninas que são mais masculinas elas são ativas, as que são femininas são mais passivas. Eu acho isso uma grande besteira, até porque eu já conheci meninas mais masculinizadas que eram mais passivas do que propriamente ativas e conheci meninas mais femininas, que eram mais ativas do que propriamente passivas. Então, eu não! Quebrei isso na minha cabeça,

eu disse: ‘Não, eu não vou olhar para uma pessoa e pensar algo. Eu me interessei por ela, eu senti atração por ela, senti tesão por ela. Agora a gente tá numa cama, nós vamos transar e agora a gente vai se sentir aqui.’, entendeu? É claro que a gente sempre tem umas conversinhas assim, né? Tipo, para a gente não chegar lá sem saber de nada também. (Narrativas de Fernanda)

Bia recorda que foi muito ativa nas suas primeiras relações, na sua primeira vez, que também era de sua companheira, ela lembra que chupou e fez tudo, recebendo no máximo, algo que ela definiu como uma siririca. Esta relação começou a mudar com Nádia, sua primeira namorada, com quem ela afirma que “[...] foi tipo uma reciprocidade: ela comia, eu comia e todo mundo se comia e era assim, mais completa! Eu acho que, inclusive, meu cabaço foi embora com o dedo dela” (Narrativas de Bia). Em uma situação um pouco mais atual, Bia descreveu a única transa que teve com Luciana:

Eu entrei no quarto, eu não sei que djabo foi, do nada eu cheguei e coloquei meu xiri na cara dela (fez um gesto que não me recordo qual). Eu disse: ‘Tu não vai...’. Aí eu pedi para a amiga dela sair do quarto e a gente começou a se pegar. E a desgraçada tem um piercing no peito. Ela tem o mesmo estilo, o mesmo corpo de Luciana, só que ela é um pouquinho mais forte que Luciana, é um pouco mais gorda que Luciana. E aí é isto. Ela começou a me chupar, que eu fiquei ‘eh, rapaz!’. Bem criadaaaa! Aí no final a rapariga parou e falou: ‘Ah, a vagabunda é passiva, é?’, aí eu: ‘ah, desgraçada! Relativa, senta aqui!’ – Foi muito engraçado. E era um sexo maravilhoso, que era aquele com xingamento. Meu amor, puxou meu cabelo e me chamou de piranha, eu já tou toda pronta. Mas, foi a única vez que a gente transou e aí minha vida sexual deu uma caída, porque teve eleição e tals. (Narrativas de Bia)

Diante da surpresa de Luciana com a postura assumida por Bia, expressa na reação “passivinha”, avaliei que havia uma expectativa quanto a ação de Bia, por ser uma galanteadora e isso, ser algo mais associado aos homens. Então, Bia afirmou que era muito recorrente esses comentários em relação a ela: com Nathalia, que falava: “Tu tem cara de passiva, mas adora estar sentando”, Vanessa: “Uma passivinha dessas, vem querer dar uma de ativa!” e por fim, uma reprodução dessa estrutura que partiu dela mesmo: “Luciana, fia! Tem cara de passiva, mas dá cada comida gostosa!” (Narrativas de Bia).

Neste sentido, me lembro das narrativas de Virginia, que atualmente, não possui demarcação de comportamento em suas relações, com Virgínia as práticas são sempre inventáveis, então, não há muitas coisas fixas. Foi um padrão que ela, reiteradamente, lembra que quebrou e por isso, refirmar algumas coisas não caibam.

Assim, avalia que suas experiências menos satisfatórias, eram aquelas, em que as companheiras reproduziam essas estruturas de achar que tem um homem e uma mulher na relação. Para Virgínia, as transas que não se enquadravam nesse padrão eram sem pressa, com toques, mordidas, chupadas, puxões, estímulo do clitóris, enfiadas de dedos, movimentações das duas. E na experiência que foi ruim, a parceira ficava parada,

esperando que Virgínia fizesse tudo e ela passou a sentir falta desse contato, desse estímulo: “Eu não queria ficar lá sozinha em cima dela.” (Narrativas de Virginia).

Mas, para a alívio de Preciado (2014), apesar da recorrência do tema nas narrativas, acredito que, atualmente, essas posturas polarizadas estão sendo cada vez mais abandonadas, parecem estar associadas mais a um início de vida sexual, que às vezes são reproduções de entendimentos e comportamentos, que são reiteradas ao longo da vida, mas mais recorrentemente, abandonadas. Os termos ativa, passiva e versátil apareceu em outras narrativas, mas não como algo fixo e bem demarcado, apareceu de forma plural dependendo de relações, clima e sem hierarquias.

Fernanda afirmou que ao contrário do que as pessoas pensam, ela é relativa, porque todo mundo pensa que ela é ativa e descreve como é para ela na verdade:

Se for para ser ativa, eu vou ser ativa. Se for para ser passiva, eu vou ser passiva muito bem. Vou ser ativa bem, vou ser passiva bem, eu sei me adaptar a situação. Eu sei que as pessoas não são iguais, que cada pessoa tem um fluxo diferente em relação a sexo, a beijo e a muitas outras coisas. E eu tento me adaptar, aquela situação, de sentir o que tá ali. Eu não sou a mesma pessoa o tempo todo, porque são pessoas diferentes, sexos diferentes, beijos diferentes. Então, não tem muito assim. Eu sou realmente, relativa com relação ao sexo. Eu sou muito relativa. Tem dia que eu quero ser ativa, tem dia que eu quero ser passiva, as duas coisas ao mesmo tempo, tem dias que eu não tou a fim. (Narrativas de Fernanda)

A postura ou comportamento social adotado, está muito associada a situação e por isso é fluida, como podemos perceber em Aimée e Bárbara também. Aimée afirma que a preferência por ser ativa e passiva depende muito da transa e da parceira. Pontua que com Mariana, especificamente, era bem equilibrado, versátil e destacou que:

Não tenho problemas com isso e não conseguiria ficar sempre como “passiva” e nem... (pensou um pouco) conseguiria, conseguiria sim, ficar mais como ativa. Mas, não tenho problema nenhum em assumir uma postura mais passiva. Para mim, isso é irrelevante. E com ela sempre foi assim, a gente nunca teve nada muito demarcado. Mas assim, tinha coisas que eu gostava muito de fazer: oral. Eu gostava muito de fazer, eu fazer o oral, sobretudo. E a gente pouco fazia tribadismo, quase nunca. Eu fui fazer com Lana mesmo. E engraçado que essa era a prática entre ela (Mariana) e a mulher dela, elas não faziam sexo oral. (Narrativa de Aimée)

Bárbara defende que não acredita muito nisso de passiva-ativa, mas que se alguém se colocar em uma destas posições, ela não tem problema de assumir uma ou outra postura, mas afirma que gosta de pessoas versáteis e de “comer pessoas”. O comportamento de Mirela me chamou atenção, porque a postura adotada depende da sua companheira. No relato de seus dois últimos relacionamentos, ela mudou da passividade frequente para uma atividade constante e isso parece está muito relacionado a postura que

ela assume dentro das relações, com a ex, que era mais velha e ela tinha uma relação de ser “a cuidada”, como se entende no imaginário popular sobre a mulher, ela era passiva. Já com a atual, mais nova, por quem se sente responsável, Mirela é totalmente ativa.

As relações estabelecidas, também são fundamentais para Flora ou Rosi se permitirem ser penetrada, como se fosse preciso uma confiança e uma entrega para que isso ocorra. Apesar de assumir uma postura mais ativa e preferir isso, em seus relacionamentos mais curtos, Rosi parece permitir que hoje a sua companheira a penetre. Comportamento parecido com o de Flora que revela que prefere ser ativa quando são apenas relações de rápidas, ela prefere ser passiva mais quando existe um relacionamento sério/fixo, porque ela avalia que é uma questão de entrega e ela não se sentia muito bem em entregar o seu corpo a todas as mulheres, apenas a algumas, onde a troca afetiva é maior. Ela não sabe porque, mas também não gosta de fazer oral em quem não conhece, então, fica mais uma “pegação” com penetração. Não gosta de sarrar⁸¹ também por questões de doença, assim, fica mais na penetração mesmo.

Em Glória e Maria, não percebi muito a demarcação dessa postura, mas pelos relatos, ela também assumiria uma posição mais versátil. Importante destacar que o tribadismo é colocado como uma forma igualitária entre as envolvidas no ato sexual, porque teriam responsabilidades iguais para o prazer e tentativa de prazeres múltiplos.

Flora foi a sujeita, em que essa expectativa mais pesou em suas práticas, porque foram muitas relações assim, até que ela conheceu Ianca, quando a relação passou a ser mais recíproca e as duas se penetravam, às vezes, ao mesmo tempo. Com a sua atual esposa, essa relação de reciprocidade se consolidou mais. Flora relata que o sexo com a esposa é maravilhoso, desde o começo, pois há sempre uma prévia, uma brincadeira ou “safadeza” antes, um carinho, uma preliminar, que não é só pá pum. Flora ressalta que as duas são muito carinhosas uma com a outra, que se beijam muito e que ela gosta muito disso.

Os locais das transas e demonstração de afeto estão vinculados aos status das relações, ao modo como as sujeitas lidam com o seu gênero e a disponibilidade financeira. Como lembra Le Breton (2009), sobre a manifestação pública e privada do amor, há distinções do sentir em público e sentir no privado, onde há uma marcante diferença de expressão de controle. Em multidões, os sentimentos são contagiantes, somos facilmente levados a compartilhar emoções, como no caso de estádios de futebol. Ao mesmo tempo, é próximo aos outros que mais controlamos nossas emoções:

⁸¹ Esfregar.

Em nossas sociedades, a linha que divide o público e o privado, em termos de relacionamento com o corpo e com a afetividade, é claramente delimitada. Sozinho, o sujeito está menos disposto a gargalhar diante de uma sequência humorística televisiva do que estaria na presença de amigos. Ouvida cem vezes, a mesma piada não perde a graça quando proferida em meio ao grupo; mas ela pode provocar monotonia ou indiferença quando lida no jornal ou ouvida na rádio do carro nos momentos de solidão”. (LE BRETON, 2009, p. 163)

Entre as sujeitas, há uma demarcação de demonstração de afeto público e privado, em Aimée o público é interdito aos seus amores, pois não se sente à vontade, porque ainda é casada formalmente e possui um emprego comissionado, no qual se sente muito vulnerável. Assim, ela prefere locais que tenham amigos gays ou sejam voltados ao público, sente-se mais segura desta maneira. Como ela e suas companheiras não moravam sozinhas as relações sexuais ocorriam recorrentemente em motéis ou carros. Quando a transa acontecia na casa de Mariana que era casada, o sexo era tenso e desconfortável, porque Aimée sempre lembrava que era a casa dela com a sua esposa e evitavam o quarto, Aimée nem transitava pelo quarto.

Mirela fala com bom humor que gostava de explorar a casa dela, quando não tinha ninguém ela levava as companheiras para lá e transavam em muitos lugares: no quarto, na cozinha, na sala, o sofá, no banheiro e relata que gostava dessas “aventuras”. Mas, geralmente, as transas ocorriam em motéis ou carros, somente agora as práticas estão mais voltadas a sua casa, já que é assumida e a família sabe do seu namoro. Até o atual relacionamento, Mirela não ficava em público, por ela não ser assumida e inicialmente, não ter certeza sobre suas preferências sexuais e porque as suas principais companheiras não se expunham, por questões financeiras e status social.

Luiza, sua primeira namorada, era de classe média e de uma família conhecida, por isso, evitava exposições. Helena tinha receio que os amigos do esposo ou alguém do trabalho a visse com uma mulher, por conta da sensação de vulnerabilidade do cargo que ocupa, que não é efetivo. Além das duas, terem vergonha de trocar carinhos em público, diferente do que ocorria perto de lugares que tinha amigos das duas que os carinhos eram explícitos. Assim, as duas não ficavam em público, na frente de outras pessoas ocorria apenas quando estavam na casa de algum amigo das duas é que trocavam carícias. Isso ocorria muito por medo de Helena, que tinha receio que os amigos do esposo ou alguém do trabalho a visse com uma mulher. Já com Márcia, sua atual namorada, destaca é diferente, que elas se beijam em todos os cantos, andam de mãos dadas e que às vezes, ela quem tem que dar uma parada e pedir calma. Mas, Mirela gosta dessa forma de se

relacionar, ela se sente à vontade em alguns lugares e se sente podendo ser quem ela é também.

As transas de Bárbara ocorreram em lugares públicos e privados, a troca de afeto público não é um problema para ela em nenhum dos seus relacionamentos. Quando em relacionamentos, a casa de Bárbara e suas companheiras são espaços mencionados, nas demais relações, as transas ocorrem em motéis, carro, casas de amigos, hotéis, dentre outros. Com Lúcia, sua namorada, os espaços públicos foram explorados, ela lembra que as duas, que se conheceram na UFMA, inventaram uma brincadeira de explorar os prédios da Universidade e marcando no mapa, afirma que já ocorreu em muitas áreas, como Lagoa do Sá Viana, no Núcleo de Esportes, Ginásio, Biblioteca, Centro de Ciências Humanas, Sociais, Reitoria.

Bia também pontou lugares públicos, como ruas, estacionamentos e bares, mencionou ainda carros, quando ocorre de ser em carro, o lugar, geralmente, é público. Glória, Maria, Fernanda e Flora deixaram sempre subentendido que as transas ocorriam nas suas casas ou das companheiras ou de amigos. Fernanda fala em carros também e de uma exploração dos compartimentos da casa. Rosi afirmou que também gosta de experimentar diversos compartimentos, mas destaca que para ela, qualquer lugar é viável, desde que esteja com vontade.

A sociabilidade das sujeitas é muito plural, geralmente, Aimée, a mais velha, conhece as companheiras por intermédio de amigos, em sua juventude, ficava mais com pessoas em festas produzidas por amigos em locais seguros. Excetuando Aimée e Maria, as demais sujeitas todas se relacionaram com alguém que conheceram pela internet, Mirela citou sites de relacionamento e redes sociais mais antigas como o bate-papo da UOL e o Flogão⁸², com o tempo, as relações de amizade foram mais significativas para Mirela em conhecer pessoas novas. As demais citaram tinder, Instagram, Orkut e Facebook. A Universidade apareceu como uma oportunidade de conhecer pessoas também, principalmente, entre as sujeitas mais pobres, que também tiveram na Universidade mais acesso a referências sobre gênero e um espaço que se sentiam mais livres, é o caso de Mirela, Rosi e Virgínia.

A escola, cursinhos e militância é um ambiente no qual as mais novas, como Bia e Bárbara, encontraram pessoas que ficaram ou se relacionaram de forma mais profunda. Glória destacou espaços mais alternativos ligados a cultura. Festas e viagens são lugares onde Virgínia também teve mais liberdade para encontrar pessoas. Já a socialização de

⁸² Como ficou conhecida o Flog ou Fotologue, mídia digital que fez sucesso no Brasil no início da primeira década dos anos 2000.

Maria e Flora se relaciona com pessoas de vários ambientes que frequenta como festas, trabalho, universidade, por amigos. O caso de Rosi é mais particular, ela teve poucos relacionamentos e os mais sérios se consolidam através de outras relações, as duas mais importantes decorreram de um contato com uma prima e de uma amiga antiga.

Rosi associa essa liberdade muito ao que vive com a esposa com quem estabeleceu uma relação de confiança, com quem ela afirma não ter “travas”, que no começo existiam, pois Manuela era um pouco pudica, no entanto, foi se libertando mais para prazer com o desenvolvimento da relação. Exemplifica que antes da relação, Manuela nunca tinha feito sexo anal e Rosi tinha uns tabus em relação a usar brinquedinhos sexuais.

São limites do sexo, que Bárbara trata como algo muito comum, porque as práticas sexuais em sua concepção requerem muito o acesso do corpo do outro. Relata que em três das duas experiências mais significativas, as suas companheiras tinham questões de acesso ao corpo e que isso foi conversado e resolvido, mas o ponto de partida é sempre o que o outro se sente à vontade de fazer e está disponível a fazer. Estes limites, tanto em Rosi, quanto em Bárbara e que também estiveram presentes em Aimée, foram resolvidos em relações de conversas e confiança.

Ao relatar a primeira vez que transou com uma mulher, Aimée avalia que não foi bom e acredita que era por conta de entraves morais seus, por ter a noção de que era ela na cama com outra mulher. E porque não gostava de sexo oral, afirma que tinha traumas. Afirma que as transas com Ana nunca foram boas até a última vez que transaram. Para Aimée as transas com Ana eram sempre muito estranhas não conseguia fazer sexo oral direito, nem se sentir à vontade. Mas, sempre que se viam, ficavam. As transas com mulheres passaram a ser boas com Mariana, com quem Aimée afirma ter tido a primeira transa “de verdade” com uma mulher pela intensidade, “[...] os níveis de sensação, de sentimento, de entrega, porque nós fizemos tudo, tudo mesmo!” (Narrativas de Aimée) e descreve:

Foi louco, quando dei por mim, já estávamos completamente nus no quarto fazendo tudo que tu possa imaginar na vida. Era umas 12, 13 horas e eu lembro que estava muito quente e nós suamos muito... e foi muito louco. Talvez tenha sido a transa mais louca que eu tive na vida. Foi ali, naquele momento que eu me apaixonei por ela, consigo quase precisar o momento. - Perguntei se ela acha que a paixão foi por causa da transa boa. Ela respondeu que foi por tudo, a sensação que tive com Mariana foi que o que aconteceu entre nós foi um encontro de almas mesmo. Eu acho que se não tivesse tido toda as inconsistências, as estruturas que eu tinha e que ela também tinha e que não fomos capazes de romper, nós estaríamos até hoje juntas, porque ela fazia com que eu segurasse algumas dificuldades que eu tenho: eu sou explosiva, às vezes, irracional. Com ela, era diferente, eu me segurava em situações que estava com muita raiva e não explodia, nem fazia merda. (Narrativa de Aimée)

Para Aimée, os sentimentos parecem permitir a disponibilidade do corpo, defende que o sexo com sentimento fica melhor e que através dele foi descobrindo novas possibilidades:

[...] ‘foi muito bom, foi tudo muito bom. O que não fizemos efetivamente foi, aquilo, que eu não tinha muita prática, nem sabia direito como fazia... Como é mesmo que tu chama?’. Eu perguntei o que? Dar o cu? Ai ela disse: ‘Não, porra! Tá louca? A esfregação!’. Daí respondi: tribadismo. ‘Pois é não sabia que chamava assim... A gente não fez, mas esse é um ponto para a próxima história. Enfim, foi maravilhoso, fizemos até uma poesia sobre isso... Ela fez uma e eu fiz outra.’ (Narrativa de Aimée)

Os sentimentos são defendidos como algo que melhora as práticas sexuais também entre Bia, Bárbara, Rosi e Flora. Em Rosi e Flora percebo isso de forma mais indireta, quando afirmam que nos seus relacionamentos amorosos possuem mais liberdade, mais entrega e confiança, conseguindo experimentar mais e falar de seus desejos. Em Bia, a menção é mais direta, quando está explicando o seu processo de término com Nádia, ela afirma que houve um desinteresse, que inicialmente, não era uma questão sexual, mas com um tempo passou a ser, porque quando ela ama a companheira, a transa é a mais sensacional possível, pois para ela as transas com amor são as melhores de todas. Até certo momento, o sentimento existiu em relação a Nádia e Bia avalia que foi a primeira vez que teve esse sentimento, porque ela foi sua primeira namorada, com quem ela “saiu do armário”. Lembra que quando deixou a relação foi por falta de amor mesmo, não foi traição. Em outro momento, quando Bia fala de Carla, que define como o amor da sua vida, ela afirma que durante as transas das duas foi quando experimentou os maiores sentimentos de todos, uma energia que passava por todo o seu corpo, “uma sensação muito louca”. Ela diz que das duas vezes que elas ficaram, enquanto Bia estava com Nathalia, foi uma energia inexplicável passando por ela quando se “pegavam”. Bia relata que Carla tinha umas “frescuras”, enquanto ela só queria transar, Carla queria toda uma cerimônia de “fazer amor”, “tomar um vinho”: “E eu só queria foder! Sentar na boca de alguém e foder, saca?” (Narrativas de Bia).

Ao distinguir o sexo consigo e as transas, Bárbara defende que a dimensão afetiva pode ser um elemento a mais na dimensão sexual, “[...] considerando a grande proximidade entre a dimensão sexual e afetiva. E considerando que sim, a dimensão afetiva pode ser um tempero a mais. Tu pode fazer o sexo melhor, porque tu tem um afeto por aquela pessoa.” (Narrativas de Bárbara). Apesar disso, Bárbara acredita que o sexo é uma coisa pequena em um relacionamento de verdade. Lembra a situação de uma pessoa que conhece que disse que terminou com a namorada, porque a namorada não quis “dar”

para ela, Bárbara classifica isso como uma “desculpinha”, porque primeiro ninguém é obrigado e segundo, que esse seria para ela um elemento muito pequeno para terminar uma relação, defende que o sexo não é algo primordial numa relação e ressalta que, seguramente, se relacionaria com uma pessoa que ela não gosta de transar.

Mas, teve muitos momentos também que eu não quis transar mesmo estando em relacionamentos, eu não tinha vontade de transar. Mas, assim, não começava a transar, porque eu ia começar a transar, ia transar e ia ser bom! Mas, já me gerou muitos problemas em relacionamentos, porque não é uma coisa comum. Me gerou problemas no começo do relacionamento com Lúcia, que eu acho que era começo de 2015, eu tava muito não querendo transar com ninguém. Nada, nem ninguém, não me tocava, nada. E ela achando que era com ela e não era. E talvez, eu não tenho certeza, mas nesses períodos que eu passei muito tempo sem transar, que eu não tinha um relacionamento, se nesses períodos eu não estava nessa mesma vibe. Mas, eu não sei porque nesses períodos, eu não tinha uma pessoa me perguntando “porque tu não quer transar comigo? Qual é o problema” e eu respondia: “Não tem problema, está tudo de boa. Eu só não quero ficar transando!”. E as pessoas não estão preparadas para ouvir isso e reagem de uma maneira muito ruim. Às vezes, eu só queria dormir, ficar abraçada ou às vezes só sozinha mesmo. (Narrativas de Bárbara)

Para Maria, as transas estão muito vinculadas às relações, quando tocou no assunto foi sempre em referência a uma relação. Com a sua namorada Carolina, houve todo um jogo de sedução, porque Maria é uma jogadora da conquista, isso a excita, pois ela defende acredita que temos uma natureza caçadora, logo não poderíamos acreditar que a monogamia seja nossa natureza. Afirma que Carolina concretizou todas as expectativas, que ela alimentou durante a conquista na hora da transa, que foi muito “mara” ficar com Carolina, porque ela é muito “bruxona”, toda liberal, gosta de umas coisas doidas:

Essa coisa de sexo é louco, né? Porque, sexo é muito poderoso! Sexo é negócio muito poderoso. É mais poderoso que outros sentimentos, que outras sensações que são fortes também e tal. Sexo, ele é dominante, né? Eu não sei se gosto mais de Carolina ou de Dandara, mas Carolina é foda (risos). Porque é o tempo inteiro mexendo com essa parte, com essa zona sexual. Primeiro, ela não está aqui, mas ela preenche um espaço na minha vida que ninguém nunca preencheu desta forma. Não assim, só nessa parte de sacanagem que estamos falando. (Narrativas de Maria)

Foi com Carolina que Maria experimentou algumas esquisitices, que ela acha que não poderia ser massa, mas são. Inicialmente, ela ficou com vergonha de especificar as práticas, mas continuou. Disse que uma vez, por exemplo, Carolina babou na sua boca, cuspiu mesmo e ela ficou: “Meu Deus, que fantástico! É foda! É poderoso, porque são fluídos e é intimidade também!” (Narrativas de Maria). O importante, para ela, é deixar acontecer.

Para Maria, a melhor parte das transas é o caminho que leva até elas, que pode ser até uma dança que excita. Já quando há um parceiro, as transas estão muito ligadas à hora

de dormir e Maria sente muito sono e apesar de gostar muito de sexo, na hora de dormir, ela quer dormir. Ela fala que é preciso deixar a transa fluir, não tem isso de “isso não, isso não, isso são” é “isso sim, isso sim, isso sim e isso também sim” (Narrativas de Maria). Brinca dizendo que só não gosta de brincar com coco (só se for sem querer), mas fora isso! Só não pode animais e crianças, um velhinho e uma velhinha ainda rola. “Ela é foda! Ela dança para mim, sabe o que é isso?”. A menina que namorei que era casada pedia para eu dançar para ela e eu ficava “tá louca? Mas, hoje eu entendo, porque ela queria que eu dançasse para ela! Porque é incrível, alguém dançando para ti” (Narrativas de Maria). Maria não dança para Carolina, porque tem vergonha, dançam juntas apenas.

Com exceção de Maria, as transas relatadas foram geralmente calmas, sem muito sadomasoquismo ou o que se costuma chamar de escatologia. Aimée mencionou vagamente, apenas para negá-las. Bárbara citou algumas práticas, nas quais ela sente prazer em sufocar e bater, mas não gosta de apanhar, conforme relatos:

Eu não me vejo uma pessoa que terminaria um relacionamento por causa de sexo, a menos sei lá, que a pessoa tivesse que dançar Macarena toda vez antes sexo ou sei lá! Fizesse uma coisa muito estranha ou se a pessoa gostasse sei lá fazer xixi em cima de mim... Ou sei lá, me bater! Eu detesto apanhar! Detesto... – Eu disse: ah.. gosto um pouquinho! Aí ela retornou: eu gosto de bater. Muito. Match e risos. Eu gosto de bater, eu gosto de algumas que eu não sabia que eu gostava antes mas descobri que gosto. Tipo, não é uma coisa que “eu vou ter que fazer toda vez”, mas se acontecer, eu serei uma mulher feliz. Tipo, eu gosto e eu descobri na prática que gosto de... Eu gosto quando as pessoas gostam de sufocamento. Não é matar, mas eu já passei por momentos muito felizes de sufocar pessoas. Eu fiquei! Bicho, isso é muito bom. Gostei! Achei sensacional. Gostei, fizemos várias vezes! Foi maravilhoso e foi ótimo. Mas eu não gosto de fazer nada que machuque as outras pessoas, também não gosto de apanhar, nenhum pouco, porque qualquer coisinha me dói. Eu fico ardida, eu não gosto. Eu fico: “que é que eu te fiz, doida? Não me bate não! Tu não é meu pai, doida”... Aí eu não gosto muito de xingar. Mas, não sou assim “não me xingue”, tipo, me chamar de cachorra, mas acho meio inócuo, não é algo que me excita. Já aconteceu, não foi ruim, mas é uma coisa assim que quero. (Narrativas de Bárbara)

Já Bia afirmou gostar de uma transa mais violenta, onde ela é xingada, lembra que com Vanessa a transa era sensacional, completa: “Caralho, tinha até o dildo, saca? Era bom de todas as formas! A chupada dela era maravilhosa! E cara, eu sou aquilo que as pessoas costumam chamar de vagabunda, saca?! Chegava era tapa na cara, era puxão de cabelo e é do jeito que eu gosto, saca?!” (Narrativas de Bia).

A exemplo de Maria, Mirela detalhou mais suas experiências sexuais dentro de relacionamentos. Mirela afirmou que começou a se descobrir sexualmente com Helena e que a primeira experiência ocorreu na primeira semana de relacionamento, que apesar de ter namorado um ano com outra mulher parecia que ali tinha sido a primeira vez que ela

iria transar, dessa forma, ela preferiu que a transa ocorresse no escuro. Destaca que nesse primeiro contato, elas perceberam que as práticas sexuais das duas eram divergentes: “Eu gostava mais do que eu denominei como ‘confronto’, né? E ela e a outra mulher dela lá, faziam mais sexo oral.” (Narrativas de Mirela).

No entanto, é necessário pontuar, que nem todas as práticas são relacionadas à relacionamentos fixos, quase todas as sujeitas falaram de relações fixas. Há relatos de Bia, por exemplo, que ainda não foram mencionados, que a relação era puramente sexual, ela saía com o objetivo de transar, quando ocorria, uma conexão, as transas eram repetidas. Nestas experiências, Bia lembra que as transas eram demoradas e bem experimentais, com ensaios de novas posições, exploração de partes do corpo.

Mas, as experiências das sujeitas não foram restritas apenas às transas com mulheres, a presença de experiência sexual com homem foi relatada em sete das dez experiências. Bárbara, bem como Fernanda, não acredita que estas experiências façam delas menos sapatonas, entendimento que parece ser o de Mirela, quando nega qualquer desejo sexual por homens e fala reiteradamente, que nunca transou com homens como algo que a faz uma sapatona de “verdade”.

Apesar disso, parece inicialmente haver um constrangimento de Bárbara ao relata a primeira vez que transou com homem ou se aproximou de outro, contextualizando que foram períodos nos quais estava sofrendo por alguma das suas ex, fragilizada e sem muitos amigos para sair, quando destaca que contou com a amizade e o cuidado deles. O envolvimento sexual de Bárbara ocorreu apenas com um desses homens e ela descreve a experiência da seguinte maneira:

E eu tinha medo dele querer namorar comigo de verdade e eu dizer que não queria namorar com ele, ele parar de falar comigo e a vida acabar! E foi o que aconteceu, mas antes, aconteceu algo dramática no meio do caminho. Bárbara, sem ter o que fazer da vida, fui lá e transei com Osvaldo. Foi muito ruim, foi horrível, foi pavoroso, não gostei, não reconheci enquanto sexo. Foi a primeira vez de penetração e eu achei macabro, não gostei, achei terrível. Nem aconteceu direito o sexo, porque eu parei, achei péssimo. Reagi péssimo, aí a gente parou e eu falei: não. Vamos parar por aqui, não estou confortável, não era legal e ele era virgem também, então, acho que eu acabei com a vida do menino. E ele era mais velho, estudava na UFMA, acho que era começo de 2010. (Narrativas de Bárbara)

Bárbara relata que o que se seguiu foram situações muito desconfortáveis, porque ela reagiu muito mal, mas se sentiu segura para reagir assim, porque ele era muito de boa. Mas, foi muito constrangedor, pela reação e ele a respeitou. No entanto, nos dias que se seguiram, Bárbara ficou muito pensativa com o que havia acontecido e começou a fugir

de Osvaldo, não queria encontra-lo porque estava com vergonha. Até um dia que ela decidiu conversar com ele para falar que não tinha como continuar com ele, o que o deixou triste e os afastou. Perguntei se ela havia desejado ele em algum momento e ela respondeu que não sabe, que gostava de beijá-lo:

[...] não tenho vontade, habilidade, demanda e compatibilidade física para transar com homens. Eu acho que tenho problemas com homens, não funciona. Beijo homens, porque eu adoro beijos e eu só tenho preconceito com quem beija mal. Mas, também, gosto de homens que beijam respeitosamente, não pode me sarrar! Não acho que beijar homens me faz menos lésbica, nunca achei isso. (Narrativas de Bárbara)

Uma experiência com homens narrada de forma não negativa ocorreu quando não houve penetração, Bárbara relata um ménage que fez com a sua namorada Lúcia, no qual Lúcia ficava entre os dois, ou seja, ficava com os dois. Em um momento, o homem fez esta observação: que os dois estavam ficando com Lúcia e que ela era o centro do ménage, mas que ele também gostaria de ficar com Bárbara, que afirmou que não sabia se isso seria possível. Mas, ela não tinha entendido direito e eles foram ficando até que ela percebeu as intenções do homem e disse que não seria possível. Ele respeitou e voltou a ficar com Lúcia, bem como, Bárbara também voltou a ficar com ela: “Eu acho que transamos, porque estávamos lá no ménage. Mas, não tivemos nenhum tipo de contato efetivo e não me sentia à vontade. Só que foi de boa, fizemos muitas coisas. Depois teve tchau, nos despedimos, aí tomamos café juntos, conversamos.”.

Maria também localiza suas experiências com homens em ocasiões nas quais estava sofrendo por amor, numa “noite de coração dilacerado” e bebedeira, quando também estava sendo pressionada em casa para apresentar um namorado. Descreve a situação como muito ruim, desconfortável. Afirma que não é como se ela não tivesse ficado com ele se não fosse a cobrança, porque ele era uma pessoa legal, no entanto, não parece relacionar a uma satisfação de desejo. Afirma que não tinha para que ficar com Amadeu e Inácia, tanto que ficou com ele por dois meses e rompeu a relação, ficando só com Inácia.

Fernanda, por sua vez, afirma que teve várias experiências sexuais com homens e que “[...] não foram experiências ruins, foram boas, foram boas. E eu não posso mentir para mim mesma e dizer que não foram boas só para pagar de sapatão.” (Narrativas de Fernanda). Localiza estas experiências como prazerosas e afirma que a única coisa que a impede de estar com um homem mais profundamente, é porque não consegue estabelecer relações progressivas com eles, não estabelecer relações afetivas com eles, apesar de já

ter ocorrido quando ela teve uma relação à três, mas era necessário a presença da outra para a relação dar certo.

Experiências positivas também foram listadas por Aimée, Glória e Flora, que declaram que já foram, são ou estão hetero ou bissexual. Aimée localiza as experiências sexuais com o marido como muito boas. Ele quem a desvirginou, porque antes tinha um companheiro que a deixou meio traumatizada, pois só fazia sexo anal com ela para que ela não perdesse a virgindade. Com Pedro, com quem foi casada por 25 anos, teve muitas transas boas, onde afirma que gozava muito, teve orgasmos intensos e gostava de transar com ele, também porque o amava. Nas transas com homens, Aimée fala de algumas negociações para evitar gravidez e que nem sempre isso foi cumprido, no entanto, por amar o companheiro e o fruto dessa desobediência, o filho, ela não o condena e não se arrepende. Aimée não desmerece as práticas pelo gênero, mas ao recordar a primeira vez que gozou com mulheres, comparou as sensações de gozar com uma mulher e com um homem.

[...] foi bem diferente, era outra coisa, era diferente, acho que a sensibilidade é diferente! Não é que seja melhor, mas o cheiro é diferente. E talvez, eu não tenha essa visão tão romantizada, mas naquela época foi assim que eu senti. Mas, eu senti e eu gosto de sexo! E eu gosto de sexo com pênis... Era bom, como diz a tua música, eu tenho um Ponto G. Então, é gostoso ou era, não sei se hoje gosto. Mas, o corpo feminino em si, ele me dá mais prazer! Vai ser um gozo psicológico. Contando que a pessoa que está comigo, goze para mim, tá ótimo! Que foi o que aconteceu da última vez... Eu não gozei fisicamente, mas ela era tão gostosa que porra! Valeu a pena.”. (Narrativas de Aimée)

Nesse dia estávamos acompanhados de mais dois amigos e eu falei que eu achava que gozo não era o objetivo do sexo. As mulheres da mesa concordaram comigo, mas com a ressalva de que gozar é ótimo. No entanto, o homem presente disse que o gozo era fundamental, que nas transas era a primeira coisa que ele queria. Conversamos que tem coisas bem prazerosas além do gozo, brincadeiras, que ele concordou que são muito boas, mas que no final ele quer gozar, porque uma hora a brincadeira cansa. Na conversa foi consensual que uma das coisas mais prazerosas da transa é fazer gozar.

A maioria das experiências sexuais de Glória foram com homens, ela se declara bissexual, relata diversas ocasiões em que as transas tiveram elementos ruins, porque se sentiu enganada, no caso da primeira vez, porque parecia que era somente o que seu namorado queria, ou; quando foram feitas por obrigação de um relacionamento monogâmico, onde a dinâmica acaba estabelecendo dias, horários e necessidade de que isso ocorra. Muitas das suas relações sexuais com homens foram pontuadas dentro do contexto que ela descreve como “conservador e heteronormativo”, no qual se

desenvolveu, enquanto sujeita. Avaliando que sempre se comportava como estava estabelecido e isso influenciava no seu prazer:

Eu sempre tinha um namoradinho sério que frequentava a família, não gozava muitas vezes, não sabia o que era gozar, não conhecia o meu corpo e não entendia muito bem o sexo, por muito tempo, eu achava que era só meter o negócio e o entra e sai, entendia o resto, era só o caminho para lá. O resto do corpo então, não era tocado, porque o caminho era muito curto, o resto do corpo ficava para lá (Narrativas de Glória).

As obrigações ficavam muito evidentes para Glória, no seu segundo relacionamento com homens, quando ela afirma que o sexo era meio que uma “obrigação” do cotidiano do relacionamento, por exemplo, se passavam a semana trabalhando, no final de semana tinha que ter. Ela avalia eram transas muito monótonas, porque ele era libriano, mas tinha uma coisa de peixes muito forte, uma energia muito... - expressão de descontentamento. Afirma que esse período era muito entediante e que das vezes que rompeu estas relações foi pelo mesmo motivo: tédio e uma ânsia de buscar quem ela era sem estas relações: “Quem era Glória sem estas obrigações?”.

Nesta busca por se entender, Glória precisou se desprender do seu núcleo familiar e experimentar outros tipos de relações, das quais não ainda não tinha tido contato e nem referência. Teve contatos com amigos LGBTs, pessoas mais “alternativas”, adeptas de relacionamentos abertos e foi entendendo estes arranjos, tendo, inclusive, os experimentados.

Morando já em São Luís, Glória viveu um período de relacionamento aberto com o companheiro, quando teve a sua primeira relação sexual com mulher, que é descrita como muito intensa em sentidos, de descobertas. Pontua que neste momento já conhecia seu corpo “já sabia onde ficava o clitóris e a coisa toda” (Narrativas de Glória) e formas de gozar. Apesar disso, destaca que foi uma experiência de muitas descobertas “a dois ou a duas, quer dizer”, “um encontro muito intenso com o clitóris. E muito sim pela ‘metelância’⁸³ como tu falou – às vezes, tínhamos conversas sem o gravador, porque ela tinha vergonha de falar com ele ligado - mas muito pela chupada também e as duas coisas juntas. ” (Narrativas de Glória)

Apesar de ter experimentado algumas relações com mulheres, enquanto esteve no relacionamento aberto, apenas após a separação, que foi momento atual da nossa conversa, ela avalia que pode, efetivamente, vivenciar os seus desejos, pois antes era algo que ela não acessava: “E que as vezes, eu tinha até uns preconceitos comigo mesma, por

⁸³ Seria um sexo baseado apenas na penetração.

não compreender a minha particularidade, por não, ter tido desde cedo uma compreensão sobre aquilo de forma natural, sempre de forma: ‘Não! Aquilo é errado... e associar à coisas ruins.’” (Narrativas de Glória)

Glória avalia que é impossível comparar se as transas com homem ou com mulher são melhores ou piores. Para ela, as transas são com pessoas, é uma questão de conexão e pode bater tanto com homens quanto com mulheres. Glória faz algumas observações, como o fato de a transa com mulheres possuir mais exploração do corpo, para ela, as mulheres saberem localizar o clitóris com mais facilidade, mas que isso não tem importância, porque ela sabe onde fica e ensina. Afirma, ainda, que com mulheres há uma conexão diferente, um toque diferente, porque muito homem acha que tudo gira em torno do pau: “chega goza e acha que é isso, o grande protagonista.” (Narrativas de Glória). Já com mulheres, ela diz que acha que é diferente, brinca dizendo que acha que com ela nunca aconteceu dela dormir sem ter gozado quando estava acompanhada de uma mulher, pois acredita que existe uma energia não finita, porque não tem algo em torno do que tudo exista: é tudo que está lá. No entanto, Glória destaca que teve muitas experiências boas também, que coincidiram com o seu autoconhecimento e o ingresso em relações em modelos que considera menos violadores.

Flora, que se define como pansexual, afirma que gosta muito das transas com homens por conta da penetração. Avalia que seus desejos afloraram muito cedo tanto em relação aos homens quanto em relação às mulheres e destaca que é incrível como nunca teve preferência por um ou por outro, sexualmente falando. No entanto, não gosta da convivência com eles, porque acredita que aspectos sociais, que em sua concepção viola as mulheres, pesam mais quando os homens são os atores dessas violências, exemplifica com a questão de como a feminilidade, que ela acredita não possuir, pesa em relação aos homens:

Para mim, a feminilidade é uma construção da sociedade, né? Não é uma coisa natural. Então, a partir do momento que eu não sou feminina e não me sinto feminina, isso já barra um monte de homem, para começar. Segundo que eu não namoraria... Assim, eu já tive um namoro de dois anos e meio com um homem, inclusive, moramos juntos. Para tu ver, eu sou tão novinha e já tive uns... entendeu? 24 quatro anos, vou fazer 24 agora. E a gente morou junto e eu acho que nunca mais teria uma experiência como essas de novo, de ter um relacionamento com um cara, por essas questões mesmo. Então, para mim caras é só mesmo uma atração sexual, assim mesmo de sexo, sabe? Eu acho que eu não me relacionaria com um cara, nem me apaixonaria, por um cara. Essas questões eu só sinto por mulher! Me apaixonei por esse cara... Foi o único cara que eu me apaixonei. Nem sei se eu me apaixonei! Eu estava meio na bad nesse tempo por uma mulher, ela me deixou muito mal e aconteceram umas bads por aí. E ele apareceu e ele era meio que o salvador da pátria e a gente se relacionou e depois eu realmente me apaixonei por ele e novamente,

deu merda, a gente brigou e tal. Mas, eu nunca voltaria a me relacionar de novo afetivamente com um cara, é puramente sexual. Só. (Narrativas de Flora)

Na passagem, fala também questiona seus sentimentos pelo homem como algo que possivelmente não teria acontecido, se ela não estivesse machucada por conta da relação com a mulher. Flora segue pontuando exemplos que a distância dos relacionamentos com homens, questões machistas, conforme descreve. Afirma que Gustavo tentava ao máximo ser um “cara bacana”, era mais velho que ela, quando começaram a morar juntos, Flora tinha 17 anos e ele 24, não bebia e ela ainda estava numa fase de “curtir a vida”, de querer beber e sair, porque era muito nova, mas ele a prendia muito. Não que ele tivesse proibido, mas jogava muitas frases dizendo que “não era coisa de mulher”. Ressalta que ele minou muito sua autoestima, porque ela sempre tentava ficar bonita para ele e ele não reconhecia como as suas namoradas fazia:

Com elas era o contrário, entendeu? Com elas eu podia estar de qualquer jeito e elas sempre diziam: ‘ah, tu tá muito gata, tu tá muito linda’. E isso querendo ou não é muito bom de ouvir, entendeu? E ele não, ele nunca falou esse tipo de... Com o tempo, eu fui entender que isso que eu sentia, essa insegurança era muito culpa dele, sabe? Não que eu não tive culpa de... de sabe, ele não me dava segurança nenhuma. Eu sempre achava que ele estava me traindo, ele trabalhava como caminhoneiro. Ele passava uma semana fora, entendeu? Aí eu ficava naquela do que ele fazia ou deixava de fazer, saca? Eu também disquei o foda-se, se ele quisesse ficar com alguém, por mim, não tinha nenhum problema. A gente não usava camisinha, era coito interrompido e eu sempre dizia: ‘se tu for me trair com alguém, pelo amor de Deus, usa camisinha. É só isso que eu te peço’. E ele dizia que nunca ia me trair e eu falava: ‘Tá bom. Só por via das dúvidas!’ (Narrativas de Flora)

Gustavo era primo de uma amiga e eles se conheceram no carnaval, ele achava que ela estava dando em cima dele, mas ela não estava. Eles acabaram ficando, mas ela lembra que só queria transar com ele, porque para ela “homem só serve para isso”. Gustavo sabia que ela ficava com mulheres e sabia da história com a ex. Acabaram morando juntos, por insistência de Gustavo. Não foi a primeira experiência sexual de Flora com homens, nos intervalos das relações com mulheres, ela sempre ficava com homens. Inclusive, sempre transava com o seu melhor amigo, que era seu vizinho e foi com ele com quem perdeu a virgindade. Ressalta que mesmo estando com Lívia, sempre transava com o amigo: “Mas, nunca foi nada mais do que sexo! A gente era amigo, mas a gente transava. A gente ainda é muito amigo, mas a gente não transa mais.” (Narrativas de Flora).

Flora diz que não traiu Gustavo com o amigo, porque ela disse que para ela, era muito desrespeitoso trair um homem com outro homem. Não sabe porque, mas acha. Ela

afirma que além disso, ela não tinha vontade de traí-lo, porque o que ela queria ter com qualquer homem, ela já tinha com Gustavo, que era penetração.

Mirela, Virgínia, Bia e Rosi não tiveram experiências sexuais com homens, apenas Mirela trata isso como algo que a legitima como “sapatão de verdade”, Bia e Rosi, apenas afirmam que nunca tiveram vontade de transar com homens e Virgínia relata que teve vontade de transar mesmo sem desejo, mas para ter a experiência. No entanto, o homem escolhido queria mais que uma transa, queria constituir uma família com ela, enquanto que para ela seria só uma experiência que ela queria ter, então, não ocorreu.

3.3- Entre camas e romances

Temos uma economia afetiva que rege os nossos relacionamentos. O amor e os sentimentos, em geral, ocupam parte significativa na vida dos sujeitos, embora sejamos uma sociedade racionalista e neguemos o sentir em detrimento da razão. No entanto, os argumentos de Le Breton (2009) e Costa (1998) deixam evidentes que os sentimentos são racionais. Ao olhar para os dados sobre o amor com a ótica dos autores, o campo demonstra o quanto nossos afetos são moldados pelas representações que permeiam o meio social.

Através da definição do que são relacionamentos significativos para as sujeitas da pesquisa e as características que as atraem nas pessoas com quem estabelecem relacionamentos amorosos, foi possível atestar que não há espontaneidade, destino ou universalismos sobre o amor. Há sim, uma economia afetiva que aproximam as sujeitas de alguns dos preceitos do amor romântico. Amor nos ensinado como legítimo e verdadeiro, que impactam nas suas expectativas de vida, de prazer e de futuro. As características destacadas pelas sujeitas enunciam um amor eterno, com perspectivas de futuro, com cuidados, único, prioritário.

As relações amorosas esperadas delimitam e constroem também o objeto amoroso, sendo valorizadas características que são ideais para a construção de um relacionamento progressivo, próspero e duradouro. A questão de classe apareceu aqui com certo peso, algumas sujeitas de pesquisa parecem valorizar aspectos de capital cultural enriquecido com possibilidades de manter conversas sobre arte, por exemplo, como no caso de Aimée e Virgínia. Outras, valorizam pessoas que se esforçam para alcançar alguma estabilidade financeira, como destacado por Fernanda. E, no caso de Mirela, há quem se sinta cobrada por se relacionar com pessoas que nunca passaram pela academia.

A raça se destacou nas maneiras de se relacionar das mulheres autodeclaradas negras da pesquisa, mas não como uma característica física almejada ou repudiada. Mas, sim como elementos singulares em demonstrar e vivenciar o amor e suas relações. As características físicas não apareceram como um critério muito demarcado ou decisivo para o estabelecimento de alguma relação. Poucas sujeitas mencionaram alguma parte do corpo quando estão à procura de uma parceira.

Alguns elementos do amor romântico, destacados pelas sujeitas, me fizeram refletir sobre aproximações deste amor com a estrutura heteronormativa e como seus preceitos se enquadram nas operações desta estrutura: é preciso casar para o amor ser legítimo; é preciso a monogamia para ser respeitável... O amor romântico possui um léxico e uma gramática específica, representações, através das quais é possível afirmar o que é ou não amor. Talvez por isso, haja muitas reproduções, é a forma que aprendemos que é a correta para falarmos e encenarmos nossos sentimentos.

Reproduções que também chegam à cama com demarcação de comportamentos esperados da estrutura binária, na qual espera-se que alguém reproduza a atividade e a outra pessoa a passividade, associando estas posturas, respectivamente, a quem se aproxima mais das construções do que é tido como masculino ou feminino. Assim, estas construções impactam na procura de parceiras para relacionamentos, como vimos no primeiro tópico e pessoas para transarem. Há expectativas que são construídas sobre as sujeitas de acordo como elas são lidas, enquanto, sujeitas que se aproximam ou distanciam do padrão binário. Mas, percebi também, que com o tempo e as vivências, muitos destes padrões são rompidos também, como pude ver nas experiências de Virginia e Bárbara ou contestações às categorias realizadas por Rosi e Fernanda.

A exemplo da afetividade, as mulheres negras apresentaram uma especificidade em relação aos limites e acesso ao corpo. Acredito que há, especialmente, um problema de autoestima, que repercute em adensamento das permissões que existem de acesso ao corpo do outro, tendo que existir uma relação de confiança mais profunda para que a liberdade e o conforto com o outro aumente.

Em relação aos limites das transas, há, ainda, elementos mais genéricos que surgiram durante a pesquisa, como a importância dos sentimentos na avaliação de experiências boas. Os sentimentos foram colocados como algo que pode vir a melhorar as transas, perspectiva que acredito ser muito romântica pelo fato de diferenciar o objeto do amor, o destacando como o único. Houve, inclusive, demarcações de diferenças entre as transas casuais e as que ocorrem dentro das relações, nas quais espera-se que tenham sentimentos e parece que se privilegia o conforto, a rotina. Enquanto que os casuais, “vale

tudo”, como lembra Fernanda. Mas, dentro das relações também há inovações frequentes, nas quais os dildos (e outros acessórios), posições e fantasias são utilizadas como formas de incrementar e inventar novas formas de prazer.

Estas formas de vivenciar e experimentar as práticas sexuais, estão muito ligadas à forma como as sujeitas percebem as transas e as relações. Para além das discussões levantadas, acredito que conhecer as práticas sexuais das sujeitas, expor as transas foi uma forma de contestar representações que são produzidas sobre o uso dos prazeres entre mulheres, como as que propagam uma ideia de insuficiência e insatisfação pela ausência de um homem.

4- RESISTÊNCIA, RESILIÊNCIA E RESSIGNIFICAÇÕES

Antes de julgar a minha vida ou o meu caráter... Calce os meus sapatos e percorra o caminho que eu percorri, viva as minhas dúvidas e minhas alegrias. Percorra os anos que eu percorri, tropece onde eu tropecei e levante-se assim como eu fiz. E então, só aí poderás julgar. Cada um tem a sua própria história. Não compare a sua vida com a dos outros. Você não sabe como foi o caminho que eles tiveram que trilhar na vida. ⁸⁴

Inicialmente, este capítulo seria direcionado às relações profissionais, familiares e de amizade das sapatonas e de fato o é, no entanto, está sendo abordada centralmente tensões, conflitos e efeitos perversos dentro de uma perspectiva de direcionamento dada também pelo campo. Às vivências produzidas em meio às orientações dos discursos heteronormativos cabem, também, a deslegitimação, a hierarquização e efeitos aproximados à invisibilidade e à abjeção. O silenciamento que perpassa essas experiências em alguma parte da vida ou na vida inteira, também parece persistir na academia, resultando em baixa produção científica.

A hierarquização e legitimação baseadas nas vivências de gênero, a classificação de indivíduos por meio de padrões socialmente construídos e instituídos como naturais e imutáveis, tendem a resultar em preconceito, discriminação e exclusão, como expõe Butler (2015) na leitura que faz de Íris Young, baseada em Kristeva, para tentar entender sexismo, homofobia e racismo:

[...] o repúdio de corpos em função do seu sexo, sexualidade e/ou cor é uma ‘expulsão’ seguida por uma ‘repulsa’ que fundamenta e consolida identidades culturalmente hegemônica em eixos de diferenciação de sexo/raça/sexualidade. Em sua apropriação de Kristeva, Young mostra como a operação da repulsa pode consolidar ‘identidades’ baseadas na instituição do ‘Outro’, ou de um conjunto de ‘Outros’, por meio da exclusão e dominação (BUTLER, 2015, p. 231).

Nesta perspectiva, parto da ideia de que a lesbofobia, decorre da exclusão do “Outro” não legitimado como humano nas relações de reconhecimento; sendo este “Outro” constituído a partir de padrões estabelecidos por relações de poder e saber. Conforme Butler (2016), padrões estabelecidos pela heteronormatividade, que institui a distinção entre os sexos de forma binária e necessita ser reiterada e inculcada nos corpos ao longo do tempo, ou seja, performativamente.

Através desta delimitação, que ocorre dentro do discurso, materializam-se os corpos e os sujeitos, produzem-se critérios de humanidade e portanto, questiona-se a

⁸⁴ O texto não possui autoria certa.

humanidade de sujeitos que não reproduzem a coerência e continuidade prevista entre o sexo-gênero-desejo, cria-se a noção de abjeção, que inclui todos os sujeitos apagados do discurso da matriz heterossexual que:

[...] possibilita certas identificações sexuadas e impede ou nega outras identificações. Esta matriz excludente pela qual os sujeitos são formados exige, pois, a produção simultânea de um domínio de abjetos, aqueles que ainda não são 'sujeitos', mas que forma o exterior constitutivo relativamente ao domínio do sujeito. O abjeto designa aqui precisamente aquelas zonas 'inóspitas' e 'inabitáveis' da vida social, que são não obstante, densamente povoados por aqueles que não gozam de *status* de sujeito, mas cujo habitar sob o signo do 'inabitável' é necessário para que o domínio do sujeito seja circunscrito (BUTLER, 2016, p. 155).

A lesbofobia possui diversas formas de se expressar no cotidiano da sapatonalidade, dentre eles, xingamentos, torturas, silenciamentos, estupros corretivos, suicídios e assassinatos. Violências que me fazem lembrar do livro "Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto" de Butler (2015), porque de certa maneira, são violências consideradas "legítimas" contra estas vidas que não se conformaram ao enquadramento da heteronormatividade. Enquadramento que reconhece um sujeito único e universal com formas de se relacionar específicas, deslegitimando tudo o que se encontra fora desse modelo, tornando essas vidas enlutáveis.

Ao analisar os dados gerados nas conversas com as sujeitas da pesquisa, a categoria de violência perpassou por relações profissionais e familiares, ocorrendo dentro dos relacionamentos afetivos e sexuais, e inclusive, nas relações de amizade, com vizinhos e nas políticas públicas de saúde, por exemplo. Em todas essas relações, interpretei xingamentos e silenciamentos que marcam essas relações como tipos de violência.

As políticas públicas de saúde são marcadas por não ditos, de silêncios, inclusive, por parte das próprias sujeitas. De fato, além das políticas de saúde, muitos outros silêncios devem existir em relação às políticas de Estado e devem não ter aparecido no meu trabalho, mas a ausência da saúde como algo central para a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis entre mulheres, me chamou atenção. Essas experiências se desenvolvem sem diretrizes ou referências, sem educação. Acredito que isso ocorre pela desconsideração do sexo entre mulheres, da não compreensão dos mecanismos que envolvem transas no geral e transas entre mulheres.

Estas experiências continuarão sem prevenção, sem educação, sem referência e sem mecanismos materiais de proteção enquanto o Estado, em suas políticas, reconhecer

como práticas sexuais, apenas as transas com penetração peniana, considerando a única forma na qual as doenças sexualmente transmissíveis podem se proliferar. O mesmo ocorre com a área médica ao não formar e ou capacitar seus profissionais para entender as práticas sexuais e a prevenção para além do contexto heterossexual, reincidindo sobre as definições que incluem preceitos morais e religiosos dos seus profissionais. Nesse sentido, a não educação sexual ou a educação sexual existente, direcionada a consolidação ou performatização da heterossexualidade contribuem para limitação do entendimento sobre as práticas sexuais, e, como isso, sobre a falha na prevenção das doenças ginecológicas.

Apenas em três conversas apareceu a preocupação com a saúde, somente em uma a prevenção ocorre de maneira efetiva, que é na narrativa de Virgínia. Nas demais a proteção ocorre pela confiança na parceira ou outros mecanismos como “evitar ser passiva em relações não fixas”, como afirma Flora, que em sua relação com homem não se protegia e fazia coito interrompido e mesmo com mulheres, finda apenas por evitar o sexo oral e penetração de suas parceiras. De resto, é ir “na cara, na coragem e no tesão”, conforme brincou Fernanda, que completa afirmando que tem problemas com sexo casual pela falta de prevenção que existe no sexo entre mulheres e por esse fato, prefere parceiras fixas, com quem pode transar por um tempo maior.

Nos relatos de Virgínia, a saúde surgiu como uma preocupação através das suas relações afetivas e sexuais, nas quais algumas companheiras lhe ensinaram a se prevenir, porque inicialmente, ela achava que não existia o risco entre mulheres e não estudava sobre Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST's). Lembra que quando ia ao ginecologista falava que era virgem e não falava da orientação sexual, porque ela já havia ouvido das amigas algumas experiências vexatórias com ginecologistas, nas quais as profissionais perguntaram que graça tinha nas transas entre mulheres. Ela acha que os ginecologistas não estão preparados para atenderem lésbicas, mas afirma que hoje já consegue afirmar suas práticas aos médicos. Destaca ainda que toma alguns cuidados, porque como não faz rapidinhas⁸⁵ tem tempo para tomar algumas precauções, não gosta que nenhuma menina lhe penetre sem usar camisinha, porque tem medo que tenha alguma sujeira nos dedos. No entanto, admite que gosta de fazer sexo oral sem preservativo.

Na obra “Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?”, Butler (2015) se propõe a dar uma resposta às guerras contemporâneas e refletir os modos culturais que regulam nossas disposições éticas e afetivas, demonstrando como nossa perspectiva sobre

⁸⁵ Sexo rápido, improvisado.

violência está enquadrada de forma seletiva e diferenciada. Esta obra nos leva além de uma resposta as guerras declaradas. Nos faz refletir sobre a violência cotidiana que mata e humilha de forma legítima amparada por aspectos morais, racismos, regionalismo, nacionalismos e desrespeito à diversidade de gênero.

A obra nos leva a refletir sobre a vida e a humanidade, avaliando as violações que nos comovem e as vidas que importam. Estas concepções de vida e de humanidade estão amparadas por enquadramentos epistemológicos que operam dentro das lógicas do poder hegemônico. Butler (2015) propõe que possamos pensar através de uma nova ontologia corporal, que consiste em reconhecer a vida como precária, na qual o ser de um corpo está sempre entregue a outros, que tem suas condições de precariedades maximizados ou amenizados conforme a apreensão que consegue alcançar das normas sociais e políticas.

A vida é reconhecida dentro de condições de reconhecimento, que não é uma qualidade ou potencialidade incontestável dos humanos, ela está amparada em um ideal normativo, numa noção de pessoa preexistente a nós. Os sujeitos que não se enquadram nesta concepção não são reconhecidos como sujeitos e dificilmente ou nunca serão reconhecidos como detentores de vidas, pois “[...] uma vida tem que ser inteligível como uma vida, tem que se conformar a certas concepções do que é a vida, a fim de se tornar reconhecível.” (BUTLER, 2015, p. 21)

Os enquadramentos normativos são responsáveis pela noção do que é uma vida, Butler (2015) compara estes enquadramentos à lógica da moldura que não consegue apreender o fato que se propõe a ilustrar, há sempre algo que fica de fora do recorte da moldura e que não é apreendido e reconhecido, “[...] em outras palavras, algo acontece que não se ajusta a nossa compreensão estabelecida das coisas.” (BUTLER, 2015, p. 24). Mas, estas experiências que estão fora do quadro, tem o poder de desestabilizar estas compreensões que temos sobre as vidas, modelos que circulam como hegemônicos e reiteram a estrutura de poder.

Os enquadramentos são dimensões das condições de vida, eles “[...] estruturam a maneira pela qual passamos a conhecer a vida e a identificar a vida, mas constituem condições que dão suporte para essa mesma vida.” (BUTLER, 2015, p. 24). São as condições sociais de vida, - que se sustentam numa dependência generalizada, por isso, a vida é precária para todos os sujeitos, apesar de ser mais para uns do que para outros - que determinam quais vidas serão vivíveis e quais não serão, ou seja, não serão protegidas ou enlutáveis. Assim, gostaria de defender a heteronormatividade como um destes enquadramento que concebem legitimidade a vida e que funcionam como reguladores de

comoção social, pois os enquadramentos enquadram também as nossas disposições afetivas, determinando por que e quando sentimos, horror, indiferença e perdas.

Quem se importa com a bicha espancada por ter beijado em público ou por que usou saias? Quem se importa com a vida de milhares de travestis que estão em pistões porque foram excluídas da escola, expulsas de casa e encontra na noite o sustento que é negado de dia? Quem se importa com a perda da vida de Luana Barbosa⁸⁶, negra, pobre, lésbica e masculinizada, que morreu depois de apanhar da polícia como um homem negro (e quem se importa com essa comparação?), porque quis proteger o seu filho?

No texto de Tania Saunders (2017) “Epistemologia negra sapatão como vetor de uma práxis humanas libertária”, a autora, que parte de reflexões interseccionais para refletir sobre os processos que determinam a não humanidade, onde a mulher negra é a representação central dos não humanos. Saunders (2017) recupera a representação da mulher como desprovida de desejos e naturalmente propensa a heterossexualidade. Representação que sustenta o sistema heterossexual e que é desestabilizado com a lésbica, que deve ser apagada para que o sistema continue funcionando sem fissuras:

O apagamento da lésbica é central para a opressão das mulheres heterossexuais; um processo que reforça a heterossexualidade como instituição política que desacredita as mulheres. Essa instituição política é reforçada através de discursos que afirmam que as mulheres são propriedades emocional dos homens e que a total autonomia das mulheres ameaça instituições sociais dominadas pelos homens, como a família, o Estado e a religião; instituições que são centrais na reprodução econômica, cultural e política do heteropatriarcado. (SAUNDERS, 2017, p. 107)

A autora afirma as dificuldades de se assumir lésbica no Brasil, refletindo sobre realidades como a solidão da mulher negra. Conforme Saunders (2017), a mulher negra encarna os estereótipos dos não humanos, porque primeiro a feminilidade que se atribui as mulheres foi radicalizada desde o início e é corporificada na branquitude. Lembra que as primeiras descrições de lésbicas foram de mulheres racializadas, pois havia a crença de que ambas possuíssem o clitóris grande e nos Estados Unidos da década de 1970, estas mulheres receberam tratamentos de cura da sexualidade. Ela avalia que a branquitude aproxima os sujeitos do status de humanidade, do mesmo modo que a negritude distancia os sujeitos deste status. Inicialmente, a lesbianidade era relacionada à negritude como um reforço da não humanidade de mulheres negras.

⁸⁶ Espancada por policiais em 2016, Luana Barbosa foi morta depois de ter sido espancada por policiais militares em Ribeirão Preto (SP), quando solicitou que fosse revistada por uma mulher, a família alega racismo e homofobia na ação dos policiais.

Saunders (2017) entende estas identidades produzidas no sistema heteronormativo e por isso, propõe um movimento, que as autoras Audre Lorde, Monique Wittig e Adrienne Rich teriam iniciado, um projeto no qual todas as mulheres se colocassem contra a heterossexualidade compulsória e afirma que as mulheres negras heterossexuais tem muito em comum com as mulheres negras que não são:

[...] ambas são estigmatizadas como não normativas por causa de sua raça e gênero que, como já discutido, inclui uma suposição de desvio sexual. Ou seja, ser racializada como mulher negra, especialmente como uma mulher negra pobre, não lhe garante os mesmos privilégios de heterossexualidade oferecidos às mulheres brancas. É por essa razão que eu digo que heteronormatividade negra é uma impossibilidade, se não uma contradição, e o investimento dos negros, especialmente das negras, no heteropatriarcado e na heteronormatividade como caminho para escrever a heteronormatividade é contraproducente em termos de qualquer emancipação política, pois é uma ilusão. Ou seja, as mulheres negras, LGBTQI, todas as mulheres, especialmente as lésbicas brancas e sujeitos queer branca, deveriam rejeitar todos os seus próprios investimentos em várias formas de normatividade (racial, de gênero ou erótica), e uma maneira de fazer isso é tomar posicionalidade das lésbicas negras como epistemas. (SAUDERS, 2017, p. 113)

Não utilizando aqui uma epistemologia das mulheres negras lésbicas, mas julgando as considerações de Saunders (2017) pertinentes, as exponho com o objetivo de afirmar o não reconhecimento humanidade das sapatonas dentro do sistema normativo e por extensão, defendendo que todas estas violências que ocorrem dentro dos relacionamentos afetivos e sexuais, nas relações familiares, de amizade e profissionais, no ambiente da vizinhança, que surgiram nas narrativas das sujeitas são realizadas de forma legítima amparadas em enquadramentos morais estabelecidos pela heteronormatividade como defende Butler (2015), visto que cabe à tais instituições a reiteração da sexualidade e mesmo a punição pela dissidência.

Nas falas de Virgínia uma afirmação me marcou e me fez olhar de outra forma para as falas das demais sujeitas. Virgínia lembra que em algumas situações ela se absteve ou se distanciou de estar em conversas com suas irmãs, primas e tias, ocasiões em que se falava de sexo, por exemplo. Diante dessa lembrança, Virgínia ressaltou a sensação de não fazer parte integralmente da família, como nas festas, nas quais ela tem que podar as demonstrações de afeto e lembra que isso aconteceu recentemente:

Eu fui pro São Massau com meu irmão e Lohane também foi. Depois eu falei pro meu irmão para a gente levar ela pro nosso bairro, para ela conhecer a quebrada. Porque ela só que ser pretinha de favela, mas ela não é, ela é classe média e fica revoltada quando falo isso para ela! Daí quando chegamos lá na festa do cunhado do meu irmão, a gente ficou se curtindo e o meu irmão veio

discretamente e pediu para a gente manear, porque tinha criança na festa e tals. Daí eu falei para ela: fomos censuradas. (Narrativas de Virgínia)

Virgínia lembra que sempre será assim, mesmo contando para a família nunca seremos cem por cento pertencentes a ela, porque “[...] vai ter as festinhas, vai estar todo mundo se beijando, mas tu não vai poder, porque sempre vão ter as ‘crianças!’” (Narrativas de Virgínia). Em seguida, defende que as sapatonas só poderão ficar à vontade mesmo na casa das “manas”, podendo beijar e “se curtir”, porque em casa mesmo, não muda muita coisa e é por isso, que ela prefere estar perto das amigas, porque nos ambientes familiares ela nunca pode ser quem ela é de verdade. Virgínia destaca isso, apesar de ter sido “bem recebida” pela família.

Depois da afirmação de Virgínia e de usar o termo ser “bem recebida”, como se realmente precisássemos de uma recepção, de uma aceitação do ambiente em que acreditamos pertencer, fiquei inicialmente, me sentindo privilegiada em minhas relações familiares. Em seguida, refleti sobre os meus próprios processos e avaliei que realmente não existe esse pertencimento para nós, inicialmente, pensando que há um período de silêncio, apagamento e de se esconder mesmo.

Me julguei privilegiada nas minhas experiências inicialmente, porque apesar dos silêncios iniciais, eu fui “bem recebida” pelos meus irmãos. Minha mãe não “recebeu” muito bem, me adjetivando de safada ou como algo que Deus não poderia fazer contra ela. Com o tempo, com resistências e sem mais remédios, este quadro mudou. Me sinto pertencente a minha família, mesmo não sabendo se meu pai sabe da minha orientação sexual, nunca tivemos essa conversa.

No entanto, o meu privilégio também está relacionado a minha concepção de família e distanciamento de alguns familiares de que escuto apenas fofocas que não mudam a minha vida porque eles não significam afetivamente para mim. Talvez a minha noção de família seja mais relacionada a essa “recepção”. Então, assim como Virgínia, eu também não pertencço e não pertencerei totalmente a minha família em decorrência das minhas vivências e experiências.

Com esse novo olhar me voltei para as experiências das sujeitas, percebi que há pontos em comum nestas experiências, que irei detalhar nas próximas páginas. Semelhante a mim, localizo às experiências de Bia, de Mirela, de Rosi e de Flora, todas possuem uma relação boa com a família, na qual, membros que apareceram como importantes para as sujeitas, tais como mãe, pai e tia (que no caso de Mirela, corresponde a maternidade), atualmente, mantém um diálogo aberto sobre os relacionamentos,

inclusive, com a realização de brincadeiras quanto à orientação sexual. Flora não tocou muito na relação de família como *locus* de violência e silêncio, a sua experiência é permeada por uma ideia de que a família sempre soube e sempre a respeitou.

Bia é a que tem a relação mais aberta⁸⁷ com os pais atualmente. Lembro que quando conversei com ela, um dos fatores que mais me chamaram atenção foi a relação amistosa e de respeito entre ela, seus pais e a vizinhança. Quando comentei essa perspectiva com Bia, ela recordou que essa relação foi construída com esforço e em parceria com a família. Destaca que no início, o seu pai era “muito chato”⁸⁸ com relação à sua orientação sexual, vivia dizendo que não suportaria presenciar uma situação de preconceito, mas quando foi dentro de casa, com a própria filha, ele não aceitou e por alguns anos ela teve que manter seus relacionamentos longe do alcance do pai. Não longe da casa, porque a mãe sempre lhe apoiou e nos primeiros romances, foi sua cúmplice, acobertando alguns relacionamentos de Bia. Em relação ao pai, ela recorda:

Eu ainda estava naquela ilusão de ser bi e ele não aceitou e depois veio com aquele papinho ‘Bia, tu é a minha única filha e eu tenho medo de alguém querer fazer mal para tu. E é isso que as pessoas vão fazer, elas não vão te respeitar, muita gente não vai te respeitar, infelizmente, é assim’. Tanto que é como eu estava falando para vocês na Secretaria, a gente não sabe como vai tá daqui a um ano e ele tava pensando em me mandar para fora. Ele é muito protetor e eu ainda sou filha única e não basta ser filha única, eu ainda sou mulher. Depois de um tempo assim, a gente começou a melhorar a relação. E depois de Vanessa, ela frequentava muito lá em casa. A gente não tinha liberdade, porque eu não tinha liberdade de sair e voltar uma hora da manhã. Eu ia para rua para ficar até 23 horas e com ele me ligando, depois acabou – Bia relaciona esse cuidado com a atuação do pai que prefiro não detalhar aqui, mas era pela segurança – As coisas começaram a melhorar lá em casa com Nathalia, não sei porquê. Mas papai gosta dela até hoje. Tanto que se eu digo que ela tem algum problema, ele fala que é para falar para falar para ele, que ele vai resolver. Ele é realmente assim, ele gosta dela, eu dormia muito na casa dela, pow. E assim, uma coisa que marcou muito essa relação que eu tenho com ele foi... Teve um dia... As cachorras lá de casa são sapatão: a Filó come a Nina, a Filó é ativona, ela é o macho da relação. Aí a Filó tava coisando assim na Nina. Aí eu peguei e empurrei o bucho dela ‘Saí, sapatão!’. Aí papai passou assim com aquele bucho dele também e disse: ‘Oh, raça desunida!’ Eu olhei assim – ri – ê, caralho, como assim? Mamãe não, mamãe sempre foi de boa. Hoje, pow. Se alguém disser alguma coisa na frente de papai, vai ver merda! Vai ver muita merda! Então, assim, agora é uma relação completamente diferente. Eu saio, tenho minha liberdade. A única pessoa que papai... Assim, eu tinha liberdade quando eu estava com Carla. Não era tanto como eu tinha com Nathalia, mas papai tinha muito ciúmes de Carla, porque ele viu ali. Eu não posso sair de casa não, porque papai diz, ‘Vai sair de casa não, não sei o que’, mas um dia eu vou ter que arrumar a minha vida. Talvez eu case, talvez um dia eu case. Ele tinha muito ciúmes de Carla, porque ele viu em Carla uma possibilidade de sair de casa. Se tu perguntar a mamãe, ela vai te dizer a mesma coisa. Foi mamãe que me disse isso. Mas, realmente, era verdade, era a única que tinha possibilidades de me tirar de casa. E hoje é assim, uma relação completamente diferente, essa relação que tu viu, saca? (Narrativas de Bia)

⁸⁷ No sentido de franca e sincera com a família.

⁸⁸ Durante as descrições utilizo temos e julgamentos feitos pelas sujeitas.

Bia relata outra situação para demonstrar o quanto a relação dos dois evoluiu e está boa, brincadeiras e conversas sobre sua sexualidade são colocadas como exemplos de avanços. Os amigos do pai também são respeitosos em relação à Bia, inclusive, também gostam de Nathalia. Também não gostavam de Carla, Bia interpreta que é porque ela é muito na dela e eles são “nigrinhas”⁸⁹ e Nathalia é “nigrinha”. Ela recorda que a família toda é “de boa”, bem como, os amigos próximos da família. Bia diz que agradece muito por isso, pois vê o que muitos amigos sofrem em decorrência da orientação sexual. Inclusive, alguns primos que não se assumem ou que convivem com manifestações de não aceitação. Enquanto os pais de Bia brincam com ela e suas relações. Como, por exemplo, no seguinte diálogo de Bia com a sua mãe: “Mãe de Bia: ‘ah, tu gosta de chupar buceta?’ - Bia responde: ‘ah, Mãe, eu amo!’ - Mãe de Bia replica: ‘Humm... Tu é fresca, é?’” (Narrativas de Bia). Bia relata situações de brincadeira em que a mãe presenciou o sexo entre ela e alguma “ficante” e a mãe de Bia tirou brincadeiras com a cunhada, motivada por pergunta de Bia que fez se a namorada estava bem e sua mãe respondeu: “Tá não, ontem eu entrei no quarto e ela estava toda despedaçada com a calcinha enfiada no cu.” (Narrativas de Bia)

Bia reitera que é grata por essa relação que ela e seus pais conseguiram construir ao longo do tempo. Mas, alguns elementos da fala de Bia com o pai acredito que vale a pena ressaltar, como a preocupação com o que pode ocorrer com ela, como a falta de respeito das pessoas em relação a ela, por ser sapatão ou mesmo a sua preocupação com o contexto político atual do Brasil⁹⁰, no qual seu pai, cogita a possibilidade de mandá-la para fora do país. As preocupações do pai de Bia são justificáveis pelo contexto de violência que as experiências implicam, mas deixam uma pergunta ampla: e quem não pode ir embora?

Retomando a relação de Bia com sua família, recordo das experiências de Mirela, que durante aproximadamente 15 anos, manteve sua orientação sexual silenciada até precisar de apoio e ser bem “recebida” pela tia, que afirmava já saber suas preferências sexuais. Destaco a tia, porque é ela que Mirela destaca como personagem principal de sua afirmação ou negação de si. É a ela que Mirela afirma dever algo, então, se a tia sabe, a aceita e a respeita, ela não se preocupa com mais ninguém.

⁸⁹ Nigrinha é uma expressão utilizada em São Luís para se referir a pessoas que gostam de brincadeiras ousadas e de conversar com todo mundo de forma jocosa.

⁹⁰ Em referência à eleição de Jair Bolsonaro, candidato de extrema direita, declaradamente, contra os direitos humanos.

Mirela aponta que o seu atual relacionamento foi fundamental para que ela assumisse sua relação em casa e o percebe como um avanço, pois o ato de se assumir, em sua avaliação, tornou a relação com a família mais leve e permitiu que ela por exemplo, pudesse dormir em casa com a sua companheira. Destaca que atualmente há, inclusive, brincadeiras com os primos e com a tia. Mirela afirma que quando falou para tia, ela disse que já sabia disso e que sabia de um relacionamento duradouro que teve e acabou recentemente, mas avalia que a tia não aceita sua sexualidade, ela respeita e faz até brincadeira, tais como:

Eu falo: Eu tou cansada que esse povo vive tacando o pau em mim. E ela diz: ‘não, minha filha, ninguém taca o pau em ti’. Aí eu continuo: taca sim, que eu sei! Aí ela finaliza em tom de brincadeira: ‘Não, minha filha, ninguém nunca tacou o pau em ti.’ – ri e lembra outra: ‘Tu não gosta de ver a piriquita da tua mãe, né? Mas, as da rua..’. - Ao mesmo tempo relata que a tia tem ocasiões que chega depois de Grechten e dizer: ‘Olha, minha filha, se alguém te recriminar tu me fala, que eu vou lá quebrar a cara da pessoa.’. Mirela afirma que ela se comporta assim, os de fora não pode tirar brincadeira, mas ela pode. (Narrativa de Mirela)

Rosi é outro exemplo sobre uma relação com a família que progrediu e avalia a atualmente como positiva, no entanto, a família de Rosi é a mãe (e a esposa), como se para ela fosse o vínculo que tivesse restado diante de tanta deslegitimidade e distanciamento. Rosi afirma que a relação dela com a mãe melhorou muito depois da violência que Rosi sofreu (violência sexual que será aprofundada a diante). Afirma que quando contou para a mãe sobre o estupro que a vitimou, a mãe lhe contou que quando era criança também foi violentada pelo tio. Rosi fala que parece que isso de alguma forma as aproximaram. Lembra também que a mãe gosta muito de Manuela (sua atual esposa), que as duas são muito próximas.

Rosi destaca que hoje a mãe é uma das suas grandes amigas e que além da violência sexual, outro dado as aproximaram, foi o fato da mãe ter percebido que dentre os seus filhos, Rosi foi a que procurou o caminho da educação, entrou na universidade e estava buscando um futuro melhor, referência que a mãe de Rosi deseja que a filha caçula assumira para si. Rosi a tem apoiado neste sentido, dando condições para a irmã ingresse numa boa escola pública. Rosi e a mãe tem uma relação de apoio mútuo atualmente, mas que nem sempre foi assim, pois houve momentos em que Rosi só podia contar com a esposa e amigos, chegando, inclusive, ao ponto de passar fome e não ter coragem de pedir a ajuda da mãe.

Até chegar nesse nível de relação, alguns passos de resistência foram estabelecidos por Rosi, que quando se viu em seu primeiro amor e contou para família

sobre a “sua preferência por mulheres”, foi submetida a tratamentos para “tirar o diabo do seu corpo”, porque isso só poderia ser coisa do “demônio ou de pomba gira”, como concluiu sua avó.

Sentei com elas lá em casa e falei: ‘Olha, eu acho que eu gosto de meninas.’. Minha vó: ‘ah!!! Não diz isso! Não diz isso!’ e aí eu disse: ‘Vocês não queriam que eu sempre falasse a verdade para vocês? Eu estou falando!’. E a minha avó achou que aquilo era coisa do demônio, que era uma pomba gira que tinha se aproximado de mim. Aí o engraçado, né? Ela era tão de Deus, da Igreja Católica, aí quando eu falei que estava gostando de mulher, ela quis me levar pro terreiro da irmã dela, para tirar o demônio ou a pomba gira de mim – Rosi lembra disso com humor. Uma religião que ela sempre renegou, né? Aí fui e aí passei por aquele processo que foi horrível de passarem banhos, fazerem remédios e tal. Então, foi uma experiência bem ruim para mim, porque eu fiquei naquela: ‘Gente, isso não está adiantando nada, porque eu continuo gostando da minha prima’. (Narrativas de Rosi)

Além do tratamento no terreiro, Rosi recorda que, neste período, a avó obrigava a filha a levar e buscar Rosi na escola. Rosi lembra que isso era muito ruim, porque já era Ensino Médio e em sua avaliação, todos querem ser adultos e independentes nessa fase. Mas, com o tempo a mãe de Rosi começou a não fazer mais isso e a se perguntar “porque isso é errado?”. Rosi ressalta que apesar de aceitar fazer o tratamento, a tia-avó, mãe de santo, que ficou responsável pelo seu “desendiabramento”, não acreditava que era possível mudar a orientação sexual de alguém, porque era algo inato. No entanto, aceitou realizar o tratamento porque fazia o que a irmã pedia, pois gostava muito dela, eram as últimas da sua geração vivas.

Rosi destaca que sua mãe sempre foi uma pessoa maravilhosa, mas ao mesmo tempo, era muito influenciável e com o tempo e acontecimentos, como a morte da sobrinha que namorava com Rosi, foi assumindo a postura da família, acreditando que era um erro, um pecado e que as punições divinas viriam, como veio para a sobrinha. A mãe de Rosi também internalizou alguns preconceitos que os irmãos de Rosi tinham, como a associação da lesbianidade à libertinagem: “Porque eles confundem muito isso, né? Que porque você é sapatão você é libertina. E assim, esse assunto sempre surgia, por isso eu evitava ir à casa da minha mãe.”. (Narrativa de Rosi)

No entanto, como relatado acima, este posicionamento foi revertido e dentre um dos motivos, porque Rosi tinha procurado um “caminho melhor”, os estudos e estava se desenvolvendo na vida de forma digna, ou seja, sem envolvimento com ilícitos. O que me leva à outras questões/impressões de que parece que as sapatonas possam viver sua sapatonalidade, devem ter uma suficiência financeira ou social. Inclusive, para que as experiências não sejam ainda mais deslegitimadas. Isso apareceu de forma muito evidente na fala de Fernanda, que pouco havia falado da sua família, apenas quando relata que

alguém contou anonimamente para a família da sua namorada, que ela estava namorando com Fernanda.

Na ocasião mandaram uma foto de Fernanda e Berenice para a família de Berenice, que nunca aceitou e que chegou a procurar Fernanda para tirar satisfações, mas as duas continuaram sustentando a relação. Duas semanas depois que expuseram o namoro para a família de Berenice, fizeram o mesmo com a família de Fernanda, uma pessoa “aleatória” mandou uma mensagem para a mãe de Fernanda:

E aí, foi quando eu falei para minha família, eles não receberam muito bem, mas já sabiam. E eu tenho a minha vida: eu trabalho, eu estudo, eu não dependo deles. Então, eu tenho muita autonomia, eles não têm muito domínio não sobre mim. E eles sabem que até se eles me expulsarem de casa, eu me viro e depois, eu fico milhões de vezes melhor do que eu estava antes. Sou muito virada.
(Narrativas de Fernanda)

Na fala de Fernanda fica explícito que as sapatonalidades convivem com a ameaça de expulsão, de abandono e da necessidade de suficiência. Características que também aparece nas narrativas de Bárbara. Outro ponto que surge, é essa violação que vem de “desconhecidos”, que vão às famílias para expor a sexualidade. Essa exposição também ocorreu com Bárbara duas vezes com telefonemas anônimos, pela mãe de uma colega de turma e por uma vizinha que também tinha uma filha sapatão. Este posicionamento me leva à algumas questões: a primeira e mais básica, é porque alguém se acha no direito de comunicar a família de alguém sobre a sua orientação sexual? A partir do momento que uma pessoa apresenta comportamentos dissidentes, as pessoas que estão dentro da norma se sentem livre para julgar os comportamentos e emitir sentença? Seria uma forma de controle/vigilância? A pessoa se acha obrigada a fazer isso para que os “responsáveis” tomem as providências necessárias?

A família apresenta um ponto central nas narrativas de Bárbara, na qual o silenciamento, como apareceu de forma marcante em todas as experiências em alguma fase da vida, também se inseriu aqui. As experiências de Bárbara são repletas de não ditos, mesmo com “denúncias” de sua orientação por vizinhos, mães de colegas de escola e problematizações no grupo de família do WhatsApp, que ela não faz mais parte porque discutiu com uma tia que teve posicionamentos lesbofóbicos e que são seguidas de silêncios e negações por parte dos pais. Bárbara também evitava falar de sua vida para os pais, porque desde cedo aprendeu que quanto menos eles soubessem era melhor, porque eles não a atrapalhariam e seu único receio é que seus pais tomassem alguma atitude que a violasse ou que prejudicasse sua vida, como expulsá-la de casa.

Os silêncios se acumulam e os não-ditos parecem tomar um tom de desabafo em alguns momentos. Bárbara relata uma briga que teve com a mãe em 2015, que ela interpreta como um “desabafo” quanto ao fato dela ser sapatão. Lembra que chegou em casa um dia, depois de uma atividade para arrecadar dinheiro para um coletivo que fazia parte e a mãe a recebeu com violência, batendo nela descontroladamente e perguntando porque que ela fazia isso com ela. Bárbara destaca que ela não falava “sapatão maldita”, mas sentia que era por isso que estava apanhando. Após a briga, as duas pararam de se falar e um dia voltaram a manter uma conversa, sem pedidos de desculpa ou justificativa.

Bárbara recorda outra situação em que ela estava com Viviane com quem mantinha um relacionamento a distância. Viviane estava na cidade onde Bárbara ia tentar ingressar no mestrado. Viviane vinha algumas vezes à São Luís para encontrar Bárbara e numa dessas ocasiões sem avisá-la. Viviane ficava sempre em sua casa quando vinha para São Luís, o que aumentava o contato com a família de Bárbara. Na ocasião que veio sem avisar, Viviane e Bárbara viajaram para Barreirinhas/MA. No caminho de volta, a irmã de Bárbara a alertou sobre o fato de o clima estar hostil em casa e que tinha ouvido os pais falarem que ela era lésbica. Bárbara preparou a companheira para a situação provavelmente difícil que iriam encontrar, no entanto, nada ocorreu.

Nada ocorreu no momento. Entretanto, Bárbara foi impedida de viajar para fazer uma prova de mestrado, que afirma que era um plano antes mesmo de conhecer Viviane. Mas, como estava ficando com ela, comprou a passagem para mais dias, depois por uma oportunidade de emprego teve que reduzir o período, no entanto, a viagem não aconteceu porque os pais a proibiram de viajar na madrugada que ela viajaria. Destaca que foi a partir disso que o relacionamento com Viviane acabou findando, porque ela não lhe entendeu bem, acha que faltou empatia, pois Bárbara tinha condições de remarcar a viagem, mas preferiu obedecer aos pais e não quebrar a relação com eles.

Bárbara lembra que ficou “muito mal e muito ruim da cabeça”, ressalta que o final de 2016 e começo de 2017 foi muito ruim para ela. Em 2017, ela destaca que voltou a ficar com Lúcia, que esteve sempre por perto, acompanhando tudo e segurando “as barras”. Nesse mesmo ano, viajou com a família para o interior que sua família cresceu e levou Lúcia. Todos gostavam muito de Lúcia. O que a faz refletir sobre a justificativa de não a terem deixado viajar, fazer a prova e encontrar Viviane. Concluiu, que a situação foi promovida por racismo, já que Viviane é negra “[...] e porque Viviane, é o que as pessoas podem entender como masculina, ela é gorda. Enfim, acho que tudo isso, pesou para aquela situação e é uma coisa que me entristece muito.” (Narrativas de Bárbara).

Nesta viagem que levou Lúcia, a família realizou uma festa, onde estava todo mundo dançando. Bárbara lembra as duas passaram a viagem muito tranquilas (no sentido, de não demonstrarem afeto), mas que dançaram e em um momento, ela percebeu seus pais discutindo. E ela foi saber o que era, porque a discussão parecia estar muito intensa. Quando ela chegou e perguntou o que estava acontecendo, o pai dela falou:

‘Bárbara, eu sei que tu é lésbica, a gente te ama e te respeita do mesmo jeito, mas você tem que lembrar (o mas, né?) que esta é uma cidade pequena, que você não está numa metrópole e que está todo mundo olhando.’. Eu já puta falei: ‘tão olhando o que?’ – eu nem consegui internalizar o te amo, te respeito e o porém, só o porém o que? E eu já estava bêbada e com raiva comecei a brigar com papai – e ele disse: ‘Vocês tão se agarrando aí’. Mas, a gente não estava, inclusive, nem um pouco. E continuou, briga, briga e mamãe dizendo: ‘elas não tavam se agarrando’. Era isso, que eles estavam discutindo, que mamãe veio me falar depois, que ela tava dizendo que a gente não estava se agarrando e ela dizendo que a gente estava. (Narrativas de Bárbara)

Bárbara relata que depois da briga ela entrou para casa e ficou com Lúcia que a acompanhou sem entender bem a situação. E inicialmente, Bárbara não contou o que havia ocorrido, porque estava muito chateada. Depois de alguns minutos, Bárbara fala que o pai foi atrás dela levando cerveja, carne e frango, porque Lúcia não come carne e deu a comida e a bebida para elas. Afirma que ninguém entendeu a situação, mas que a atitude do pai amoleceu seu coração e a fez pensar em “coisas importantes”: avanços.

Após se acalmar um pouco e refletir que o pai falou que ele sabia que ela era lésbica, que a amava e que a respeitava. Ficou feliz e surpresa com isso e compartilhou com Lúcia. Destaca que após o episódio, a família passou a conversar mais sobre o assunto e que as relações nas festas de família mudaram um pouco, os primos e tios gostam muito de Lúcia. Uma das mudanças que Bárbara destacou é que ela já até beijou Lúcia nas festas de família – sempre a paterna.

Entre os seus relatos, Virgínia afirma que as pessoas fora do padrão tem suas malandragens para lidar com questões de família e outros tipos de socialização, como ir à rodoviária tomar uma cerveja, porque desde a infância percebemos que tem algo “errado”, que não vai ser aceito. Ela afirma que gosta muito dessa malandragem e preza por ela. No início do seu processo de descoberta, falou primeiro para as irmãs e depois para a mãe e a tia que a criaram, porque não queria assustar ninguém quando levasse a mulher para os churrascos da família. Quando ela contou para a mãe, a mãe disse: “oh, filha! Eu já sabia!”. Com essa lembrança, Virgínia ri e fala “essa que é a vantagem de ser bem sapatão”. Já quando foi falar para a tia, lembra que tem uma prima sapatão que mora

com outra menina e diante da notícia a tia retrucou: “É minha filha, não já tem a Rafinha?” (Narrativas de Virgínia).

Virgínia destaca que todos os seus processos de autoconhecimento passaram por ela de forma cuidadosa e que ela só se afirmou como sapatão quando estava segura de si. Lembra que ela era a “estranha” da família porque ela não fazia nada que as outras irmãs faziam, não levava namorados para casa, não casou. Mas, sempre afirmou que era livre: “ninguém esperasse que eu fosse casar, ninguém esperasse que eu fosse rica e ninguém esperasse que eu fosse ter filhos, porque nada disso eu ia fazer nesta minha vida. Mas, eu já ia preparando o terreno sem verbalizar!” (Narrativas de Virgínia).

Um passo importante ao seu autoconhecimento e autossuficiência foi ingressar na Universidade, na qual encontrou as referências que tanto procurou. O Ensino Superior foi o caminho que a malandragem de Maria encontrou para poder viver como queria, como desejava.

Arranjei uma faculdade lá, mas na real, fui para lá porque não queria mais ficar aqui, né? Fui lá para poder ser eu, né? Porque os pais da gente amam a gente. Amam, amam, amam até a gente estar dentro do que eles querem que a gente seja. Aí é foda. Eu tava de boa! E eles também... Só que eu estava ali, né? Vivendo uma vida paralela. E eu não queria, porque senão era assim até hoje. Quando chegou lá eu: iiihhh... Namorava, andava na rua de mãos dadas e era só o que eu queria! (Narrativa de Maria)

A primeira vez que o assunto surgiu na casa de Maria foi quando do fim do seu primeiro relacionamento, quando ao lhe ver chorando e percebendo que era dor de amor, sua mãe quis saber o que estava acontecendo e se ela estava chorando por Amadeu ou Gustavo ao que Maria respondeu com o nome de Inácia e a afirmação de que as duas estavam namorando. A mãe de Maria ficou uns dias sem lhe dirigir a palavra, até que um dia voltou a falar perguntando se o assunto tinha acabado: “E o assunto para mim era o namoro, né? Que tinha acabado! Não minha condição, o meu gênero, o meu desejo. Nada, né? Só falei que tinha acabado. E ai, nunca mais eu fiquei com meninos.” (Narrativa de Maria). Ela afirma que só quem sabia da relação das duas eram as duas, porque o pessoal era “maldoso” e eram outros tempos também, ela não era assumida e não queria ser. Os pais não sabiam, “[...] e eu não ia assumir na rua, se não assumisse em casa, né? E esse processo em casa, para mim, era um pouco difícil.” (Narrativa de Maria)

Maria recorda que a sexualidade nunca foi encarada como um problema. Afirma que o namoro era maravilhoso, no entanto, tinha algumas coisas que eram “chatas” em relação a família que não aceitava. No início da relação, Inácia contou para a mãe sobre o envolvimento com Maria. A mãe de Inácia gostava de Maria, mas, não como namorada

da filha, então, o namoro teve que se disfarçar de amizade: “Na minha casa, o povo achava que ela era a minha melhor amiga e na verdade, era.” (Narrativa de Maria). Além disso, havia uma pressão que a frase “e nunca mais eu fiquei com meninos” denuncia, pois é uma complementação de Maria sobre o fato de que na sua primeira relação com mulheres se sentia pressionada a ficar com homens por parte de sua família e acabou ficando com um menino para amenizá-la. Esse comportamento de Maria me faz recordar de uma passagem das narrativas de Rosi, na qual ela afirma que:

Acho que a primeira violência que a gente sofre é essa... É quando a gente fala em casa, que a gente lésbica. Agora a segunda é quando a gente não se aceita e tenta ficar com homens para ver se isso muda na gente. E eu acabei fazendo isso. Foram experiências péssimas. Ao mesmo tempo que eu estava fingindo para minha família, eu estava tentando mudar isso em mim, mas não deu em nada. E é algo que é natural em você mesmo, não dá para mudar isso! Ou você ou você não é! (Narrativas de Rosi)

Assim como em Bia, o cenário político brasileiro, surgiu na entrevista como uma preocupação. Foram as duas que ocorreram entre o primeiro e o segundo turno das eleições. Com Maria a conversa foi realizada no dia 22 de outubro, estávamos dividindo nossas aflições e reforçando nossas esperanças de que Haddad viraria o quadro difícil das eleições. Maria falou das dores que as eleições estavam causando, dos rachas familiares e das preocupações com o futuro, pois o contexto estava elegendo um candidato que vai contra a vida de pessoas LGBT e ter familiares apoiando esse tipo de conduta, era um modo de dizer que não se importa com as nossas vidas.

Inclusive, a incomodou o fato do irmão que é gay e com que ela dividiu informações sobre suas descobertas de si, estar apoiando tal candidato. Maria afirma que a primeira vez que sentiu algo por uma mulher compartilhou com o irmão, que estava passando pelo mesmo momento de descoberta que ela e era como se um sempre tivesse sabido um do outro: “Foi super lindo assim, eu fui dormir no quarto dele, tinha duas camas e a gente dormiu de mãos dadas, cada um em sua cama, tipo: ‘você não está sozinha, sabe?’. E hoje em dia, esse diabo que votar em Bolsonaro” (Narrativa de Maria).

A violência apareceu de forma diferente nas narrativas de Glória, que teve mais relações heterossexuais. Para ela, a questão da violência e da família, está mais relacionada a construção de sua subjetividade enquanto mulher. Mas, os silêncios também estão presentes em suas narrativas a partir do momento que ela se descobre bissexual e não vê necessidade de se abrir para a parte da família que tem pensamentos “religiosos neopentecostais e conservadores”.

Glória reconhece que não teria uma boa recepção destes familiares pelos preconceitos que estiveram presentes em sua trajetória e quanto a isso, afirma que é preciso ter cuidado, porque estas pessoas não são preconceituosas porque querem, foi o modo como elas aprenderam a ver o mundo e é difícil desconstruir isso. Tanto para quem tenta de fora, como para o próprio sujeito.

Em suas reflexões, Glória parece olhar para si com esse olhar cuidadoso e avaliar que ela também teve que romper com esse modo de ver o mundo para se descobrir. Isso ocorreu quando ela passou a ter outras referências de vida, por meio da convivência com amigos e de debates promovidos por grupos que discutiam gênero. Mas, que antes disso, todos os seus caminhos eram para reproduzir as mesmas estruturas que as mulheres de sua família trilhou: “[...] todo meu contexto dizia que era para eu me casar, fixar minhas raízes, ser doninha de casa: lavar, passar, cozinhar, ter filhos. Eu fui criada para isso!” (Narrativas de Glória).

De certo, que as questões levantadas por Glória, perpassam por outras experiências de gênero em nossa sociedade, pois é dentro desse parâmetro que todos os sujeitos são socializados e por vezes, os utiliza como parâmetro, como referência e resultam por reproduzir dentro das suas relações. Alguns desses comportamentos que são adotados e transportados para as relações afetivas e sexuais, resultando em violência doméstica, no sentido, de que envolve parceiros amorosos e sexuais, pessoas de confiança. Apesar do olhar de Flora sobre os relacionamentos entre mulheres como um contato pelo feminino, qual haveria uma relação de companheirismo e equilíbrio de poder, estas relações também são *locus* de violência.

E eu entendo Flora a partir do momento em que tenho contato com suas narrativas e percebo que atualmente, ela vive um relacionamento que é totalmente diferente do que ela teve com homem. No qual, ela não se sentiu cuidada, protegida ou respeitada. Em seu relacionamento com Gustavo, Flora que morava junto com ele saiu sem nada material e teve que recomeçar sua vida, cuidado que hoje com sua atual esposa tem, para que se o relacionamento acabar, as duas tenham condições de se manter e um lugar para viver. Além disso, Gustavo, que era mais velho que Flora e não gostava de sair, fazia algumas falas para impedir que Flora não saísse, insinuando que ir às festas não eram comportamentos de mulher e restringindo sua liberdade. Gustavo investia em ações que deixassem Flora insegura e alguns dos seus descuidos, repercutiu num abalo ao seu amor próprio de Gustavo.

Em outras três narrativas interpreto que ocorreram abusos: ou psicológicos ou morais. Em Glória, o seu primeiro relacionamento foi marcado por humilhações, quando

o parceiro se valeu da diferença de idade para enganá-la e desvirginá-la, após conseguir o objetivo, começou a se comportar como um “imbecil” e revelou que tinha um outro relacionamento mais antigo e mais sério com outra mulher. A revelação se deu com um beijo na frente de Glória.

No relacionamento de Mirela, a idade também parece pesar, na qual Mirela usa de sua experiência para ter um controle sobre as redes sociais de sua namorada Márcia. Mirela afirma que não pediu as senhas de Márcia em nenhum momento, mas que ela, por conta própria, disponibiliza seus dados para que Mirela tenha certeza de sua fidelidade. Apesar da negação, Mirela chegou a clonar o WhatsApp de Márcia, que também usa de seus artifícios para prender Mirela na relação pelo fato de ter sido Mirela quem a desvirginou. Em discussões, Márcia insinua que Mirela só ficou com ela com o objetivo de desvirginá-la e que ela só se “entregou”, porque queria passar o resto da sua vida com Mirela.

Entre Mirela e Márcia, percebo ainda uma outra violência da qual interpreto que Mirela é autora. Mirela é mais velha que Márcia 12 anos e afirma que ela ainda não conhece o próprio corpo e por isso, não goza sempre. Porém, para Mirela o gozo é fundamental e queria muito que Márcia gozasse, então, algumas vezes, já pressionou Márcia a gozar, o que deixa Márcia ainda mais tensa. Mirela avalia que a falta de gozo é uma das principais causas da crise na relação e que geralmente, nem tem mais vontade de transar.

Outro caso de violência doméstica⁹¹ ocorreu com Maria e novamente, a idade é colocada como uma categoria de análise. Maria recorda que quando esteve com Doralice, que era vinte anos mais velha que ela. Em alguns momentos de sua narrativa, Maria recorda que Doralice era muito ruim, quando pergunto para ela, porque ela era ruim ela afirma que ela era muito malvada, porque ao mesmo tempo que conseguia dizer coisas lindas e incríveis, ela era capaz de coisas terríveis, como tratamentos que a diminuía. Comportamentos que Maria interpreta hoje como uma insegurança de Doralice, que a diminuía como uma estratégia de se sobressair e brinca: “Sou tão maravilhosa, como que eu deixava?” (Narrativas de Maria). E complementa afirmando que “Hoje em dia, isso jamais aconteceria! É que eu era novinha, ela bem mais experiente que eu e tal. Aí ela aproveitou. Ficava me diminuindo para eu achá-la mais poderosa e nem precisava, porque eu já achava ela poderosa. Não era isso, que fazia dela legal.” (Narrativas de Maria)

⁹¹ Aqui tenho como referência a Lei Maria da Penha, que enquadra como violência, no artigo 5º as Lei nº 11.340/2006: “qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial” e praticado por alguém, com quem se estabeleceu uma relação de confiança.

Outro fato comum das relações é que na maioria das sujeitas, em algum momento a relação afetiva-sexual foi disfarçada por amizade. Em Aimée, que não tem uma boa relação com a mãe, as suas três principais companheiras, com quem teve relacionamentos duradouros, as namoradas foram apresentadas e tratadas como amigas, mas era como se a mãe sempre soubesse, mas nunca tivesse “descoberto” de fato, no entanto, aceita as apresentações e rompe o silêncio, apenas em momentos em que pode externalizar seus preconceitos.

Aimée não ficou muito à vontade para falar sobre a mãe, talvez porque a perceba como extremamente preconceituosa e que no dia da nossa conversa a mãe havia falado que leu uma vez na bíblia que “deitar com mulher, mulher com mulher, homem com homem é pecado”, que viu em vários lugares isso. “Aimée apenas perguntou e respondeu: como é mãe? É pecado? Para mim, pecado é ser ruim com os outros, é fazer maldade, é ser sacana com os outros, isso que é pecado.” (Narrativas de Aimée) E distanciou da conversa, porque prefere não discutir, acredita que não vale a pena.

Avalia que a conversa acima é uma conversa “amigável” e “civilizada” sobre o tema, que quando a mãe “está na doida”, ela fala bem rebaixado. O certo é que ela não aceita, não respeita, que por ela Aimée continuaria nessa relação com o esposo, “fingindo ser o que eu não sou até o último dia”. Aimée afirma que a mãe é um dos motivos dela ainda estar casada, por suas condições financeiras e porque ela não saberia como a mãe se comportaria. Destaca que nas brigas que tem com a mãe, ela sempre afirma que Aimée quer deixar o esposo (que é um homem bom) pelas “mulheres dela”, pelos amigos.

Aimée lembra que em qualquer discussão que tem com a mãe, a sua orientação é “jogada na sua cara” e isso, a deixa muito mal e a leva sempre a reflexão de se ela seria capaz de deixar essa vida, que por muitos anos, ela acreditou que seria incapaz de mudar a vida para os caminhos que ela deseja. Por muito tempo, acreditou que não tem outra saída que não o casamento e seguir com ele até o fim da vida; de “[...] fingir ser algo que eu não sou mais, que acho que um dia até fui, mas que não sou mais.” (Narrativas de Aimée)

A maternidade, por aproximadamente 20 anos, também foi um empecilho para Aimée viver sua sapatonalidade. Aimée e seu esposo não queriam causar nenhuma desestruturação para o filho. Esta questão é muito pesada para o filho de Aimée que desde que soube da orientação sexual da mãe a pergunta se o seu nascimento a impediu de viver e ela lhe assegura que não. Aimée destaca que o filho defende a separação dos pais e afirma que ele esperou por isso desde a adolescência e nunca aconteceu, apesar dele

enxergá-los apenas como amigos e não como casal. Quanto a sua mãe complementa, que ela irá infernizar todos os seus relacionamentos com mulheres.

O silêncio ecoa também nas relações profissionais, que não foram destaques na maioria das conversas, mas apareceram de forma significativa em quatro. Na de Bia, apenas como uma forma de preocupação do pai, que afirmava que não respeitariam ela. Na de Mirela como uma interpretação da posição de Helena, que não se separava por motivos financeiros e por ocupar um cargo muito vulnerável por ser comissionado, assim, também não demonstrava afeto em locais públicos por medo de demissão e de algum amigo do companheiro ver que ela estava com outra pessoa.

Em Aimée os silêncios no trabalho também aparecem, ela considera que tem dois amigos nesse ambiente, mas nunca se sentiu à vontade para contar sobre sua sexualidade, tem medo de julgamentos e de não ser aceita. Aimée relatou que escutou uma discussão no trabalho que era homofobia e que falava também sobre a sigla LGBT. Estava muito chateada, pois um colega seu que define como “Bolsonazista”⁹² estava defendendo a Rússia de ter proibido as carícias entre LGBTs em público. Ela disse que escuta calada porque acha cansativo e todos os seus colegas são homofóbicos, então, acha perda de tempo esse tipo de discussão.

Flora que é assumida e pesquisa as sapatonalidades, fez questão de relatar sobre diversas situações de violência. Ela me disse que pensava que meu trabalho era sobre isso e elencou algumas situações de violência que vivenciou. Começa com o fato de as mulheres hétero sempre acham que a lésbica vai se apaixonar por ela ou tentar agarrá-las, quando na verdade, o intuito é de carinho e amizade mesmo. Lembra que já aconteceu dela entrar no banheiro e algumas mulheres saírem, por medo. Relata que elogios são interpretados como interesse e essas insinuações a deixam muito mal.

No trabalho, lembra casos de colegas que faziam comentários maldosos e indiretos, como se não tivessem percebido que Flora era lésbica. Comentários como: lésbicas merecem morrer ou algo do tipo, que isso era “falta de vergonha na cara”. Flora diz que chorou na hora e não conseguiu retrucar. Afirma que na rua, os homens não respeitam os relacionamentos, já deram em cima de suas namoradas na sua frente em ruas ou festas. Ao ponto de tentarem forçar ficar com elas, porque não seriam namoradas, seriam “colegas”. Flora diz que acha que precisa ter um outro homem para um homem respeitar mulher.

⁹² Uma das formas de se referir a Bolsonaro, em referências as suas características autoritárias e sectárias.

Afirma que já foi tratada como imoral, que fica com todo mundo, mas isso deveria ser uma coisa boa, porque é resultado de uma liberdade sexual que é maior que as de outras mulheres não possuem. Ressalta que tem outras situações no trabalho também, que passou a trabalhar em uma recepção com um cara que é muito bonito e aí teve uma ocasião que ela quis se arrumar mais e ficar mais feminina, porque às vezes, ela tem vontade de se comportar desta maneira. Nesse dia, a sua chefe ficou insinuando que ela estava se arrumando assim porque estava trabalhando com o homem bonito. Mesmo sabendo que Flora tem um relacionamento, alguém a quem ela deve respeito. Flora afirma que se ela fosse casada com um homem a chefe nunca iria fazer isso.

Ela diz que nos momentos de discriminação, ela fica sem reação, não fala nada, mas isso a chateia profundamente. Flora recorda que um dos primeiros embates com a chefe, é que ela queria que as pessoas fossem todas maquiadas para o trabalho. E Flora falou que só via necessidade na maquiagem, se aquilo fosse interferir ou melhorar o seu atendimento e se melhorasse, os homens teriam que se maquiar igualmente para fazerem um bom trabalho. Diz que não se relaciona muito no trabalho, porque todo mundo sabe que ela é lésbica e ela não gosta de esconder para ninguém. Mas, mesmo assim, ainda que sofre com os olhares das pessoas.

Afirma que nunca sofreu agressão física, mas uma vez estava andando com uma de suas namoradas na rua de noite e um cara a puxou pela mão e a arrastou. Estava bêbado e foi contido pelo amigo, mas saiu xingando de muitas coisas, como 'Porra de sapatão!', por exemplo. Diz que foi logo embora, porque ela é muito frouxa. Reafirma que nunca sofreu violência física, mas que já tiveram essas "pequenas nuances" que te diferenciam das outras pessoas. As pequenas nuances que Flora fala, devem ser reconhecidas como violência moral e psicológica, a meu ver.

Ela e a namorada atual se acostumaram a não andar de mãos dadas para evitar os olhares, mas Flora sente falta e fica muito triste por isso. Lembra que houve uma confraternização do trabalho e ela levou a companheira, destaca que se não anda de mãos dadas, muito menos trocam carícias, beijos ou abraços. Em certo momento, Flora foi dançar com uma colega que é muito sua amiga e as pessoas ficaram perguntando se ela estava paquerando e brincando para respeitar a esposa que estava presente, porque se não ia dar briga, como se toda lésbica fosse agressiva. Destaca que quando uma amiga contou para a mãe que estava em uma relação com uma mulher a mãe ficou preocupada, porque para ela, toda lésbica era agressiva, batia nas companheiras ou matava. O que para ela nada mais é do que preconceito, basta ver o quanto de mulheres são mortas em relações heterossexuais.

Até aqui três falas pontuam a interdição de demonstração de afeto público, nas demais este ato não apresenta uma relevância nas narrativas, que eu não consigo discriminar os motivos, mas apontaria que para as demais sujeitas este é um comportamento naturalizado, exceto no caso de Aimée, com quem convivo e percebo que há reserva em ficar em público, mas nunca perguntei o motivo, na minha interpretação isso também é resultado de sua socialização, na qual se tinha a cultura de ocupar espaços privados, como aparece em algumas de suas narrativas sobre envolvimento afetivos e sexuais. Nesta fala recente de Flora, ela evita a troca de afetos para evitar comentários ou olhares. Em Maria, ir à uma cidade desconhecida foi a chave para que ela pudesse viver mais livremente, andando de mãos dadas nas ruas e beijando em qualquer lugar.

Em Mirela essa questão é mais presente que em todas as outras narrativas, desde o primeiro relacionamento, ela afirma que não ficava em público, a companheira porque era de uma classe importante e ela, porque ainda estava se conhecendo. Na penúltima relação que durou oito anos, ela também não demonstrava afeto em público, porque a companheira tinha medo de ser vista por conhecido e ela porque tinha vergonha. No último relacionamento, toma o fato de ficar em qualquer lugar como um avanço da relação e gosta muito de poder expressar seus sentimentos em qualquer lugar, apesar de ainda ter que impor alguns limites a atual namorada, que às vezes, se empolga muito, a seu ver. Da última relação para a penúltima, há uma diferença de idade, na qual a penúltima, a companheira de Mirela era mais velha que ela 14 anos e na última, a companheira é mais nova que ela 12 anos. Há um recorte geracional entre essas relações de se expor, a própria Mirela tem ressalvas ao se expor e relata que com a companheira mais velha também se sentia mais à vontade com amigos.

São nas relações de amizade, que as sujeitas experimentam uma maior liberdade, tanto de viver a sua sexualidade plenamente, como na consolidação de suas referências sobre seus processos e modos de ver o mundo. Em Aimée, os amigos aparecem como canais para conhecer pessoas novas para se relacionar, é geralmente, na casa deles ou em viagens com ele, que ela consegue “ser quem ela é de verdade”. Mirela tem uma relação parecida com seus amigos.

Para Virgínia e Glória, os amigos foram fundamentais para a construção de sua subjetividade e desenvolvimento intelectual, lhe oferecendo referências e poesias. Ao passo que ela não se sente totalmente pertencente à sua família, algumas de suas amigas, substituem essa falta. Já em Bárbara, os amigos parecem que cumprem um papel de socialização mais amplo, como se entre eles não houvesse o peso do gênero. Em Maria, Bia e Fernanda a família das exs e as próprias ex são assumidas como amigas. Rosi não

pontuou muito sobre essas relações, mas coloca suas companheiras como suas grandes amigas, bem como, a mãe.

Por fim, Flora fala da trajetória de suas amigas e mesmo nestas, ela sentiu alguma violência, porque, inicialmente, na sua adolescência, a maioria das suas amigas eram lésbicas e passaram a discriminá-la quando ela passou a se relacionar com homens. Atualmente, ela afirma que não tem mais estas relações de amizade, que o seu círculo de amigos amadureceu a partir do momento que ela amadureceu também. Quando pontuo estas relações de amizade, não quero restringir as amigas das sujeitas, o meu objetivo, foi apenas pontuar, como as relações de amizade foram destacadas no contexto da pesquisa.

Entre as narrativas de Rosi, surgiu uma outra categoria de violência, praticada por um ex vizinho que a estuprou como uma maneira de “curá-la” da sapatonalidade. Rosi recorda que estava na Praia Grande e que eram por volta das 20 horas, ela estava com a sua atual esposa, Manuela, que deveria encontrar seu irmão que lhe pediu ajuda em decorrência de um pós-operatório. Como era sexta-feira, a Praia Grande estava lotada e as duas apanharam um táxi em frente ao Terminal da Praia Grande, que primeiro deixou Manuela na Madre Deus e seguiu para deixar Rosi em casa. Rosi e Manuela moram nas proximidades da UFMA. No retorno:

O cara me levou para outro lugar. Ele dizia que me conhecia do bairro. Aí ele tentou se identificar para mim e eu falei que não lembrava dele, perguntava para onde ele estava indo e ele dizia ‘a gente só vai dar uma passada ali’. E eu fui ficando com medo, fui ficando com medo. Meu celular já estava descarregado, eu não tinha como ligar para Manuela. Aí ele pegou a aquela rua ali, a rua do Távola? Que era um shopping antigamente. Ali é Areinha já, né? Eu acho que é Areinha, que tem uns terminais ali, perto do posto de gasolina, eu acho que é Areinha. Eu não sei se ainda tem porque eu evito passar por lá. Tava bem deserto, bem deserto mesmo. Aí ele tirou a arma e botou na minha cabeça. Ai ali mesmo, ele me violentou. E me deixou lá mesmo. Eu vim andando, aqui para o Bacanga. Sem dinheiro, sem nada. Manuela já tinha pago o dinheiro do taxi para ele. Aí eu voltei logo para casa e não quis contar logo para Manuela, porque eu sei que ela voltaria de lá do jeito que ela tivesse, ela voltaria. E eu não queria que ela deixasse o irmão dela sozinho, porque ele tava precisando dela. (Narrativas de Rosi)

Rosi identificou o estuprador e fez a denúncia, mesmo ele tendo ameaçado sua família, o homem sabia quem era sua irmã e suas sobrinhas, ameaçou ir atrás delas, caso Rosi o denunciasse, fornecendo, inclusive, o endereço exato da família:

Ao mesmo tempo que eu sentia medo por elas, eu sabia que aquilo não poderia ficar daquele jeito, porque se eu deixasse, ele poderia fazer com outras. A justificativa dele, era porque ele odiava sapatão, porque a irmã dele era. E exatamente o que ele fazia com ela, ele ia fazer com todas as outras... que era o estupro corretivo, saca? Que era para a gente deixar de ser sapatão! Essa foi a justificativa dele. (Narrativas de Rosi)

Rosi afirma, que foi o que o esturador falou para ela e que o tempo todo, estava com uma arma em sua cabeça: “A minha reação foi... Eu só tentei apagar!”. Percebo na passagem descrita por Rosi, que as motivações do esturador de Rosi para o seu ato foi o ódio. Tal sentimento e a possibilidade de correção, faz com que o esturador de Rosi sintasse legitimado a violar o corpo de Rosi, como afirma já ter feito com a irmã. O que faz o esturador de Rosi acreditar que ele seria a cura da sua sexualidade? O que o legitima a fazer isso? A denúncia foi realizada no dia seguinte, porque ela afirma que já estava tarde.

Durou, aproximadamente, umas duas horas. Primeiro, em toda a-a-a... Aquela violência psicológica dele, às vezes ele falava coisas... Não tinha nexos. Nada com nada, sabe? (Silêncio). E aquilo ia mexendo comigo, sabe? Medo. Mas, a minha reação foi só ficar calada e ouvir o que ele falava. Eh... Porque até então, ele travou todas as portas e vidros, eu não ia conseguir fugir dali e ele com aquela pistola enorme na mão. Eu não... A minha reação foi essa só ficar parada e ouvir o que ele estava falando. E às vezes, eu tentava fugir dali, eu me imaginava em outro lugar e da mesma forma quando ele começou de fato com a violência física dele, né? Eu tentei me imaginar em outro lugar, eu tentei sair dali, saca? Aquele momento, eu tentei sair da minha carne, desapegar da minha pele, porque eu não queria sentir aquilo, né? E foi minha única experiência com homens. A pior possível! Experiência física, né? Eu já tinha ficado com homens, né? Mas, não para chegar a transar. (Narrativas de Rosi)

Rosi afirma que contou para Manuela no dia seguinte e pediu a sua ajuda para denunciar. Rosi lembra que voltou andando para casa depois da violência sexual, porque não tinha dinheiro e o telefone estava descarregado. Ela lembra que dormiu com a roupa que foi violentada, não tomou banho, apenas aguardou o momento de fazer a denúncia, porque achou que todos aqueles elementos poderiam servir de provas.

Aí eu fui na Delegacia da Mulher, que na época era ali na beira-mar. Fui lá e a delegada disse: ‘Você foi muito fria. Você tem que guardar tudo isso no seu corpo para servir de prova. Você foi muito fria!’ e eu falei: ‘Eu não sei, eu só sei que foi a minha única forma de tentar lutar contra isso, né?’. Aí eu fui, fiz a denúncia. Falei que ele tinha família, que provavelmente, morava lá no bairro, dei o nome dele, falei das características físicas dele. E de lá, eu fui para o hospital fazer os exames, né? Aí eu fiz. Graças a Deus, não tinha pego, nenhuma doença, nem nada do tipo. Graças a Deus – ri – é força do hábito. Aí... Quando eu voltei, depois de eu ter denunciado, né? Deu ter ido no hospital, que eu voltei para casa, aí baixou... Aí que eu fui, sabe? Aí voltou tudo em mim, aí foi que eu fui... Aí voltou tudo em mim, sabe? Aí foi trash. (Narrativas de Rosi)

Os meses que se seguiram foi de trauma para Rosi, que passou a ter medo de conviver com homens, tinha medo, não os encarava, sempre baixava a cabeça perto de um homem. Trancou a Universidade e passou a frequentar a psicóloga, que lhe indicou a fazer algo que gostava e lembrou que há muito tempo tinha parado de dançar. Foi um

processo longo até conseguir dançar com homens, geralmente, tinha como par algum colega de curso em quem confiava.

Rosi lembra que a delegada lhe ligou para informar que conseguiram prender o estuprador, mas três meses depois ele fugiu e lhe encontrou uma outra vez no Praia Grande. Rosi afirma que não sabia que ele tinha fugido, só foi saber quando o viu, destaca que foi surpreendida por ele, que a pegou pelo pescoço e apontou a arma para suas colegas e saiu lhe arrastando. Um das amigas ainda tentaram puxar Rosi de volta, mas ele atirou no pé de uma delas e saiu lhe puxando, dizendo que ia lhe matar, porque ela tinha desgraçado com sua vida.

Quando chegou perto do antigo Viva Cidadão, prédio que agora é a Polícia Civil, os motoqueiros deram uma “porrada nele”, porque ele tinha saído a puxando no meio de todo mundo. Eles chegaram e deram uma porrada pelas costas dele e ele caiu. Quando ele caiu, a reação de Rosi foi pegar a arma da mão dele e atirar. Mas, ela pegou o “chicotei da arma” e o tiro não pegou nele, aí os motoqueiros tiraram a arma da mão dela e disseram para ela não fazer isso, porque se não, ela ia prejudicar sua vida. Afirma que depois que foi se deu conta que um dos motoqueiros, era seu antigo vizinho do bairro em que cresceu, que foi quem tomou a arma de sua mão. Em seguida, alguém chamou a polícia, que levou ele embora. Rosi afirma que pouco tempo depois, a delegada lhe ligou e lhe informou que o tinham matado na penitenciária:

Aí, eu não vou mentir! Depois que eu soube disso, para mim, foi um alívio, porque depois que aconteceu isso, que ele fugiu, eu ficava pensando que se ele fugiu uma vez, ele vai fugir de novo. E eu tinha vontade de ir embora daqui, de largar tudo, sabe? Mas, Manuela foi a melhor amiga que eu já tive na minha vida, que ela me ajudou a superar um pouco isso. Ainda hoje, é um pouco difícil para mim, ficar onde tem homem. Eu não fico em lugares que só tem homens. Eu sendo uma mulher sozinha, eu não fico! Eu tenho ainda muito medo! Ainda hoje às vezes, eu tenho alguns flashes, eu tenho pesadelo, faço ainda hoje tratamento com psicólogo. Tem épocas assim, que ainda é mais difícil. Principalmente, quando começa a aparecer as dificuldades, parece assim, que une tudo: dificuldades financeiras, aí vem as emocionais, mas, já deu para dar uma evoluída nisso, apesar de só ter três anos, que isso aconteceu. (Narrativas de Rosi)

Para finalizar este capítulo, gostaria de dar visibilidade aos dados do Dossiê (2018) sobre Lesbocídio no Brasil, elaborado pelo Grupo de Pesquisa Lesbocídio – “As Histórias que ninguém conta”⁹³, que é a primeira pesquisa com o recorte de assassinatos cometidos contra lésbicas. A ideia do projeto é investigar as especificidades destes crimes

⁹³ O Grupo é uma iniciativa do Núcleo de Inclusão Social (NIS) e do Nós: dissidentes feministas, que são vinculados à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e funcionam também como projeto de extensão do Programa de Pós-Graduação em Bioética, Ética e Saúde Coletiva da UFRJ, Universidade Estadual do Rio de Janeiro e Universidade Rural do Rio de Janeiro, bem como, da Pós-Graduação de Filosofia da UFRJ.

e visibilizar a memória lésbica. O Dossiê (2018) localizou informações de 180 assassinatos contra lésbicas entre 2000 e 2017, 70% destes dados, estão concentrados entre 2014 e 2017, no qual, o último ano teve o maior aumento dos três anos analisados, com 54 vítimas. A pesquisa constatou que a violência contra lésbica cresce a cada ano e os casos analisados referem-se apenas aos casos noticiados em mídias sociais e digitais, fontes que as autoras assumem não ser profunda quanto à complexidade dos casos e inexato em relação ao número de casos ocorridos.

O Dossiê (2018) utiliza o termo lesbocídio em referência ao termo feminicídio que é uma tipificação criminal da violência contra a mulher, que aumenta a pena do acusado em 1/3 e reconhece que o crime ocorreu em decorrência da vítima ser uma mulher. A utilização do termo lesbocídio é, assim, uma decisão política para evidenciar que a morte da lésbica foi motivada por ódio, lesbofobia, discriminação e repulsa a existência lésbica.

Foram tipificados pela pesquisa sete tipos de lesbocídio: **declarados**, quando o autor assume o assassinato como decorrente de lesbofobia; **demonstração de virilidade ultrajada**, decorrente de relacionamentos heterossexuais desfeitos, quando suas ex-companheiras decidem viver com outra mulher, o autor comete o crime por se sentir humilhado e ter sua virilidade ofendida; **cometida por parentes homens**, familiares que não aceitam que alguém da família seja homossexual e se sente detentor desta familiar; **homens cometidos sem vínculo afetivo-sexual ou consanguíneo**, crimes cometidos por homens que participaram ou participam do convívio com a vítima; **sem conexão com a vítima**, crimes com características de ódio por desconhecidos; **suicídio ou crime de ódio coletivo**, suicídio motivado por outros tipos de violência, como psicológica e moral e; **as lésbicas, a multiplicidade de opressões e o tráfico de drogas**, nesta tipificação foram inclusas notícias, nas quais as mortes foram consideradas pela polícia decorrentes da prática de outros crimes, mesmo com provas frágeis.

O assassinato de lésbicas é o último dado ou resultado de uma série de violências que acompanha algumas destas trajetórias. O ódio contra as lésbicas se expressa de inúmeras maneiras durante a vida com o silenciamento destas vivências, que exigem serem enclausuradas para que se mantenha a estrutura que cria estereótipos sobre a masculinidade e feminilidade, sobre os prazeres e seus usos. Desta maneira, a abjeção se manifesta em forma de silenciamento, na qual a experiência deve esconder-se e se apresentar como amizade, curiosidade ou ficar restrita à casa ou aos bares que são voltados para atender, especificamente, este público. E se aparecer, que a violência a

regule com iminentes ameaças de estupros corretivos ou com os xingamentos ou exclusão.

A necessidade de esconder a lesbianidade em alguma fase da vida ou em algum espaço por onde as sujeitas transitam é como a lesbofobia se manifesta na vida das sujeitas de pesquisa já escutadas. O lesbocídio e as outras violências são cometidas por inúmeros autores, tanto no âmbito particular, como no caso das agressões que partem da própria família; quanto em outras instituições ou espaços, onde a violência é exercida pelas escolas, igrejas, vizinhança, mídia, bares, estádios, delegacias, ginecologistas, hospitais, entre outros.

Em relação às violências e seus dados, mais um silêncio nas respostas, quando o Estado é omissivo, ao não reconhecer a violência especificando que a morte/agressão decorreu de ódio à experiência dissidente, não adotando estratégias de combate a elas pela Segurança Pública ou Educação, adotando às recomendações de uma educação de gênero na escola, nas quais as crianças não tenham que crescer com a violência do enquadrar-se para não ouvir insultos, o que inclusive, poderia vir a acabar em muitos dos casos. Mas, nem toda violência decorre do Estado ou da sua inércia e se ele o faz com tanta excelência, é porque encontra na sociedade um cúmplice forte, que amparado em suas certezas biológicas, desumaniza tudo o que está fora do seu entendimento/enquadramento sobre o que é inteligível.

4.1- “Erguer-nos enquanto subimos”

O recorte deste capítulo, a violência, não foi proposital. Me deixei levar pelo campo, no qual percebi a lesbofobia manifesta de diversas formas: silenciamento, xingamentos, invisibilidade em vários âmbitos, inclusive, nas políticas públicas, que, inicialmente, não eram o alvo, mas que apareceu diante dos relatos. Fato que me causou incômodo, visto que, não houve, com raras exceções, uma preocupação em falar de prevenção às Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) entre mulheres, quando falávamos sobre práticas sexuais.

Através dos relatos, foi possível questionar o enquadramento heteronormativo e como ele legitima a violência contra as pessoas abjetas. A violência contra estes sujeitos não incomoda e não comove, não são, inclusive, percebidas enquanto violência, porque os enquadramentos distanciam estas pessoas da humanidade, aqueles pelos quais a nossa sociedade se enluta. Então, a violência se autojustifica.

Apesar das relações familiares serem centralizadas como *locus* de violências, percebe-se também, que há ressignificações, demonstrações de afeto, mudanças na lida

com o outro: como a amizade de Rosi com a mãe ou, a cerveja com carne e frango para Bárbara e a namorada ou, nas brincadeiras do pai de Bia ou da tia de Mirela. Mudanças que fazem parte de rompimentos de preconceitos em relação ao que foi construído sobre as sapatonas, resultante de muitas resistências, às vezes, diárias de seguir em frente mesmo sem estrutura, referência ou apoio. Mas, “enquanto o sonho não vem”, os xingamentos de imoral, libertinas, nos perseguem.

Pelo respeito, se faz muitas adequações, há quem se esconda, há quem disfarce o amor por amizade e há quem vá embora. E parece que para alcançar esta sensação de aceitabilidade ou recepção, alguns comportamentos parecem ser “exigidos”, como se uma voz ecoasse, afirmando que “já basta ser sapatão”, tem que ao menos ser o mais autônomo (como pede a modernidade) possível, ter suficiência financeira, cumprir seus papéis como “cidadã de bem”: estudar, trabalhar e de preferência, ser a melhor.

5- E O QUE DIZER DEPOIS QUE ACABA? ACABOU?

A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar.

Eduardo Galeano

Desde que comecei a escrever a presente pesquisa, venho sustentando o caráter coletivo dela. Evitei ao máximo a solidão das análises e da produção de enunciados sobre as nossas experiências. Achava pobre apenas o meu olhar e ao chegar aqui com tantos aprendizados, sorrisos e dores, me percebo outra, mas admirando a coragem da Luama que deixei quando comecei a conversar com minhas amigas nos bares sobre as suas vidas e da outra Luama que surgiu e quis conversar com desconhecidas e de todas as outras que se construíram depois nos momentos inevitáveis de solidão de análise dos dados.

Muitos medos foram enfrentados no caminho, questões éticas me perseguiram até o último momento, até agora: o que eu não posso deixar de fora? O que Aimée, Mirela, Rosi, Bárbara, Virgínia, Maria, Glória, Flora, Fernanda e Bia me relataram que é importante para elas que estivesse aqui? O que fazer eu posso escrever para ser útil para nós? – Essa coletividade que se fundiu e que tomo a liberdade de me referir desta maneira. Quando falo de utilidade, a vejo como algo muito plural, de enfrentamento de violências, de visibilidade, de ser referências, no sentido que por muitos anos faltou a Virgínia e deve permear muitas outras experiências.

Diante destas questões, tenho de reconhecer que há pontos soltos, sem análise no texto, porque sobre mim pesava a necessidade de falar delas, mesmo que eu não tivesse carga teórica suficiente para adensá-las. Eu precisava relatar, por exemplo, o estupro que Rosi sofreu, mesmo que eu não tivesse mais nada para falar sobre ele, porque foi importante para Rosi e é fundamental para nós, para percebermos que existem pessoas que se acham detentoras dos nossos corpos e responsáveis por nos curar. Assim, é preciso resistir ao que nos parece, irremediavelmente, posto. Pois como defende Bertold Brecht: “Nada deve parecer natural! ”.

Chego ao fim (?), com a impressão de solidão que não me acompanhou durante a formulação de questões, foram momentos muito ricos com as sujeitas, das quais com suas singularidades, pude explorar questões que estavam fora do meu alcance, como (e principalmente) as questões de raça. Agora tomo a liberdade de uma auto-avaliação do que me propus e este é um trabalho solo, que muito evitei.

Com a presente pesquisa, o meu objetivo geral era produzir conhecimento sobre sapatonalidades a partir das experiências de vida de algumas sapatonas residentes em São Luís, buscando compreender a produção do gênero, práticas sexuais, afetividade, processos de abjeção e resistências que as constituem. Especificamente, desejava compreender estas experiências designadas como dissidentes, considerando as intersecções de classe social, cor de pele, regionalidade, geração, dentre outros marcadores sociais que se apresentaram. Minha atenção crítica estava voltada, ainda, às possibilidades de reprodução e questionamentos que estas vivências ditas dissidentes proporcionam na estrutura legítima de gênero ou nos padrões de masculinidade e feminilidade hegemônicos, estabelecidos pela heteronormatividade. Apesar do meu esforço, devo reconhecer, as interseccionalidades não estiveram tão presentes no meu texto.

No primeiro capítulo, me dediquei a trazer as concepções de gênero que acompanhariam a minha trajetória de análise. Autores pós-estruturalistas, que defendem o gênero (sexualidade) como uma categoria de poder que constrói verdades, ou melhor, dizendo, representações legítimas sobre os sujeitos e suas relações. Representações que estão fundadas nas estruturas heteronormativas, que opera de maneira performativa. Diante destas constatações, a perspectiva pós-estruturalista, aqui utilizada propõe que percebamos o gênero como categoria fluída, não natural e por isso, sem coerência e continuidade objetivas.

Nele, apresentei também como a história e a academia construíram a figura da lésbica no Brasil e como isto impacta nestas relações atualmente. Fiz um esforço para alargar a categoria de lésbica, através das definições e concepções das sujeitas de pesquisa. Assim, preferi utilizar a categoria sapatão e em decorrência desta escolha, optei por adequar o termo lesbianidade e utilizar sapatonalidades, que não contempla apenas as vivências de mulheres autodesignadas lésbicas, mas também as que se referenciam como bissexuais e pansexuais.

Assim, este primeiro momento, foi de entender a estrutura heteronormativa e como ela opera na construção dos sujeitos, legitimando e hierarquizando práticas, ao tecer comportamentos, padrões e vidas inteligíveis e respeitáveis, que implicam na forma como as relações se estabelecem a partir delas e como as vidas são ou não protegidas por elas. O que me deu suporte para as discussões do segundo e terceiro capítulo.

No segundo capítulo, analisei as relações amorosas e sexuais das sujeitas, percebendo como a nossa forma de amar possui um léxico específico, uma economia romântica, racionalizada e que é permeada pela lógica heterossexual, que opera através o amor único, eterno, monogâmico. Características que necessitam de instituições para se legitimarem: o casamento ou a família, por exemplo. Apesar das reproduções existirem, porque é o nosso padrão de felicidade que está em jogo (e aprendemos o amor desta forma), a sua consolidação não é tranquila, não é total, como vimos.

Como também é difícil se despir dos significados sociais nos momentos de prazer, há tensionamentos que são levados para as transas, mas também há investimentos para explorá-lo e inová-lo. E volto a afirmar que para além das discussões levantadas neste capítulo, acredito que conhecer as práticas sexuais das sujeitas, foi também uma forma de contestar representações que são produzidas sobre o uso dos prazeres entre mulheres, como as que propagam uma ideia de insuficiência e insatisfação pela ausência de um homem.

Por fim, foi o momento mais pesado das narrativas, mas que também possuíram sopros de esperança. No terceiro capítulo, o esforço foi para evidenciar as relações familiares, profissionais e de amizades das sujeitas. Muito tive que falar sobre violência, mas entre uma ferida e outra, resistências e ressignificações se apresentaram. Nesta parte, foi possível demonstrar como o enquadramento heteronormativo deslegitima a vida das pessoas dissidentes, como os enquadramentos justificam os nossos silenciamentos, mortes e agressões.

Durante os três capítulos, houve um empenho para contemplar as diferenças e apresentar as experiências de forma plural. Acredito que muito dos objetivos foram alcançados, mas devo reconhecer que há elementos a serem aprofundados, tais como, as percepções de regionalidades ou como perceber outras nuances das relações familiares para além da violência ou mesmo como entender de forma mais profunda a violência. São pontos, que me deixaram reflexiva sobre a sua saciedade, não que eu acredite na existência deste ponto final, mas acredito que são fatores que devem ser amadurecidos.

No entanto, aqui me dou o direito de dar até logo ao trabalho sem o uso tradicional de uma conjunção, opto por finalizar de forma contraditória e inacabada. Espero que não tenha existido arrependimentos e que tenha sido em algum âmbito satisfatório, como prometi no início do texto. Caso não tenha sido bom para vocês, me perdoem, também nem sempre foi bom para mim.

REFERÊNCIAS

- ANJOS, Augusto dos. **Eu e outras poesias**. 42. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.
- BAUMA, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- BOURDIEU, Pierre. **O Senso prático**. Tradução: Maria Ferreira. São Paulo: Vozes, 2009.
- BRAH, Avtar. **Diferença, diversidade, diferenciação**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n26/30396.pdf>. Acesso em: 14 de nov de 2018.
- BRECHT, Bertold. **Nada é impossível de mudar**. Disponível em: <https://www.escritas.org/pt/t/13207/nada-e-impossivel-de-mudar>. Acesso em: 08 de ago de 2019.
- BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 8ª edição. Tradução, Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- _____. **Corpos que Pesam: sobre os limites discursivos do sexo**. In: O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade. Guacira Louro Lopes (organizadora). 3ª Edição; 2. Reimpressão- Belo Horizonte: Autentica Editora, 2016. cap. 06, p 151 - 166.
- _____. **Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?** Tradução Sérgio Tadeu de Niemeyer Lamarão e Arnaldo Marques Cunha. 1ª E. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGOQUEL, Ramón. **El giro decolonial: Reflexiones para una diversidad epistemológica más allá del capitalismo global**. Compiladores Santiago Castro-Gómez y Ramon Grosfoguel – Bogotá: SiglodelHombre Editores. Instituto Pensar, 2007.
- CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa qualitativa em Ciências Humanas e Sociais**. 2ª Ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2014.
- CESÁR, Chico. **Sinfoninha**. Rio de Janeiro: MZA Music, 1997. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gp135KmOWSc>. Acesso em: 08 de ago de 2019.
- COSTA, Alessandra. **‘Mal amadas’, ‘Porcas’, ‘feminazis’, ‘sujas’, ‘xanatunzel’, ‘nojentas’ e ‘xotunzeis’ – análises dos discursos de ódio sobre a performances dos Pelos pelos e seus desdobramentos**. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/issue/view/1512>
Acessado em: 25 maio de 2018.
- Costa, Jurandir Freire. **SEM FRAUDE NEM FAVOR: estudos sobre o amor romântico / Jurandir Costa Freire**. – Rio de Janeiro: Rocco: 1998.
- DAVIS, Ângela. **Mulheres, cultura e política**. Tradução: Heci Regina Candiani – 1ª Ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

FALQUET, Jules. **Breve resenha de teorias lésbicas**. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/272756607/Breve-Resenha-Teorias-Lesbicas-Jules-Falquet> . Acesso em: 20 de mai de 2018.

FOUCAULT, Michel. **Ética, Sexualidade e Política**. Tradução Elisa Monteiro, Inês Autran Barbosa – 3. ed – Rio de Janeiro: Florence Universitária, 2017.

_____. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 16. ed., tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FRAGA, Glaide. **Sobre a solidão da mulher negra**. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/sobre-a-solidao-da-mulher-negra/>. Acesso em: 26 de jul de 2019.

GALEANO, Eduardo. **Sobre a utopia**. Disponível em: <https://kdfrases.com/frase/123521>. Acesso em: 31 de julho de 2019.

GEERTZ, Clifford. **Uma Descrição Densa: Por uma Teoria Interpretativa da Cultura**. Disponível em: <https://bibliotecadafilo.files.wordpress.com/2013/10/a-interpretac3a7c3a3o-das-culturas-zahar-editores-1978-p-13-66-capc3adtulo-1-e-2.pdf>. Acesso em: 02 de ago de 2017.

GILL, Schertoet GOODSON, Inor. Narrativas e História oral. In. BrigetSomekh, Cathy Lewin (organizadoras). **Teoria e métodos em pesquisa social** – Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

HARAWAY, Donna. **Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial**. Cadernos Pagu, n.5, 1995, p. 07 – 41.

HOOLKS, Bell. **O olhar opositivo – a espectadora negra**. Disponível em: <https://foraquadro.com/2017/05/26/o-olhar-opositivo-a-espectadora-negra-por-bell-hooks/> . Acesso em 13 de set de 2018.

_____. **“Vivendo de amor”**. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/>. Acesso em: 29 de jul de 2019.

LACOMBE, Andrea. **De entendidas e sapatonas: socialização lésbicas e masculinidades em um bar do Rio de Janeiro**. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332007000100010&script=sci_abstract&tlng=pt . Acesso em: 02 de jun de 2018.

_____. **Ativismos e academia: o que dizemos quando falamos a partir de e sobre o lesbianismo**. Disponível em: https://www.academia.edu/19647681/Ativismo_e_academia_que_dizemos_quando_falamos_a_partir_de_e_sobre_o_lesbianismo . Acesso em: 27 de mar de 2019.

LAURETIS, Teresa. **Tecnologia de gênero**. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=2156482>. Acesso em: 22 de jan de 2018.

LE BRETON, David. **As paixões ordinárias**: antropologia das emoções. Tradução de Luís Alberto Salton Peretti. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

LOURO, Guacira L. **Um corpo estranho**: ensaios sobre a sexualidade e teoria queer. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

MATTA, Vanessa. **Te amo**. Paraty: Vevo, 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=He4gVBhaCwg>. Acesso em: 11 de jul de 2019.

OLIVEIRA, Cláudia Freitas de. **A HOMOSSEXUALIDADE FEMININA NA HISTÓRIA DO BRASIL**: do esforço de construção de um objeto histórico ao desdobramento na construção da cidadania. Disponível em: <https://lesonlinesite.files.wordpress.com/2017/03/a-homossexualidade-feminina-na-histc3b3ria-do-brasil.pdf>. Acesso em: 05 de janeiro de 2018.

PELÚCIO, Larissa. Subalterno quem, cara pálida? Apontamentos às margens sobre pós-colonialismos, feminismos e estudos queer. **Contemporânea Revista de Sociologia da Ufscar**. São Carlos-SP. v. 2. n. 2. Jul.–Dez. 2012.

_____. Prazeres Dissidentes. Maria Elvira Díaz-Betinez, Carlos Eduardo Fígari (orgs.). **Gozos Ilegítimos** – Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

PERES, Milena Cristina Carneiro. **DOSSIÊ SOBRE LESBOCÍDIO NO BRASIL**: de 2014 até 2017. Milena Cristina Carneiro Peres, Suane Felipe Soares, Maria Clara Dias. – Rio de Janeiro: Livros Ilimitados, 2018.

PISCITELLE, Adriana. **Interseccionalidade, categorias de articulação e experiência de migrantes brasileiras**. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fchf/article/view/5247/4295> . Acessado em: 15 de mai de 2018.

PRADO, Caio. **Não recomendado**. São Paulo: Bando Studio, 2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=GsaR0TQNu_w . Acesso: 04 de abr de 2018.

PRECIADO, Beatriz. **Manifesto Contrassexual**. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro – São Paulo: n-1 edições, 2014.

RICH, Adrienne. **Heterossexualidade compulsória e existência lésbica**. Disponível em: <https://materialfeminista.milharal.org/2012/08/02/escrito-heterossexualidade-compulsoria-e-existencia-lesbica/>. Acesso em: 14 de mai de 2018.

SAUNDERS, Tanya. **Epistemologia negra sapatão como vetor de uma práxis humanas libertária**. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/22275>. Acesso em: 25 de e jun de 2018.

SCOTT, Joan. **Experiência**. Disponível em: https://historiacultural.mpbnet.com.br/feminismo/Joan_Scote-Experiencia.pdf. Acesso em: 02 de novembro de 2018.

Significados. **Significado de classe social**. Disponível em: <https://www.significados.com.br/classe-social/>. Acesso em: 31 de julho de 2019.

SIMÕES, Júlio Assis; FACCHINI, Regina. **Na trilha do arco-íris: da movimentação homossexual ao movimento LGBT**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

SPARGO, Tamsin. **Foucault e a teoria queer: seguido de Ágape e êxtase: orientações pós-seculares**. Tradução de Heci Regina Candiane. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

SOUSA, Sandra Maria Nascimento. **Mulheres em movimento: memórias da participação das mulheres nos movimentos pelas transformações das relações de gênero nos anos 1970 a 1980**. São Luís: EDUFMA, 2007.

SOUZA, Jessé. **A tolice da inteligência brasileira**. São Paulo: LeYa, 2015.

União Brasileira de Compositores. **Caio Prado: um artista mais do que recomendável**. Disponível em: <http://www.ubc.org.br/publicacoes/noticias/4400>. Acesso em: 28 de ago de 2018.

VELOSO, Caetano. **Dom de iludir**. Vevo, 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bTh8J6Yo-xM>. Acesso em: 04 de jun de 2019.

WALKER, Alice. **A cor púrpura**. Tradução Betúlia Machado, Maria José Silveira e Peg Bodelson. – 11ª ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 2016.

WITTIG, Monique. **Pensamento Hetero**. Disponível em: https://we.riseup.net/assets/162603/Wittig,%20Monique%20O%20pensamento%20Hetero_pdf.pdf. Acesso em: 07 de ago 2017.

Wikipédia. **São Luís (Maranhão)**. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o_Lu%C3%ADs_\(Maranh%C3%A3o\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o_Lu%C3%ADs_(Maranh%C3%A3o)). Acesso em: 28 de ago de 2018.